



Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Informação e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Jordânia Bispo Rocha

O TELEJORNAL LOCAL “A SERVIÇO” DO CIDADÃO:
um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição

GOIÂNIA
ABRIL/2018

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

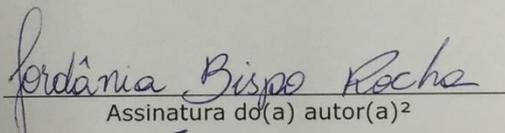
Nome completo do autor: Jordânia Bispo Rocha

Título do trabalho: O telejornal local "a serviço" do cidadão: um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição

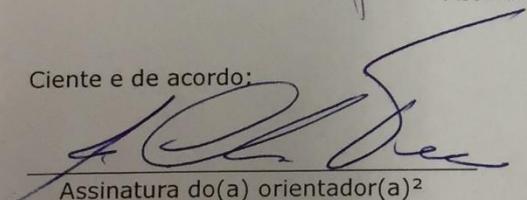
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 26 / 04 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

²A assinatura deve ser escaneada.



Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Informação e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Jordânia Bispo Rocha

O TELEJORNAL LOCAL “A SERVIÇO” DO CIDADÃO:
um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania.

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer.

GOIÂNIA
ABRIL/2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Bispo Rocha , Jordânia
O telejornal local "a serviço" do cidadão [manuscrito] : um estudo do
Jornal Anhanguera 1ª edição / Jordânia Bispo Rocha . - 2018.
CCVLVI, 256 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, gráfico, tabelas, lista de figuras.

1. Jornalismo. 2. Cidadania . 3. Telejornalismo local . 4. Mudanças
estruturais no telejornalismo local. 5. Jornal Anhanguera 1ª edição. I.
Rocha Pessoa Temer, Ana Carolina , orient. II. Título.

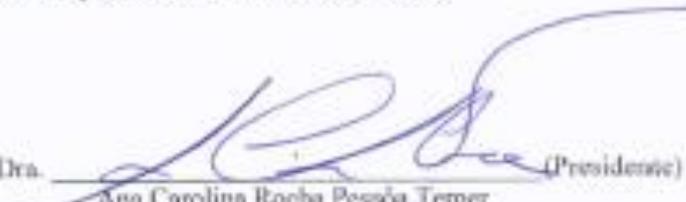
CDU 007

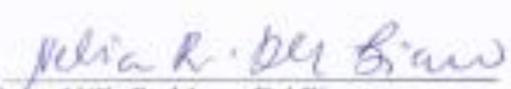
ATA 12/2018



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos dezessete dias do mês de abril do ano de dois mil e dezoito, a partir das quatorze horas e trinta minutos, via *webconferência*, no Centro de Eventos Professor Ricardo Freus Bufacil, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação de Mestrado de JORDÂNIA BISPO ROCHA, intitulada **O TELEJORNAL LOCAL "A SERVIÇO" DO CIDADÃO: um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição**. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (orientadora/FIC/UFG), Nélia Rodrigues Del Bianco (FIC/UFG) e Beatriz Becker (PPGCOM/UFRJ). Após a arguição, os membros da banca se reuniram em sessão secreta para concluir a avaliação e definir o parecer final da dissertação, que foi Aprovada. Por fim, lavrou-se a presente ata, que segue assinada pelo Presidente e pelos demais membros da banca.

Profa. Dra.  (Presidente)
Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Profa. Dra. 
Nélia Rodrigues Del Bianco

Profa. Dra. 
Beatriz Becker

AGRADECIMENTOS

A realização da presente pesquisa me possibilitou desenvolver novos olhares sobre o tema “jornalismo e cidadania”, o que foi muito válido para minha formação enquanto investigadora. Entretanto, o mais rico desse processo foi começar a aprender a pesquisar. Nesse sentido, há duas constatações que sempre levarei comigo. A primeira delas é que esse é um aprendizado que nunca se esgota. Sempre há algo novo para saber (ou mesmo para atualizar) quando se assume a postura de pesquisador. A segunda é que não se faz pesquisa sozinho. Por esse motivo, aproveitei esse espaço para agradecer às instituições e pessoas que de alguma forma foram importantes para a construção dessa dissertação de mestrado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro mensal que a mim foi concedido para a realização desta investigação. Poder me dedicar integralmente às atividades acadêmicas nos últimos dois anos certamente foi um diferencial. Com esse recurso consegui ter disponibilidade integral para as leituras necessárias, mas também investir em livros importantes e participar de eventos acadêmicos, que foram fundamentais na minha caminhada. Também sou grata à Universidade Federal de Goiás (UFG) pelo reconhecimento da necessidade de se desenvolverem estudos na área da comunicação por meio de um programa de Pós-Graduação.

Dirijo meus agradecimentos também às professoras Ana Carolina Temer, orientadora da dissertação, e Nelia Del Bianco e Beatriz Becker, que integraram tanto a banca de qualificação do trabalho quanto de defesa. Destinar tempo para colaborar com aquele que está iniciando a jornada acadêmica é algo muito nobre. Fui feliz por contar com pessoas com esse perfil no meu caminho.

Impossível não mencionar nesses agradecimentos, de igual maneira, aqueles que ofereceram todo o suporte emocional (e às vezes até financeiro) que precisei ao longo da realização do mestrado. Nessa caminhada contei com muitos anjos e sou muito grata a todos eles. Agradeço aos meus familiares e amigos por compreenderem a minha ausência em diferentes momentos e por me ajudarem das mais diversas formas. Também sou grata a colegas de sala como o querido Johnathan Diniz, sempre muito parceiro, e àquelas que se tornaram grandes amigas: Raphaela Ferro, Carolina Pessoni, Alessandra Lessa, Alessandra Curado, Vivian Duarte e Ana Maria Moraes. A hashtag #tamojunta nunca fez tanto sentido em minha vida!

Enfim, agradeço àqueles que estão sempre ao meu lado em todos os projetos que decido me envolver: minha mãe e meu companheiro. À minha mãe Luz Maria Bispo Furtado, toda a

gratidão que consigo oferecer por tudo que vivemos nesses 24 anos da minha existência. Ao meu companheiro Iuri Soares de Oliveira, o muito obrigado mais sincero que meu coração consegue emitir. Como é bom saber que não caminhamos sozinhos!

RESUMO

Esta pesquisa discute o tema jornalismo e cidadania, a partir de um recorte que privilegia o telejornalismo local. O objetivo geral é saber como o tema cidadania foi abordado no conteúdo do telejornalismo local no período de 2010 a 2017. Para alcançar os resultados esperados, esse estudo utiliza como objeto de análise o *Jornal Anhanguera 1ª edição*, telejornal exibido no horário do almoço pela TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo de Televisão em Goiás. Essa decisão se deve ao fato de que o noticiário em questão passou por um intenso processo de mudanças em 2010 e, desde então, passou a privilegiar questões relativas à cidadania em seu conteúdo. Todo o processo analítico é guiado pelo referencial teórico, que se encontra dividido em quatro capítulos. O primeiro inicia a articulação dos temas centrais, dando ênfase aos conceitos de comunicação (SODRÉ, 2001, 2008, 2014; MARCONDES FILHO, 2008; BRAGA, 2001) e cidadania (PINSKY e PISNSKY, 2005; CARVALHO, 2014; SANTOS, 1994; BENEVIDES, 1994; GENTILLI, 2005; SOUZA, 2012) e apresentando o cenário brasileiro. O segundo discute o jornalismo, suas diferentes facetas e seu processo de mudanças estruturais (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004; CHARRON e DE BONVILLE, 2016; GROTH, 2011; TRAQUINA, 2005; MARCONDES FILHO, 2002, GENRO FILHO, 1987). Enquanto o terceiro aborda o telejornalismo e o telejornalismo local em sua especificidade (STAM, 1985; REZENDE, 2000; VIZEU, 2005; PORCELLO, 2006; MORAES, 2012; AGUIAR, 2016), incluindo as transformações recentes que ambos tem vivenciado (BECKER, 2016; SOUZA FILHO, 2015). Por fim, o último capítulo teórico contempla estritamente a relação jornalismo e cidadania, ressaltando as vantagens do jornalismo como um aliado na construção da cidadania (ABREU, 2009; GENTILLI, 2005; GRADIM; 2015). A análise é conduzida, principalmente, a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010) e é dividida em três momentos: observação sistemática de oito edições completas do noticiário em questão, bem como de 38 matérias jornalísticas específicas sobre cidadania e do quadro “Meus Direitos”, desde sua criação. A investigação mostrou, entre outros pontos, que a abordagem de questões relativas à cidadania é uma estratégia do telejornal para estreitar laços com um novo público-alvo prioritário e que esse termo em si, cidadania, não é utilizado pelo *Jornal Anhanguera 1ª edição*, mas serve como ponto de partida para parte significativa das pautas do programa jornalístico atualmente. Também ficou evidente a distinção de perfis de cidadãos no conteúdo analisado, da mesma maneira que se constatou que novas Tecnologias de Informação e Comunicação desempenharam funções igualmente estratégicas desde o início do processo de reformulação da emissora, em 2010, até o final do ano de 2017.

Palavras-chave: Jornalismo; Cidadania; Telejornalismo local; Mudanças estruturais no telejornalismo local; *Jornal Anhanguera 1ª edição*.

ABSTRACT

This research discusses journalism and citizenship with an emphasis on local television journalism. The general objective is to know how the subject citizenship was approached in the content of the local telejournalismo in the period of 2010 to 2017. To reach the expected results, this study uses as an object of analysis the *Jornal Anhanguera* 1^a edition, television news program shown at lunchtime by TV Anhanguera, an affiliate of Rede Globo de Televisão in Goiás. This decision is due to the fact that the news in question underwent an intense process of changes in 2010 and since then, it has privileged issues related to citizenship in its content. The analysis is guided by the theoretical framework, which is divided into four chapters. The first begins the articulation of the central themes, emphasizing the concepts of communication (SODRÉ, 2001, 2008, 2014; MARCONDES FILHO, 2008; BRAGA, 2001) and citizenship (PINSKY e PISNSKY, 2005; CARVALHO, 2014; SANTOS, 1994; BENEVIDES, 1994; GENTILLI, 2005; SOUZA, 2012), and presenting the Brazilian scenario. The second discusses journalism, its different facets and its process of structural changes (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004; CHARRON e DE BONVILLE, 2016; GROTH, 2011; TRAQUINA, 2005; MARCONDES FILHO, 2002, GENRO FILHO, 1987). While the third deals with television journalism and local television journalism in its specificity (STAM, 1985; REZENDE, 2000; VIZEU, 2005; PORCELLO, 2006; MORAES, 2012; AGUIAR, 2016), including the recent transformations that both have experienced (BECKER, 2016; SOUZA FILHO, 2015). Finally, the last theoretical chapter deals strictly with the relationship between journalism and citizenship, highlighting the advantages of journalism as an ally in the construction of citizenship (ABREU, 2009; GENTILLI, 2005; GRADIM, 2015). The analysis is conducted mainly from the Content Analysis proposed by Bardin (2010) and is divided into three moments: systematic observation of eight complete editions of the journal in question, as well as 38 specific journalistic articles on citizenship and the "Meus Direitos" since its inception. The research showed, among other points, that the approach to issues related to citizenship is a television news strategy to strengthen ties with a new target audience and that this term in itself, citizenship, is not used by *Jornal Anhanguera* 1^a edição, but serves as a starting point for a significant part of the journalistic agenda today. The distinction of citizen profiles in the analyzed content was also evident, just as it was found that new Information and Communication Technologies have played equally strategic roles from the beginning of the process of reformulating the broadcaster in 2010 until the end of 2017.

Keywords: Journalism; Citizenship; Local television journalism; Structural changes in local television journalism; *Anhanguera Journal* 1^a edição.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

QUADRO 1 - RECORTES ESPACIAIS E SUAS ESCALAS	70
QUADRO 2 - CONTEÚDOS SOBRE CIDADANIA NO JA 1	128
QUADRO 3 – EVOLUÇÃO DO QUADRO MEUS DIREITOS	140

FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – BANCADA DO JA 1 EM 2009	122
FOTOGRAFIA 2 – BANCADA DO JA 1 EM 2009	122
FOTOGRAFIA 3 – BANCADA DO JA 1 EM 2017	122
FOTOGRAFIA 4 – BANCADA DO JA 1 EM 2017	122
FOTOGRAFIA 5 – PROGRAMA BALANÇO GERAL	123
FOTOGRAFIA 6 – PROGRAMA BALANÇO GERAL	123
FOTOGRAFIA 7 – PAINEL DO QVT	124
FOTOGRAFIA 8 – APLICATIVO QVT	124
FOTOGRAFIA 9 – APRESENTADORA SUELLEN REIS EM UMA DAS EDIÇÕES DO QUADRO “MEUS DIREITOS”	141

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – TEMAS – 2010	108
GRÁFICO 2 – TEMAS – 2011	108
GRÁFICO 3 – TEMAS – 2012	109
GRÁFICO 4 – TEMAS – 2013	109
GRÁFICO 5 – TEMAS – 2014	110
GRÁFICO 6 – TEMAS – 2015	110
GRÁFICO 7 – TEMAS – 2016	111
GRÁFICO 8 – TEMAS – 2017	111
GRÁFICO 9 – TEMAS – 2010 a 2017	112
GRÁFICO 10 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2010	113
GRÁFICO 11 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2011	114
GRÁFICO 12 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2012	114
GRÁFICO 13 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2013	114
GRÁFICO 14 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2014	115
GRÁFICO 15 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2015	115

GRÁFICO 16 - GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2016	115
GRÁFICO 17 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2017	116
GRÁFICO 18 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2010	126
GRÁFICO 19 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2011	126
GRÁFICO 20 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2012	126
GRÁFICO 21 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2013	126
GRÁFICO 22 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2014	126
GRÁFICO 23 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2015	126
GRÁFICO 24 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2016	127
GRÁFICO 25 – TEMPO PARA CIDADANIA – 2017	127

LISTA DE ANEXOS

TRANSCRIÇÕES

EDIÇÃO 2010	158
EDIÇÃO 2011	164
EDIÇÃO 2012	176
EDIÇÃO 2013	189
EDIÇÃO 2014	199
EDIÇÃO 2015	209
EDIÇÃO 2016	223
EDIÇÃO 2017	237
EVOLUÇÃO DO QUADRO “MEUS DIREITOS”	252

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. COMUNICAÇÃO E CIDADANIA	20
1.1 COMUNICAÇÃO	20
1.1.1 A comunicação midiática e o fenômeno da midiatização	26
1.2 O CONCEITO DE CIDADANIA	29
1.2.1 A construção da cidadania no Brasil	35
1.3 COMUNICAÇÃO E CIDADANIA NO BRASIL	41
2. PENSAR O JORNALISMO	43
2.1 O JORNALISMO EM TEMPOS DE MUDANÇAS	57
3. UM OLHAR SOBRE O TELEJORNALISMO	63
3.1 O TELEJORNALISMO LOCAL	69
3.2 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO TELEJORNALISMO.....	73
4. O JORNALISMO COMO ALIADO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA NO BRASIL	79
4.1 O TEMA CIDADANIA NA PAUTA DO TELEJORNALISMO LOCAL.....	82
5. O OBJETO DA INVESTIGAÇÃO	86
5.1 A TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DA TV ANHANGUERA E O PROCESSO DE REFORMULAÇÃO DA EMISSORA.....	88
5.2 O JORNAL ANHANGUERA 1ª EDIÇÃO	92
5.3 O LOCAL QUE RECEBE O CONTEÚDO DO JA 1.....	94
6. METODOLOGIA	97
6.1 A METODOLOGIA PROPRIAMENTE DITA.....	99
6.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	102
7. A ANÁLISE	106
7.1 CONHECENDO O JORNAL ANHANGUERA 1ª EDIÇÃO A PARTIR DE SEU CONTEÚDO	106
7.2 DE QUE CIDADANIA FALA O JORNAL ANHANGUERA 1ª EDIÇÃO?127	
7.3 SÁBADO: O DIA ESCOLHIDO PARA FALAR SOBRE DIREITOS NO JA 1	139
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153

INTRODUÇÃO

O presente estudo articula os temas jornalismo e cidadania no contexto brasileiro, por meio de um recorte que privilegia o telejornalismo local. Discutir essa relação é de fundamental importância em um país como o Brasil, lugar onde tantos direitos são negligenciados por parte do poder público, mesmo sendo formalizados na Carta Magna que rege o país, a Constituição Federal de 1988. São muitos os casos de omissão do poder público frente à população, ao mesmo tempo em que há um processo crítico de “desinformação” por parte dos brasileiros, que se veem marginalizados de diferentes formas, quando se analisa sua situação enquanto cidadão.

O jornalismo tem potencial para ser um aliado desses sujeitos frente a essa realidade. Ao denunciar abusos de poder, negligências por parte do poder público e tantos outros problemas sociais, os agentes que operam nesse campo jornalístico têm a possibilidade de somar positivamente com a vida dos cidadãos e com o bem-estar social como um todo. Entretanto, não é somente lançando holofotes sobre problemas que o jornalismo contribui com a sociedade. Ele também agrega quando empodera pessoas por meio do conhecimento, ao difundir informações relevantes. Apresentar a um sujeito direitos e deveres que ele desconhece certamente significa empreender uma ação de transformação social.

Nesse sentido, cabe destacar que desde o início do processo de redemocratização do Brasil, com o fim da Ditadura Militar (1964-1985), o jornalismo tem contemplado temas relativos à cidadania com maior ênfase. Abreu (2009) afirma que, após o encerramento do período em que as forças armadas comandaram o país, um novo capítulo passou a ser escrito e nele jornalismo e cidadania passaram a caminhar mais próximos. A autora chega a mencionar a imprensa como uma “co-participante” na construção da cidadania no período pós-ditadura. De lá para cá, surgiram diferentes iniciativas que privilegiassem a temática cidadã nos produtos jornalísticos.

Como consequência, nos últimos 30 anos, ganhou força no jornalismo a figura do cidadão e da comunidade, da mesma maneira que se tornou crescente a discussão sobre diversas mazelas sociais nos jornais, revistas, programas televisivos e radiofônicos, bem como no ambiente virtual. Nesse período, floresceram com maior intensidade no telejornalismo, recorte que mais interessa a esse estudo, inúmeras iniciativas que

colocaram em pauta a questão social da forma mais visível: falta de saneamento básico, asfalto, segurança e educação pública de qualidade, saúde, desemprego e tantos outros itens que, apesar de serem garantidos pela Constituição Federal, não estavam (e ainda hoje não estão) acessíveis a parcela significativa da população brasileira.

Se o telejornalismo pensado para ser difundido nacionalmente passou a dar destaque a essa discussão, o telejornalismo local investiu ainda mais nessa mudança de postura. O elemento “proximidade”, tão caro aos noticiários locais e regionais, oportunizou aos veículos jornalísticos televisivos colocar uma lupa sobre problemas que afetam o dia a dia de inúmeras comunidades. Inicialmente, esse esforço era percebido principalmente em emissoras de TV como SBT e Record e suas afiliadas. O sucesso dessa estratégia somado à interferência de experiências externas ao Brasil fez com que, no final da década de 1990, a Rede Globo de Televisão também passasse a dar maior destaque a pautas que valorizassem questões relativas à cidadania.

Essa relação coincidiu – ou se sobrepôs – com a popularização de novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)¹ como a internet, o aparelho celular e a TV por assinatura. Esses recursos passaram a ser mais acessíveis ao brasileiro com menor poder aquisitivo principalmente na primeira década dos anos 2000, gerando uma mudança ainda mais profunda nesse cenário que envolve jornalismo e cidadania. Nesse período ocorreu uma mudança dupla: de um lado, a sociedade foi ganhando novos contornos a partir dos usos e atribuições que foi dando gradativamente a essas TICs, do outro, o jornalismo foi sentindo a necessidade de repensar seus conteúdos frente a essas mudanças sociais. Com todas essas transformações, a escuta ao público foi se tornando mais relevante e a criação de novas estratégias para estreitar esse relacionamento com a audiência foi se tornando mais recorrente.

Diante desse entendimento, o presente estudo busca responder à seguinte pergunta: “Como o tema cidadania foi abordado no conteúdo do telejornalismo local no período de 2010 a 2017?”. De modo secundário, objetiva-se também compreender qual o conceito de cidadania expresso no conteúdo do telejornalismo local nesse período, se esse tema aparece associado a algum outro de modo recorrente, bem como tem-se o intuito de

¹ Nesse estudo têm-se a consciência de que todos os meios de comunicação já foram em algum momento da história uma “nova tecnologia”. No entanto, essa expressão é aqui utilizada especificamente para se referir a recursos tecnológicos amplamente disponibilizados para a sociedade a partir dos anos 1990.

perceber se as novas TICs desempenharam algum papel estratégico nesse intervalo temporal pesquisado.

Um outro elemento importante a ser pontuado desde já é que nessa investigação entende-se que ter hipóteses de pesquisa apenas com a finalidade de confirmá-las ou não, de fato, não é o caminho mais promissor. Aqui valoriza-se o que propõe Braga (2005), para quem o ideal é o estabelecimento de hipóteses de trabalho. Assim, esse estudo parte do entendimento de que:

- a) O jornalismo passa por um processo de mudanças estruturais e o telejornalismo tem sentido os impactos dessas transformações de modo específico;
- b) Nesse novo cenário, o tema cidadania tem ganhado maior destaque nos noticiários televisivos locais;
- c) O telejornal local tem buscado se posicionar como um ator social com mais ênfase nesse novo momento.

Para compreender como o tema cidadania foi abordado no conteúdo do telejornalismo local no intervalo pesquisado, esse estudo faz um recorte privilegiando um noticiário específico, que possui uma trajetória que favorece a análise aqui proposta: o *Jornal Anhanguera 1ª edição*, veiculado no horário do almoço pela TV Anhanguera, afiliada à Rede Globo de Televisão em Goiás. A emissora goiana, instalada no estado desde 1963, sendo a segunda TV a levar conteúdo ao ar, é uma das pioneiras desse ramo na região e está presente atualmente em Goiânia, capital do estado, e nos municípios Porangatu, Luziânia, Catalão, Itumbiara, Rio Verde, Jataí e Anápolis.

O *Jornal Anhanguera 1ª edição*, também identificado como *JA 1*, leva ao ar de segunda-feira a sábado, no horário do almoço, no canal 2.1 do sistema digital, prioritariamente informações sobre Goiânia e Região Metropolitana. Ao longo dos 40 minutos de produção do telejornal, divididos em quatro blocos, são abordados temas relativos à saúde, segurança, educação, trânsito, emprego, previdência social e assuntos acerca do cotidiano de bairros centrais e/ou menos assistidos pelo poder público.

Além de edições completas do *JA 1*, nessa investigação observa-se de forma pontual o “Meus Direitos”, quadro veiculado aos sábados e que abre espaço para a

audiência enviar perguntas a um especialista atuante em alguma das áreas jurídicas. Essa análise se fez necessária ao longo do processo porque se percebeu que esse segundo “território” teria condições de explicitar outros elementos da postura do telejornal quanto à abordagem de questões relativas à cidadania.

É importante pontuar que o período recortado para a realização da análise, que corresponde ao intervalo de 2010 a 2017, foi definido justamente em função da nova conduta da TV Anhanguera com relação a abordagens de temas ligados à cidadania. Destaca-se ainda que, no final da primeira década dos anos 2000, a emissora passou por um intenso processo de reformulação de seus telejornais por interferência da Rede Globo de Televisão, que naquele momento implantava um novo projeto editorial, e, a partir de então, passou a destinar espaço significativo para essa discussão. Essa mudança de enfoque e de postura ocorrida em 2010 torna este veículo jornalístico, e mais precisamente o *JA 1*, um objeto muito rico para esse estudo.

Para compreender melhor a realidade em que está envolto o *Jornal Anhanguera 1ª edição*, realizou-se uma revisão teórica, que teve início com uma discussão sobre comunicação e cidadania. Nesse primeiro tópico, há uma ênfase nos processos de mediação que estão imbricados na comunicação e no fato de que ela é basilar para a construção da cidadania. Não há possibilidade de cidadania sem a comunicação. Além disso, discute-se o cenário comunicacional atual dando destaque ao fenômeno da midiaticização, que confere contornos diferentes ao debate que aqui está sendo realizado.

Ainda nesse primeiro momento, reflete-se sobre o conceito de cidadania e suas variações ao longo dos séculos, bem como sobre o percurso realizado para a “conquista” dessa cidadania no Brasil. Nesse estudo, compreende-se que essas garantias e deveres do cidadão variam de acordo com o tempo e o espaço e, por esse motivo, é necessário entender a história do país, por meio dos acontecimentos que de algum modo marcaram a caminhada do Estado-nação em questão no que diz respeito à construção da cidadania. É essa compreensão que possibilita mais à frente uma análise rica de como o telejornal aborda assuntos do cotidiano na perspectiva “cidadã”.

Logo adiante, discute-se o jornalismo, uma vez que esse é um conceito-chave para a investigação aqui proposta e que o objeto observado, um telejornal local, é um produto jornalístico. Dessa maneira, debruça-se sobre o jornalismo, entendendo-o como um

desdobramento da comunicação, como uma forma especializada de comunicação. Fala-se então sobre as diferentes formas de enxergar esse jornalismo e sobre o processo de mudanças estruturais que ele passa, entendendo que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, ou melhor, os usos e apropriações que foram feitos delas, interferiram (e ainda tem interferido) nesse processo que aqui está sendo analisado.

O próximo tópico de reflexão versa sobre o telejornalismo, de modo bem específico. Acredita-se aqui que o jornalismo possui características gerais, mas também que cada meio de comunicação imprime nele traços próprios. Por esse motivo, apresenta-se a natureza do jornalismo feito para TV e seu “funcionamento” no Brasil. Além disso, reflete-se sobre as interferências diretas que as novas TICs causaram no telejornalismo de modo geral e também sobre a realidade do jornalismo televisivo produzido com foco no local.

Por entender que há várias possibilidades nessa articulação que existe entre o jornalismo e a cidadania e por perceber que elas aparecem de modo muito evidente no conteúdo do telejornal aqui observado, abriu-se um espaço também para uma discussão sobre a capacidade que o jornalismo tem de se portar como aliado do cidadão em seu processo de conquista e reafirmação de direitos no Brasil. Assim, antes de analisar o *corpus*, reflete-se sobre as vantagens e riscos dessa relação, verificando como a cidadania tem feito parte do conteúdo do telejornalismo brasileiro nos últimos anos.

Após a realização das reflexões acima citadas, parte-se para a apresentação mais aprofundada do objeto de estudo e da metodologia que norteia a análise aqui proposta. Essa pesquisa se apoia nas contribuições da Análise de Conteúdo, oferecidas pela pesquisadora francesa Laurence Bardin, com o objetivo de retirar dessa proposta, comumente utilizada nos estudos da área de comunicação, uma orientação geral para a investigação. Da mesma maneira, se objetiva extrair alguns itens específicos que combinados aos apresentados por outros pesquisadores têm potencial para auxiliar na construção de um método próprio e rico de observação.

Acredita-se que esse estudo promove não só uma reflexão que articule jornalismo e cidadania, como também é uma oportunidade para pensar de forma bem atual o processo de mudanças estruturais no jornalismo como um todo, com destaque para o telejornalismo local. Acredita-se ainda que essa é uma possibilidade de somar com a produção de

conhecimento acerca do jornalismo feito a partir da perspectiva local. Investigações como a realizada por Aguiar (2016) mostram que há uma escassez de pesquisas que privilegiem exclusivamente essa realidade. São poucos os estudos sobre esse tipo de produto jornalístico, da mesma forma que são menos privilegiados estudos sobre a TV Anhanguera, que é uma das pioneiras no estado de Goiás. Essa pesquisa tem, assim, condições de fornecer pistas para investigações futuras.

1. COMUNICAÇÃO E CIDADANIA

Antes de pensar a relação existente entre comunicação e cidadania é oportuno, em um primeiro momento, discuti-las de modo individualizado, para em seguida explicitar o vínculo que existe entre esses dois conceitos tão caros a essa investigação. Isso porque essas são duas palavras que carregam certo grau de polissemia e que são frequentemente reproduzidas em contextos distintos de modo simplista, ou ainda, desvirtuado. Tanto a noção de comunicação quanto a de cidadania carrega consigo especificidades relevantes e que precisam ser destacadas em uma investigação que tenha esses dois conceitos em sua base.

1.1 COMUNICAÇÃO

Um primeiro caminho possível para se pensar a comunicação é buscando a sua origem etimológica. Comunicação vem do latim e é um termo originário das palavras “communicatio”/“communicare”, que significa pôr em comum, tornar comum, ou mesmo, partilhar. Essa noção já colabora com o entendimento de que os processos comunicacionais estão diretamente ligados à noção de interação, aspecto que será retomado com maior cuidado mais adiante. Desde já, é pertinente destacar que esse é um debate extenso e que conta com diferentes pontos de vista, mas que aqui será privilegiada essa perspectiva da comunicação como interação.

Há uma série de estudos comunicacionais que começaram a se desenvolver de modo mais sistematizado a partir do início do século XX (RUDIGER, 2011) e que ainda hoje seguem em um debate com fortes marcas de heterogeneidade. Já se foi possível pensar a comunicação na perspectiva da cibernética, da sociologia, da psicossociologia, da filosofia, da linguística, da cultura e de uma série de outros pontos de vista. A questão é que, por ser atravessada por diferentes campos do conhecimento e talvez por ser tão basilar e presente na vida dos indivíduos, não há ainda hoje um consenso acerca de seu conceito. Entretanto, há pistas interessantes de autores que tem condições de contribuir com esse debate e que auxiliam nessa “delimitação” conceitual, que se faz necessária aqui por finalidades de pesquisa.

Braga e Calazans (2001) são dois autores brasileiros que se debruçam sobre o processo comunicacional com a especificidade de o fazerem em uma obra que dialoga com o campo da educação. Ao discutirem comunicação de modo mais específico, os

pesquisadores destacam que ela é basilar e “conatural” ao ser humano. No geral, de fato, não se reflete no cotidiano sobre o porquê da necessidade de comunicação e a partir de que estruturas ela acontece. Entretanto, cabe pontuar que essa é uma atividade, na verdade, naturalizada. Um indivíduo que está alheio ao campo de estudos sobre comunicação não tende a investir tempo pensando a esse respeito. Logo, tem-se a sensação de que simplesmente e naturalmente os sujeitos se comunicam.

Porém, o ser humano é estimulado a se comunicar desde os primeiros dias de vida. A comunicação vai sendo aprendida por esse novo ser de modo diluído com as pessoas que estão a sua volta. Aos poucos a criança vai aprendendo a dominar a linguagem e a língua, a manifestar desejos e, enfim, a se sentir segura para se comunicar com o mundo. É um processo basilar na vivência das pessoas, que é aparentemente fluído, mas que não deixa de ser ensinado.

Essa noção de que o processo comunicacional está na base da vida humana é tão pertinente, que se atribui o sucesso da espécie humana à comunicação. De acordo com Marcondes Filho (2008), a comunicação foi (e é) fundamental para o desenvolvimento da humanidade. Segundo o autor, os indivíduos que constituíram as primeiras sociedades sentiram a necessidade de desenvolver a linguagem, estabelecer códigos e a partir de então realizar trocas simbólicas. Eles se encontravam amedrontados diante das trovoadas, da natureza, de animais predadores e de qualquer situação potencialmente perigosa, sob a ótica deles, e também sentiam necessidade de aproximação sexual. A comunicação foi fundamental para a superação de todos esses desafios.

Com o passar do tempo, a comunicação foi ganhando cada vez mais usos e sendo apropriada de modos também distintos. Se em um primeiro momento sua principal função estava relacionada às estratégias de expressão de sentimentos e proteção da vida, como assinala Marcondes Filho (2008), mais adiante a comunicação também será importante para perpetuação da cultura para as gerações seguintes, criação de princípios organizadores da comunidade (padrões éticos, normas jurídicas, sistema de garantias e deveres), interação com indivíduos de outras culturas, expansão territorial, domínio de outros povos, além de possibilidades de negócios intra e intercomunidades. Isso para citar alguns exemplos.

Marcondes Filho (2008, p. 9) também defende uma perspectiva acerca da comunicação.

Não é nada material, não é um esquema de caixinhas ligadas por um fio, não é uma coisa que eu transmito, repasso, que eu desloco ao outro como se eu pudesse abrir a sua cabeça e por lá dentro minhas ideias, princípios, informações, seja o que for. Nada disso. Comunicação é uma relação entre pessoas, um certo tipo de ocorrência em que se cria uma situação favorável à recepção do novo.

Assim, a comunicação não é algo em que se pega, bem como não é aquilo que se impõe ao outro. Comunicação, nessa perspectiva, é uma ação que se dá entre indivíduos a partir de algum interesse comum e de critérios básicos. É preciso o compartilhamento de alguns códigos específicos como a língua, por exemplo. Sem o entendimento e o interesse de ambas as partes (podendo, inclusive, existir mais indivíduos envolvidos nessa ação), não é possível haver comunicação.

Dois aspectos colocados por Marcondes Filho (2008) podem ainda ser destacados nessa reflexão. O primeiro é a crítica que ele faz a um pensamento que por muito tempo dominou os estudos de comunicação: a lógica das práticas comunicacionais serem resumidas a um sistema simples onde havia apenas emissor, mensagem e receptor. Essas “caixinhas” que muito influenciaram o entendimento de comunicação na primeira metade do século XX ajudam muito pouco ou quase nada nos estudos desse campo hoje. Sabe-se que esse é um processo muito mais complexo que envolve contextos, adversidades, entre outros elementos.

Marcondes Filho (2008) afirma ainda que a comunicação traz o “novo” e tem potencial para provocar transformações das mais diversas ordens na vivência das pessoas. Sob a ótica do autor, o processo comunicacional motiva uma alteração no curso da vida de indivíduos, mudanças de postura ou apenas agrega novos conhecimentos a essas pessoas, que de alguma forma já não serão mais as mesmas.

Na visão do pesquisador, há duas formas básicas de comunicação: uma primeira que é mais profunda e densa, onde os indivíduos se abrem para a transformação, visão essa mais próxima do que foi colocado no parágrafo anterior com relação ao “novo”, e uma segunda, onde há um interesse em saber, se informar, entender coisas e pessoas, ou mesmo dominá-las e domesticá-las. Marcondes Filho (2008) não hierarquiza nenhum dos dois tipos.

O jornalismo, que é uma forma especializada de comunicação, bem como outras formas de conhecimento, normalmente estão mais ligadas a esse segundo tipo de

comunicação (MARCONDES FILHO, 2008). É importante ressaltar que, de fato, nem sempre as pessoas buscam o jornalismo para se transformar. É comum que os indivíduos busquem produtos jornalísticos para saber o que está se passando no mundo à sua volta e para entender melhor determinados acontecimentos. O que não impede, porém, que pessoas procurem esses mesmos produtos para apreender o novo e tomar decisões transformadoras e importantes, o que caracterizaria uma comunicação do primeiro tipo. Enfim, o processo é dinâmico.

Já para Braga e Calazans (2001), para quem comunicar é sinônimo de interagir socialmente, há três modos básicos de comunicação, ou seja, três formas distintas de interação social. A primeira é a interação conversacional, também identificada como face a face. Nessa configuração há a presença de dois ou mais indivíduos presentes em um contexto de trocas simbólicas com o intuito de interagir entre si. A segunda é a interação mediada do tipo dialógico. Nesse caso, há um funcionamento semelhante à anterior, mas há o acréscimo de alguma tecnologia. São exemplos desse tipo as “conversas” que acontecem via chats e e-mails.

A terceira forma descrita pelos autores é a interação diferida e difusa. Essa última também inclui o uso de tecnologias como meio e implica que as mensagens trocadas permaneçam disponíveis de modo prolongado no tempo e no espaço. Inclusive, nessa última forma, o retorno /feedback não acontece de modo imediato. Esse tipo de interação é possível de ser verificada por meio de telejornais ou outros produtos comunicacionais mediados por tecnologias e voltados para o grande público.

Sodré (2014), assim como os teóricos mencionados acima, dedica atenção ao estudo da comunicação. O investigador entende que “comunicar – ‘agir em comum’ ou ‘deixar agir o comum’ – significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo.” Ou seja, comunicar, na ótica do autor, tem a ver com partilha entre indivíduos, com trocas simbólicas e ainda com o estabelecimento de pontes e laços.

Ainda de acordo com Sodré (2014), a comunicação possibilita a organização da sociedade. É por meio dela que vão ser construídos, de forma coletiva, os sentidos de tudo que há no tecido social. A definição socialmente construída do que é bom ou ruim, certo e errado, viável e inviável passa pela comunicação. É por meio dela, por exemplo, que se experencia a cultura, como afirma Muniz Sodré em outro momento de sua análise, se

articula sistemas básicos como educação, política e religião. Para haver a coletividade, é necessário que haja antes comunicação, seja ela de qual forma for.

Considerando essa centralidade do fenômeno comunicacional, é preciso ainda fazer uma ressalva: é impossível discutir comunicação na atualidade e ignorar o peso da comunicação mediada por tecnologias comunicacionais como rádio e TV, da mesma forma que não se pode deixar de reconhecer as interferências que os meios de comunicação de modo geral realizam no tecido social. Braga e Calazans (2001) observam de forma crítica a presença desses meios e afirmam que eles ocupam lugar privilegiado na sociedade hoje. “Os meios de comunicação e seus produtos formam então o principal sistema material produtor e circulador de informação na sociedade moderna.” (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 18)

De fato, os meios de comunicação desempenham papel estratégico e importante na sociedade. Não se pode estar presente em todos os lugares e acompanhar tudo o que acontece a todo momento, ao mesmo tempo em que a cada dia mais o ser humano sente necessidade de se integrar nesse mundo “global”, que segue a tendência de se tornar vez mais “unificado”, e de estar a par do que ocorre em cada parte do planeta, seja politicamente, culturalmente ou economicamente.

Essas tecnologias de comunicação ganham um novo *status*, entre outros motivos, porque conseguem atender a essas demandas citadas acima, ou pelo menos parte delas. Ao longo do tempo, a apropriação desses meios de comunicação foram possibilitando o processo de apagamento de fronteiras e mudanças na definição de valores, na determinação de padrões e unificação de culturas, como aponta Martin-Barbero (2015) em sua reflexão. Elas possibilitaram aos sujeitos (e ainda hoje possibilitam) uma nova forma de viver a cultura (SODRÉ, 2001).

Thompson (2011) também reflete sobre as diferentes interferências dos meios de comunicação na sociedade. O pesquisador foca no processo de transição social para um novo momento histórico: a Modernidade. Ele explica de forma minuciosa como a chegada de Tecnologias da Informação e Comunicação como telégrafo, rádio e televisão, e os usos que foram feitos delas, possibilitaram novas formas de vivenciar experiências sociais, bem como de perceber o tempo e o espaço.

O teórico observa o desenvolvimento social a partir da comunicação, com ênfase no uso e nas atribuições de Tecnologias de Informação e Comunicação, que se

sobressaíram nesse processo de mudança. Na concepção do pesquisador, inclusive, a transição para a modernidade só foi possível pela apropriação que foi sendo feita dessas tecnologias que possibilitaram a globalização e outros fenômenos da atualidade. Ou seja, esses meios de comunicação não são meros coadjuvantes na sociedade.

Do surgimento da imprensa com o alemão Johannes Gutenberg, no século XV, até os dias atuais, o cenário midiático mudou radicalmente com a inclusão do rádio, da televisão, da internet mais recentemente, e tantas outras TICs, que fizeram com que os meios de comunicação alcançassem um novo *status* social. Não à toa, instituições fortes como Estado, Igreja e Mercado passam a encontrar formas de utilização estratégicas dessas tecnologias, a partir de seus interesses.

É pertinente frisar que essas transformações no campo da comunicação midiática e o *status* que esses meios foram ganhando também não se deram de maneira aleatória, assim como as primeiras práticas comunicacionais também não surgiram dessa forma. Na verdade, elas aconteceram a partir de novas demandas da própria sociedade, como destacam Braga e Calazans (2001). É válido salientar esse aspecto justamente por ser recorrente a atribuição de poder às tecnologias de forma isolada. Esquece-se que elas são recursos criados por indivíduos a partir de necessidades pontuais.

Podemos então assinalar que são objetivos comunicacionais que geram e desenvolvem as tecnologias midiáticas, que as direcionam para a ampliação e aceleração das comunicações. Não são os meios que (como invenções de laboratório) direcionam a sociedade, mas é esta – por suas metas, problemas e processos – que os determina. (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 17)

As Tecnologias de Informação e Comunicação integram todo um sistema que se move a partir de interesses, demandas e desejos de indivíduos. Elas são meios de comunicação e não fim em si mesmas. Feita essa ressalva, é preciso destacar o caráter de mediação que essas tecnologias carregam consigo. Esses recursos tecnológicos como TV, rádio e jornal impresso mediam “interações sociais” ou “conversações sociais”, expressões utilizadas por Braga e Calazans (2001). Eles têm a capacidade de mediar as relações dos indivíduos com o Estado, com a educação, com o sagrado, com o novo, com o outro que está distante fisicamente e até temporalmente.

Sodré (2014) aborda em algumas de suas análises a questão da mediação. O pesquisador pensa esse conceito na lógica de um agente externo que aproxima dois outros

que estão de algum modo “separados”. Sob a ótica do pesquisador, esse processo de mediação operada pela mídia, leia-se por meios de comunicação voltados para a difusão de mensagens para o grande público, tem se tornado tão intenso que já é possível falar em uma nova forma de configuração social.

Em sua reflexão, Sodré (2014) fala na existência de uma sociedade midiaticizada, gerada a partir da maior proximidade entre comunicação (mediada por tecnologias) e capitalismo.

1.1.1 A comunicação midiática e o fenômeno da midiaticização

De acordo com Sodré (2008), o processo onde os meios de comunicação de difusão em larga escala aumentam seu potencial de interferência na sociedade se acentuou justamente no final do século passado com a Guerra Fria. Com o investimento em novas tecnologias e ao mesmo tempo em uma ideologia de mercado neoliberal houve uma mudança visível no cenário mundial. As várias Tecnologias da Informação e Comunicação trouxeram a partir daquele momento uma nova perspectiva para a comunidade global, com efeitos em diferentes níveis a depender de cada região do globo.

O investigador reforça em sua argumentação que “o desenvolvimento dos sistemas e das redes de comunicação transforma radicalmente a vida do homem contemporâneo, tanto nas relações de trabalho como nas de sociabilização e lazer” (SODRÉ, 2008, p. 15). De fato, é visível que houve nesse intervalo de tempo uma mudança na forma como os indivíduos lidam com a noção de visibilidade, mas também de tempo e espaço, entre outros pontos que também se transformaram nos últimos anos.

Atualmente, os indivíduos se apoiam em Tecnologias de Informação e Comunicação em praticamente todos os âmbitos de suas vidas. Computadores, celulares, GPS, redes sociais digitais, a própria internet e tantas outras invenções que datam desse período, ou que se popularizaram nessa época, certamente trouxeram mudanças radicais para a sociedade (SODRÉ, 2008). Nesse novo cenário, em que a informação tem peso significativo, a velocidade dos processos muda, valores éticos e morais são relativizados, os poderes de instituições sociais consagradas como Estado e Igreja passam a ser ainda mais questionados, assim como as noções de fronteiras também são gradativamente alteradas.

Sodré (2008) explica que trata-se de um novo ordenamento artificial do mundo, onde há mudanças em termos de poder, mas também de identidade, mentalidade e conduta. Há o surgimento daquilo que ele denomina “*quarto bios*”: o *bios midiático*². Diante desse novo cenário, as posturas sociais mudam significativamente. A própria forma de lidar com o real é reconfigurada. “Agora, formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou telereal da hipermídia) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais” (SODRÉ, 2008, p. 19).

Dito de outra forma:

Bios midiático ou bios virtuais são, assim, expressões adequadas para o novo tipo de forma de vida caracterizado por uma realidade “*imaginarizada*”, isto é, feita de fluxos de imagens e dígitos, que reinterpretem continuamente com novos suportes tecnológicos as representações tradicionais do real. (SODRÉ, 2014, p. 252)

O contexto da existência de um *bios midiático* torna oportuno falar em uma sociedade midiaticizada, onde a comunicação ganha novas importâncias e novos contornos. “Comunicação configura-se aqui como forma de vida social ou um ecossistema tecnológico com valores humanos pautados pela realização eletrônica.” (SODRÉ, 2014, p. 20)

Hjarvard (2012) também discute o fenômeno da midiaticização na sociedade e seus efeitos. O investigador entende a midiaticização como um processo em que a sociedade, em grau cada vez maior, passa a se posicionar de forma submissa ou mesmo dependente da mídia e de sua lógica. Assim como Sodré (2008; 2014), o autor percebe que há uma articulação entre os meios de comunicação e instituições sociais como Estado, Igreja, Sistema Educacional e Mercado.

Para o pesquisador, há uma dualidade a ser observada no fenômeno da midiaticização.

Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições

² Sodré (2008; 2014) advoga sobre a necessidade de acrescentar um quarto bios (âmbitos onde se desenrola a existência humana) aos três propostos por Aristóteles: bios theoretikos (vida contemplativa), bios politikos (vida política) e bios apolaustikos (vida prazerosa, vida do corpo).

e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação. (HJARVARD, 2012, p. 64)

De fato, na sociedade contemporânea é difícil estabelecer fronteiras entre as principais instituições sociais e a mídia. Atualmente, nota-se com muita tranquilidade o cuidado que lideranças políticas costumam ter em relação à mídia, justamente pelas possibilidades de interferência que a comunicação midiática carrega consigo, bem como os laços estreitos que há entre mídia e educação, religião, mercado, sistema jurídico, entre outras instituições.

Um efeito bastante visível da ocorrência desse fenômeno é a virtualização das instituições sociais (HJARVARD, 2012). Se antes era necessário ir ao parlamento para discutir política ou ir a um museu para consumir obras de arte, agora é possível fazer tudo isso se valendo de meios de comunicação, ou seja, se valendo então da interação mediada por tecnologias como jornal impresso, rádio, cinema, TV e internet.

Jornais, rádio e televisão levaram a política e a expressão cultural para o lar; estações de trabalho via internet levaram o trabalho remunerado para a vida familiar; e os meios de comunicação digitais em geral tornaram possível a interação com atores tanto de esferas públicas quanto privadas a partir do conforto do lar. (HJARVARD, 2012, p. 83)

Uma das consequências da virtualização das instituições sociais é a transformação nas formas de relacionamento dos indivíduos com o Estado. A partir do surgimento das redes sociais digitais e com a mudança de *status* da comunicação midiática, que alteraram também a noção de visibilidade na sociedade, os cidadãos já não sentem a necessidade de reivindicar seus direitos se fazendo presente em espaços físicos do poder representativo. Eles acessam esses novos dispositivos, como os telejornais ou redes sociais digitais, a exemplo do *Facebook* e do *WhatsApp*, e fazem seus questionamentos.

Nesse contexto, o relacionamento comunicação e cidadania ganha novos contornos. Em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, os indivíduos passam a se valer não só da comunicação face a face para a construção e reafirmação de direitos, como também passam a enxergar a mídia como ponte ao longo dessa caminhada em busca de uma cidadania plena. No entanto, antes de desenvolver esse raciocínio torna-se necessário o esclarecimento de que cidadania fala-se nesse estudo.

1.2 O CONCEITO DE CIDADANIA

A compreensão sobre cidadania passa necessariamente pelo entendimento de que esse é um construto social e histórico. O surgimento das primeiras noções daquilo que se tem hoje como cidadania se deu na Grécia Antiga, com a ideia de que alguns sujeitos tinham poder de fala e de decisão no curso do desenvolvimento da *pólis*. Entretanto, esse conceito não permaneceu imutável ao longo de sua história. Essa é uma trajetória marcada por muitas mudanças, avanços e retrocessos. Segundo Gentilli (2005), na Idade Média, por exemplo, a cidadania desapareceu em função da nova configuração social, mas retornou séculos depois com eventos importantes ocorridos na Modernidade.

Refazer a caminhada da construção da cidadania em sua totalidade demandaria um esforço de pesquisa exclusivo. Entretanto, é possível destacar aqui alguns eventos que foram certamente determinantes para se alcançar a percepção que se tem atualmente sobre esse conceito. Pinsky e Pinsky (2005) salientam três importantes momentos históricos nesse sentido: a Revolução Inglesa (1640), a Revolução Francesa (1789) e a Independência dos Estados Unidos (1776). Esses acontecimentos históricos ampliaram a concepção do indivíduo como um ser portador de direitos, mas também como um sujeito com deveres a cumprir.

A Revolução Inglesa, primeira a ser mencionada por Pinsky e Pinsky (2005), foi um evento que durou quase um século e a partir dele foi possível notar que as realidades sociais começaram a mudar de modo mais expressivo. Neste período, velhas instituições ligadas à Idade Média começaram a ser questionadas, principalmente, no que tange ao vínculo entre a Igreja e a Coroa, que dominavam as decisões sociais da época. Lembrando que, nesse momento, as reformas religiosas foram fomentadoras do debate sobre a contestação da ordem e também tiveram grandes efeitos no modo de pensar dos indivíduos.

A nova classe burguesa que emergia queria maior liberdade de mercado e mudanças políticas no país e, por isso, aliou-se ao parlamento. Dessa parceria resultaram transformações significativas. O poder estatal passou para as mãos desse novo grupo social, o que possibilitou um caminho para o livre desenvolvimento do modo de produção capitalista. Esse evento mostrou ser possível a criação de uma rota alternativa para o atendimento de demandas da sociedade e a força da união de um extrato social.

O segundo evento que contribuiu para a nova configuração da cidadania e também para a consolidação de um ideal de liberdade foi a independência dos Estados Unidos, que promoveu mudanças de concepção política e na estrutura social das 13 colônias

americanas. Assim como no caso da Revolução Inglesa, aspectos comerciais também estavam no motor do movimento social.

O contexto que fez com que estourassem as revoltas foi a Inglaterra conquistando novos territórios, contraindo novas dívidas e criando medidas de maior arrecadação nas colônias, com o objetivo de se reequilibrar financeiramente. Somando esses elementos às ideias iluministas, que condenavam a exploração das colônias, o resultado foi a indignação da população que foi em busca de sua liberdade, resultando em uma série de direitos, além de impactos nas lutas de outras nações.

De acordo com Pinsky e Pinsky (2005), a guerra da independência trouxe aos Estados Unidos da América uma ampla possibilidade democrática. Com os documentos assinados, os cidadãos passavam a ter garantias fundamentais observadas na forma da lei, o que contribuía também para a criação de uma consciência diferenciada de cidadania para aqueles indivíduos. O evento colaborou significativamente para a construção de uma concepção moderna e mais ampla desse conceito.

O terceiro, e talvez o mais importante evento que interferiu diretamente na ampliação do conceito de cidadania, foi a Revolução Francesa, que data do século XVIII. Diante de todas as transformações sociais ocorridas na época, esse é o período no qual: “A consciência histórica que vai se formando não será exclusiva do intelectual, mas também da classe ascendente, a burguesia, que percebe sua importância nas transformações sociopolíticas, econômicas e mesmo culturais que estão sucedendo.” (PINSKY E PINSKY, 2005, p. 160)

Com a Revolução Industrial, que também acontecia nesse início da era moderna, a sociedade da época começou a desenvolver uma relação diferenciada com a ideia de lucro, abandonando gradativamente o ideal de produção para a própria existência, o que também contribuiu para a Revolução Francesa. Essa mentalidade trouxe impactos econômicos, mas também sociais, pois essa nova classe, a burguesia, passava a lutar por mais conquistas nesse novo cenário. A Revolução levou o cidadão burguês a sonhar com um novo tipo de sociedade, na qual a miséria, a pobreza, o analfabetismo e a doença pudessem ser reduzidos (PINSKY E PINSKY, 2005).

Nesse momento histórico foi criada a Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão. Esse documento inspirou a luta por igualdade e mudanças sociais em outras nações e até os dias atuais se faz presente por meio de princípios básicos como o respeito à vida, presente na Constituição da maioria dos países. Essa declaração mostrava ao mundo que o povo passava a ocupar um novo lugar na história. Se consolidava assim uma

nova concepção de cidadania e de “ser cidadão”, que é bem próxima daquilo que se conhece atualmente.

Pinsky e Pinsky (2005) sintetizam esse “novo” conceito, dando sequência ao raciocínio, afirmando que cidadania na Modernidade é a possibilidade de ter direitos civis, ou seja, é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante as normas legais, além de participar do destino da sociedade votando, sendo votado e tendo direitos políticos. Para os autores, o indivíduo que recebe o título de cidadão hoje em dia é um ser humano que tem direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila, entre outras garantias sociais.

Seguindo na busca por uma conceituação do termo cidadania, torna-se interessante se apoiar em Marshall (1967). O autor oferece uma perspectiva que se consagrou ao longo do século XX como ponto de partida para a análise de pesquisadores em várias partes do mundo que se dedicam ao estudo desse tema. A leitura da obra marshalliana traz o entendimento de cidadania como um *status* concedido a todos os indivíduos que fazem parte de um país. Esses sujeitos se tornam seres portadores de direitos dentro das fronteiras políticas e geográficas de um Estado.

Partindo dessa compreensão, Marshall (1967) divide a cidadania em três dimensões de direitos, sendo eles os civis, políticos e sociais, e os associa a instituições garantidoras dos mesmos.

O elemento civil é composto dos direitos necessários à liberdade individual – liberdade de ir e vir, liberdade de imprensa, pensamento e fé, o direito à propriedade e de concluir contratos válidos e o direito à justiça. Este último difere dos outros porque é o direito de defender e afirmar todos os direitos em termos de igualdade com os outros e pelo devido encaminhamento processual. Isso mostra que as instituições mais intimamente associadas com os direitos civis são os tribunais de justiça. (MARSHALL, 1967, p. 63)

Detalhando as outras duas dimensões de direitos, o autor complementa:

Por elemento político se deve entender o conceito de participar no exercício do poder político, como um membro de um organismo investido da autoridade política ou como um eleitor dos membros de tal organismo. As instituições correspondentes são o parlamento e o Governo local. O elemento social se refere a tudo o que vai desde o direito mínimo de bem-estar econômico e segurança ao direito de participar, por completo, da herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. As instituições ligadas com ele são o sistema educacional e os serviços sociais. (MARSHALL, 1967, p. 63-64)

A abordagem de Marshall (1967) se deu a partir da observação sistematizada da Inglaterra nos séculos XVIII, XIX e XX. Ele percebeu que no país houve uma “sequência” de desenvolvimento da cidadania: inicialmente houve o estabelecimento dos direitos civis, em seguida dos políticos e, por fim, dos sociais. Cabe salientar que não trata-se de uma cronologia pura e simples, mas sim de um processo de desenvolvimento onde a estabilidade de uma dimensão de direitos possibilitava o investimento em outra. Vale destacar também que essa é uma obra que possui pelo menos três pontos de fragilidade, que precisam ser explicitados em uma investigação que tome esse ponto de vista como norteador.

Moura (2010) faz uma análise da obra aqui citada e destaca esses três aspectos. A investigadora pontua primeiramente que a Inglaterra vivia um contexto muito particular e diferente do brasileiro. Logo, utilizar esse modelo para refletir sobre a realidade da cidadania no Brasil ou em qualquer outro país requer cautela. São trajetórias culturais diferentes.

Além disso, Moura (2010) também salienta que na obra de Marshall (1967) não houve uma discussão sobre os deveres dos cidadãos e que houve a ausência dos direitos de quarta geração, aqueles que visam grupos humanos como mulheres e negros. Importante sublinhar que esse último aspecto não poderia ser possível de qualquer forma, já que essa discussão só se deu de modo mais intenso em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, justamente quando o autor lançava sua obra. Mesmo considerando esses elementos, a argumentação marshalliana ainda tem muito a acrescentar a esse estudo.

Assim como Marshall (1967), Gentili (2005) pensa a cidadania a partir das mesmas dimensões de direitos e também confere importância significativa ao poder público nesse contexto de construção. Porém, chama a atenção a forma como o investigador trata a relação cidadão e Estado. Segundo o autor, os direitos civis surgiram para regular a nova economia baseada no mercado, garantir a liberdade e justiça aos indivíduos e ao mesmo tempo protegê-los do Estado; os políticos, para possibilitar a participação dos sujeitos no poder estatal; e os sociais, para garantir que o Estado zele de pessoas vulneráveis na sociedade. Nos três casos, o Estado é peça-chave, principalmente no que tange aos direitos sociais.

Ao contrário dos direitos civis, direitos contra o poder do Estado e dos direitos políticos, direitos de participar do Estado, os direitos sociais são

direitos que emergem como demandas de benefícios a serem garantidos pelo Estado, seja pela legislação, seja pelo provimento de serviços e renda, ou, como vem ocorrendo mais recentemente pela regulação e concessão estatal. O papel do Estado neste processo, em qualquer circunstância, é indispensável. (GENTILLI, 2005, p. 104)

Sob essa ótica, o Estado configura-se como o responsável legal pelo desenvolvimento social. É preciso que ele garanta (e respeite) a liberdade dos indivíduos para ir e vir, para acessar a Justiça, ter saúde, moradia, além de se alimentar, estudar, trabalhar, se aposentar, se reunir para lutas políticas e outras atividades afins. A Constituição Federal, inclusive, traz as atribuições do poder público de forma bem detalhada.

Ainda sobre os direitos sociais e o papel do Estado, Gentilli (2005) apresenta outro aspecto pertinente, que não é contemplado na obra de Marshall (1967) e que é relevante ao debate contemporâneo da cidadania: os “personagens como sujeitos de direito”. “Na medida em que os direitos sociais vão sendo alcançados por grupos sociais eles não se caracterizam necessariamente como conquistas coletivas, mas como benefícios específicos de segmentos da sociedade.” (GENTILLI, 2005, p. 105) Entre os “personagens” mais comuns estão a criança, a mulher, o idoso, o consumidor, o deficiente físico, mas também o trabalhador, o negro, o indígena, o homossexual e tantos outros sujeitos que integram grupos minoritários.

Para Abreu (2009, p. 10), pesquisadora que também discute cidadania, esse conceito “consiste no conjunto de direitos e obrigações legais conferidos aos indivíduos na qualidade de cidadãos.” Assim, o cidadão atualmente é aquele “indivíduo que goza dos direitos civis e políticos de um Estado e cumpre seus deveres como membro desse Estado.” (ABREU, 2009, p. 09). O ponto interessante da argumentação da investigadora é o enfoque nos deveres que se tem ao fazer parte de uma comunidade com direitos formalmente estabelecidos.

De acordo com a Abreu (2009, p.12), cidadania impõe:

dever de participar da vida coletiva no sindicato, no partido político, no bairro, nas diversas associações, nos níveis municipal, estadual ou nacional; dever de solidariedade; dever de contribuir para o progresso da cidade, do Estado, do país, de ajudar na superação dos problemas sociais, cada um na medida de suas possibilidades; dever de respeitar as leis; dever de pagar os impostos; dever de prestar o serviço militar; dever de lutar para a construção de um país e de um mundo fundado em cooperação, na boa vizinhança, nos valores da justiça e da paz.

O destaque feito por Abreu (2009) à questão dos deveres é importante porque esse item não costuma estar tão presente na discussão sobre cidadania. Pelo menos não com a mesma ênfase que é dada às garantias. Ao se vincular a um Estado-nação, os indivíduos passam a ter direitos formalmente garantidos, mas também obrigações a seguir. Essa relação costuma ficar mais evidente para o cidadão brasileiro com o voto obrigatório, com o compromisso com Serviço Militar, no caso dos homens a partir dos 18 anos de idade, e com o pagamento de impostos. Isso para citar alguns exemplos.

Já Benevides (1994) pensa cidadania associada à noção de direitos e garantias individuais que um sujeito tem perante ao Estado, mas também valoriza a ideia de uma cidadania ativa. Ou seja: aquela em que os indivíduos não são meros sujeitos passivos que recebem direitos. Eles são igualmente agentes de transformação social. De acordo com a pesquisadora, o cidadão: “É o portador de direitos e deveres fixados por uma estrutura legal (Constituição, leis) que lhe confere, ainda, a nacionalidade. Cidadãos são, em tese, livres e iguais perante a lei, porém, súditos do Estado.” (BENEVIDES, 1994, p. 7)

Nessa perspectiva, o cidadão precisa estar inserido formalmente, leia-se juridicamente, no interior de um país. Uma vez sendo parte integrante de um território nacional, esse sujeito tem direitos e deveres a zelar, e ainda, um universo de possibilidades para transformar realidades.

Vale ressaltar que, também sob essa ótica, o Estado aparece como agente fundamental nesse cenário. Ele se configura como um garantidor do acesso aos direitos de cidadania, sejam eles da dimensão civil, política ou social. E ainda é pertinente lembrar que trata-se de uma construção coletiva. O Estado é importante, mas a Sociedade Civil também é. Normalmente, essas garantias são demandadas pela própria sociedade em diálogo com o Estado, seja por necessidades evidentes manifestadas em discussões pontuais ou mesmo por meio de mobilizações lideradas pela Sociedade Civil Organizada.

Benevides (1994, p. 9) sublinha ainda que:

A cidadania exige instituições, mediações e comportamentos próprios, constituindo-se na criação de espaços sociais de luta (movimentos sociais, sindicais e populares) e na definição de instrumentos permanentes para a expressão política, como partidos, legislação e órgãos do poder público.

Enfim, é essa perspectiva de cidadania que orienta o presente estudo: uma cidadania dinâmica, que é construída cotidianamente, que pressupõe a existência de dimensões de direitos, que reconhece a importância do Estado para o desenvolvimento

social, mas também que abre brechas para a atuação da Sociedade Civil e ainda que pressupõe deveres. Ciente de que essa é uma construção que varia de país para país, cabe nesse estudo a explicitação das especificidades brasileiras.

1.2.1 A construção da cidadania no Brasil

O Brasil é um país com direitos formalmente estabelecidos. As liberdades e garantias dos indivíduos estão previstas na Constituição Federal, documento que rege as relações sociais por meio de aparato jurídico e estabelece quem é ou não cidadão e quais direitos e deveres devem ser observados por esses sujeitos. A Carta Magna que rege o Estado brasileiro não é invenção recente. Ao todo, foram publicadas ao longo da história do país sete Constituições: 1824 (Brasil Império), 1891 (Primeira República), 1934 (Segunda República), 1937 (Estado Novo), 1946 (Retorno à democracia), 1967 (Ditadura Militar) e 1988 (Constituição Cidadã), que vigora atualmente.

Para entender o porquê de tantas Constituições Federais, é necessário antes voltar no tempo e resgatar elementos importantes da história do Brasil. Em 1.500, o território brasileiro foi tomado pelos portugueses e passou a ter uma nova configuração: ele se tornou uma colônia de exploração. Carvalho (2014) explica que o processo de colonização marcou a trajetória brasileira de construção da cidadania.

Segundo Carvalho (2014), a herança colonial trouxe reflexos principalmente para a dimensão de direitos civis. Três pontos podem ser citados: a escravidão, negando a condição humana do escravo; a grande propriedade rural, fechada à ação da lei; e um Estado comprometido com os interesses privados, ou seja, não balizado pela ideia de “servir ao público”. Apesar das mudanças que se processaram ao longo da história do Brasil, alguns destes males dessa época refletem ainda hoje na vida do brasileiro.

A primeira Constituição Brasileira foi estabelecida em 1824, em tempos de Brasil Império. O documento mais servia aos interesses do mercado do que aos indivíduos que habitavam o país naquele momento. Essa Constituição tinha forte influência de interesses mercadológicos vigentes à época.

A utopia de organizar a sociedade de acordo com os indicadores do ‘mercado’, estimulada pelo início da produção mercantil generalizada do século XVIII, e que só será viabilizada pela revolução industrial que ocupa a primeira metade do século XIX, não almejava a constituição de uma sociedade na qual todos, por igual, dispusessem da mesma quantidade de bens e serviços disponíveis, mas, ironicamente, que a cada qual fosse destinada magnitude de bens e serviços de acordo com suas capacidades. (SANTOS, 1994, p. 15)

Essa Constituição ignorava, por exemplo, a existência da escravidão e estava orientada para atender aos interesses da Coroa, do grande produtor rural, que na época tinha muita influência na sociedade. No máximo, contemplava também os comerciantes que já estavam bem estabelecidos no momento. Sobretudo, este documento dava o tom da cidadania que acompanharia o Brasil na maior parte de sua história: direitos para poucos e atendimento de interesses privados.

Souza (2012) também salienta aspectos cruciais para a trajetória da cidadania oriundos desse período. De acordo com o investigador, o Brasil que se conhece hoje é resultado da herança escravocrata e da forma como a Modernidade chegou ao país. Em sua reflexão, o autor afirma que quando a Família Real portuguesa desembarcou em solo brasileiro, ela trouxe consigo instituições sociais da Modernidade já consolidadas em Portugal, como o Estado e o Mercado. Não houve uma caminhada para a construção dessas instituições no Brasil: seus valores foram impostos.

Por esse motivo, o Souza (2012) reconhece o Brasil como uma “nova periferia”: suas principais fontes morais, que norteavam os valores e atitudes presentes espaço social a partir daquele momento, passaram a ser Estado, Igreja e Mercado, instituições essas importadas de Portugal. A relação frágil que o cidadão brasileiro foi desenvolvendo com o Estado e com o Mercado ao longo de sua história reflete a forma como essa relação foi construída.

Esta não é apenas uma diferença de superfície. Ela implica, por exemplo, em uma sociedade como a brasileira, a hegemonia de uma espécie de hipereconomicismo em que toda a resolução de conflitos e contradições é esperada de uma ação unilateral do progresso econômico, inclusive de aspectos sociais fundamentais como a generalização do tipo humano adequado aos imperativos de mercado e Estado, aspectos estes que tornam possível a expansão do status intersubjetivamente reconhecido de cidadão. (SOUZA, 2012, p. 98)

Quanto à herança escravocrata, Souza (2012) explica que após passarem cerca de 300 anos sendo explorados no Brasil, os negros receberam em 1888 a liberdade formal, entretanto, isso não implicou necessariamente em uma mudança positiva de cenário, como se esperava. Os efeitos foram reais e danosos. De acordo com o pesquisador, a partir da abolição da escravatura deixou de ser interessante para os proprietários das grandes fazendas ter muitos empregados. Logo, famílias inteiras perderam o trabalho, a moradia e a alimentação de uma só vez.

Somado a esse processo, destaca-se o fato dos negros não terem naquele momento experiência com o trabalho fabril, que começava a ter maior expressão na virada do século XIX para o século XX. É nesse período que começaram a se construir as primeiras periferias do Brasil, visíveis até os dias atuais.

Para o negro, sem a oportunidade de classificação social burguesa ou proletária, restava os interstícios e as franjas marginais do sistema como forma de preservar a dignidade de homem livre: o mergulho na escória proletária, no ócio dissimulado, ou, ainda, na vagabundagem sistemática e na criminalidade fortuita ou permanente. (SOUZA, 2012, p. 155)

Como consequência, ainda hoje a população negra compõe a maior parcela de pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade no Brasil. Souza (2012) e Carvalho (2014) entendem que trata-se de um problema estrutural: há uma parcela sempre maior de negros quando se observa qual o perfil racial dos moradores dos setores menos assistidos pelo Estado, de quem ocupa as profissões de menor prestígio social e, de quem integra a população carcerária do país. Há visivelmente um problema que não conseguiu ser resolvido até hoje.

Dando sequência ao raciocínio, e recuperando apenas os momentos mais relevantes no que diz respeito à construção da cidadania, parte-se para a década de 1930, que também é um período que merece atenção especial. Esse recorte temporal é feito por Carvalho (2014), Souza (2012) e Santos (1994), pois este foi um momento de transformações radicais na estrutura social do país. O contexto histórico brasileiro era o fim da Primeira República e a Revolução de 1930, onde Vargas assumiria o poder.

Nesse período, houve investimento significativo nas indústrias do país, principalmente naquelas instaladas nas regiões sul e sudeste, o que faz com que seja atrativa para populações do norte e nordeste a opção de migrar internamente. O período também registra a chegada de imigrantes de países como Itália, Japão e Alemanha, que buscavam melhores condições de vida. Essas mudanças fizeram com que houvesse da mesma forma um processo de adensamento populacional nas cidades e consequente urbanização.

Começaram a se intensificar nessa época problemas como miséria, saneamento básico, proliferação de doenças, aumento da criminalidade e também abusos no âmbito do trabalho fabril. Foi nesse momento que as políticas de Getúlio Vargas ganharam espaço e expressão. O líder político ganhou força, entre outros pontos, por meio do investimento em direitos sociais e trabalhistas. A Constituição Federal de 1934 introduziu

pela primeira vez um capítulo sobre a ordem econômica e social, reconhecendo dessa forma a existência de direitos sociais e direcionando a competência de preservação dos mesmos à União (SANTOS, 1994).

Segundo Santos (1994), durante as “gestões” de Vargas o Brasil avançou em termos de direitos trabalhistas e sociais como um todo, mas perdeu, por exemplo, em direitos políticos, com o advento da ditadura conhecida como Estado Novo (1937-1945). Essa postura trouxe efeitos danosos para a relação indivíduo-cidadania. Entretanto, nesse momento da discussão é importante destacar apenas que foram feitos esforços jurídicos que estabeleceram ou aprimoraram leis importantes para o trabalhador e sua família.

É possível destacar pelo menos quatro avanços que datam desse período: regulamentação e implementação do salário mínimo, redução da jornada de trabalho, desenvolvimento do que seria o embrião da Previdência Social e ainda a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Evidentemente, esses investimentos eram estratégias políticas e não se destinavam à toda população, mas não deixavam de significar passos à frente.

Ao analisar esse momento, Santos (1994) coloca em evidência a existência de uma “cidadania regulada”, conceito de cidadania baseado em um código de valores políticos e que estratifica as pessoas por meio de um sistema orientado por uma norma legal.

Em outras palavras, são cidadãos todos aqueles membros de uma comunidade que se encontram localizados em qualquer uma das ocupações reconhecidas e definidas em lei. A extensão da cidadania se faz, pois, via regulamentação de novas profissões e/ou ocupações, em primeiro lugar, e mediante ampliação do escopo dos direitos associados a estas profissões, antes que por expansão dos valores inerentes ao conceito de membro da comunidade. (SANTOS, 1994, p. 68)

Para o autor, falar de cidadania naquele momento significava ter claro a existência de um vínculo trabalhista. O pesquisador ainda prossegue: “A cidadania está embutida na profissão e os direitos do cidadão restringem-se aos direitos do lugar que ocupa no processo produtivo, tal como reconhecido pela lei. Tornam-se pré-candidatos, assim, todos aqueles cuja ocupação a lei desconhece.” (SANTOS, 1994, p. 68)

É interessante ressaltar que a articulação da argumentação de Santos (1994) com Carvalho (2014) colabora para uma percepção bem específica e rica para a análise aqui proposta: a noção de uma “cidadania doada” e não conquistada. Ambos destacam que o Brasil viveu diferentes momentos de supressão de direitos, principalmente no século XX

durante o Estado Novo (1937 - 1945) e a Ditadura Militar (1964 - 1985), ao mesmo tempo em que via novos direitos sendo formalizados.

São exemplos de direitos e garantias estabelecidas no intervalo que compreende as duas ditaduras: o salário mínimo, redução da jornada de trabalho e a CLT, mas também a expansão do direito ao voto para homens e mulheres, a criação do Estatuto do Trabalhador Rural, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), o surgimento do Banco Nacional de Habitação (BNH) e ainda o Ministério da Previdência e Assistência Social que, como pontuou Carvalho (2014), veio em 1974 para coroar os “avanços” na área de direitos sociais. Entretanto, não se pode ignorar que nesse período direitos civis e políticos foram violados.

Carvalho (2014), percebendo essa lógica de doação e supressão de direitos, traça um paralelo entre o processo de construção da cidadania na Inglaterra e o caso brasileiro. Em sua análise, o pesquisador explica que houve uma inversão no caminho feito pela Inglaterra e apresentado por Marshall (1967). Sob a ótica do investigador, no Brasil foi dada ênfase nos direitos sociais, depois nos direitos políticos, e os civis, ainda hoje não estão acessíveis a toda a população. Essa inversão foi proposital e política e os efeitos são extremamente danosos ao país.

O resultado desse jogo de supressão e doação de direitos em diferentes épocas é a existência de uma cidadania com vestes de doação. O produto dessa equação é um cidadão acostumado a receber direitos mais do que conquistá-los por meio de lutas, tendo então uma perspectiva frágil do que é ser cidadão. “A cidadania que daí resultava era passiva e receptora antes que ativa e reivindicadora.” (CARVALHO, 2014, p. 130)

Cabe ressaltar, contudo, que a história também registra as contribuições de importantes movimentos sociais que contribuíram significativamente para o progresso nesse processo de construção da cidadania. O caso das Ligas Camponesas citadas tanto por Carvalho (2014) quanto por Santos (1994) são um bom exemplo nesse sentido. Foi por meio da luta e pressão exercida por esse movimento na década de 1950 que foi aprovado o Estatuto do Trabalhador Rural em 1963. Da mesma maneira os autores, principalmente Carvalho (2014), registram a ação da Sociedade Civil Organizada durante a Ditadura Militar, com resultados expressivos.

Grupos organizados como a União Nacional dos Estudantes (UNE), os membros da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), além de partidos políticos ofereceram diferentes

contribuições para a retomada da democracia no Brasil durante a Ditadura Militar (CARVALHO, 2014). Nesse período, ficou evidente o que Benevides (1994) chama de cidadania ativa.

Para finalizar essa breve análise do cenário brasileiro, é oportuno retomar às contribuições de Souza (2012) com relação a intensa desigualdade que existe no Brasil na atualidade. O autor analisa como o país, tendo direitos de cidadania formalizados em sua Carta Magna construiu (e ainda hoje constrói) a desigualdade em sua sociedade. Para tanto, ele explica, por meio da noção de *habitus* de Bourdieu, o porquê da existência de cidadãos e “subcidadãos”.

Segundo Souza (2012), existe o *habitus primário*, que é aquele que diz que há esquemas avaliativos e disposições de comportamento que são internalizados e incorporados pelos indivíduos, que passam a compartilhar uma noção específica de “dignidade”; o *habitus precário*, que se configura como um tipo de personalidade e de disposição de comportamento, que não atende às demandas para que um indivíduo ou grupo social possa ser considerado produtivo e útil, podendo desfrutar de reconhecimento social; e, por fim, o *habitus secundário*, que tem a ver com o limite do *habitus primário* para cima, sendo então uma fonte de reconhecimento e respeito social que gera critérios classificatórios a partir da noção de “gosto” de Bourdieu.

A existência desses três tipos de *habitus* na sociedade brasileira é quase imperceptível. “O que existe aqui são acordos e consensos sociais mudos e subliminares, mas, por isso mesmo tanto mais eficazes que articulam, como que por meio de fios imperceptíveis, solidariedades e preconceitos profundos e invisíveis.” (SOUZA, 2012, p. 176). Esses *habitus* fazem com que a desigualdade existente seja naturalizada no Brasil e as disparidades sejam cada vez maiores. Dessa forma, falar em cidadania já não pode ser mais a mesma coisa.

“Gente” e “cidadão pleno” vão ser apenas aqueles indivíduos e grupos que se identificam com a concepção de ser humano contingente e culturalmente determinada que “habita”, de forma implícita e invisível, a consciência cotidiana, a hierarquia valorativa subjacente à eficácia institucional das instituições fundamentais como Estado e mercado e que constitui o cerne da dominação simbólica subpolítica que perpassa todas as nossas ações e comportamentos cotidianos. (SOUZA, 2012, p. 181)

Ou seja, já não se fala mais em cidadania para todos, quando se trata do contexto brasileiro, mesmo que a Carta Magna que vigora nesse momento tenha como premissa a igualdade formal de direitos e seja intitulada “Constituição Cidadã”. Apesar desse

documento estabelecer igualdade de direitos para todos, nota-se que a sociedade que valida esse documento é a mesma que constrói comportamentos diferentes do que está sendo posto. Há “gente” e “gente”, cidadão e “subcidadão”.

Diante desse cenário, acredita-se que a comunicação, e mais especificamente o jornalismo, possa atuar como um aliado do cidadão nesse processo de construção da cidadania, que não é estanque e nem tampouco linear.

1.3 COMUNICAÇÃO E CIDADANIA NO BRASIL

A comunicação é fundamental para o desenvolvimento da cidadania. Inclusive, a construção da cidadania é um processo eminentemente comunicacional. Como bem pontuam Signates e Moraes (2016, p. 25), “não existe cidadania, sequer como possibilidade, fora de um processo comunicacional que a viabilize, estabeleça e desenvolva.” A identificação de novas demandas, as discussões para formalizar novos direitos e garantias e a própria efetivação (o ato de compartilhar e tornar público essa nova mensagem) passam pelo ato comunicacional.

É no processo de interação social, mencionado por Braga e Calazans (2001), que se estabelecem as novas demandas no que tange à cidadania. A vivência coletiva solicita que se pensem em normas que orientem a coletividade para que haja harmonia no grupo e se evitem dispersões e conflitos. Se nas primeiras civilizações, o estabelecimento dessas normas que orientavam os direitos e deveres das pessoas era menos complexo, hoje se exige “rituais” com trâmites burocráticos.

Esse estudo, cujo objeto de análise é um telejornal, observa justamente como a comunicação, que se dá por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação, ou seja, a comunicação midiática, pode ganhar expressão e agregar a esse processo de construção da cidadania. São várias as possibilidades nesse sentido. A comunicação midiática pode ser estratégica, por exemplo, nas lutas para a garantia ou mesmo manutenção de direitos dentro da perspectiva de uma cidadania ativa, para citar um termo utilizado por Benevides (1994). Desde as grandes revoluções dos séculos XVII e XVIII, como a Revolução Francesa, os jornais impressos eram utilizados para a mobilização de pessoas e também para a difusão de ideias.

Os meios de comunicação também contribuem com a cidadania levando informações que suscitem debates, que agreguem conhecimentos e que possam ser ponto de partida para novas interações que favoreçam uma transformação interna, chegando

assim ao “novo”, como propõe Marcondes Filho. A comunicação midiática pode ainda ser utilizada como suporte para pressionar o Estado ou mesmo lideranças políticas e representantes de órgãos do poder público de modo específico na busca pela garantia de novos direitos ou mesmo manutenção daqueles que já estão formalmente estabelecidos.

Enfim, a comunicação mediada por tecnologias tem condições de oferecer muito à construção da cidadania no Brasil, principalmente nesse momento onde as novas Tecnologias têm despertado ainda mais a criatividade do brasileiro. Apesar de historicamente esse cidadão ter uma relação frágil com o Estado, há um momento favorável para que a comunicação midiática some não somente com a veiculação de informações importantes na perspectiva cidadã, mas também sendo utilizada como meio para “acessar” o Estado de modo mais efetivo e eventualmente como estratégia para ter seus direitos respeitados ou ainda para iniciar um diálogo que vise novas garantias constitucionais.

2. PENSAR O JORNALISMO

O jornalismo é um conceito-chave neste estudo, justamente porque a análise aqui proposta tem como objeto um produto jornalístico: o *Jornal Anhanguera 1ª edição*. Dessa forma, torna-se necessário compreender de que jornalismo está se falando nessa investigação e quais as suas principais características e potencialidades. Cabe destacar que o jornalismo é concebido nesta pesquisa como um desdobramento da comunicação, ou melhor, como uma forma especializada de comunicação, conforme Marcondes Filho (2008). É a partir desse ponto de vista que seu conceito será aqui desenvolvido.

A literatura apresenta diferentes formas de enxergar o jornalismo. Fazer um “estado da arte” que dê conta dessa produção teórica em sua totalidade é, então, uma tarefa que provavelmente não tem condições de ser esgotada em sua completude. Por esse motivo, o que se propõe nesse momento da reflexão é a apresentação de uma revisão de literatura com uma seleção de autores, divididos aqui em três grupos. No primeiro estão os europeus Groth (2011), Traquina (2005) e Neveu (2006). No segundo, os norte-americanos Charron e de Bonville (2016) e Kovach e Rosenstiel (2004). No terceiro, Genro Filho (1987) em articulação com a proposta de Meditsch (1997) e Temer (2015). Acredita-se que as pistas deixadas por cada um desses pesquisadores tendem a somar com essa investigação de modo singular.

Para o escritor e jornalista alemão Otto Groth, o jornalismo é algo imaterial e que só pode ser apreendido por meio daquilo que ele chama de “obras”, que seriam, na época em que ele redigia o livro, apenas os jornais e revistas. Ao pensar nas contribuições do pesquisador considerando a atualidade, também é possível dizer que o jornalismo pode ser apreendido, por exemplo, por meio dos telejornais, programas jornalísticos radiofônicos, webjornais e similares.

Segundo Groth (2011, p. 147), o jornalismo:

[...] não tem correlato em nenhuma unidade material, não fica em lugar algum no espaço, não pode ser percebido pelos sentidos e é, assim, ‘imaterial’. Ele só é apreensível por meio de cada número e exemplar, das ações tomadas para sua produção e das organizações geradas para isso e assim por diante.

Groth (2011) destaca em sua análise que há uma separação entre o jornalismo e seus produtos. Desde a época em que esse livro foi escrito, ainda no século XX, até os dias atuais verifica-se que há quem identifique o jornal impresso, por exemplo, como jornalismo. Na verdade, o jornal é apenas a “obra”. Ou seja, emana do jornalismo, mas não o é propriamente. A “obra” tem organização própria e demanda esforços bastante

específicos. Ela requer uma estrutura, recursos, às vezes máquinas, funcionários, prédios para se instalarem (GROTH, 2011).

Mas a maior contribuição de Groth (2011) para os estudos jornalísticos está assentada nas quatro características centrais do jornalismo, por ele destacadas: periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade. Elas integram um todo que auxilia o teórico a explicar o jornalismo e como ele funciona.

Elas não são independentes, são partes, “características” de um todo e nós nunca chegaríamos ao conhecimento delas e do todo, das suas relações umas com as outras e do todo se não analisássemos as “características” sempre como “características” de um todo, que reúnem em si mesmas um “sentido”. (GROTH, 2011, P. 144)

Essas quatro características são elementos que podem ser enxergados por meio dos diversos produtos que emanam dele, ou seja, podem ser visualizados por meio das “obras”. Segundo Groth (2011), a periodicidade é um elemento que todos os jornais e revistas carregam consigo. É essencial a todos eles e ao jornalismo. Antes essa era uma ideia restrita ao espaço/alcance da publicação, porém, mais adiante essa mesma característica passou a ser vinculada à ideia de tempo.

Outra característica é a universalidade, que diz respeito mais diretamente ao conteúdo dos jornais e das revistas. As obras que emanam do jornalismo devem mediar a relação dos indivíduos com o conhecimento de tudo o que é relevante no mundo, de forma que as pessoas tenham acesso a informações pertinentes à vida delas. Segundo Groth (2011, p. 167), o ser humano é curioso e está sempre interessado em estar a par do que acontece no mundo em que ele está inserido.

[...] ele está rodeado por toda a realidade da natureza, da sociedade e da cultura. Em interação com ela, ele quer se conservar e se desenvolver, fortalecer-se e enriquecer-se, extrair algo útil, afastar o que é nocivo. Ele tem que orientar todo o seu agir de acordo com ela, e em vista disso ele quer saber sobre o mundo para dominá-lo, manejá-lo.

Não por acaso se propagou ao longo do tempo o pensamento de que, por meio do jornalismo, ou melhor das obras jornalísticas, os indivíduos conseguem “participar” do mundo. Uma vez que podem contar com o jornalismo, as pessoas não precisam mais,

necessariamente, estar em contextos de co-presença³ para estar a par do que acontece na comunidade em que vivem, na cidade que habitam, nem tampouco, acompanhar fisicamente decisões pertinentes em assembleias políticas realizadas de forma presencial, por exemplo.

A universalidade é um elemento que se transformou ao longo dos séculos. Nas sociedades pré-modernas, os indivíduos tinham condições de acompanhar presencialmente as decisões da comunidade e podiam se iterar dos acontecimentos e das decisões por meio da presença física. À medida que o mundo foi se expandindo e as fronteiras ficando cada vez mais tênues, essa realidade mudou radicalmente e a universalidade do jornalismo passou a receber ainda mais importância e a ganhar novos contornos.

Dito isso, cabe dizer que o jornalismo se encarrega de registrar fatos importantes que acontecem no mundo e que, de alguma forma, impactam a vida social. Esse é um dos motivos que torna o jornalismo ainda mais importante para o desenvolvimento da sociedade. Vale lembrar que, quanto mais complexo e amplo é o mundo, mais as pessoas precisam da mediação do jornalismo. Diante de uma “enxurrada” de informações sobre os itens mais diversos, o jornalismo realiza um processo de decodificação e codificação dessas mensagens importantes para os indivíduos, tornando-se assim ainda mais relevante.

A atualidade é a terceira característica mencionada por Groth (2011). De acordo com o pesquisador alemão, esse é um elemento que diz respeito aquilo que é atual, está em voga ou mesmo aquilo que ocorreu “agora”. Por meio dessa característica, entende-se o valor que o jornalismo dá a acontecimentos do presente. Cabe pontuar que, diferentemente do que se acredita atualmente, já existiram momentos da história em que o jornalismo tinha uma ideia menos rígida com relação aquilo que é atual, como por exemplo no século XVII, quando os jornais eram publicados com intervalos maiores de tempo e nem sempre de forma regular.

A última característica destacada por Groth (2011) é a publicidade. Sendo outro elemento essencial, a publicidade se refere à acessibilidade do jornalismo aos indivíduos. Refere-se a “tudo aquilo que o jornal traz, de tal forma que cada um possa tomar

³ Termo utilizado por Tompson (2011) ao discutir os vários tipos de interação: mediada, quase mediada e a face a face. Contextos de co-presença, ou seja, emissor e receptor no mesmo espaço físico, acontecem na interação face a face.

conhecimento, que ninguém esteja excluído da recepção do conteúdo”. (GROTH, 2011, p. 263). O compromisso do jornalismo é com a sociedade de modo geral, logo, espera-se que essas informações possam circular e estar ao alcance de todos os públicos.

Também situado no grupo de pensadores europeus está Nelson Traquina, que apesar de ter nascido em Massachussets (EUA), produziu a maior parte de suas reflexões teóricas em Portugal. A perspectiva do investigador traz dois elementos de análise importantes. Ele dá ênfase no jornalismo enquanto campo, se apoiando nas reflexões de Bourdieu (1997), e no jornalismo enquanto profissão.

Para Traquina (2005), entender o jornalismo enquanto campo, significa conceber a existência de: um número limitado de jogadores, um prêmio que esses jogadores disputam (a notícia) e um grupo especializado (os jornalistas). Nesse campo, há relações de força e de poder que estão imbricadas em todos os espaços e há também a presença de outros atores importantes: o Estado, as fontes, os anunciantes, o público. Essa relação complexa envolve diferentes tensionamentos. Segundo o autor, o campo jornalístico contemporâneo se assemelha a um campo magnético, onde há dois polos, sendo um positivo e o outro negativo: o ideológico e o econômico, respectivamente.

O polo positivo é o “polo ideológico” em que a ideologia profissional que se tem desenvolvido ao longo do tempo define o jornalismo como um serviço público que fornece aos cidadãos a informação de que precisam para votar e participar da democracia e age como guardião que defende os cidadãos de eventuais abusos de poder. No entanto, [...] mesmo desde antes do século XIX, o jornalismo tem sido um negócio e as notícias uma mercadoria que tem alimentado o desenvolvimento de companhias altamente lucrativas. (TRAQUINA, 2005, p. 27)

Dessa maneira, o campo jornalístico passa a ser constantemente tensionado pelos diferentes interesses de atores que integram esse campo. Ora a prioridade é servir o cidadão e oferecer condições para que ele possa conhecer o mundo em que vive a ponto de poder fazer escolhas mais assertivas; ora é preciso manter uma boa relação com o público, mas com o foco em servir aos empresários que sustentam financeiramente os veículos de comunicação.

Essa relação do campo jornalístico com o campo “econômico”, de modo geral, que Traquina (2005) discute, é algo que merece uma atenção ainda maior. Inclusive, torna-se oportuno ir direto à obra de Bourdieu (1997). Como observa o autor, o jornalismo está sujeito à vereditos do mercado.

[...] assim como o campo político e o campo econômico, e muito mais que o campo científico, artístico ou literário ou mesmo jurídico, o campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos veredictos do mercado, através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência (ainda que a ajuda do Estado possa assegurar certa independência com relação às pressões imediatas do mercado). (BOURDIEU, 1997, p. 106)

Ou seja, os veículos que integram o campo jornalístico precisam sempre produzir conteúdos que agradem sua audiência. Do contrário, esse público opta por outras fontes de informação. A preocupação em estar sempre conectado à sua audiência, atendendo-a em suas diferentes necessidades, de fato, precisa existir, uma vez que se a relação jornalismo-audiência não estiver sólida, a relação jornalismo-patrocinador tende a também não estar.

Esse relacionamento também explica a necessidade dos veículos de sempre inovarem em seus produtos e buscarem formas de fidelizar o seu público, seja por meio de ações pontuais ou mesmo de campanhas institucionais e publicitárias. Atualmente, esse é um comportamento bastante evidente, porém, não é de forma alguma uma novidade no campo jornalístico. Inovação e adequação em nome da boa relação com a audiência, de fato, não é algo novo.

A outra faceta explorada por Traquina (2005) é a do jornalismo enquanto profissão. Segundo o autor, o jornalismo é muito mais do que o domínio de técnicas jornalísticas, é uma atividade intelectual realizada por um time de profissionais especializados: os jornalistas. Para o investigador, o profissional do jornalismo é um contador de “‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia” (TRAQUINA, 2005, p.21). O autor concebe o jornalismo como um conjunto dessas ‘estórias’.

Aqui vale lembrar também que, na perspectiva de Traquina (2005), o jornalismo é um construtor da realidade. O jornalismo seria ainda um serviço público, onde as notícias seriam o alimento necessário para que os cidadãos pudessem exercer os seus direitos democráticos. Dessa forma, os jornalistas seriam indivíduos com muita responsabilidade social, uma vez que escolheram dedicar a sua carreira profissional ao zelo da sociedade.

Conforme pontua Traquina (2005), os jornalistas são profissionais que ainda estão na luta pela delimitação de seu território e reconhecimento social, mas que ao longo da

história conseguiram estabelecer uma forte identidade profissional. Eles tiveram êxito em consolidar coletivamente crenças, mitos e valores. Houve sucesso também no processo de estabelecimento dos modos de ser desse grupo, bem como de estar, de agir, de falar, de se portar e, inclusive, de enxergar o mundo.

O investigador entende o jornalismo, e os jornalistas em específico, como um “contra-poder” na sociedade. Segundo Traquina (2005, p.203), “o primeiro poder dos jornalistas é a decisão última de decidir o que é notícia, sabendo que a notícia dá existência pública aos acontecimentos ou à problemática.”, de forma que esse poder precisa ser cuidadosamente utilizado e voltado para o bem-estar da sociedade. Importante lembrar que aqui também está se falando do plano ideal.

Para concluir a exposição de contribuições de Traquina (2005) a esse estudo, cabe salientar ainda que, para o autor, o jornalismo se estabelece na sociedade como um quarto poder. Ele seria um fiscalizador dos poderes executivo, legislativo e judiciário. Seria aquele que guarda a sociedade de situações de abuso de poder, de negligência por parte do poder público, bem como busca assegurar que os direitos dos cidadãos sejam respeitados. Apesar desse entendimento já ter sido superado academicamente, ele ainda integra o imaginário da profissão, ao lado da ideia do jornalismo como “cão de guarda” social.

O pesquisador Érik Neveu é o terceiro autor europeu em que essa pesquisa se apoia. Neveu (2006) discute elementos que ajudam uma determinada área a se consolidar enquanto profissão, fazendo referência direta ao jornalismo. Em sua reflexão, o autor também aspectos como como as pressões que perpassam pelo trabalho jornalístico, o impacto dos recursos (ou a falta deles) para a boa execução do trabalho dos jornalistas, bem como enfatiza o peso das narrativas e produtos jornalísticos na sociedade.

O autor pensa o jornalismo, que é operado por profissionais especializados, os jornalistas, como um elemento atuante nos rumos da sociedade, o que fica evidente quando ele discorre sobre o que é ser jornalista. “Ser jornalista é ser o ‘mediador’ que deixa visível a vida social, ‘o pedagogo’ e o ‘organizador’ que põe clareza no caos dos acontecimentos”. (NEVEU, 2006, p. 37) Sob essa perspectiva, o jornalismo seria uma atividade que envolve selecionar e recortar os principais acontecimentos do mundo, transforma-os em narrativas compreensíveis e organizadas para, enfim, oferecer ao cidadão.

Assim, o jornalismo, ao mediar informações, acaba desempenhando funções de organização e orientação na sociedade. O trabalho jornalístico seria fundamentalmente identificar aquilo que é noticiável e construir a narrativa. O argumento de Neveu (2006) encontra eco em outros autores. Para Traquina (2005) e Groth (2011), por exemplo, o jornalismo organiza o mundo para o público e o ajuda a ter condições de tomar decisões mais conscientes e assertivas no seu dia a dia. Por esse motivo, ele é organizador e pedagogo no espaço social.

Falar das narrativas jornalísticas, das notícias/reportagens, que são fruto do trabalho jornalístico, faz com que seja necessário abordar também do impacto que elas podem ter na sociedade. Se por um lado, elas informam, esclarecem e orientam, por outro podem trazer prejuízos, quando são produzidas a partir de uma apuração malfeita ou com interesses avessos aos compromissos do jornalismo. Neveu (2006) exemplifica, por exemplo, os riscos de uma abordagem simplificada de problemas sociais.

Dando à realidade uma imagem reducionista, essas reportagens contribuem também, no que se refere tanto aos governantes quanto aos cidadãos, para tornar paradoxalmente mais complicada a identificação de soluções, puramente pelo fato de simplificar caricaturalmente os problemas. (NEVEU, 2006, p. 117)

Ou seja, há muita responsabilidade do profissional nesse processo de informar: o papel do jornalismo, na perspectiva de Neveu (2006), vai muito além de difundir informações novas sobre os acontecimentos sociais. Em alguns casos específicos as narrativas podem dificultar a resolução de alguns problemas, estigmatizar grupos sociais, bairros e até cidades inteiras.

O pesquisador afirma ainda que a produção das narrativas jornalísticas sofre diversos tensionamentos, como condições de trabalho ruins, pressão por parte da produção ou de profissionais que ocupam cargos de gestão e que não lidam diretamente com a “confeção” da notícia, mas também questões de ordem prática como tempo para fechamento dos materiais e tantos outros elementos nesse sentido, que podem comprometer o “produto final”.

Por fim, é interessante salientar que, apesar das aproximações entre as contribuições de Neveu (2006) e Traquina (2005), o primeiro pesquisador não acredita no jornalismo enquanto um “quarto poder”. Na concepção de Neveu (2006), observar o processo dessa forma faz com que sejam desconsiderados os interesses econômicos e os

grupos sociais envolvidos nesse cenário. Segundo ele, todos os poderes têm relação simbiótica com o jornalismo.

Além disso, Neveu (2006) destaca que existe uma rede de atores envolvidos no fazer jornalístico. Os jornalistas são parte importante do processo, mas há outros personagens que atuam diretamente nesse cenário. Entre eles, o Estado, os empresários que financiam os veículos de comunicação, as diversas fontes com quem os profissionais da imprensa dialogam, bem como outras instituições sociais que eventualmente podem interferir nesse processo.

No segundo grupo de pesquisadores que embasam essa pesquisa estão os norte-americanos Charron e de Bonville (2016) e Kovach e Rosenstiel (2004). Os dois primeiros integram essa pesquisa pelo fato de ajudarem na construção de uma visão multifacetada do jornalismo, enquanto os dois últimos colaboram com elementos para pensar a base do jornalismo, aquilo de mais fundamental e que acompanha o jornalismo ao longo de sua história.

Para Charron e de Bonville (2016), o jornalismo é uma construção sociocultural intimamente ligada ao contexto em que ele está inserido. Sob essa ótica, o jornalismo seria uma prática cultural que está situada em um tempo e em um espaço específicos. Ou seja, ele é mutável, a longo prazo, e se transforma de acordo com a época e o local em que se encontra. Ele é “tanto uma atividade econômica, quanto expressão cultural, tanto uma prática profissional, quanto instituição política.” (CHARRON e DE BONVILLE, 2016, p. 123) Aqui acrescenta-se também a percepção de jornalismo como uma instituição social, que influi diretamente no desenvolvimento da sociedade.

Essa visão adotada pelos autores ajuda a perceber que, de fato, uma análise do jornalismo que não considere o contexto social em que ele está inserido, certamente será frágil e suscetível a erros. As condições sociais interferem diretamente não só no fazer jornalístico, mas também em seu conteúdo e na própria forma como ele é pensado e financiado. O contexto também diz muito sobre a relevância desse conteúdo jornalístico em análise, o que é precioso para esta investigação. Todos os elementos de contexto colaboram para entender, inclusive, o papel decisivo que o jornalismo desempenha na sociedade.

Assim como Groth (2011), os autores norte-americanos olham para o jornalismo como algo que é imaterial, mas que tem condição de “ganhar corpo” por meio de

diferentes formas. Segundo Charron e de Bonville (2016, p. 360), o jornalismo “se enuncia em gêneros, formatos, estilos, de acordo com as regras institucionais e procedimentos rotineiros e, com intenções de comunicação que só variam na longa duração”.

Dessa forma, fica evidente que é possível apreender e investigar o jornalismo por meio de seus produtos, a exemplo do telejornal, como é o caso empreendido nesse estudo. A partir da visão de Charron e de Bonville (2016), é possível fazer recortes mais precisos com o foco nos gêneros e formatos desses produtos. Eles carregam os elementos do jornalismo e dizem muito sobre ele pelo simples fato de que provém dele.

Pensar o jornalismo com o apoio de Charron e de Bonville (2016) significa olhar para o jornalismo entendendo-o a partir de uma visão mais ampla e, principalmente, considerando seu vínculo com a sociedade em que ele está inserido. Passa a ser de fundamental importância compreender quais as características e os valores dessa sociedade, quais os elementos e instituições que a norteiam, quais suas fragilidades e potencialidades e questões afins. No caso desta pesquisa, vale a pena conhecer melhor a região onde se situa o público-alvo do telejornal em análise.

A outra dupla de autores norte-americanos que colaboram com a reflexão sobre jornalismo é Kovach e Rosenstiel (2004). Os autores têm uma concepção de jornalismo também alinhada à perspectiva do “imaterial”, com ênfase no vínculo com a cidadania: lidam com o público sempre como cidadãos e estão sempre atentos ao fato de que o jornalismo só faz sentido se, de alguma maneira, somar com a vida desses indivíduos portadores de direitos. Esse ponto de vista delimita as linhas que perpassam a relação jornalismo-cidadania, tão defendida nessa pesquisa.

Para Kovach e Rosenstiel (2004), o jornalismo é uma nova cartografia moderna. Os autores discorrem sobre os profissionais da cartografia e seus mapas na época da conquista do Novo Mundo para explicar o que é o jornalismo e qual a importância dele para a sociedade. Segundo os pesquisadores, o jornalismo “cria mapas para que os cidadãos naveguem através da sociedade. Essa é a sua utilidade e a sua razão econômica de ser.” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 249). Dessa forma, o jornalismo se constitui como um grande orientador da sociedade, aspecto já mencionado.

O jornalismo tem, na perspectiva desses dois autores norte-americanos, a prerrogativa de iluminar os indivíduos mostrando os melhores caminhos, denunciando

aquilo que é incoerente e que prejudica o andamento da sociedade, bem como evidenciar acontecimentos que interferem diretamente no cotidiano das pessoas e que as ajudem a fazer escolhas que venham a somar em suas vidas. Portanto, tem condições de ser um parceiro da população no exercício de sua cidadania.

Essa noção é tão importante para esses pesquisadores que, voltando à lógica da cartografia moderna, eles afirmam que “um jornalismo que deixa de fora tantas outras informações nesse processo é como um mapa que falha ao não informar ao viajante sobre as outras estradas ao longo do caminho.” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 249) Novamente é possível constatar a relevância do jornalismo na sociedade e o compromisso firmado com o público ao longo de seu desenvolvimento.

Um aspecto que permeia toda a obra destes investigadores, e que chama atenção entre os estudiosos que se dedicam ao estudo do jornalismo, é a centralidade da figura do cidadão no campo jornalístico. Para os investigadores:

Jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer às pessoas informações que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 226)

Uma importante contribuição desses autores é a reunião do que seriam os elementos básicos do jornalismo, que devem permanecer independente da época e do local. A lista com os nove elementos é fruto de um projeto que incluiu o estabelecimento do “Comitê dos Jornalistas Preocupados” e a realização de 21 fóruns de discussão, que reuniram mais de 3 mil pessoas e 300 jornalistas. O resultado da empreitada foi a identificação, por meio das trocas realizadas, de nove princípios que devem ser a bússola do jornalismo.

Os elementos do jornalismo foram sistematizados da seguinte forma:

- a) A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade;
- b) Sua primeira lealdade é com os cidadãos;
- c) Sua essência é a disciplina de checagem;
- d) Seus praticantes devem manter independência de quem estão cobrindo;
- e) Deve funcionar como monitor independente do poder;
- f) Deve apresentar um fórum para a crítica pública e o compromisso;

- g) Deve lutar para transformar o fato significativo em interessante e relevante;
- h) Deve manter as notícias compreensíveis e equilibradas;
- i) Seus praticantes devem ter liberdade para exercer sua consciência pessoal.

Cada um desses princípios tem como pano de fundo a questão da finalidade do jornalismo e seu compromisso com o público, formado por cidadãos. Ou seja, o jornalismo existe em função de sua pertinência na sociedade e não pode deixar esse compromisso ir para o segundo plano: o público não é cliente dos veículos, mas sim um parceiro. São cidadãos à espera de informações pertinentes. Logo, mesmo sendo permeado por ligações que envolvem dinheiro e poder, o jornalismo precisa estar sempre atento ao tipo de relação que estabelece com o meio social.

Para finalizar a reflexão sobre o conceito de jornalismo é válido ainda o apoio nos pesquisadores brasileiros Genro Filho (1987), Meditsch (1997) e Temer (2015). A maior parte da literatura brasileira sobre o campo jornalístico dá ênfase em facetas do jornalismo que aqui já foram discutidas, como por exemplo a perspectiva do jornalismo como profissão, como campo ou como instituição social. No entanto, estes três últimos investigadores têm condições de apontar dois outros caminhos que não foram explorados nessa revisão de literatura: jornalismo como forma de conhecimento e como um ator social.

As análises de Genro Filho (1987) e de Meditsch (1997) ajudam na compreensão do jornalismo enquanto forma de conhecimento. Esta não é uma proposta nova. Na verdade, ela foi formulada pelo pesquisador Robert Park nos Estados Unidos, no início do século XX. De tradição funcionalista, Park (1940) destacava a existência de duas formas de conhecimento: “de” ou “de trato”, adquirido por meio da experiência vivida, e “acerca de”, proveniente da observação formal, racional e sistemática, modelo mais próximo do que hoje faz a ciência. Apesar de pouco conclusivo, o texto do autor norte-americano relaciona o jornalismo à primeira forma de conhecimento.

Os autores brasileiros Genro Filho (1987) e de Meditsch (1997) se apropriam das ideias de Park (1940) de modo particular e fazem observações distintas. Em sua análise, Genro Filho (1987) faz críticas à postura de Park (1940), entre outros motivos, porque segundo ele o ponto de vista apresentado pelo norte-americano é redutor e “supõe uma espécie de ‘senso comum’ isento de contradições internas, cuja função seria somente

reproduzir e reforçar as relações sociais vigentes, integrar os indivíduos na sociedade”.

A análise de Park (1940) serve como ponto de partida para Genro Filho (1987). Fortemente influenciado pelas ideias marxistas, o pesquisador brasileiro afirma que o jornalismo é uma nova modalidade de conhecimento, historicamente vinculada ao capitalismo. Esse vínculo existiria pelo fato do jornalismo ter sido gestado no início da modernidade pelas mãos da burguesia, classe em ascensão por meio do comércio naquele momento. Porém, mesmo com essa ressalva, o autor ainda vê possibilidades positivas.

Embora o jornalismo expresse e reproduza a visão da burguesia do mundo, ele possui características próprias enquanto forma de conhecimento social e ultrapassa, por sua potencialidade histórica concretamente colocada, a mera funcionalidade do sistema capitalista. (GENRO FILHO, 1987)

E esse conhecimento é diferente daquele gerado pela ciência.

O jornalismo não produz um tipo de conhecimento, tal como a ciência, que dissolve a feição singular do mundo em categorias lógicas universais, mas precisamente reconstitui a singularidade, simbolicamente, tendo consciência que ela mesma se dissolve no tempo. O singular é, por natureza, efêmero. (GENRO FILHO, 1987)

O conhecimento gerado pelo jornalismo é fruto de recortes e seleções constantes, que o jornalista faz desde a hora que recebe a pauta até o momento que o “produto” é finalizado. De fato, a mensagem veiculada no produto jornalístico tem potencial para se transformar em um conhecimento importante para quem recebe, mas ela não deixa de ser recortada a partir do ponto de vista de quem está envolvido na produção desse conteúdo jornalístico. Não à toa, em sua reflexão, Genro Filho (1987) faz uma discussão sobre objetividade e imparcialidade, termos utilizados de forma recorrente no campo jornalístico, mas que na prática inexistem. Ambas existem apenas como meta, como ideal a ser seguido.

Meditich (1997) também enfoca as contradições existentes no jornalismo enquanto forma de conhecimento, mas explica que todo produto social está sujeito a essas contradições. “Nenhum modo de conhecimento disponível está imune a isso.” (MEDITSCH, 1997, p. 11) Além disso, o investigador reconhece pontos positivos no jornalismo como um produtor social de conhecimento.

A defesa de Meditsch (1997) é de o jornalismo se constitui como uma forma de

conhecimento, porém, é um saber muito próprio e que se diferencia do científico, normalmente utilizado como chancela de legitimidade na sociedade: “o conhecimento do jornalismo será forçosamente menos rigoroso do que o de qualquer outra ciência formal, mas em compensação, será também menos artificial e esotérico.” (MEDITSCH, 1997, p. 7) Ele é um tipo de saber acessível tanto para um físico, quanto para um operário, em uma perspectiva mais ampla.

De fato, o jornalismo colabora com o cidadão no seu processo de aglutinação de novos conhecimentos. Os produtos jornalísticos, no geral, não trabalham com a profundidade necessária, até porque os espaços nesses produtos são fracionados para atender várias demandas. Esse *status* é tão bem aceito pelo público, que o jornalismo é constantemente utilizado para legitimar falas das pessoas. Argumentos como “aconteceu mesmo, deu no jornal de ontem” e “é verdade, passou no telejornal de ontem” não são incomuns na sociedade.

Já Temer (2015) defende outra posição quanto ao jornalismo. Assim como Charron e de Bonville (2016), Temer (2015) concebe o jornalismo em sua multiplicidade. Para a autora, o jornalismo é um processo que envolve uma tríplice vertente. Ele é uma possibilidade de narrativa sógnica, mas também uma atividade profissional e empresarial, além de ser um ator social, que tem condições de interferir no curso dos acontecimentos sociais.

De forma mais detalhada, podemos dizer que o jornalismo envolve uma relação de apreensão dos fatos (o que ocorre na realidade, no mundo sensível) e de devolução desses fatos/acontecimentos à sociedade, por meio de representações/narrativas sógnicas efetivadas em várias etapas e pela ação de diferentes profissionais especializados, inseridos em um esquema de produção capitalista/industrial. (TEMER, 2015, p. 23)

O jornalismo, para a pesquisadora, é imerso em uma teia de forças e poder, o que pode servir para benefício do cidadão, que é também seu público. É da natureza da profissão estar em constante interação com os vários setores da sociedade. Essas relações de força que Temer (2015) destaca, bem como o próprio Traquina (2005) apoiado em Bourdieu (1997) também menciona, fazem parte do jornalismo e são motivo de processos de tensionamento. Em dado momento as empresas jornalísticas acabam sendo silenciadas por jogos políticos, por exemplo, e em outras situações é possível que estejam denunciando negligências por parte do poder público. É uma relação complexa, porém, que se arrasta na maior parte da história do jornalismo.

O que tem se visto atualmente no jornalismo, principalmente no telejornalismo local, é que os jornalistas têm buscado pressionar o poder público em nome de demandas de sua audiência. Esse tipo de tensionamento evidencia essas relações de força que Temer (2015) aborda, assim como o fato do jornalismo ser um ator social. Esse último elemento, jornalismo como um agente ativo no tecido social, diz respeito à postura cada vez mais enfática do jornalismo de utilizar de seu prestígio, alcance, visibilidade e credibilidade para interferir no curso do desenvolvimento da sociedade. Lembrando que esse comportamento não é um aspecto inédito e percebido somente na contemporaneidade. Entretanto, ele tem sido cada vez mais recorrente na atualidade.

Outro elemento importante e que precisa ser pontuado é o vínculo que a autora estabelece com o contexto temporal e espacial em que o jornalismo se encontra. Temer (2015) reforça que o jornalismo sofre interferências do contexto em que está inserido, logo, pode variar de acordo com os valores dessa sociedade, com as ferramentas disponíveis para sua produção, bem como por vários outros elementos.

Inclusive, um aspecto abordado de forma mais incisiva até o momento nessa revisão bibliográfica apenas por Kovach e Rosenstiel (2004), e que a autora retoma, é o valor da verdade para o jornalismo. Temer (2015) vai lembrar que a relação verdade-credibilidade é o que dá sustentação para que esse jornalismo possa fazer qualquer interferência na sociedade, na condição de ator social.

Tendo como base contribuições do pesquisador Muniz Sodré, a autora afirma que é “a partir da relação verdade-credibilidade que o jornalismo constrói seu capital simbólico, elemento que fundamenta sua força para intervir na vida social de forma diferenciada dos demais espaços de comunicação.” (TEMER, 2014, p. 98). Dessa forma, é válido lembrar que o jornalismo tem um compromisso primeiro com a verdade. A quebra desse contrato mina a relação do jornalismo com o público, relação essa que se dá por meio de produtos jornalísticos.

Pensar o jornalismo a partir da proposta de Temer (2015) é então reforçar o entendimento de que o jornalismo está muito além da redução à difusão em larga escala de informações. Ele é um ator ativo na sociedade, é também aquele que difunde mensagens sígnicas, por meio de seus produtos diversos, e faz tudo isso sem deixar de se configurar como uma profissão e uma atividade empresarial que gera lucros para pessoas ou grupo de pessoas específicos.

Esta revisão de literatura a respeito do jornalismo colabora com o entendimento do jornalismo como uma profissão, mas também um negócio, uma possibilidade de narrativa sgnica, um ator social, um elemento imaterial que dá origem a distintos produtos para a sociedade, uma atividade social, uma forma de conhecimento, bem como um grande orientador e pedagogo para os cidadãos. Cada uma dessas perspectivas tende a possibilitar uma leitura diferente e rica do material aqui em análise.

2.1 O JORNALISMO EM TEMPOS DE MUDANÇAS

Um caminho eficiente para compreender se há um processo de mudança significativa no jornalismo, atualmente, é a retomada aos principais pontos da história desse campo. De fato, o jornalismo não é estanque e ao longo de seu desenvolvimento apresentou algumas mudanças registradas por estudiosos que se dedicam a esse tema. Essa pesquisa se apoia em três desses pesquisadores: Charron e de Bonville (2016), que trazem uma perspectiva externa ao Brasil, e em Marcondes Filho (2002), que é um autor brasileiro.

Os autores norte-americanos Charron e de Bonville (2016) alertam que o intuito deles não é contar uma história do jornalismo de maneira sócio-histórica, mas sim trabalhar com modelos teóricos que tenham condições de oferecer suporte para uma discussão mais profunda sobre o estágio atual do jornalismo. Para cumprir com esse objetivo, eles destacam momentos de mudanças no jornalismo.

Segundo os investigadores, é possível conceber quatro modelos teóricos, ou paradigmas, no que diz respeito ao jornalismo: “jornalismo de transmissão”, “jornalismo de opinião”, “jornalismo de informação” e “jornalismo de comunicação”. Para explicar e contextualizar cada um desses modelos, Charron e de Bonville (2016) abordam momentos marcantes da história do jornalismo e, principalmente, trazem de forma bem pontuada o que muda nesse jornalismo ao longo de seu desenvolvimento.

O primeiro paradigma abordado por Charron e de Bonville (2016) é o “jornalismo de transmissão”. Esse jornalismo se materializou em uma sociedade em que economia e política eram esferas claramente distintas, considerando que a primeira estava submetida à segunda e também que o regime de poder era autocrático. Esse paradigma é marcado por jornais que traziam textos literários ou filosóficos sobre temas que não eram necessariamente atuais, bem como textos que chegavam de correspondências sobre a

realidade econômica e sociopolítica estrangeira.

O segundo modelo teórico é o “jornalismo de opinião”. Esse modelo emergiu em uma sociedade rural, onde o acúmulo de capital se dava pela atividade mercantil. Os jornais, nesse caso, traziam textos de opinião que defendiam interesses econômicos, mas também sociais e políticos, sempre de acordo com a linha de editorial de cada jornal. Os profissionais que escreviam esses textos normalmente eram de áreas como direito e literatura. Segundo os autores, essa era uma atividade profissional passageira na carreira desses indivíduos.

Já o terceiro paradigma é o “jornalismo de informação”. Esse jornalismo emergiu de uma sociedade urbanizada e industrializada, onde se acumulava capital justamente por meio das indústrias. Aqui, surgiu um tipo de texto (para o impresso e para o rádio) bastante específico e que ocupa espaço no jornalismo até hoje: a notícia. Nesse caso, trata-se de textos que buscavam “descrever” a realidade e trazer informações sobre personagens importantes do universo econômico, político, social e cultural. Nesse caso, a figura dos anunciantes já era mais presente e exercia influência ainda mais forte. Isso fez com que os jornais ficassem mais volumosos e investissem em profissionais que trouxessem retorno para o veículo.

O quarto, e último, é o “jornalismo de comunicação”, paradigma com maior relevância para essa pesquisa, justamente por ser o que melhor descreve a situação atual. Segundo Charron e de Bonville (2016), esse jornalismo é específico de uma sociedade ainda mais urbanizada e caracterizada como uma sociedade de consumo. No “jornalismo de comunicação” há um contexto de forte concorrência entre as empresas jornalísticas, mas também é o momento em que a atenção do público é mais difusa, já que agora se divide entre inúmeros veículos do segmento impresso, bem como do rádio, da TV e da internet.

A chegada da internet merece uma atenção especial nesse contexto uma vez que ela tem causado um impacto forte de tal forma que se passa a pensar na possibilidade de transição para um novo paradigma. Charron e de Bonville (2016) afirmam no prefácio da edição mais atual da obra que esse não é o caso ainda. No entanto, nota-se que há um momento de intensas mudanças acontecendo.

O pesquisador brasileiro Marcondes Filho (2002) também destaca esses processos de transformações no jornalismo. O autor compreende o jornalismo como um filho da

Revolução Francesa e divide a história de seu desenvolvimento em quatro partes: jornalismo da iluminação, o da empresa capitalista, o dos monopólios e o da era tecnológica.

O primeiro jornalismo está situado no século XVIII e trazia em seus produtos textos, principalmente, de política e de literatura. Esse é um momento onde a maioria da sociedade ainda não sabia ler e escrever. Logo, esse jornalismo era voltado para as elites da época e tinha forte perfil ideológico, com posicionamentos claramente demarcados. De acordo com o autor, o jornalismo emergiu em um momento de transição da sociedade. Os indivíduos daquele momento queriam “vasculhar” e saber tudo o que se passava nas instituições.

O segundo jornalismo descrito pelo investigador é aquele da empresa capitalista. Nesse novo cenário, a quantidade de pessoas que sabia ler já era maior e os recursos técnicos ajudavam esse jornalismo a conseguir manter a periodicidade, mencionada como uma das características fundamentais por Groth (2011). Esse tipo de jornalismo emergiu na metade do século XIX, segundo Marcondes Filho (2002). Houve, nesse caso, um aumento significativo nas tiragens dos jornais e um investimento na notícia enquanto mercadoria, bem como crescimento do espaço para o entretenimento.

O terceiro jornalismo é o dos monopólios, que emergiu no século XX. Nessa faixa temporal, ficava mais evidente para empresários, que o jornalismo podia ser um negócio rentável. Os investimentos nos veículos de comunicação se tornaram maiores e a profissionalização do campo jornalístico aumentou. Nesse momento, rádio e TV já foram incorporados entre os meios de comunicação disponíveis.

Por fim, o autor discorre sobre o quarto jornalismo, que seria o da era tecnológica. Esse tipo de jornalismo surgiu, segundo Marcondes Filho (2002), no final do século XX, em meados da década de 1970. Com a chegada de novas Tecnologias da Informação e Comunicação, o jornalismo assume um novo perfil. Esse é o ponto de maior reflexão do autor, pois na concepção dele, nesse momento começou a haver uma degradação do jornalismo e das condições de trabalho dos jornalistas.

Segundo o investigador, a informática faz com que todos os agentes da sociedade, profissionais ou não, sejam colocados no mesmo barco, pois ela interfere na lógica social, de modo geral. Além disso, Marcondes Filho (2002) lembra que não é interessante demandar esforços para saber o que está provocando essa virada que se reflete tão

fortemente no jornalismo. O mais importante é perceber que a sociedade está se transformando.

Charron e de Bonville (2016) e Marcondes Filho (2002) ao analisarem o jornalismo dessa forma deixam evidente, entre outros aspectos, um elemento pertinente para essa pesquisa: a interferência de Tecnologias de Informação e Comunicação no desenvolvimento do jornalismo. Ao observar as várias mudanças no jornalismo apontadas pelos autores, é possível perceber sempre uma mudança no perfil social, mas também a presença de tecnologias específicas que permitem o desenvolvimento da sociedade e afetam o jornalismo.

Um exemplo para observar essa afirmação é o argumento dos teóricos Charron e de Bonville (2016) sobre a influência das tecnologias na periodicidade dos veículos de comunicação. Segundo os autores, no período do “jornalismo de transmissão” havia grandes intervalos entre uma edição do jornal e outra. Nesse momento, os meios mais rápidos de transmissão de informação eram o barco a vela, o cavalo e o carro de tração animal.

No período em que vigorava o paradigma “jornalismo de opinião”, e a periodicidade começava a se firmar, os meios de transmissão mais ágeis eram o barco a vapor, a ferrovia e o telégrafo ótico (e mais adiante o elétrico). Já no “jornalismo de informação”, as publicações obedeciam um ritmo estabelecido e tinham intervalos regulares. Nesse momento, os meios mais rápidos de transmissão de informação eram o telégrafo, o teleimpressor, o teletipo e o belinógrafo.

Por fim, em tempos de “jornalismo de comunicação” é possível ter uma periodicidade ainda melhor estabelecida, inclusive, com espaços de tempo consideravelmente menores, o que possibilitam notícias mais atualizadas. Nesse momento, conta-se com técnicas de transmissão eletrônica. Inclusive, se os jornalistas assim optarem, nem é necessário ter espaços entre o acontecimento e a veiculação: com os canais 24h, os links ao vivo e a internet, a periodicidade e atualidade ganham novos contornos.

Marcondes Filho (2002) centra sua reflexão na interferência das tecnologias na rotina dos jornalistas: “a tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações de trabalho, definindo os novos profissionais, a nova ética de trabalho, em suma, um outro mundo” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 31). Ou seja, a tecnologia cria novas rotinas e

novos comportamentos no campo jornalístico.

Ainda nesse cenário de desenvolvimento do jornalismo e mudanças estruturais, é válido destacar as interferências da internet na sociedade e no campo da comunicação. Segundo Traquina (2005), tem sido feitas previsões catastróficas com relação à internet e às vezes até equivocadas sobre o futuro do jornalismo. No entanto, para o investigador, essa tecnologia “bem pode reforçar o papel dos jornalistas nas sociedades contemporâneas” (TRAQUINA, 2005, p. 145). Ou seja, é muito mais oportuno pensar como essa nova tecnologia pode agregar ao jornalismo do que necessariamente enxergá-la como um agente negativo.

Nesse novo momento, o público tem buscado maior interação com os veículos de comunicação e tem procurado, da mesma maneira, formas de participar mais efetivamente da elaboração dos conteúdos jornalísticos. Também tem consumido informação de formas diferentes e tem tensionado as empresas a repensarem muitas de suas práticas no jornalismo. A forma como o campo jornalístico se posiciona frente a essas mudanças faz toda diferença.

Kovach e Rosenstiel (2004) reforçam que a função do jornalismo não mudou na era digital. “As tecnologias talvez sejam diferentes, mas os princípios básicos são os mesmos”. Ou seja, aqueles nove elementos que estão na base do jornalismo, que incluem, o compromisso com a verdade e a lealdade ao cidadão, não devem ser colocados em xeque. Uma vez que eles não seriam deixados de lado, seria então o caso de pensar em uma adequação prática com relação a essas novas tecnologias e não cogitar prejuízos irreversíveis ao jornalismo.

No Brasil, alguns autores registram as principais mudanças no campo jornalístico sentidas mais recentemente. Adghirni (2012) afirma que o jornalismo tem realizado uma travessia de uma zona turbulenta desde a década de 1990. A investigadora destaca como ponto de tensão três aspectos principais: a desregulamentação profissional, as mudanças nas rotinas produtivas e as transformações no perfil e na identidade dos jornalistas.

Esses elementos refletem bem o cenário brasileiro. De fato, desde 2009 a profissão de jornalista segue desregulamentada no Brasil⁴. Esse é um elemento que traz sérias consequências para a qualidade dos veículos, uma vez que o filtro para o ingresso de

⁴ A área foi regulamentada em 1969 e 40 anos depois perdeu esse *status*.

profissionais nessa área de atuação passa a ser menos criterioso. Além disso, essa situação ainda faz com que o jornalismo perca prestígio de modo geral frente à sociedade.

As mudanças na rotina produtiva das redações também integram a discussão de Adghirni (2012). Com a chegada das “novas” Tecnologias da Informação e Comunicação tanto nas redações quanto na sociedade como um todo, muda-se as noções de tempo. Atualmente, os veículos precisam ser muito mais ágeis para chegar ao acontecimento e produzir a notícia antes que ela já esteja “defasada” por ter sido veiculada na internet ou em aplicativos de troca de mensagens como o *WhatsApp*. Isso para citar um exemplo.

No geral, os jornalistas têm utilizado novas tecnologias para apurar as informações, para levá-las ao público, bem como tem sido tensionado a conviver cada vez mais próximo ao público, que busca cada vez mais “participação” e “interação” com a produção jornalística.

Por fim, de acordo com Adghirni (2012), no que diz respeito ao perfil e a identidade também há mudanças consideráveis. São muitos os profissionais deixando as redações e procurando formas de atuar em outros espaços, muitas substituições de jornalistas veteranos por recém-formados, além do registro de cursos de treinamento oferecidos pelas próprias empresas jornalísticas, que visam moldar esses profissionais à sua maneira.

Nesse novo cenário, o jornalista passa por tensionamentos que vão desde a má remuneração e piora nas condições de trabalho até a queda do prestígio social. No meio desse processo, há uma série de aprendizados que são exigidos desses profissionais que estão em um mercado, que também passa por uma crise financeira. Cobra-se que esse profissional seja versátil, polivalente e que domine essas novas TICs, que tem garantido cada vez mais presença no fazer jornalístico.

Enfim, há que se investigar como essas mudanças têm afetado cada área do jornalismo.

3. UM OLHAR SOBRE O TELEJORNALISMO

O jornalismo possui características gerais que permeiam todos os produtos jornalísticos. No entanto, cada meio de comunicação tem especificidades que acabam por ser impressas nos seus produtos. Assim, para falar de um telejornal, objeto de estudo dessa investigação, é preciso antes compreender não só o jornalismo como um todo, mas também a televisão e o que significa falar de um jornalismo que é feito para TV.

Orozco (2005) é um dos pesquisadores consolidados no debate sobre televisão. De acordo com o investigador, a TV “é ao mesmo tempo um meio técnico de produção e transmissão de informação e uma instituição social produtora de significados, definida historicamente como tal e condicionada política, econômica e culturalmente.” (OROZCO, 2005, p. 29) A contribuição do autor auxilia no entendimento da TV como algo maior do que um meio de difusão de imagens em movimento.

A televisão ocupa espaço importante no tecido social devido a suas possibilidades, que vão desde a difusão de informações em larga escala até as interferências políticas em determinados cenários. Uma das contribuições mais relevantes, e que aqui precisa ser salientada, é a capacidade que a TV tem de mediar a relação do indivíduo com a cultura, com o Estado, com a economia, com o sagrado, com pessoas que estão geograficamente distantes, com fatos relevantes que acontecem em diferentes partes do globo, além de ser um meio de comunicação que integra indivíduos e ainda proporciona momentos para se informar sobre o mundo a sua volta e se entreter.

Conceber a televisão a partir da ótica de Orozco (2005) implica, então, em lê-la como um espaço onde circulam informações e opções de entretenimento e como um meio que possui estratégias diferentes de sedução. A imagem, muito importante para esse meio de comunicação, traz um caráter de veracidade que a audiência tende a aceitar como real, uma vez que acompanha o que está sendo mostrado “com os próprios olhos”.

Para Temer (2014b, p. 31), assistir televisão “é antes de tudo embarcar em um mundo de imagens que parecem sedutoramente reais e verdadeiras, mas que na verdade são representações.” Ou seja, a TV se apresenta como um meio de comunicação de difusão em larga escala que mostra a realidade tal como ela é, mas o que ocorre é justamente a exibição de representações do mundo.

De acordo com Orozco (2005), esse atributo de “mostrar a realidade” tem condições de incitar diversas ações na audiência. “A TV, enquanto um meio técnico, tem a qualidade de representação da ‘realidade’ que permite a ela provocar uma série de reações no público, sejam de cunho racional ou emotivo” (OROZCO, 2005, p. 29). Daí é

possível observar na programação televisiva diversos gêneros, formatos e outras propostas voltadas ao humor, à informação, à solidariedade, ao envolvimento emocional, à distração e a tantas outras estratégias.

A aceitação da TV foi tão grande em alguns países, que ela passou a integrar o dia-a-dia das pessoas. A atividade de consumir conteúdo televisivo em muitos lares chegou a ser um momento de união física da família, bem como um marcador temporal que estabelecia o horário das refeições ou até mesmo de compromissos sociais (REZENDE, 2000). Cabe pontuar que, atualmente, a televisão já não possui a mesma primazia do final do século XX, mas sua importância permanece como meio de comunicação.

O Brasil é um exemplo de país no qual a televisão foi bem aceita pela população. Este meio de comunicação chegou em território brasileiro em 1950 pelas mãos do empresário da área de comunicação Assis Chateaubriand. Para a “inauguração” foram importados cerca de 200 televisores: alguns instalados em locais com movimento significativo de pessoas e outros em lares de famílias que possuíam alto poder aquisitivo. Essa forma de chegada da TV ao país já diz muito sobre seu perfil nessa primeira fase: restrita a poucos indivíduos e naturalmente elitista, uma vez que este era um aparelho caro e pouco acessível (EMERIM, 2015).

Esse perfil não durou muito tempo. Até o final do século XX, a TV ganhou outro *status*: ela se popularizou e se tornou mais acessível, financeira e tecnicamente falando. Não demorou muito para que ela se tornasse o meio de comunicação predileto do brasileiro. Rezende (2000, p.23) destaca alguns motivos que podem explicar essa predileção, inclusive, em comparação a outros países.

Vários fatores contribuíram para que a TV se tornasse mais importante no Brasil do que em outros países: a má distribuição da renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 1970, a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa teledramaturgia.

Como salienta Rezende (2000), no Brasil há um predomínio da oralidade sobre a escrita. Também é possível colocar em evidência o analfabetismo nesse contexto. Parte significativa da população não sabia ler e escrever quando a TV chegou ao Brasil, portanto, havia uma dificuldade significativa de apreensão de informações sobre o mundo pelo jornal impresso. A televisão, ao unir som e imagem e solicitar menos esforço para a compreensão de informações, acabou por se tornar um meio mais interessante. À medida

que os aparelhos foram se tornando mais acessíveis, aumentava o apreço e a adesão do brasileiro com relação a esse novo meio.

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 dão conta de que atualmente mais de 60% da população assiste TV diariamente e busca o meio de comunicação para se informar. Esse índice geral já foi mais elevado, mas ainda hoje há uma clara predileção pela televisão. Em 1979, por exemplo, produtos televisivos como o Jornal Nacional, telejornal mais antigo da Rede Globo de Televisão, chegou a alcançar quase 80% da audiência nacional (RESENDE, 2000). Ou seja, a televisão e o telejornalismo brasileiro já ocuparam maior espaço na sociedade, mas ainda hoje há interesse visível por esse meio.

Um elemento ainda precisa ser destacado com relação a chegada da TV no Brasil: ela nasce no país pautada pelo modelo comercial (MELLO, 2014). Diferentemente de alguns países europeus que priorizavam a educação, a noção de serviço ao público e a formação dos indivíduos para o exercício da cidadania, a televisão brasileira nasceu diretamente ligada à lógica comercial, ou seja, dependente de verbas de empresários externos e sempre vinculada aos interesses de patrocinadores. Esse aspecto, em específico, impactou (e ainda impacta) significativamente o desenvolvimento do telejornalismo no país.

Apesar do caráter comercial, esse meio de comunicação tem condições de agregar à sociedade. Becker (2016) discute, entre outros pontos, essas contribuições que a TV e o jornalismo podem oferecer.

A televisão e seus telejornais oferecem uma forma familiar de entender o mundo e contam a história cotidiana por meio de uma tessitura singular de imagens e palavras e da combinação de outros códigos audiovisuais, uma espécie de linguagem universal que mistura informação e desinformação, já reconhecida pelas audiências, as quais ainda encontram na TV um ponto de referência no ambiente midiático e na vida social. (BECKER, 2016, p. 14)

A televisão, de fato, auxilia os indivíduos a se localizarem no mundo, como destacam, por exemplo, Vizeu (2005) e Porcello (2006). Ela oferece a todo tempo elementos do real representados por meio da articulação entre som e imagem em movimento. Ela tem condições, inclusive, de nortear a audiência quanto a valores, tradições, atualidades e todo um mundo externo à casa do telespectador, que consegue acompanhar tudo isso passeando pelos canais, tendo como guia um controle remoto e seu interesse.

Nesse contexto, o jornalismo feito para TV é de fundamental importância. Becker

(2016) entende o telejornalismo como um gênero da televisão, mas também como uma instituição social. Sendo um gênero televisivo, o telejornalismo está vinculado a uma noção de estrutura que se repete independentemente da emissora e a elementos pontuais como formato, estilo, linguagem própria e afins. Sendo uma instituição social, o ângulo muda. Trata-se de observar itens como poder e atuação social, efeitos da visibilidade de um telejornal e impactos da circulação de produtos telejornalísticos na sociedade.

Emerim (2015) aponta que o jornalismo encontra na TV um

espaço de apresentação dos fatos do mundo, um espaço privilegiado, que o espectador acessa, como numa 'janela', diferentes realidades, contextos e situações que ele (o telespectador) não está presente de fato, mas de forma mediada, participando através do olhar das câmeras.” (EMERIM, 2015, p. 209)

Emerim (2015) privilegia a questão da mediação em sua argumentação. A pesquisadora destaca uma tecnologia diretamente envolvida no processo: a câmera. Essa mediação faz com que o telejornalismo se preocupe com a angulação geral da notícia, mas também com o enquadramento que será exibido no vídeo, bem como com o tempo de televisão disponível e aspectos semelhantes.

Entretanto, essa não é a única mediação presente. O próprio telejornal media a relação do telespectador com uma série de fatos sociais que são convertidos em notícia e levados até às pessoas por meio de um televisor. E nesse caso, a câmera é só mais um recurso tecnológico. Essa mediação acaba por envolver uma série de atores sociais, processos específicos e tecnologias.

Porcello (2006) entende que a TV, e o telejornalismo de modo específico, atualmente funcionam como uma nova praça pública. “A praça pública onde os gregos se reuniam na antiguidade para discutir a sociedade, hoje é representada pela mídia, com ênfase na televisão por ela representar o meio com maior alcance e visibilidade.” (PORCELLO, 2006, p. 86) Dessa forma, a TV é também estratégica, socialmente falando.

Ao contar com maior visibilidade e alcance de pessoas, a televisão torna-se um meio de comunicação oportuno para a discussão de questões sociais. Os assuntos que recebem os holofotes da TV, principalmente no telejornalismo, têm mais chances de integrarem as conversas cotidianas dos indivíduos, mas também a pauta de representantes políticos.

Algumas características pontuais do telejornalismo também podem ser destacadas. A primeira delas é o compromisso com a atualidade.

A atualidade é um vínculo central que se estabelece entre a audiência e o telejornal. A ausência desse fator tornaria o telejornal obsoleto uma vez que não haveria interesse do público em assistir o que já é conhecido, o que não é atual. Por isso, a preocupação constante no telejornalismo em apresentar qualquer notícia como se estivesse ocorrendo no momento da apresentação do noticiário. (VIZEU, 2005, p. 108)

A atualidade é valorizada na fala dos apresentadores dos telejornais, no conteúdo dos noticiários, mas também nas peças publicitárias de emissoras jornalísticas, que assinalam o compromisso do telespectador a todo tempo de levar à audiência sempre a informação mais precisa e atualizada possível. Isso se reflete no significativo investimento de entradas de repórteres ao vivo no local dos acontecimentos.

Vizeu (2005) também salienta a questão do tempo no conteúdo do noticiário. No geral, os telejornais trabalham com reportagens de 1 minuto e 30 segundos para conseguir abordar o máximo de assuntos em uma única edição. A consequência é a dificuldade que os telejornais têm em discutir temas com profundidade. Além disso, o autor também lembra que o tempo no telejornalismo é abstrato. “A temporalidade no noticiário não é uma cronologia, ou seja, não é uma medida de tempo que reproduz, como um espelho, o tempo do fato; é uma temporalidade produzida.” (VIZEU, 2005, p. 120)

Cabe ainda trazer a essa reflexão uma característica do telejornalismo, que, inclusive, é muito utilizada de forma estratégica: o uso do “nós”. “Isso é muito comum quando o locutor/apresentador recorre ao: Nós vamos ver, Vamos conferir, etc. O telespectador é convidado a assistir determinada notícia como se estivesse na sala da casa do apresentador.” (VIZEU, 2005, p. 112) O objetivo é, segundo o pesquisador, tornar o telespectador um coparticipante do noticiário.

Ainda sobre as características do telejornalismo, Stam (1985) explica que o telejornalismo comumente excita a curiosidade do telespectador com o objetivo de mantê-lo sintonizado e vidrado no conteúdo veiculado. O telejornal está sempre buscando ser atraente, sedutor e convidando a sua audiência a permanecer até o final do programa jornalístico. Essa tentativa pode ser constatada no anúncio constante das matérias que serão veiculadas, no agradecimento pela “preferência” do telespectador pela emissora, mas também na escolha cuidadosa de imagens e estilos de pauta e de linguagem, que são pensados para agradar e fidelizar essa mesma audiência.

O telejornalismo busca provocar emoção e gerar sensibilidade no público (MARCONDES FILHO, 2002). Essa postura pode ser percebida em momentos como: a

seleção de pautas para o telejornal, que pode priorizar assuntos de interesse humano em detrimento de outros; a escolha dos enquadramentos de algumas imagens, que destacam sentimentos da fonte que está sendo entrevistada; mas também pode ser enxergada na forma do repórter contar algumas histórias; e quando o telejornal busca gerar empatia e aproximação entre o apresentador e o telespectador.

Além disso, o telejornalismo concede prova de existência às pessoas, coisas e acontecimentos (MARCONDES FILHO, 2002). Essa prova é possível principalmente por meio da imagem, que na TV aparece em movimento. No momento em que o telespectador acompanha as cenas do ocorrido, ele tem o entendimento de que viu, de fato, o que aconteceu. Estudiosos do jornalismo já mostraram que o material veiculado nunca é o fato puro e nem tampouco o espelho da realidade, mas essa é a percepção que o telespectador ainda alimenta.

O vínculo do telejornalismo com questões comerciais também é um aspecto pertinente, principalmente no caso brasileiro. A televisão comercial depende de audiência e, por isso, precisa se “vender” (STAM, 1985). Por esse motivo, frequentemente as emissoras de TV promovem comerciais sobre si mesmas, usam da credibilidade do jornalismo para reforçar sua ligação com o público, produzem campanhas institucionais que reforçam os laços com sua audiência, realizam mudanças em sua programação e até na linha editorial, se for necessário, para manter fiel esse telespectador, que é seu principal aliado na busca por patrocinadores, e que é, enfim, um dos principais sustentos da produção do telejornal.

Em função dos vínculos comerciais, o telejornalismo brasileiro já incorporou uma ligação estreita com o anunciante. Esse aspecto faz com que eventualmente o telejornalismo negligencie elementos básicos presentes no discurso social que embasa jornalismo, como manter o interesse público em primeiro lugar, em função do vínculo com determinados empresários.

Com relação a elementos da estrutura do telejornal, cabe trazer as contribuições de Rezende (2000). O pesquisador aborda os gêneros e formatos recorrentes no noticiário televisivo, a partir das contribuições do investigador José Marques de Melo. De acordo com Resende (2000), os gêneros mais comumente presentes no jornal feito para TV são o informativo e o opinativo. Fazem parte do gênero informativo cinco formatos: nota (relato sintético e objetivo de um fato), notícia (relato um pouco mais completo que a nota), reportagem (relato ampliado do acontecimento), entrevista (diálogo entre o

jornalista e uma fonte) e indicador (matérias que indicam tendências e resultados importantes para o telespectador como meteorologia e dados do mercado financeiro).

Já com relação aos formatos pertencentes ao gênero opinativo, a lista de Rezende (2000) explicita apenas 3: editorial (expressão da opinião da emissora com relação a um tema atual), comentário (análise ou interpretação feita por um especialista no assunto), e ainda a crônica (material que se situa entre o jornalismo e a literatura, onde o jornalista fala de um assunto usando principalmente de lirismo ou ironia).

Apesar de Rezende (2000) não destacar, é válido salientar que, para Assis e Melo (2010), podem integrar a estrutura do telejornal também os gêneros interpretativo, utilitário e ainda o diversional. Em termos de formatos, o gênero interpretativo conta com análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê; já o utilitário com indicador, cotação, roteiro e serviço; e o diversional com história de interesse humano e história colorida.

A escolha dos gêneros e formatos auxiliam no entendimento das estratégias dos telejornais e revelam intenções que não necessariamente vêm expressas de forma explícita no conteúdo dos noticiários televisivos.

3.1 O TELEJORNALISMO LOCAL

Falar de telejornalismo e telejornalismo local implica considerar que há aspectos diferenciados envolvidos nessa discussão. Apesar do telejornalismo local carregar consigo os princípios gerais do telejornalismo e do jornalismo como um todo, evidentemente, ele possui algumas especificidades que precisam ser salientadas. A primeira questão importante nesse sentido é a delimitação do que é esse “local”.

Aguiar (2016) explica que o uso intercambiado dos termos “jornalismo local”, “jornalismo regional” e “jornalismo de interior” é muito recorrente nas pesquisas jornalísticas. Em sua pesquisa, que reuniu 908 artigos brasileiros sobre esse tema, foram encontradas 34 expressões diferentes para esse tipo de jornalismo. Para não incorrer nesse equívoco, esta pesquisa se apoia nas contribuições desta autora.

Vale pontuar que o modelo apresentado por Aguiar (2016), feito a partir de Souza (2010), não é pensado especificamente para o telejornalismo. A autora pensa no jornalismo como um todo ao organizar as “regiões jornalísticas” dispostas no quadro abaixo. Entretanto, o modelo é aplicável ao telejornalismo sem nenhuma dificuldade.

Escala	Níveis	Recortes espaciais	Exemplos jornalísticos/midiáticos
Local	hiper local	"nanoterritórios": prédio público, unidade habitacional, rua, quadra	jornal mural, rádio-poste, newsletter, intranet, fanpage, etc
	microlocal	quarteirão, sub-bairro, bairro, setor geográfico, comunidades rurais	jornal de bairro, rádio comunitária, site zonal, blog, etc
	mesolocal	município, cidade, centro urbano	pequena imprensa, TV comunitária, agregador de sites e blogs microlocais
	macrolocal	metrópole, região metropolitana	jornal, rádio, TV e webportal locais
Regional	microrregião	aglomerado de pequenas cidades	jornal e portal local, rádio e TV locais
	mesorregião	aglomerado de pequenas cidades em torno de uma cidade-polo	jornal local-regional, rede regional de TV
	Estado	unidade da federação	"grande imprensa" das capitais
	macrorregião	divisão político-administrativa	grupos midiáticos regionais ou nacionais
Nacional	país	território nacional / áreas urbanas fronteiriças	rede nacional de TV, webportal nacional / jornal, rádio, TV e portal fronteiriços
Internacional	continente	grupos de países de um continente / zonas intracontinentais / áreas transcontinentais	agências internacionais de notícias / agências regionais de notícias
Global	mundo	totalidade dos países, articulações intercontinentais	corporações midiáticas transnacionais

QUADRO 1 - RECORTES ESPACIAIS E SUAS ESCALAS

FONTE: Aguiar (2012)

O *Jornal Anhanguera 1ª edição*, objeto de estudo da presente investigação, configura-se como um telejornal de escala local, em nível macrolocal, por ser direcionado à Goiânia e sua Região Metropolitana. Apenas um dos quatro blocos do noticiário é transmitido para todo o estado de Goiás. Por esse motivo, nesse tópico a discussão versa especificamente sobre o telejornalismo local.

Em segundo lugar, é oportuno trazer elementos da trajetória do jornalismo brasileiro feito para TV, com foco no âmbito local. O telejornalismo no Brasil foi incluído na grade de programação já no início da era da TV e nasceu justamente com a

característica de ser local ou, no mínimo, regionalizado. A TV Tupi de São Paulo, primeira emissora brasileira, teve sua estreia oficial no dia 18 de setembro de 1950 e no dia seguinte levou ao ar o primeiro telejornal, o “Notícias do Dia” (MELLO, 2014). Apesar de muitas das matérias abordarem assuntos relacionados aos Estados Unidos, a ênfase do conteúdo estava assentada no aspecto local.

Nesse período, ainda não havia ocorrido a chegada do satélite e da tecnologia de difusão por micro-ondas no Brasil e a capacidade de produção e difusão só permitia a veiculação de notícias em âmbito local e de elementos mais gerais do país. O telejornalismo em rede se tornou viável, tecnicamente falando, somente a partir de 1967 (EMERIM, 2015).

É preciso salientar também que no Brasil fala-se mais em um telejornalismo local do que regional. A predominância do primeiro tipo em detrimento do segundo está diretamente relacionada às grandes emissoras de televisão, que operam no país em cadeia. No geral, há uma “cabeça de rede” ou “emissora líder” que distribui seu conteúdo no território brasileiro por meio de um sistema de afiliadas. Essas afiliadas, na maioria dos casos, difundem conteúdo para suas cidades ou regiões de alcance.

Com relação às especificidades do telejornalismo local, e de seu principal produto, o telejornal, vale o apoio nas contribuições de Moraes (2012), Aguiar (2016), Peruzzo (2005) e Neveu (2006). A primeira característica a ser salientada, nesse sentido, está relacionada ao vínculo social e a possibilidade de “resolver” demandas que o telejornalismo local carrega consigo. “A informação sobre a realidade local reforça a identificação com o telespectador e o vínculo social entre os cidadãos, mas ao mesmo tempo é a oportunidade de atender demandas políticas e econômicas” (MORAES, 2012, p. 23).

O telejornal além de reforçar o vínculo que os indivíduos têm com o espaço em que vivem e constroem suas vidas, também pode conferir visibilidade aos problemas que a comunidade enfrenta. Questões relacionadas à política local, à segurança em um determinado bairro, à saúde, à educação ou qualquer outra questão que afete diretamente a vida da cidade será certamente privilegiada nesse tipo de produto jornalístico, contando inclusive, com um olhar mais próximo de alguém que conhece e faz parte dessa comunidade, mesmo que minimamente.

Essa percepção mais sensível das demandas de um espaço tão delimitado é possível justamente pela proximidade geográfica. Esse item é basilar no jornalismo local. Na verdade, são dois aspectos que tornam esse jornalismo tão particular e diferente da

“grande imprensa”, conforme Aguiar (2016, p. 17): “[...] a maior proximidade geográfica em relação aos fatos que reportam, com os leitores que privilegiam e com as fontes às quais dão voz; e a forte identidade sociocultural e político-econômica com os territórios em que circulam (ou que alcançam).” Inclusive, é um elemento sempre presente nos estudos sobre esse tema.

Peruzzo (2005) discute pontualmente o jornalismo local e reforça alguns desses pontos que aqui estão sendo salientados. Segundo a investigadora, esse tipo de jornalismo se configura como um possível espaço para o “atendimento” dessas demandas, já que “o meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais, etc”. Assim, aquilo que é preocupação primordial para os indivíduos dessas regiões, terá sempre grandes chances de receber espaço nessa imprensa.

O nível de envolvimento dessas empresas jornalísticas, que têm crescido significativamente no interior do país, depende principalmente dos interesses e da política editorial de cada uma delas (PERUZZO, 2005). Pela proximidade geográfica, espera-se que elas considerem em suas pautas a realidade, inclusive, as mazelas do local em que se encontra instalada.

O telejornalismo local privilegia o contato com a comunidade em que está instalado, ou pelo menos se orienta por esse ideal. “O ‘local’ se confunde, assim, com o que nos circunda, está ‘realmente presente’ em nossas vidas. Ele nos reconforta com sua proximidade, nos acolhe com sua familiaridade.” (AGUIAR, 2016, p. 30) Nos últimos anos, esse comportamento tem se tornado mais acentuado com a inclusão de temas ligados à cidadania no conteúdo desses programas jornalísticos e com a “defesa” do cidadão, tão enfatizada em noticiários de afiliadas da Rede Globo de Televisão, SBT e Record.

Em sua análise, Peruzzo (2005) também chama atenção para algumas dificuldades existentes nesse cenário: a conveniência de determinados produtores de notícia que se apoiam excessivamente em fontes oficiais, o aproveitamento intencional e acrítico de releases vindos de assessorias de imprensa, que também é visto como um ponto negativo por Aguiar (2016), além, é claro, das ligações políticas e partidárias, que acabam por comprometer a qualidade da informação. Para a autora, apesar dessas situações possíveis há grande potencial nessa relação jornalismo-comunidade.

Neveu (2006), assim como Moraes (2012) e Peruzzo (2005), destaca a relação de proximidade com o público, mas acrescenta os laços estabelecidos com as fontes e o

comportamento dos jornalistas nesse tipo de realidade, a local.

Ela [a imprensa] é levada a selecionar os personagens, os acontecimentos que valorizem o ‘nós’ territorializado, por isso a importância dada às vitórias locais e à vida associativa e, correlativamente, a extrema prudência na cobertura de tudo que pode gerar conflitos entre os atores do local, além da quase inexistência de furos sobre ‘escândalos’ que ponham em discussão os poderes locais. (NEVEU, 2006, p. 56)

Esse zelo por não veicular escândalos é um ponto discutível da argumentação de Neveu (2006), quando se trata da realidade atual brasileira, e da goiana e goianiense, em específico. Nota-se que os telejornais têm buscado se posicionar, mesmo que apenas em um nível superficial, ao lado dos cidadãos. Por esse motivo, sim, tem sido possível averiguar casos negativos vinculados a poderes, políticos e outros personagens de destaque no cenário social local.

Outros elementos específicos desse tipo de jornalismo como os menores recursos financeiros de que dispõem e a estrutura inferior de equipamentos e de pessoal, também precisam ser evidenciados quando há “comparação” a uma estação de abrangência nacional. Enfim, esses elementos aqui apresentados não esgotam a discussão, mas já possibilitam a percepção de que há uma diferença significativa e que não se pode analisar um telejornal local na expectativa de que ele atenda aos mesmos requisitos e configurações daquele que é feito por uma televisão que difunde conteúdo em cadeia nacional.

3.2 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO TELEJORNALISMO

As mudanças vivenciadas pelo jornalismo nos últimos anos têm impactado o telejornalismo em seu conteúdo, modo de fazer e de relacionar-se com a audiência. Gradim (2015) explica que esse é um processo muito mais amplo e que envolve alterações econômicas e políticas, bem como de mercado, tecnológicas e produtivas. Não trata-se então de mudanças pontuais e nem mesmo localizadas, do ponto de vista geográfico.

As primeiras [mudanças] traduzem-se na omnipresente globalização, desindustrialização do ocidente em favor do oriente, financeirização da economia, e crise do trabalho. As alterações de mercado são visíveis na consolidação de lógicas concorrenciais de mercado, de que são sintomas a aposta na espectacularização, o infotainment, a tabloidização da informação, a compressão de custos, a novelização dos telejornais, o esvaziamento do jornalismo de investigação, e a colonização dos espaços de opinião e comentário pelos políticos; bem como, além disso, a inexistência de uma estratégia de

assimilação/reação ao online, cuja concorrência preocupa todos os meios. (GRADIM, 2015, p. 69)

Os reflexos desse conjunto de transformações, pelas quais o mundo passa e que refletem de modo significativo no telejornalismo, já estão sendo registrados em bibliografias recentes da área, a exemplo de Becker (2016), Souza Filho (2015) e Moraes (2012). Esse é um processo que teve início na década de 1990 com a “popularização” da internet (SOUZA FILHO, 2015). No Brasil, a internet só se tornou acessível nos anos 2000, assim como algumas outras tecnologias só chegaram ao país e se vulgarizaram nesse mesmo período, a exemplo dos telefones celulares e da TV por assinatura. Logo, as mudanças brasileiras só passaram a causar mais impacto no início do século XXI.

Gradim (2015) afirma ainda que essa mudança de cenário é a mais radical alteração da produção jornalística desde o surgimento da prensa móvel. Elementos como digitalização, mobilidade e ubiquidade são, segundo a autora, itens que tem transformado o jornalismo, de modo geral, mas também a televisão e o telejornalismo. As redações têm sentido os efeitos desse novo momento. Lembrando que a chegada de cada uma dessas TICs interfere significativamente nesse cenário, mas o mais relevante é perceber como as pessoas e profissionais tem se apropriado desses recursos. É essa apropriação que tem causado tantas mudanças estruturais.

Serra, Sá e Souza Filho (2015) reforçam que esse é um período de novos desafios e de muitas dúvidas. “Assistimos a uma hiper-segmentação de públicos a um aumento do poder de escolha do espectador e a um desencontro das conveniências do programador e do receptor.” (SERRA, SÁ E SOUZA FILHO, 2015, p.1) Todo esse novo cenário ainda é muito novo para quem está nas redações. Os caminhos da mudança ainda estão sendo descobertos.

Como esse é um processo que ainda está em curso, é possível especular que emissoras se encontram em posições desconfortáveis na busca por agradar seus anunciantes e a audiência. Becker (2016) sintetiza algumas mudanças no telejornalismo registradas nesse novo momento. De acordo com a investigadora, nos últimos anos houve transformação no cenário dos telejornais; a inclusão de breves movimentações dos apresentadores nos estúdios; um novo comportamento de âncoras e repórteres, que passam a ter uma performance mais informal; bem como mudanças no tamanho dos blocos dos noticiários, que já não possuem mais duração fixa.

Também é possível listar a diminuição no tamanho da bancada; modificação dos

estúdios, que passam a ser pensados em função da movimentação dos jornalistas; os apresentadores e convidados passam a explorar mais o plano americano. Há também investimento na linguagem coloquial; intensificação do relacionamento apresentador-repórter por meio de telas de plasma e com uma atuação cada vez mais personalizada; incremento de entradas ao vivo; e maior uso de fragmentos em vídeo captados por câmeras de segurança, imagens, infográficos e conteúdos colaborativos (BECKER, 2016).

A partir da percepção de que há diferentes fatores tensionando a TV e o telejornalismo nesse processo de reconfiguração, faz-se aqui um corte que prioriza as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, por acreditar que elas são um dos principais fatores causadores de mudanças dentro desse cenário e, mais precisamente, foca-se nos usos e apropriações que tem sido feitas com relação a elas.

Nesse sentido, vale a pena evidenciar as principais tecnologias que impactaram o fazer jornalístico no meio televisivo brasileiro, a partir dos anos 1950, que é quando a TV chega ao país, ressaltando os impactos das TICs, principalmente a partir dos anos 1990, que é quando se percebe mais mudanças estruturais.

A TV chega ao Brasil influenciada pelo rádio e pelo cinejornal, noticiários exibidos no cinema antes do filme principal (MELLO, 2014). Como os recursos eram precários, os programas eram transmitidos ao vivo, deixando passar inclusive alguns erros, as imagens eram em preto e branco, não tinham duração fixa e não havia grade de programação.

No início da década de 1960, a televisão foi gradativamente experimentando o videoteipe. A apropriação dessa tecnologia pelos profissionais das redações televisivas fez com que houvesse uma mudança na lógica de produção e, conseqüentemente, no conteúdo da televisão. Já não era mais preciso lidar com o imprevisto das gravações ao vivo. Passou a ser possível gravar e regravar o conteúdo, garantindo um salto de qualidade ao telejornalismo, bem como nos programas de outros gêneros. Além disso, houve também uma mudança de hábito.

Nos anos 1960, o surgimento do videoteipe revolucionou a produção, porque tornou mais ágeis a realização e transmissão dos programas. Os telejornais ocuparam efetivamente o lugar dos programas de notícia do rádio como as principais fontes de informação. O uso do videoteipe na televisão brasileira também tornou possível a implantação de uma estratégia de programação horizontal – dividida em faixas horárias nos diversos dias da semana. Esse modelo de programação, com programas diferentes a cada dia, contribuiu para a criação do hábito de assistir

televisão diariamente e atraiu a atenção do telespectador. (BECKER, 2016, p. 33).

A apropriação do videoteipe também possibilitou a existência de outras técnicas que persistem até os dias atuais, como a criação do modelo “off + passagem + sonora” (EMERIM, 2015). Como antes era necessário fazer tudo ao vivo e não havia como armazenar as imagens, os formatos viáveis eram a nota ao vivo, texto lido pelo repórter durante o noticiário, e a nota coberta, que contava com imagens no momento da leitura do texto (MELLO, 2014).

O momento de transição do filme preto e branco para o filme colorido também foi um marco na história do telejornalismo. A primeira transmissão oficial em cores, em rede nacional, se deu em 1972, quando foi ao ar mais uma edição da Festa da Uva, na cidade de Caxias, no Rio Grande do Sul. As cores traziam qualidade de imagem, mas também convidavam o telespectador para uma nova era da TV. Inaugurava-se aqui uma nova estética para a televisão.

Um outro recurso que colaborou com o processo de evolução do telejornalismo foi a transição de *U-matic* para *Betacam*. O primeiro era um formato de fita de vídeo analógico de gravação (com o filme de $\frac{3}{4}$ de polegada), que chegou ao mercado em 1971, e, o segundo, uma família de formatos de videoteipes (com filme de $\frac{1}{2}$ polegada), que foi comercializado a partir de 1982. Essa transição possibilitou melhor qualidade de imagem e maior capacidade de armazenamento (o que permitia mais conteúdos no telejornal), além de possibilitar a diminuição dos equipamentos, o que dava maior mobilidade para os profissionais.

A chegada do satélite e do micro-ondas também impactou o telejornalismo. Segundo Emerim (2015), o satélite interferiu pouco na estética e na produção dos telejornais, mas a tecnologia de difusão por micro-ondas, instalado no país pela Empresa Brasileira de Telefonia (Embratel) a partir de 1967, possibilitou a criação de uma estrutura de redes de televisão. Esse passo viabilizou um processo de maior integração do país, o que impactou diretamente a nação em dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais.

Nessa listagem, também é válido destacar a chegada dos microcomputadores ao mercado. O primeiro computador de uso doméstico foi disponibilizado para venda a partir de 1980, apesar de sua popularização só ter se dado no Brasil nos anos 2000. A apropriação dessa tecnologia também impactou as rotinas produtivas de forma

significativa. A partir daí o trabalho de edição se tornou mais ágil e o armazenamento de materiais gravados passou a ser mais viável, por exemplo.

Com a chegada da internet, o uso do computador se tornou ainda mais estratégico nas redações. O uso dessa nova TIC não impactou somente a redação, como também transformou (e ainda segue transformando) a sociedade como um todo. O relacionamento com essa tecnologia estimulou mudanças, no mínimo, na noção que os indivíduos têm de tempo, de espaço e de interação. Nesse momento, os processos de midiatização, como foi discutido no início dessa reflexão, ganham força considerável.

Outra TIC que impulsionou transformações no telejornalismo, principalmente o local, foi a TV por assinatura. As primeiras transmissões foram feitas no Brasil na década de 1980 e dados da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA) mostram que até julho de 2016 já foram registrados mais de 18 milhões de assinaturas dessa nova tecnologia.

Becker (2016) ressalta que a chegada da TV por assinatura estimulou mudanças nos programas da TV brasileira naquele momento. A veiculação de conteúdos da MTV, primeira emissora segmentada do país, instalada em 1990, por exemplo, evidenciou novas possibilidades aos profissionais das redações brasileiras daquele momento, que passaram a investir em novas propostas.

A estética da MTV – a narrativa não linear, a velocidade das informações audiovisuais, os enquadramentos e movimentos de câmera inovadores – influenciou muitos programas da TV Brasileira, como o Fantástico e o Esporte Espetacular, ambos da Rede Globo, que passaram a utilizar elementos dessa linguagem, como a computação gráfica na criação de cenários e a inserção de textos verbais sobre as imagens na tela. A uniformização e a massificação começaram a dar lugar à segmentação, uma característica de todos os canais transmitidos a cabo ou em UHF até hoje. (p. 39)

O estudo de Moraes (2012) mostra que, em Goiânia, a popularização desses canais por assinatura no final da primeira década dos anos 2000 interferiu no telejornalismo local. A autora explica que houve uma migração de público com maior poder aquisitivo para a TV paga, o que fez com que as emissoras “abertas” precisassem repensar sua postura e estratégia. O assunto será abordado com maior atenção mais adiante.

Outra tecnologia importante foi a telefonia móvel. Os primeiros telefones móveis surgiram no Brasil em 1990 e hoje, segundo a Anatel, o país já é o quarto do mundo com maior quantidade de celulares. Inclusive, o número de ativações já ultrapassa o número de habitantes, em torno de 283 milhões de acessos, o que corresponde a 1,37 linhas por

cidadão. Com essa tecnologia, os telespectadores passaram a ter maiores condições de interagir com o telejornal, principalmente o local. Se em 1990 uma ligação era cara e pouco acessível, agora é possível interagir por meio de chamadas com custo significativamente menor, mas também por outras formas: *e-mail*, *WhatsApp* ou mesmo pelo *Facebook*.

Com o desenvolvimento de aparelhos telefônicos cada vez mais sofisticados, o telespectador tem conseguido também produzir conteúdo e já encaminhar às redações dos noticiários. Diante desse novo cenário, cresce a demanda do público para “participar” de maneira mais efetiva da produção dos telejornais, outra mudança expressiva que se manifesta nesse novo momento. Esse movimento vai aos poucos tensionando o telejornalismo local, a pensar em novas formas de abertura e participação de sua audiência.

Além das TICs já citadas, ainda seria possível mencionar outras como: a TV digital, os diversos lançamentos de câmeras para captação de áudio e imagem, que são mais leves e dão maior mobilidade ao telejornal, as TVs de plasma, o *WI-FI*, o *bluetooth*, dentre outros recursos. Elas também impactaram (e ainda hoje impactam) o fazer jornalístico na TV. Entretanto, o que se espera com essa discussão é evidenciar as principais contribuições. Acredita-se aqui que esse panorama já evidencia a interferência das TICs nos noticiários televisivos e seu papel fundamental nesse processo de reconfiguração do telejornalismo.

4. O JORNALISMO COMO ALIADO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA NO BRASIL

A elaboração da Constituição de 1988, apelidada de “Constituição Cidadã”, gerou uma expectativa de uma transformação mais profunda na realidade brasileira (CARVALHO, 2014; ABREU, 2009). A verdade é que, apesar dos avanços ocorridos principalmente na primeira década dos anos 2000, com a gestão de governos alinhados à esquerda, o Brasil ainda permanece com graves problemas estruturais. Ainda hoje há pessoas em situação de miséria, sem saneamento básico, crianças longe da escola e adolescentes envolvidos na prostituição ou com a criminalidade. Além disso, a falta de emprego ainda impera ao lado de tantos outros problemas de ordem estrutural.

Nesse contexto, o jornalismo pode atuar como um aliado dos indivíduos na caminhada pela plenitude da cidadania. Como explica Abreu (2009, p. 178), a imprensa pode atuar como um coparticipante no processo de construção da cidadania. A informação que ela veicula pode ser decisiva. “A informação transmitida pela mídia permite ao cidadão alargar o seu conhecimento sobre as questões públicas, evidentemente não sobre o todo, mas sobre parte do que se passa na sociedade.” As notícias colocam no centro do debate social acontecimentos pertinentes para o dia a dia dos cidadãos, bem como dão visibilidade a situações problemáticas, criticam posturas de órgãos, instituições e personalidades públicas.

Gentilli (2005) salienta que a informação é um direito do cidadão e pode interferir significativamente no curso do desenvolvimento da sociedade. Para o investigador, a informação é um “direito-meio”, uma vez que abre as portas para outros direitos. “Com a expressão ‘direito-meio’ estou querendo dizer que o direito à informação não se realiza em si mesmo, não se concebe a informação como algo com valor em si mesmo.” (GENTILLI, 2005, p. 130) Não é possível usufruir e nem tampouco reivindicar aquilo que não se conhece. Sem o conhecimento necessário pouco se pode fazer para alterar uma realidade.

Ao pensar a informação como um direito formalmente estabelecido e ao vinculá-la diretamente ao Estado, Gentilli (2005) traz como exemplo a obrigação que o próprio poder público tem de veicular informações sobre determinada doença em um momento de surto ou de risco de epidemia. No entanto, o investigador explica que o Estado não precisa ser a única instituição a colaborar com o cidadão nesse sentido. Empresas que se dizem jornalísticas tem condições de somar na vida do cidadão apresentando a ele

conteúdos importantes para seus processos diários de tomada de decisão. Ao veicular uma matéria sobre direitos trabalhistas, por exemplo, está-se agregando nesse sentido. Vale lembrar que, não há uma obrigação nesse caso, mas essa informação veiculada pelos meios de comunicação jornalísticos é igualmente (ou até mais) útil, socialmente falando.

Gradim (2015, p. 72) salienta a importância da circulação da informação jornalística para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, destacando que as notícias são elemento primordial para o bom funcionamento meio social: “as notícias tornam-se como que o lubrificante da vida social que, especialmente em democracia, necessita de sua circulação para poder funcionar de modo adequado”. A informação não só pode retirar os indivíduos de uma posição de alienação como também pode estimular mudanças.

Quanto maior a quantidade de informação plural circulando em uma sociedade, maiores são as chances dela ser mais democrática (GRADIM, 2015). Os produtos jornalísticos são uma oportunidade para que os indivíduos “acessem” seus direitos, no sentido de tomar conhecimento da existência deles. Da mesma forma, as pessoas podem usar os produtos jornalísticos como uma forma de pressionar governos para que não sejam negligentes.

A ideia de ser um parceiro, ou melhor, um agente a serviço do público, é algo que faz parte do discurso construído acerca do jornalismo e que foi moldado ao longo de séculos. Pesquisadores como Kovach e Rosenstiel (2004), Traquina (2005) e Temer (2014a) enfatizam a importância do jornalismo como um colaborador social e mostram de diferentes formas o quanto esse jornalismo tem a contribuir com a sociedade, principalmente na perspectiva da cidadania.

Em sua análise sobre os elementos do jornalismo, Kovach e Rosenstiel (2004) lembram que o princípio mais importante do jornalismo é justamente manter o público na base de todo o processo. O item “público” sequer integra a “listagem” de princípios que os investigadores identificaram a partir da pesquisa, visto que este seria um elemento que permearia todos os outros. Os pesquisadores reforçam também que cidadãos não são clientes dos meios de comunicação, uma vez que aí existe uma relação de serviço e de lealdade para com esses sujeitos portadores de direito, mas nunca de venda.

Traquina (2005) também fala sobre o jornalismo dentro de uma perspectiva mais voltada para a cidadania. A abordagem traz o conceito de serviço como pano de fundo.

De acordo com o autor, “o jornalismo é visto como um serviço público em que as notícias são como o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos.” (TRAQUINA, 2005, p. 126) Essa metáfora diz muito sobre a importância estratégica do jornalismo no tecido social.

É agregador a esse estudo salientar ainda que o jornalismo tem uma capacidade de difusão de conteúdos que é bastante útil e que pode ser elemento diferencial para a população brasileira. No Brasil, por exemplo, não há a inclusão de disciplinas no ensino básico voltadas para o exercício da cidadania. Dessa forma, pode-se inferir que quando a imprensa difunde reportagens que agregam esse tipo de conhecimento à vida dos indivíduos, pode sim haver um ganho significativo para a sociedade como um todo e para o próprio jornalismo, que reforça seus laços com o público.

Feito esse parêntese, vale retornar às contribuições de Traquina (2005), que relaciona a ideia de jornalismo à figura de um “guardião” da sociedade. Nesse sentido, ele teria a responsabilidade de zelar pelos interesses das pessoas, trazendo informações importantes para o centro do debate social, mas também protegendo o público das incoerências de governos descomprometidos. O jornalismo, na perspectiva de Traquina (2005), seria um verdadeiro “cão de guarda”. Essa é uma visão romântica do jornalismo, porém está na base do ideário jornalístico e é ensinada nas faculdades de jornalismo desde os primeiros períodos.

Kovach e Rosenstiel (2004) enfatizam que o jornalismo deve ser um monitor independente do poder, ou seja, um vigilante que está sempre atento às ações do Estado e de outras instituições sociais relevantes. Os pesquisadores reforçam que é necessário que esse mesmo jornalismo também mostre instituições que funcionem bem, para que os cidadãos tenham parâmetro e saibam diferenciar comportamentos procedentes positivamente daqueles não procedentes, uma vez que o jornalismo auxilia no processo de formação de imagens públicas.

De acordo com Temer (2014a), o comportamento de crítica ao poder público e a outras instituições sociais é comum e é fruto do próprio modelo do jornalismo e do telejornalismo.

De fato, o modelo jornalístico, e em particular o telejornalismo, é vicarial: envolve a noção de que o jornalista tem um dever sagrado de se intrometer em todos os aspectos da vida cotidiana. Mas também envolve um modelo fiscalizatório, de vigilância ao poder público e aos

espaços de interesse público, em uma constante busca por falcatruas e corrupção. (TEMER, 2014a, p. 193-194)

Esse compromisso social faz parte do ideário do jornalismo, apesar de nem sempre ser respeitado pelas empresas jornalísticas. Não é raro encontrar situações em que emissoras ignoram em seu conteúdo escândalos que envolvem seus agentes parceiros. Porém, apesar de terem interesses próprios, os veículos de comunicação não podem se afastar completamente da lógica do jornalismo como um agente que está a serviço da sociedade e que fiscaliza tudo e todos, pois nesse caso o fracasso será inevitável.

Enfim, a relação existente entre o jornalismo e a cidadania tem condições de produzir frutos sociais interessantes para o desenvolvimento da sociedade como um todo, mas também pode virar um elemento de “des-serviço”, caso veículos jornalísticos incorram em excessos, haja erros de apuração, omissões e posicionamentos que mais julguem do que informem, no caso das abordagens relacionadas ao Estado, ou que sirvam mais à interesses privados do que públicos. Considerando o cenário brasileiro quanto à cidadania e as potencialidades do jornalismo nesse sentido, é viável afirmar ainda assim que o cidadão brasileiro pode ganhar ao ter o jornalismo como um aliado.

4.1 O TEMA CIDADANIA NA PAUTA DO TELEJORNALISMO LOCAL

Afirmar que o tema cidadania passou a ser contemplados nos produtos jornalísticos recentemente seria um equívoco. Esse é um assunto que sempre esteve presente no jornalismo, mesmo que com abordagens diferentes, porque a discussão sobre cidadania atende ao interesse público. Entretanto, desde a década de 1990 pesquisadores perceberam, a exemplo de Abreu (2009) e Lattman-Weltman (2006), que esse assunto tem ganhado maior destaque, principalmente nos telejornais locais.

Nesse sentido, a presente investigação destaca a mudança editorial da Rede Globo de Televisão, uma vez que o objeto aqui em estudo é produzido por uma de suas emissoras afiliadas. Segundo informações do site institucional Memória Globo⁵, foi iniciado em 1999 um projeto-piloto direcionado a duas estações da rede: Globo São Paulo e Globo Rio. O objetivo inicial era testar uma nova proposta para os telejornais locais da rede.

⁵ Informações disponíveis em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/sptv/jornalismo-comunitario.htm#>

Caso o resultado fosse positivo, a proposta seria expandida para outras localidades em que a emissora se faz presente. Surgiu assim, o projeto de implementação de um “*jornalismo comunitário*”.

Segundo Lattman-Weltman (2006), que realizou entrevistas com jornalistas que participaram desse período de transição, a proposta partiu de João Roberto Marinho, filho de Roberto Marinho e atualmente vice-presidente do Conselho de Administração do Grupo Globo. O intuito era criar um projeto inspirado no *civic journalism*. Foi nesse momento, que o tema cidadania passou a ser estratégico para a Rede Globo de Televisão e ser cada vez mais presente nos noticiários de suas afiliadas.

Para entender melhor o porquê de a cidadania assumir esse papel estratégico, dentro desta proposta, é necessário compreender, mesmo em linhas gerais, o que é o *civic journalism*. Este é um movimento que surgiu nos Estados Unidos no final do século XX, conforme explicação de Rothberg (2011). A proposta partiu da percepção de que naquele momento os indivíduos estavam perdendo o senso de engajamento cívico de modo expressivo. Por esse motivo, algumas empresas jornalísticas mudaram a forma de se relacionar com o público, passando a concebê-lo, antes de mais nada, como um cidadão. Da mesma maneira, mudaram também alguns procedimentos ou estratégias.

Entre essas estratégias está a criação de grupos focais, a realização de pesquisas de opinião, com o intuito de conhecer melhor o público, além do investimento no aprimoramento nos processos de escuta de demandas sociais e, principalmente, a inclusão do público na construção da pauta jornalística. O objetivo geral era trazer a população para mais perto das discussões sociais, por meio do jornalismo. Nesse contexto, a própria noção de comunidade ganha destaque. A empresa se apropria desse conceito e passa a operar em seus noticiários locais privilegiando o que ela entende por ser esse “jornalismo comunitário”.

Paiva (2003) explica que há pelo menos três noções básicas de comunidade. A noção psicológica associa comunidade à ideia de construção de laços afetivos, de solidariedade, altruísmo e identificação. Já a noção ecológica tem a ver com a ideia de localização de “um grupo com seu território”. Por fim, a noção sociológica reconhece a comunidade como um primeiro nível de organização social. Ela seria completa e suficiente sob essa ótica.

Na comunidade, há o fortalecimento de laços, mas também a formação de

identidades. O mais importante é a ideia de relação. “Um dos princípios básicos do ideal de comunidade é que nela o indivíduo encontra-se ligado, em relação.” (PAIVA, 2003, p. 84) A autora explica que atualmente é possível falar de comunidades sem necessariamente vinculá-las à questão territorial. É viável falar em comunidades religiosas, de médicos ou de vegetarianos, por exemplo.

Entretanto, para as finalidades da presente investigação, privilegia-se o conceito tradicional de comunidade que a vincula a um espaço/território, mas principalmente, à ideia de uma coletividade integrada que compartilha valores e objetivos.

Uma coletividade é definida como comunidade quando seus membros agem reciprocamente, e no confronto com o outro, não pertencente à coletividade, contrapõem de maneira mais ou menos enfática seus valores, normas e costumes. Enfim, os interesses considerados são os da comunidade, dos indivíduos como um todo. (PAIVA, 2003, p. 111)

Retornando à discussão específica sobre o *civic journalism*, cabe dizer que embora ele tenha servido como inspiração para o que a Rede Globo de Televisão identifica como “*jornalismo comunitário*”, não se constata no projeto brasileiro, por exemplo, a realização de grupos focais ou aplicação de pesquisas de opinião. O que fica mais evidente, na verdade, é que esse foi um comportamento conveniente para a emissora, que no final dos anos 1990 enfrentava problemas com os índices de audiência (REZENDE, 2000). Também é possível que seja um primeiro reflexo das mudanças estruturais do jornalismo.

De fato, no final dos anos 1990 parte significativa das pessoas com maior poder aquisitivo no Brasil já tinha acesso à TV por assinatura. Nesse momento, a rede Globo de Televisão precisou dividir espaço, de modo mais enfático, com outros veículos de comunicação. Além disso, nesse período em que vigora um “jornalismo de comunicação” há grande oferta de produtos (CHARRON E DE BONVILLE, 2016). Esse cenário fez com que a empresa precisasse se repensar e desenvolver novas estratégias. Ou seja, surgimento do “*jornalismo comunitário*” não foi aleatório.

Com a implementação do novo projeto editorial, que hoje já alcança todas as emissoras vinculadas à rede, vieram mudanças estéticas, mas também de conteúdo e de linguagem. Os estúdios passaram a ser mais dinâmicos, os apresentadores passaram a aparecer no vídeo em pé e não sentados como anteriormente, houve inclusão de novas TICs na produção e apresentação do telejornal, surgiram quadros voltados exclusivamente para a discussão sobre cidadania e uso de linguagem cada vez mais

coloquial.

A mudança de enfoque e um maior destaque para a discussão sobre cidadania nos noticiários locais da Rede Globo de Televisão abriu espaços para quadros como o “RJ Móvel”, veiculado no *RJTV 1ª edição*, da Globo Rio. Esse estilo de quadro surgiu como uma aposta no fortalecimento de laços com a comunidade e como contribuição para o exercício da cidadania.

O formato do “RJ Móvel” inclui basicamente uma equipe de reportagem que recebe o chamado de um morador de um bairro, relata o problema e entra em contato com um representante do poder público. O quadro procura trazer uma devolutiva para esse telespectador ao vivo durante o telejornal. Essa estratégia foi reproduzida pelos quadros “JA Comunidade”, da TV Anhanguera em Goiás, e “Calendário JL”, da TV Liberal, no Pará. Isso para citar dois exemplos.

Enfim, não restam dúvidas de que a noção de cidadania está presente nos telejornais locais da Rede Globo de Televisão de modo estratégico. Resta saber como esse processo tem se dado e quais as possíveis implicações dessa mudança editorial nas realidades locais.

5. O OBJETO DA INVESTIGAÇÃO

Para compreender melhor o cenário em que se insere o *Jornal Anhanguera 1ª edição*, vale a pena conhecer antes a trajetória da empresa que o produz e o veicula: a TV Anhanguera. A emissora goiana foi inaugurada no dia 24 de outubro de 1963, ocasião do aniversário de Goiânia, pelo empresário Jaime Câmara e pelos seus irmãos Joaquim Câmara Filho e Vicente Rebouças. A afiliada da Rede Globo de Televisão em Goiás integra a Rede Anhanguera, que é formada por 11 emissoras: 8 instaladas em Goiás e 3 no Tocantins. Cabe ainda salientar que a TV Anhanguera faz parte do maior conglomerado de comunicação do Centro-Oeste (MORAES b, 2017).

A TV Anhanguera foi a segunda emissora de televisão local a levar conteúdo ao ar, em Goiás. Nos primeiros anos, a empresa era afiliada à TV Excelsior, passando a se tornar parte da Rede Globo de Televisão apenas em 1969, mesmo ano em que as transmissões em cadeia nacional passaram a ser possíveis e em que estreou o *Jornal Nacional*. Andrade e Temer (2013) ao narrarem a história do telejornalismo em Goiás resgatam aspectos dessa primeira fase da emissora: assim como em outras empresas televisivas, havia grande precariedade técnica e falta de conhecimento especializado.

Andrade e Temer (2013) reforçam ainda que desde o seu início de trajetória, a TV Anhanguera já registrava bons índices de audiência. Nesse primeiro momento, a empresa goiana atuante no meio televisivo investia em programas de auditório como “*O Mundo é das Crianças*” (1965) e “*República Livre do Cerradão*” (1969) e oferecia na maior parte de sua programação conteúdos locais. Atualmente, em termos de conteúdo local, a emissora exhibe apenas três telejornais (*Bom Dia Goiás*, *Jornal Anhanguera 1ª edição* e *Jornal Anhanguera 2ª edição*), o boletim informativo “*Cidade Já*”, o *Globo Esporte - Goiás*, voltado para o universo esportivo, e o *Jornal do Campo*, exibido aos domingos e direcionado ao telespectador interessado em assuntos do meio rural.

O programa *Frutos da Terra*, que já não é mais veiculado pela TV Anhanguera, era uma exceção interessante nesse sentido. O programa não-jornalístico era um espaço de valorização da cultura local por meio da música caipira. Ele foi ao ar de 1983 até o ano de 2015, quando também foi retirado da grade de programação. Atualmente, a emissora goiana privilegia novelas, séries, programas de auditório, *reality show* e todo o conteúdo que vem da emissora que lidera a rede. O único espaço para fortalecimento dos laços com a comunidade em que a empresa de comunicação em questão está inserida é o telejornalismo local.

Andrade e Temer (2013) salientam que a emissora goiana sempre priorizou investimentos de ordem técnica, acreditando assim estar investindo na qualidade de seus telejornais. Dessa forma, a chegada das TICs que surgiram nos últimos 50 anos impactou significativamente a produção da TV Anhanguera.

Na década de 1970, por exemplo, os filmes mudos que iam ao ar, com narração dos apresentadores, passaram a ser sonoros e coloridos. Outra evolução foi a implantação do Sistema Micro-Ondas pelo Ministério das Comunicações que possibilitou o envio e recebimento de som e imagem. Já na década de 1980 a substituição dos filmes pela fita videoteipe permitiu fazer acelerar a edição das matérias. (ANDRADE e TEMER, 2013, p. 37)

A chegada do computador é igualmente mencionada na fala de fontes entrevistadas pelas autoras.

Outra revolução no campo da comunicação ocorreu com a chegada dos computadores, que representam fator importante na modernização do telejornalismo: simplificou e acelerou produção, edição e apresentação dos noticiários, também a partir dos Satélites Artificiais, deram mais qualidade e instantaneidade na emissão e recebimento dos sons e imagens” (ANDRADE e TEMER, 2013, p. 37)

O processo de inserção de “novas” Tecnologias da Informação e Comunicação no telejornalismo goiano feita pelas pesquisadoras dialoga com a questão da reconfiguração do telejornalismo, abordada anteriormente. As entrevistas realizadas por Andrade e Temer (2013) reforçam o que Becker (2016) e outros autores aqui citados trazem em suas reflexões no que diz respeito à chegada de algumas TICs, a exemplo do computador e do videoteipe. Lembrando que em ambos os casos, as investigadoras abordam a chegada dessas novas tecnologias, mas a ênfase está nos usos e apropriações que foram feitas delas.

A TV Anhanguera valorizou (e ainda hoje valoriza) a questão técnica na maior parte de sua história. A empresa de comunicação goiana está sempre reforçando os investimentos que faz em tecnologia e infraestrutura por meio de campanhas publicitárias, peças institucionais, bem como na própria fala de seus profissionais (ROCHA e TEMER, 2017).

Em termos de estrutura, abrangência e relacionamento com o público na atualidade, é pertinente pontuar que a TV Anhanguera está presente em Goiânia, que é a

capital do estado, e em Porangatu, Luziânia, Catalão, Itumbiara, Rio Verde, Jataí e Anápolis. Quanto ao perfil de audiência em Goiânia e Região Metropolitana, foco dessa pesquisa, é possível destacar os seguintes dados. O principal público-alvo da emissora hoje, em termos de faixa etária, tem idade superior a 50 anos (38 %). Entretanto, também compõe essa audiência pessoas com 35 a 49 anos (23 %), 25 a 34 anos (16%), 18 a 24 anos (7%), 12 a 17 anos (9%) e 4 a 11 anos (7%)⁶. A maior fatia dos telespectadores é constituída por mulheres (57%). A audiência da emissora é majoritariamente da classe “C” (55%). As classes “AB” representam 32% e a “DE” 13% do público⁷.

A emissora segue investindo em tecnologia e nos últimos anos também tem direcionado seus recursos a estratégias de fidelização da audiência que incluem a abertura de espaço para que o telespectador possa se manifestar por meio de *e-mails* e envie sugestões via aplicativos e outros suportes. Provavelmente esse é um momento onde a tecnologia tem desempenhado papel ímpar nos telejornais da emissora, principalmente após seu processo de reformulação que será descrito mais adiante.

5.1 A TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DA TV ANHANGUERA E O PROCESSO DE REFORMULAÇÃO DA EMISSORA

Duas pesquisas recentes a respeito da TV Anhanguera têm condições de colaborar com uma visão que articula transformação social, crescente presença das novas TICs na redação e mudanças no conteúdo do telejornal local, além de contextualizar a emissora em seu estágio atual. As investigações de Moraes (2012) e Costa (2015) explicam parte das motivações que levaram a TV Anhanguera a mudar significativamente a partir do ano de 2010, quando a emissora passou por um processo de mudanças na linha editorial.

Moraes (2012) afirma que nos anos 2008, 2009 e 2010 a emissora goiana começou a enfrentar crises severas de audiência, que motivaram diferentes ações na empresa de comunicação. A pesquisadora também traz para esse contexto a ascensão da chamada “nova classe C”, que fez com que as pessoas pudessem consumir mais e ter acesso a diversas tecnologias, abordando ainda os possíveis impactos que as apropriações de novas

⁶ Os dados consultados estão disponíveis em <http://negocios8.red Globo.com.br/Paginas/Exibidoras.aspx?e=42>.

⁷ Nesse estudo não se tem interesse em aprofundar na discussão sobre classe social. Sabe-se que a questão é complexa e demandaria atenção significativa. Aqui interessa apenas perceber que há uma diferença de poder aquisitivo entre os telespectadores, que há maior quantidade de pessoas com menor poder aquisitivo entre o público do noticiário e que, provavelmente, o jornal faz algumas escolhas em função desse dado.

TICs estariam causando nesse cenário.

Segundo Moraes (2012), a popularização da TV por assinatura e dos *smartphones* levou a população a se relacionar com o telejornalismo local de forma diferenciada: os públicos com maior renda passaram a buscar informações prioritariamente nos canais pagos, o que fez com que TV Anhanguera tivesse que se direcionar para um público de menor poder aquisitivo. Esse novo público-alvo prioritário passou a demandar espaços para que pudesse interagir com o telejornal, mandando vídeos, áudios e fotos de seus aparelhos celulares, uma vez que algumas tecnologias como o *smartphone* passaram a integrar o cotidiano desse telespectador de forma significativa.

Importante lembrar que, apesar do aumento no poder de compra, a realidade desse novo público-alvo da TV Anhanguera ainda não se assemelhava àquela vivida pelo grupo que a emissora privilegiava anteriormente. O acesso aos serviços que um grupo tinha e o tratamento recebido pelo poder público eram (e ainda são) completamente diferentes. Talvez por esse motivo, essa empresa jornalística tenha sentido tanta dificuldade em localizar um “meio termo” para seu conteúdo.

Esse cenário não foi exclusividade de Goiás, ele tem a ver com o momento que o Brasil vivenciava: de maior poder de compra e apropriação de novas TICs, entre outros aspectos. No contexto goiano, e mais especificamente o da TV Anhanguera, a postura adotada foi a seguinte.

Os jornalistas foram chamados a rever o modelo de jornalismo que estava sendo produzido naquele momento. A nova ordem é ter sempre uma linguagem mais popular e clara, pautas com temas voltados para o público-alvo de cada jornal, principalmente o público da classe C, reportagens mais curtas, leves, informais e objetivas, que não cansem o telespectador, além de uma edição ágil com o uso de recursos gráficos. A queda na audiência provocou também uma intervenção da Rede Globo, que substituiu o diretor de telejornalismo Jackson Abrão pelo jornalista Orlando Loureiro, ex- editor da TV Record de São Paulo. Ele ficou com a missão de recuperar a audiência da emissora. Para isto realizou uma série de mudanças nas áreas de apresentação, editoria e principalmente no conteúdo dos telejornais. (MORAES, 2012, p. 29-30)

Para entender melhor esse contexto em que a TV Anhanguera se inseria naquele momento é de fundamental importância rever a argumentação de Moraes (2012). De fato, a emissora goiana vivenciou uma crise de audiência que foi crucial para as transformações no conteúdo do telejornalismo. No entanto, o processo de reformulação da empresa foi

motivado por uma intervenção maior da Rede Globo de Televisão, que não se resumiu apenas à troca do profissional que ocupava o cargo de diretor de telejornalismo.

A Rede Globo de Televisão desenvolvia internamente um projeto editorial de transição para um modelo de *jornalismo comunitário*, inspirado no *civic journalism*, como já foi salientado nesse estudo. Assim, a leitura de contexto da TV Anhanguera feita por Moraes (2012) parece ser apropriada, porém, não se pode ignorar que essa reformulação foi motivada também por esse novo projeto editorial de “*jornalismo comunitário*”, que foi sendo implantado nas emissoras afiliadas à Rede Globo ao longo da primeira década dos anos 2000.

Uma observação inicial aponta para o crescimento de temas como a negligência do poder público, reivindicações diversas de bairros mais distantes do centro da cidade, má execução da coleta de lixo e pautas afins, a partir da adesão ao modelo de “*jornalismo comunitário*”, que ocorreu em 2010. É interessante perceber que parte dessas pautas são sugeridas pela própria audiência, como aponta o estudo de Moraes (2012).

Costa (2015) investiga a ênfase que o telejornalismo local tem dado aos conteúdos colaborativos, a partir do caso da TV Anhanguera. Essa investigação evidencia algumas das formas de apropriação que a produção do telejornal e os telespectadores tem feito das novas TICs. A autora discute essa participação e mostra como a emissora, nos últimos anos, tem dedicado espaço considerável a esse tipo de conteúdo, viabilizando oportunidades para que o público possa se sentir parte da elaboração do telejornal.

Em sua pesquisa, Costa (2015) traz dados sobre o crescimento das vendas de *smartphones* no Brasil e mostra como isso pode estar tensionando o jornalismo a promover mais interatividade. Segundo a autora, apoiada em dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Brasil são mais de três telefones (fixo e celulares) a cada dois habitantes. Fica evidente no estudo também o quão essa mudança social reflete no conteúdo do telejornal, bem como a percepção de que o desenvolvimento de aplicativos para o *Jornal Anhanguera 1ª edição*, a exemplo do QVT (Quero Ver na TV), tem sido uma aposta da TV Anhanguera. Essa, inclusive, é uma opção estratégica para a emissora frente a esse novo contexto de queda de audiência e necessidade de diálogo com uma nova fatia de público.

Durante a etapa de realização da pesquisa exploratória da presente investigação,

foram estabelecidas conversas informais com 3 profissionais da emissora⁸. Nessas três oportunidades de diálogo, foi possível reforçar a percepção do que diz Moraes (2012) e Costa (2015) sobre as tentativas da TV Anhanguera de estreitar laços com a parcela do público-alvo com menor poder aquisitivo, sobre o destaque para pautas sobre cidadania, sobre os investimentos em tecnologia e ainda sobre interferências da Rede Globo de Televisão no processo de mudança editorial.

Em uma das conversas, um jornalista lembrou que antes da popularização dos aparelhos celulares no Brasil, entrar em contato com a redação era muito caro para o telespectador. Segundo o profissional, essas possibilidades tornaram a participação da audiência no telejornal mais simples e barata.

Na fala dos profissionais se destacava nitidamente o reconhecimento de que hoje os noticiários da emissora conversam com outra fatia de público, de que atualmente o mais importante é priorizar as demandas desse telespectador, que é também um cidadão, bem como ficou visível que as novas TICs são estratégicas nesse novo momento. O estudo de Moraes (2017), que traz entrevistas com produtores e repórteres, também reforça esses argumentos.

Uma jornalista que está na TV Anhanguera há mais de 20 anos afirmou que atualmente a emissora utiliza os vários dispositivos tecnológicos para servir ao público. De acordo com a profissional, antes o telejornal ficava restrito às áreas mais centrais, onde era possível gravar com maior estabilidade em termos espaciais, mas também de sinal de transmissão. Hoje, a profissional afirma que é possível ir aos bairros mais afastados de Goiânia e da Região Metropolitana. Se o transporte do *link* ao vivo não consegue acessar o local desejado, é possível enviar o *flash link*⁹ e obter as imagens necessárias. Também é possível contar com a colaboração do telespectador que produz o material e envia à emissora por meio do QVT ou do *WhatsApp*.

Enfim, a partir dessa explicação compreende-se as mudanças da TV Anhanguera nos últimos anos e o porquê do *Jornal Anhanguera 1ª edição* dedicar atualmente espaço significativo para a discussão sobre cidadania.

⁸ Essas conversas informais foram realizadas no início da pesquisa (2016) com a finalidade única de conhecer melhor o objeto em estudo. As conversas foram realizadas com profissionais com maior tempo de experiência no veículo, sem a pretensão de extrair dados concretos para a análise.

⁹ Profissional que acompanha o fato com uma motocicleta. Normalmente, ele faz a captura de imagens em espaços onde o transporte do *link* ao vivo não consegue atuar.

5.2 O JORNAL ANHANGUERA 1ª EDIÇÃO

O *Jornal Anhanguera 1ª edição (JA I)* passou por transformações e mudou de formato algumas vezes, até estabelecer sua estética, conteúdo e linguagem no ano de 1997. Antes da mudança, foram realizados estudos nas afiliadas à Rede Globo de Televisão até chegar-se ao modelo que vai ao ar hoje, sempre a partir do meio dia, no canal 2.1 do sistema digital para Goiânia e Região Metropolitana. O *JA I* possui em média 40 minutos, organizados em quatro blocos, e é o principal produto da emissora em termos de disputa de audiência. De acordo com Moraes (2017), o noticiário oscila entre a 1ª e a 2ª posição do IBOPE em Goiânia no horário do almoço.

O *Jornal Anhanguera 1ª edição* é o noticiário da emissora goiana que mais sofreu alterações com o processo de mudanças em 2010 e é o produto que mais apresenta conteúdo voltado para a discussão sobre cidadania (MORAES, 2012). Como foi possível perceber, essa não foi uma decisão aleatória. Trata-se da nova fase do programa jornalístico orientado pelo projeto de implantação do “*jornalismo comunitário*”. O produto jornalístico disputa a liderança no horário do almoço principalmente com o *Jornal do Meio Dia* (SBT) e com o *Balanço Geral* (Rede Record), programas esses que também dão destaque para pautas que privilegiem o telespectador e suas demandas.

Atualmente, esse telejornal privilegia temas que afetam diretamente a vida do telespectador como aumento no preço da passagem do transporte coletivo, filas e falta de médico nos postos de saúde, segurança pública, problema na coleta de lixo, falta de asfalto e temáticas afins.

Tendo como ponto de partida o processo de mudança editorial da TV Anhanguera e, conseqüentemente de seus telejornais, é possível apontar três elementos importantes no *JA I*: a criação do Quero Ver na TV (QVT), aplicativo desenvolvido pela emissora para que o telespectador envie sugestões de pauta; criação de um *e-mail* institucional, também com a finalidade de estreitar laço com a audiência; e criação de uma conta no *WhatsApp*, com o mesmo propósito. Durante a exibição do telejornal, há sempre estímulos por parte dos apresentadores para que a audiência registre problemas do seu bairro ou de algum ponto da cidade e mande um relato para a produção por meio desses canais de interação. Isso para dizer que uma das marcas desse telejornal é a “interação” com o telespectador.

Outra característica que sintetiza bem esse produto jornalístico hoje é o foco na comunidade, por meio da veiculação de reportagens, mas também pela criação de quadros

específicos. O quadro “JA Comunidade” evidencia essa postura de forma bem visível. Nesse espaço, a emissora propõe que seus telespectadores informem à produção sobre problemas enfrentados por eles em sua comunidade para que os jornalistas possam ir atrás de respostas, quase sempre, junto ao poder público. Normalmente, os assuntos são asfalto, falta de água, falta de vagas nos Centros Municipais de Educação Infantil (Cmeis) e questões similares.

Além do quadro “JA Comunidade”, o *Jornal Anhanguera 1ª edição* conta hoje com o “TV Trabalho”, que apresenta o mercado de profissões que estão em alta em Goiás; o “JA Contra o Mosquito”, que traz reportagens relacionadas a ações de combate ao mosquito transmissor da *dengue*, *zika* e *chikungunya*; o “Jornalista Mirim”, com crianças apresentando reportagens sobre assuntos aleatórios; “Estamos de volta”, com matérias em que um jornalista da emissora vai até um determinado local conferir se o poder público tomou as providências que se comprometeu a tomar durante uma edição anterior; “Meus Direitos”, com entrevistas com especialistas respondendo dúvidas enviadas por telespectadores sobre alguma área do direito; “Prato do Dia”, que oferece dicas de restaurantes em Goiânia e mostra receitas culinárias”; e o “Programão”, com opções de cultura e lazer para o final de semana. Além desses quadros fixos, o conteúdo do *Jornal Anhanguera 1ª edição* também é formado por matérias factuais, entrevistas e entradas ao vivo.

Também faz parte das características atuais do *JA 1* o investimento em séries especiais que apresentam elementos que remetem à questão da cidadania. A proposta inclui a escolha de um tema específico que é desdobrado em reportagens ao longo da semana. Já foram contemplados temas como o caos na saúde pública em Goiás e perigos noturnos para quem vive em Goiânia.

Por fim, com relação à estrutura de apresentação do noticiário, é possível destacar que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* conta com uma apresentadora fixa: a jornalista Lilian Lynch. No entanto, outros profissionais assumem a bancada em situações como feriados, férias e ainda licenças por motivo de saúde ou maternidade. No início do processo de mudanças, o noticiário contava com dois apresentadores, mas atualmente somente uma jornalista comanda o noticiário televisivo local.

5.3 O LOCAL QUE RECEBE O CONTEÚDO DO JA 1

O conteúdo do *Jornal Anhanguera 1ª edição* é direcionado, principalmente, à população que mora na capital goiana e nos outros municípios que integram a Região Metropolitana de Goiânia (RMG). Dessa forma, o noticiário prioriza pautas que envolvam a realidade goianiense, de modo geral, devido a importância econômica, geográfica, política e cultural da cidade, mas não deixa de contemplar os acontecimentos mais relevantes para os outros 19 municípios da “Grande Goiânia”.

A Região Metropolitana de Goiânia foi criada no ano de 1999 pela Lei Complementar Nº 27 e é formada atualmente pelas cidades Abadia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Aragoiânia, Goianápolis, Goiânia, Goianira, Hidrolândia, Nerópolis, Santo Antônio de Goiás, Senador Canedo, Trindade, Bela Vista de Goiás, Guaporé, Bonfinópolis, Brazabrantes, Caldazinha, Caturai, Inhumas, Nova Veneza e Teresópolis de Goiás. De acordo com Censo Demográfico do IBGE 2010, a RMG possui 2.173.141 habitantes, o que representa cerca de 35% da população de Goiás.

Goiânia foi fundada em 1933 e nasceu de forma planejada, com o objetivo de ser uma cidade moderna e com boa qualidade de vida. Chaul (2009) explica que a capital goiana é fruto de interesses do líder Pedro Ludovico Teixeira, que até o momento era o interventor responsável pelo estado de Goiás e buscava visibilidade para alcançar metas políticas. Ao lado do arquiteto-urbanista, formado na França, Atílio Correa Lima e do engenheiro Armando de Godói, Pedro Ludovico executou o projeto que visava a construção de uma cidade ideal com capacidade máxima para 50 mil habitantes. A promessa era de “uma capital moderna, planejada, coerente com os novos tempos do Goiás que se anunciava.” (CHAUL, 2009, p. 102)

Assim, a capital goiana foi criada com espaços previamente definidos. A Praça Cívica foi concebida com a finalidade de ser o centro administrativo da cidade e, ainda hoje, é um centro de poder. Sua forma física já diz muito nesse sentido: uma grande praça com um prédio central onde se desenrolam questões relevantes para o estado, estando ela cercada por avenidas importantes por todos os lados. O centro goianiense se desenvolveu todo em volta dela.

Goiânia seguiu como uma cidade planejada até a década 1950 (OLIVEIRA, 2012). Entre 1950 e 1960, o número de habitantes cresceu significativamente passando de 53.389 para 153.505 pessoas. Nesse período, a migração de pessoas do campo para a

cidade e a chegada de imigrantes de outros estados gerou um crescimento populacional que começou a trazer consequências negativas para a capital. “Isso causou um forte impacto na estrutura e na forma da cidade, dando início a uma nova fase no seu processo de formação e evidenciando as condições de segregação no assentamento da população de baixa renda.” (OLIVEIRA, 2012, 161).

Goiás visivelmente repetiu o processo de urbanização de outros estados brasileiros, o que trouxe consequências que impactam diretamente a realidade atual do município. Esse crescimento populacional prosseguiu ocorrendo até a década de 1970, quando Goiânia cresceu 109,7% (OLIVEIRA, 2012). Nesse momento, as áreas vulneráveis da cidade começaram a ganhar forma.

O município concebido para ser um modelo foi se tornando uma cidade grande e com muitos problemas estruturais. “Projetada para pouco mais de 50 mil habitantes não pensou em ter milhões de pessoas em sua volta, multiplicando casas, vilas, prédios e pressões urbanas.” (CHAUL, 2009, p. 110) As pessoas de outros estados ou mesmo do interior goiano que chegavam à Goiânia iam sendo alojadas em áreas periféricas em projetos habitacionais conduzidos pelo próprio governo da época (OLIVEIRA, 2012) ou em outras localidades, igualmente mais distantes do centro da cidade.

Somado a esse processo de deslocamento, começaram a ser construídos na capital, nos anos 2000, condomínios horizontais direcionados a um público com maior poder aquisitivo.

Por toda a cidade, vê-se o surgimento de condomínios horizontais fechados de luxo, como os Jardins na Região Sudoeste, o Alphaville Flamboyant na Região Sudeste, o Aldeia do Vale na Região Norte, o Condomínio do Lago na Região Oeste, o Alto da Boa Vista na Região Noroeste/Mendanha, dentre outros, além de shoppings e grandes redes de supermercados. (OLIVEIRA, 2012, p. 164)

O aumento no número de empreendimentos dividia (e ainda hoje divide) ainda mais a população goianiense entre ricos e pobres. Da mesma maneira, a última década também viu crescer a quantidade de novos setores localizados nas saídas da cidade, às margens das BRs e GOs, e o surgimento de conjuntos habitacionais vinculados ao programa social do Governo Federal “Minha Casa, Minha Vida”. No entanto, na maioria significativa dos casos, os indivíduos que se instalaram nesses locais periféricos acabaram não tendo acesso aos serviços e benefícios estruturais característicos das moradias

urbanas. Assim, chega a faltar para essas pessoas o básico: água tratada, asfalto, iluminação pública, unidade de saúde, segurança.

Oliveira (2012) explica que esse comportamento de desigualdade, inclusive geográfica, torna possível a percepção de um “X” na capital goiana.

Historicamente, as duas primeiras regiões são a Sul (predominantemente referência) e a Noroeste (predominantemente desigual), marcando uma linha imaginária diagonal na cidade. As duas outras são a Região Sudeste (predominantemente referência com o principal empreendimento imobiliário de hoje, o Alphaville Flamboyant) e a Região Sudoeste (predominantemente desigual com os assentamentos Madre Germana e Real Conquista), marcando outra linha imaginária diagonal na cidade, agora no sentido contrário. Daí o “X”. (OLIVEIRA, 2012, p. 164)

Além das questões geográficas, também se pode incluir nessa reflexão as questões políticas. Assim como outros estados brasileiros, Goiás também sofre com os casos de corrupção, principalmente, por meio de desvios de verba pública. Essa é uma realidade que atinge a capital, mas também os outros municípios que integram a Região Metropolitana de Goiânia.

Essa contextualização certamente não é suficiente para explicar em profundidade a realidade da capital goiana e sua Região Metropolitana. Entretanto, já é suficiente para deixar evidente que Goiânia e seu entorno possuem problemas estruturais graves, que o telejornalismo local pode abordar. Esse cenário fornece diferentes situações para que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* atue como um parceiro desse telespectador que é, antes de mais nada, um cidadão.

6. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para elucidação da questão-problema do presente estudo é a Análise de Conteúdo (AC). Cabe pontuar desde já, que este não é um procedimento que surgiu com as pesquisas em comunicação, mas certamente ele tem muito a contribuir com os pesquisadores dessa área. As primeiras investigações nesse sentido surgiram em 1640 com a análise de hinos religiosos (BARDIN, 2010). Buscava-se com essa iniciativa saber se esses hinos tinham potencial para causar efeitos negativos sobre os luteranos. O tempo passou e a sofisticação desse tipo de análise foi se dando de forma gradual.

Esta é uma metodologia que por muito tempo foi influenciada pelas ideias positivistas. O período inicial de uso da Análise de Conteúdo, início do século XX, coincidiu com o momento em que os valores e mensagens do positivismo empreendido pelo filósofo francês Auguste Comte estavam em voga. A corrente filosófica defendia, a grosso modo, a ciência, o progresso, a disciplina, a exatidão e valores similares. Resultados de pesquisa que geravam números, nessa época, tinham maior relevância e *status* na comunidade acadêmica e na sociedade como um todo. Assim, a fase inicial da AC foi marcada por um viés quantitativo.

No entanto, com o passar do tempo foi se percebendo o valor das inferências nesse processo analítico, conferindo aos resultados um caráter mais qualitativo do que quantitativo. Bardin (2010), por exemplo, defende que esse debate já está superado. A opção por uma perspectiva, simplesmente não implica necessariamente a negação de outra. De acordo com a investigadora, “a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação. Somente os índices é que são retidos de maneira não frequencial, podendo o analista recorrer a testes quantitativos” (BARDIN, 2010, p. 142).

Bauer (2012) também compartilha dessa postura e, inclusive, não acredita ser pertinente alimentar esse debate sobre qualidade x quantidade que se instaurou em torno da Análise de Conteúdo. Para o autor, a AC é uma metodologia de caráter híbrido. “No divisor quantidade /qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos.” (BAUER, 2012, p. 190) Inclusive, o presente estudo assume justamente esse ponto de vista compartilhado por Bardin (2010) e Bauer (2012) em termos de encaminhamento metodológico.

Em termos de história e cronologia, Bardin (2010) destaca que a Análise de

Conteúdo se desenvolveu nos Estados Unidos no início do século XX, com trabalhos desenvolvidos na Universidade de Columbia. Harold Lasswell foi um primeiro nome expressivo nesse cenário. Suas pesquisas eram focadas na imprensa e em propagandas que circulavam naquele momento. Nesse período, que compreende às primeiras três décadas dos anos 1900, eram comuns análises sobre aspectos como a “evolução” de determinado veículo ou mesmo a presença do sensacionalismo em artigos de jornais. A chamada imprensa amarela era constantemente foco de estudos nessa época.

No intervalo entre 1940 e 1950, os estudos eram voltados em sua maioria para questões ligadas à Segunda Guerra Mundial, mas não houve grandes transformações de ordem teórico-metodológicas. Já de 1950 a 1960, houve o que Bardin (2010) chamou de “segunda juventude” da Análise de Conteúdo, um reaquecimento epistemológico e metodológico com relação à AC. De 1960 a 1975 os marcos foram a introdução do uso do computador nos procedimentos de investigação, um maior interesse pela comunicação não-verbal e ainda uma crítica à falta de precisão dos trabalhos linguísticos, o que favorecia a AC.

Em termos conceituais, a Análise de Conteúdo se constitui como “conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.” (BARDIN, 2010, p. 11) A AC é, dessa forma, um caminho que reúne diferentes métodos para a investigação de textos sejam eles escritos ou orais. Frequentemente utilizada nos estudos comunicacionais, ela oportuniza a percepção de informações que não se deixam ver em uma primeira “leitura”.

Bauer (2012, p. 191), diferentemente de Bardin (2010), entende que a Análise de Conteúdo “é uma técnica de produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada.” Independentemente de concebê-la como metodologia ou apenas uma técnica, para o autor, essa é uma proposta que favorece o trabalho do investigador e que possui rigor científico. Sob a ótica do autor, as contribuições da AC podem ser úteis nos diferentes segmentos da pesquisa social.

Herscovitz (2010) discute a Análise de Conteúdo com ênfase na perspectiva das pesquisas em jornalismo. A descrição da metodologia segue o “passo a passo” clássico apresentado por Bardin (2010), porém a pesquisadora se dedica a detalhar especificamente as contribuições para a aplicação em produtos jornalísticos. Além disso, a AC é apresentada como método e não como metodologia.

De acordo com a autora, a AC:

Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERSCOVITZ, 2010, p. 123)

Para Herscovitz (2010, p. 127), trata-se de um

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação.

Assim, a Análise de Conteúdo torna-se apropriada aos estudos jornalísticos justamente por ser menos engessada. A metodologia oferece um caminho basilar a ser seguido, mas é flexível no atendimento às necessidades de cada pesquisa, configurando-se assim como uma proposta muito útil.

6.1 A METODOLOGIA PROPRIAMENTE DITA

Autores como Bauer (2012), Fonseca Júnior (2008) e Herscovitz (2010) oferecem um “passo a passo” objetivo para os pesquisadores interessados em utilizar a Análise de Conteúdo em seus estudos. Os investigadores trabalham elementos em um roteiro que, em termos de etapas de pesquisa, recomendações e conceitos-chave, se assemelha de forma significativa com o que propõe Bardin (2010), que se destaca justamente por fornecer um caminho mais detalhado e prático. Por esse motivo, nesse trabalho, apoia-se nas contribuições da pesquisadora francesa.

Bardin (2010) divide o passo a passo para a realização de uma Análise de Conteúdo em três etapas cronológicas. A primeira é a pré-análise: momento em que é feita a organização da pesquisa, tendo como base três missões, a saber, a escolha do material a ser observado sistematicamente, a formulação de hipóteses e objetivos, bem como a elaboração de indicadores que possibilitem a interpretação dos dados no final do

processo de investigação. Nesse momento também se define o *corpus*, ou seja, “o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.” (BARDIN, 2010, p. 122).

A pesquisadora recomenda que sejam priorizados, no momento de seleção do *corpus*, um conjunto de informações que sejam suficientes para a análise. É preciso estar atento à questão da representatividade (constituição de uma amostra representativa do universo pesquisado), da homogeneidade (obediência a critérios precisos de escolha que não apresentem singularidades que extrapolem esses mesmos critérios) e da pertinência (os materiais precisam ter potencial enquanto fonte de informação sobre o universo que está sendo investigado).

A segunda etapa é a de exploração do material. Em termos práticos, esse é o momento de aplicar todas as decisões tomadas na etapa de organização da pesquisa. É aqui que se realiza a codificação, a decomposição dos dados que o pesquisador tem em mãos, e a enumeração do material para que posteriormente seja possível fazer uma leitura crítica e a interpretação dessas informações, também a partir de técnicas específicas. Essa fase é decisiva, uma vez que sendo basilar, pode comprometer os resultados a serem encontrados. Uma decodificação desatenta, pode fazer com que elementos importantes sejam desprezados, por exemplo.

De acordo com Bardin (2010), fazer o tratamento do material é o mesmo que codificá-lo. Esse procedimento é uma transformação das informações encontradas em dados brutos por meio do recorte, da agregação e da enumeração. Essa etapa solicita que seja feitas três escolhas: as unidades, as regras de contagem e a escolha das categorias. Essa sistematização é o que facilitará a leitura posterior de maneira mais efetiva, organizada e viável. No caso da escolha das unidades, é preciso estabelecer a unidade de registro (segmento de conteúdo que será utilizado como unidade de base, podendo ser uma palavra, uma frase, um tema, por exemplo) e a unidade de contexto (unidade que ajuda na compreensão do cenário em que está situada a unidade de registro, podendo ser um parágrafo, texto, um jornal, uma emissora, a título de exemplo).

No caso da escolha das regras de contagem, as orientações são outras. Nessa situação, considera-se a presença (ou ausência) das unidades de registro, a frequência de aparição das unidades de registro, a frequência ponderada (se as aparições possuem importância dupla), a intensidade, a direção (favorável/desfavorável), ordem de aparição dos elementos, e por fim, a co-ocorrência (presença simultânea de duas ou mais unidades

de registro). Após esse processo, a autora orienta que sejam estabelecidas as categorias de análise, organizando esse material em grandes grupos de sentido.

Para a realização dessa etapa, tanto Bardin (2010) quanto Fonseca Júnior (2008) e Bauer (2012) argumentam sobre a necessidade da construção de um referencial de codificação. A “folha de codificação”, instrumento frequentemente chamado de “formulário” ou “gabarito”, deve trazer espaços para preenchimento das unidades de registro e de contexto e para os índices construídos a partir do referencial teórico da investigação.

Após o material ser codificado e decomposto, é necessário então enumerá-lo e categorizá-lo. É feita uma operação de classificação das informações já organizadas e, em seguida, uma categorização, ou seja, um agrupamento de dados a partir dos sentidos percebidos. Para Bardin (2010) podem ser usados critérios semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos, adjetivos, etc.), léxicos (classificação das palavras segundo o seu sentido) e expressivo (significados de palavras ou ações específicas).

A terceira etapa é o tratamento e a interpretação dos dados. Aqui busca-se tratar os resultados brutos e mostrar aquilo que foi encontrado na análise. Em seguida devem ser produzidas as inferências e realização do confrontamento dos resultados com os objetivos e as hipóteses estabelecidos no início do processo de investigação. Esse é o coração da Análise de Conteúdo, como bem salienta a autora. Lembrando que Bardin (2010) também prevê o uso do computador na análise, assim como Bauer (2012), Fonseca Júnior (2008) e Herscovitz (2010). Porém, fica claro que essa é uma decisão que depende do interesse do pesquisador e das necessidades do estudo.

Nesse terceiro momento são utilizadas técnicas específicas para viabilizar a leitura aprofundada do *corpus*. A primeira técnica apresentada por Bardin (2010) é a análise categorial, operação onde as unidades são desmembradas e organizadas sistematicamente em categorias analíticas. A segunda técnica é a análise de avaliação, que busca mensurar as atitudes do locutor quanto aquilo que está sendo dito. Acredita-se, nesse caso, que a linguagem representa e reflete o indivíduo que está a utilizando.

A terceira técnica apresentada por Bardin (2010) é um recurso próximo da análise discursiva. Parte-se do entendimento de que o discurso não é algo transparente e que ele carrega contradições, incoerências e imperfeições. Na aplicação dessa técnica são observados o que está sendo dito, em qual contexto, quais elementos poderiam atuar como

tensionadores dentro desse cenário e aspectos similares.

A quarta técnica mencionada é a Análise Proposicional do Discurso (APD). Essa prática pode ser considerada uma variante da análise temática, segundo Bardin (2010), que tem como objetivo central a identificação do universo de referências dos agentes sociais. Busca-se saber como e por meio de que estrutura de argumentação os indivíduos expressam suas ações e questões internas.

A quinta técnica apontada por Bardin (2010) é a análise da expressão. Esse recurso tem como princípio básico o entendimento de que o tipo de discurso proferido por uma pessoa está diretamente relacionado às características pessoais desse locutor e do meio onde ele está inserido. Normalmente, essa é uma prática utilizada para averiguar a autenticidade de um documento, psicologia clínica, discursos políticos e cenários semelhantes.

A sexta, e última técnica descrita pela investigadora, é a análise das relações, estratégia utilizada para verificar as co-ocorrências de elementos presentes em uma mensagem. São destacadas as unidades de registro e de contextos e observadas a frequência com que aparecem, em quais contextos essa relação se dá e quais os significados dessas possíveis associações feitas pelo locutor.

6.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para entender como o tema cidadania foi abordado no conteúdo do telejornalismo local no período de 2010 a 2017, a partir do estudo do *Jornal Anhanguera 1ª edição*, a pesquisa se apoiou em um desenho metodológico próprio, apresentado em detalhes nesse tópico. Primeiramente, cabe explicitar que essa análise é aqui desenvolvida a partir de uma perspectiva prioritariamente qualitativa, porém, também conta com alguns aspectos quantitativos. Assim, essa investigação tem perfil qualitativo-quantitativo. Essa decisão partiu da necessidade que se percebeu de priorizar as inferências, mas também de ilustrar alguns aspectos percebidos com o suporte de elementos quantitativos.

Outro elemento pertinente nesse sentido é a abordagem, que é prioritariamente social e histórica. Buscou-se aqui olhar para a relação jornalismo-cidadania e entender as contradições e pontos de força desse relacionamento. O foco é mostrar temporalmente como a cidadania foi “ganhando espaço” no telejornal local nos últimos anos, explicitando os pontos de aproximação temporal com inserções de novas TICs.

Dito isso, é válido também pontuar que a apesar da metodologia de Bardin (2010) ser norteadora desse estudo, aqui realizou-se uma adaptação de alguns pontos e supressão de outros. A primeira etapa realizada foi a pré-análise, conforme sugere a pesquisadora francesa. Nessa fase foi feita uma leitura flutuante dos telejornais locais de Goiânia e Região Metropolitana. Nesse cenário, os telejornais da TV Anhanguera chamaram a atenção pela brusca mudança editorial que realizaram no ano de 2010. Percebeu-se também, nesse caso com o auxílio de bibliografias sobre o assunto e a observação não sistemática dos telejornais, que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* é o principal espaço da emissora atualmente para discussões sobre cidadania.

Com relação ao *corpus*, a delimitação foi feita a partir de uma estratégia de seleção amostral explanada por Malhotra (2006): técnica de amostragem probabilística denominada Amostragem Aleatória Simples (AAS). Por meio dela, “cada elemento da população tem uma probabilidade conhecida e igual de ser escolhido” (MALHOTRA, 2006, p. 330). Ao analisar edições aleatórias buscou-se evitar a distorções “sistemizadas” nas edições analisadas como feriados e períodos de férias como os meses de janeiro, julho e dezembro, por exemplo.

Optou-se por analisar uma edição por ano com o intuito de minimizar o risco de deixar passar mudanças significativas e ao mesmo tempo de estabelecer um limite quantitativo de material, considerando o curto período do mestrado, tempo em que a presente pesquisa foi realizada. A data escolhida foi a terceira quarta-feira do mês de outubro de 2010 a 2017. Dessa forma, são aqui analisadas as edições do dia 20/10/2010, 19/10/2011, 17/10/2012, 16/10/2013, 15/10/2014, 21/10/2015, 19/10/2016 e 18/10/2017.

Em termos de recorte, para fins de codificação e categorização, foram estabelecidas como unidade de contexto o *Jornal Anhanguera 1ª edição* e de registro o tema cidadania. Assim, observou-se no conteúdo analisado todas as inserções sobre esse assunto. Vale salientar que as edições do telejornal que compõem essa amostra no intervalo de 2010 a 2017 foram cedidas pela emissora em questão.

Uma vez tendo estabelecido os itens acima e realizado a coleta de informações e dados, partiu-se então para a codificação do material. Foi construída uma “folha de codificação” para preenchimento em *Word*: uma para a codificação da edição completa do *JA 1* e outra específica para as matérias sobre cidadania. Esse instrumento contou com itens sugeridos por Bardin (2010), mas também com pontos incluídos a partir da reflexão teórica feita para essa investigação.

Na primeira etapa (observação da edição como um todo), a ficha de codificação contou com os itens:

- a) Tempo de duração do telejornal;
- b) Gêneros jornalísticos utilizados – a partir das contribuições de Assis e Melo (2010);
- c) Formatos jornalísticos utilizados – a partir das contribuições de Assis e Melo (2010);
- d) Quantidade de pautas do telejornal;
- e) Temas presentes no telejornal – a partir de Temer (2002) e Moraes (2012);
- f) Presença do tema cidadania – tendo como indicadores elementos discutidos no referencial teórico desta investigação: o conceito de cidadania e menções a direitos e deveres do cidadão, atribuições do Estado, a figura do cidadão, ações do poder público ou a ausência delas, cobranças do cidadão ao Estado, acontecimentos específicos à luz da legislação brasileira e atuação da Sociedade Civil Organizada na transformação social;
- g) Tempo destinado à cidadania e ao restante das pautas;
- h) Interação com o telespectador – observando quantas vezes os apresentadores leram participações de telespectadores específicos ou realizaram quaisquer outras ações semelhantes;
- i) Tipos de tecnologias presentes na edição;
- j) Tratamento dado aos bairros;
- k) “Autorreferência” do telejornal.

Já na segunda etapa (observação específica dos conteúdos sobre cidadania presentes no *corpus*), a ficha de codificação contou com os seguintes itens-guia:

- a) Tema da matéria jornalística;
- b) Indicador da presença do tema cidadania – tendo como guia elementos discutidos no referencial teórico desta investigação: o conceito de cidadania e menções a direitos e deveres do cidadão, atribuições do Estado, a figura do cidadão, ações do poder público ou a ausência delas, cobranças do cidadão ao Estado, acontecimentos específicos à luz da legislação brasileira e atuação da Sociedade Civil Organizada na transformação social;

- c) Perspectiva de cidadania – tendo como guia elementos discutidos no referencial teórico desta investigação, principalmente as contribuições de Marshall (1967) e Benevides (1994);
- d) Dimensões da cidadania presentes no conteúdo – a partir da perspectiva de Marshall (1967);
- e) Fontes presentes na matéria jornalística;
- f) Direção da matéria jornalística – a partir da proposta de Bardin (2010);
- g) Associação recorrente da discussão sobre cidadania com outros temas – a partir da perspectiva de Bardin (2010) sobre a existência de co-ocorrências.

Importante salientar que antes da codificação do material foi realizada a transcrição de todas as edições analisadas. Após essas duas etapas, os dados foram categorizados e as informações foram agrupadas nas seguintes categorias: “tema”, “gêneros jornalísticos”, “formatos”, “autorreferência”, “tecnologias presentes no JA 1” e “tempo para cidadania no JA 1”, no primeiro momento; e “perspectiva de cidadania”, “dimensões da cidadania”, “fontes” e “co-ocorrências”, no segundo momento. A técnica utilizada foi a própria análise categorial. A análise e os resultados podem ser conferidos no próximo item.

7. A ANÁLISE

A observação sistemática do *corpus* mostrou ser necessária a divisão do capítulo de análise em três etapas diferentes. A primeira apresenta as percepções gerais obtidas a partir das oito edições do *Jornal Anhanguera 1ª edição* selecionadas para o presente estudo, enquanto a segunda traz elementos percebidos por meio dos conteúdos que abordaram especificamente o tema cidadania e, por fim, a última explicita aspectos da postura do noticiário sobre o tema em questão por meio do quadro “Meus Direitos”, constituindo assim um terceiro “território” de investigação.

Cabe pontuar que, inicialmente, a pesquisa contaria apenas com as duas primeiras etapas de análise. Entretanto, durante o desenvolvimento da investigação percebeu-se ser indispensável a inclusão da observação do quadro “Meus Direitos”, espaço privilegiado do telejornal atualmente para a discussão sobre cidadania. As razões para essa decisão serão melhor explicitadas no item 7.3.

7.1 CONHECENDO O JORNAL ANHANGUERA 1ª EDIÇÃO A PARTIR DE SEU CONTEÚDO

O item “tema” foi a primeira categoria de análise desta investigação, que teve início no âmbito macro, ou seja, na análise das oito edições completas. Para essa observação foi utilizada a lista de assuntos recorrentes no telejornal elaborada por Temer (2002), guia utilizado também por Moraes (2012) em seu estudo sobre o *JA I*. A listagem apresenta os itens: meio ambiente, educação, trânsito, bairro, polícia/segurança pública, denúncia, saúde, política, transporte público, cultura, economia, cidade, estrada e outros. Importante salientar que para esse estudo foi necessário fazer a inclusão do elemento “trabalho”, uma vez que se percebeu que esse assunto se manifestou com certa frequência no *corpus*.

Da mesma forma, é válido ressaltar desde já que foram desprezados os seguintes conteúdos: escalada do noticiário e chamadas para o intervalo comercial e para o *Jornal Hoje*, telejornal exibido em cadeia nacional pela Rede Globo de Televisão. Essa decisão se deu por perceber que eles não agregariam novas informações ou mesmo percepções relevantes à presente investigação.

Uma vez que buscou-se perceber quais temas o programa televisivo em questão contemplou em seu conteúdo nesse intervalo temporal e se ele privilegiou alguns assuntos

em detrimento de outros, realizou-se uma contagem das inserções de cada tema e sua incidência em diferentes edições. Assim, se o assunto “saúde” foi abordado 3 vezes e economia nenhuma vez, essa ênfase seria registrada.

Observou-se, então, que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* contemplou em seu conteúdo os temas: bairro, denúncia, trabalho, saúde, polícia/segurança pública, cultura, economia, cidade, trânsito, meio ambiente, educação, política e outros (normalmente futebol, previsão do tempo, vagas de emprego e agenda cultural). Ficou evidente que havia destaque para os temas “bairro” e “polícia/segurança pública”. Das oito edições analisadas, esses itens foram contemplados em seis delas, o que mostra sua abordagem recorrente e também que nesse novo momento o noticiário investiu em pautas com uma perspectiva mais popular.

Conforme Moraes (2012) comenta em seu estudo, a TV Anhanguera historicamente valorizou conteúdos destinados a grupos sociais com maior poder aquisitivo. Matérias sobre a realidade de bairros, principalmente aqueles periféricos, e notícias sobre segurança pública não faziam tanto sentido para a emissora quanto nesse novo momento. Por esse motivo, essa primeira constatação chamou a atenção. Ela realça características desse período de mudanças.

Cabe ressaltar que, ao privilegiar o tema “bairros”, o telejornal não necessariamente se preocupou em mostrar fatos sobre todos os setores da capital goiana, mas sim locais bem específicos: a periferia de Goiânia e casos com o mesmo perfil em Aparecida de Goiânia – município que integra a Região Metropolitana. Na maioria das vezes, foram expostos problemas estruturais como a falta de asfalto, de água, de opções de lazer e outros itens básicos. A quantidade de inserções desse assunto varia de edição para edição, porém, visivelmente há destaque para ele no material analisado.

O conteúdo do telejornal refletiu nitidamente a divisão social de Goiânia e Região Metropolitana comentada por Oliveira (2012)¹⁰. O *Jornal Anhanguera 1ª edição* evidenciou, assim, o perfil de quem precisa de ajuda para conseguir acessar o poder público: o *subcidadão*, aquele indivíduo desassistido pelo Estado e que socialmente não é considerado produtivo e útil o suficiente para desfrutar do reconhecimento social. Foi esse indivíduo que apareceu no conteúdo do *JA I* na maioria das vezes em que a incidência do tema “bairros” foi registrada.

¹⁰ Ver páginas 95 e 96.

Na abordagem de conteúdos sobre polícia e segurança pública, a dicotomia centro-periferia foi bem menos evidente. Inclusive, porque esse é um problema transversal em todas as regiões da cidade, do estado e do Brasil. No geral, eram inserções que tratavam, principalmente, de registros de crimes em Goiânia e na Região Metropolitana. Nenhuma discussão mais profunda, como os problemas no sistema carcerário de Goiás e outras questões infraestruturais, por exemplo, foi registrada.

A inserção dos assuntos em cada edição do *JA 1*, sua recorrência e a ênfase dada a elas podem ser observada nos gráficos abaixo.

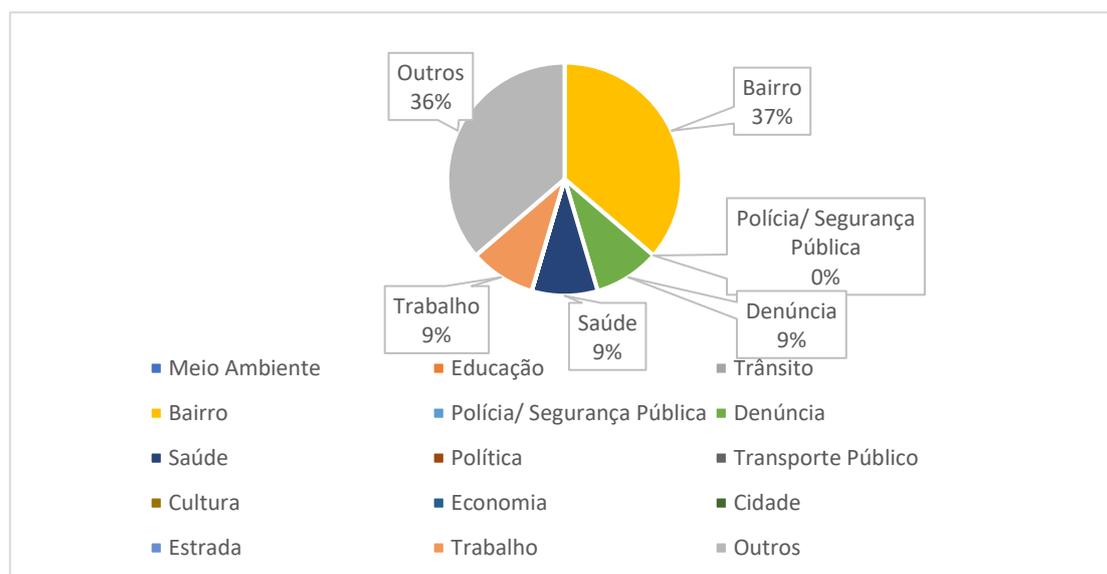


GRÁFICO 1 – TEMAS – 20/10/2010
 FONTE: A autora (2018)

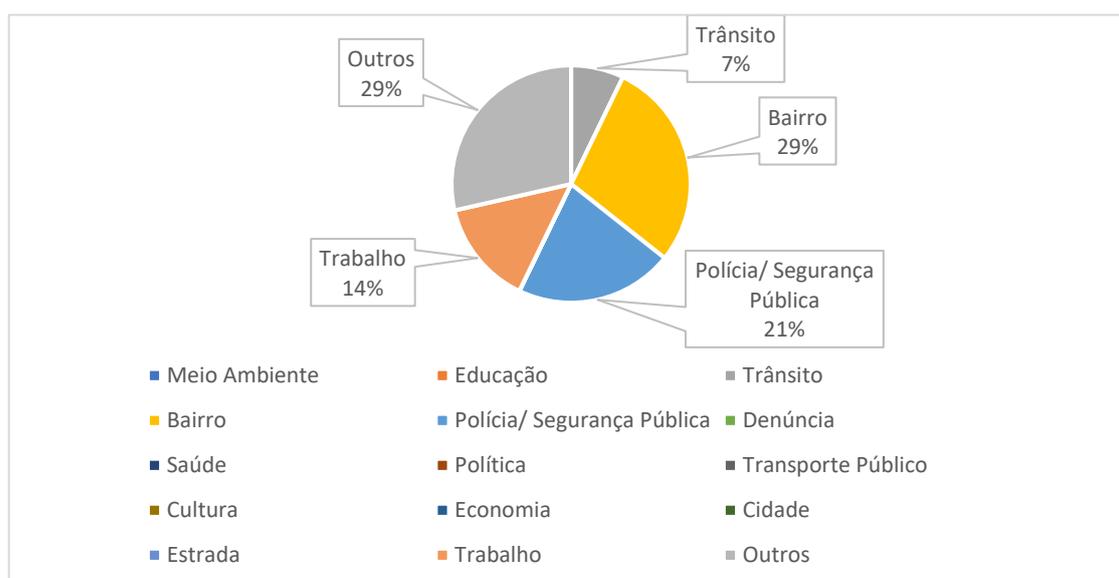


GRÁFICO 2 – TEMAS – 19/10/2011
 FONTE: A autora (2018)

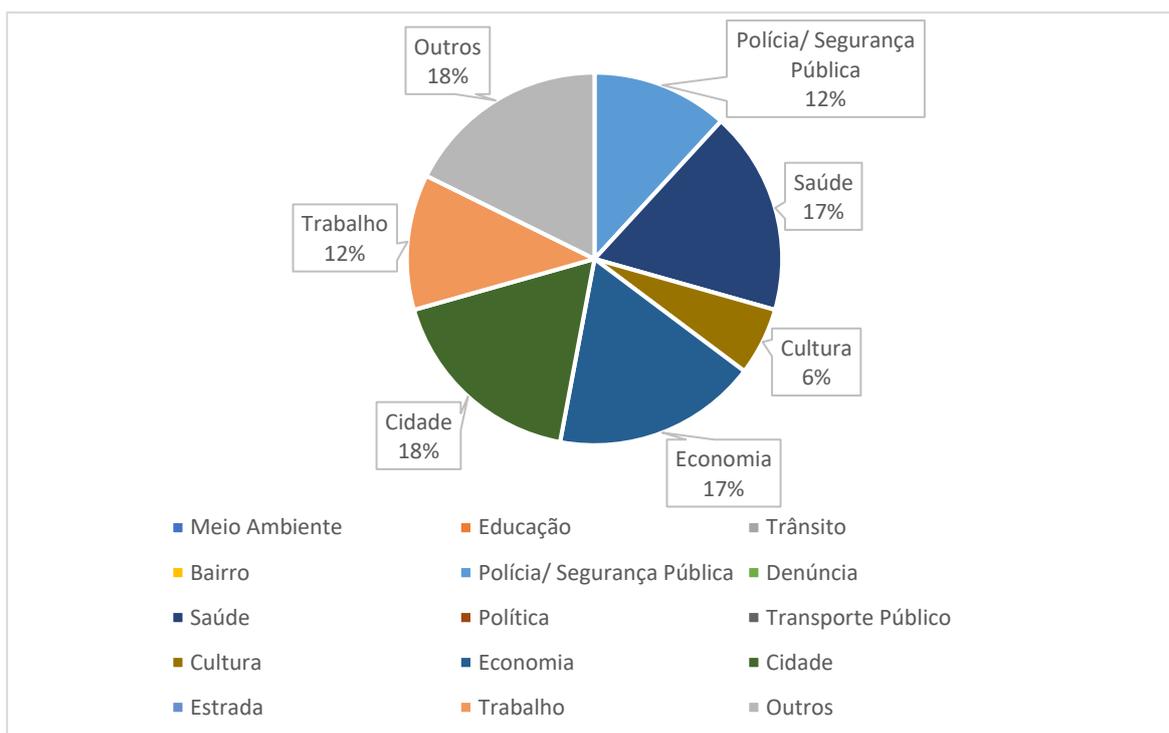


GRÁFICO 3 – TEMAS – 17/10/2012
 FONTE: A autora (2018)

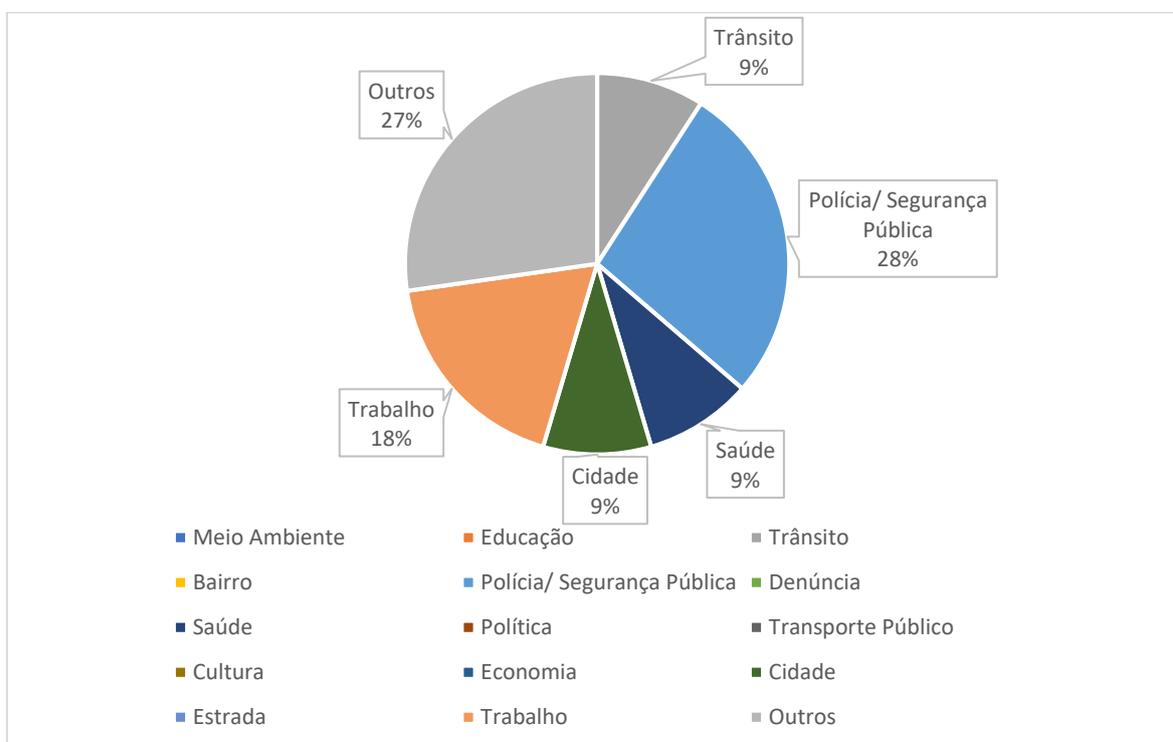


GRÁFICO 4 – TEMAS – 16/10/2013
 FONTE: A autora (2018)

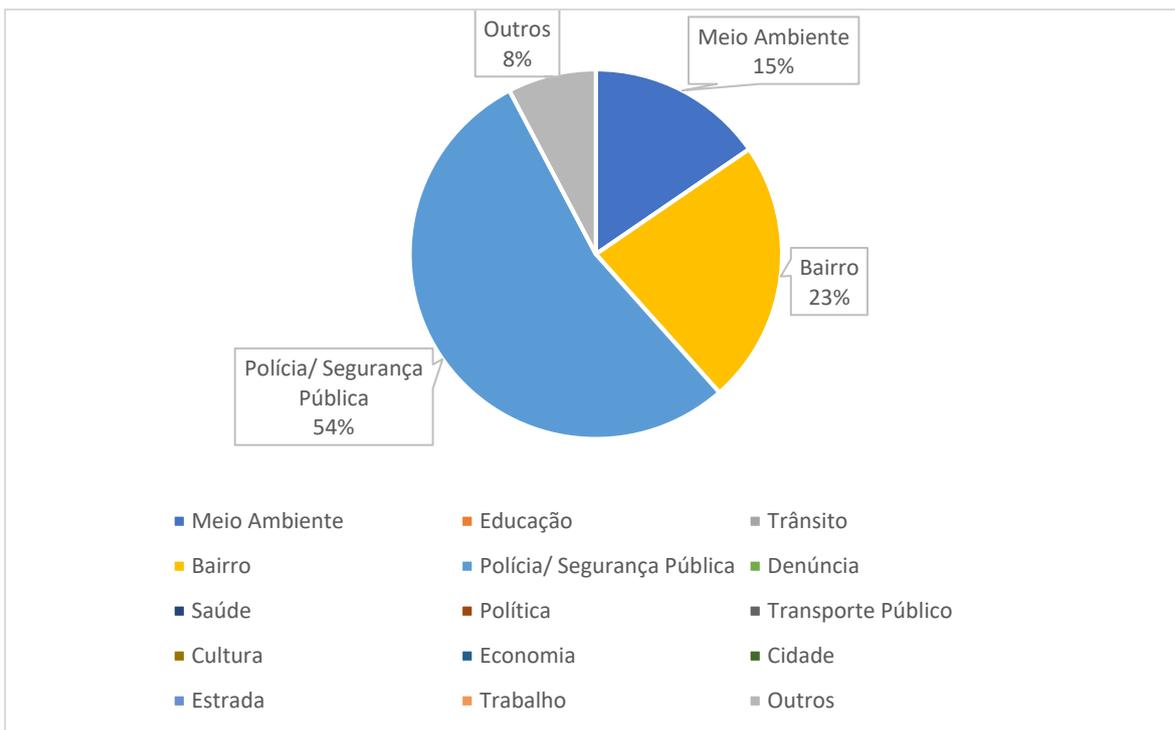


GRÁFICO 5 – TEMAS – 15/10/2014
 FONTE: A autora (2018)

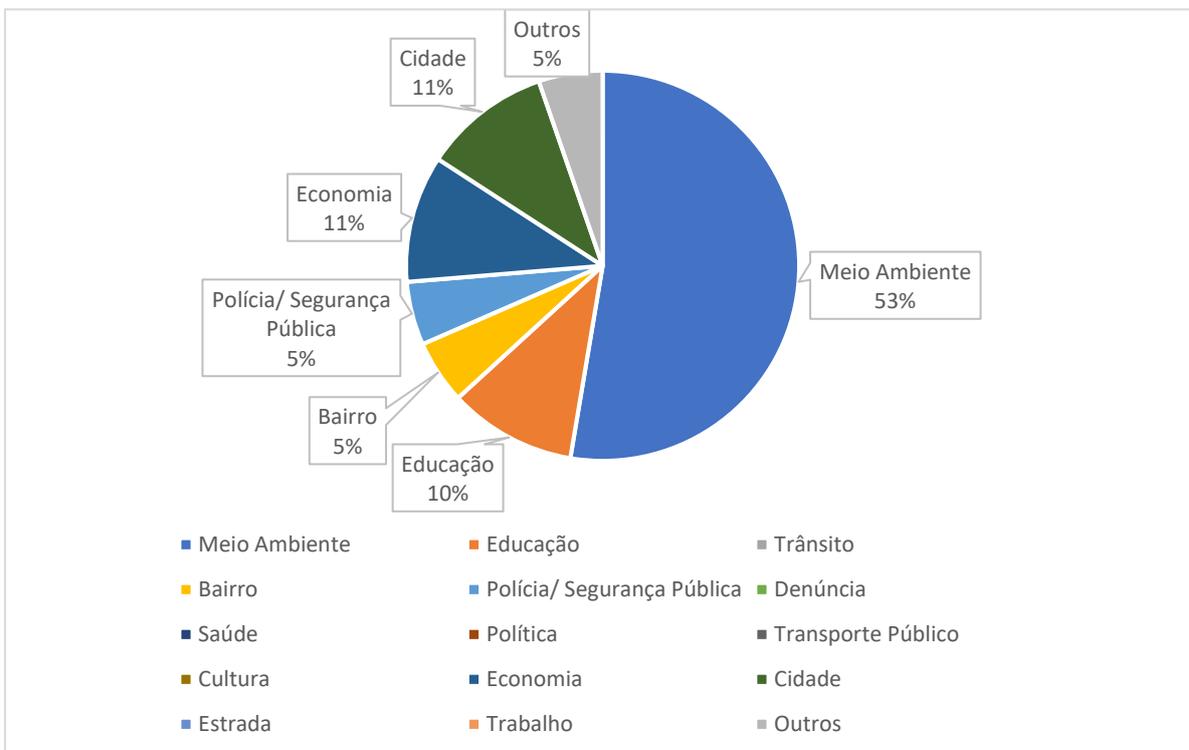


GRÁFICO 6 – TEMAS – 21/10/2015
 FONTE: A autora (2018)

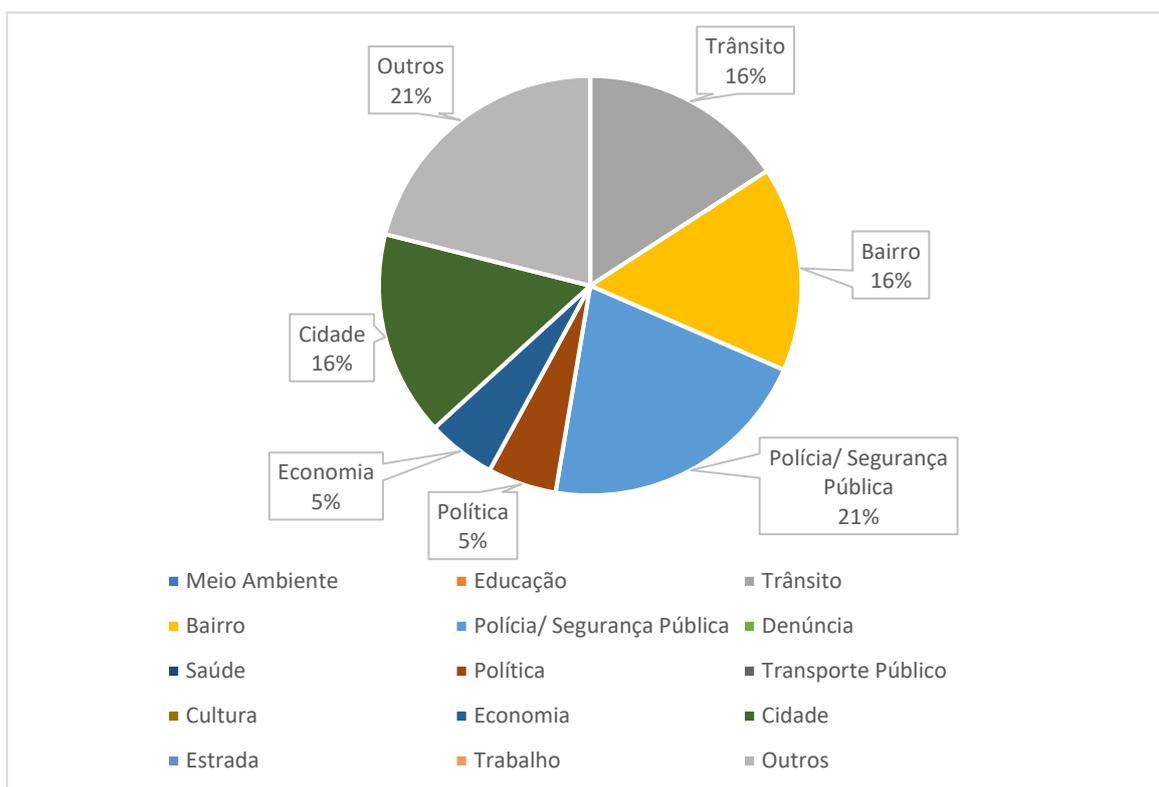


GRÁFICO 7 – TEMAS – 19/10/2016
FONTE: A autora (2018)

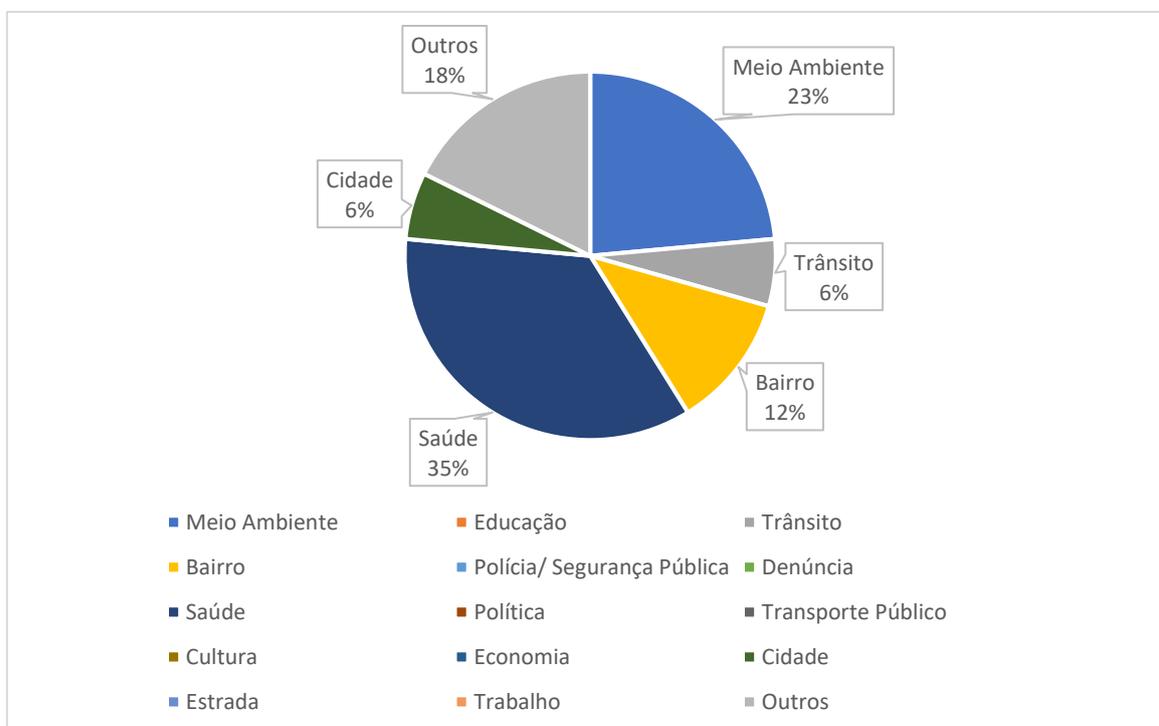


GRÁFICO 8 – TEMAS – 18/10/2017
FONTE: A autora (2018)

O gráfico abaixo apresenta uma visão geral da quantidade de inserções de cada assunto, uma vez que reúne os dados de todas as edições. Fica ainda mais nítida a recorrência dos temas “bairro” e “polícia/segurança pública”, mas também mostra que “Meio Ambiente” (recorrente no *JA I*, principalmente, devido às crises hídricas em Goiânia e Região Metropolitana), “Saúde”, “Cidade” e “Outros” também foram expressivos. Esse último item aparece em destaque pelo fato do telejornal trabalhar com alguns assuntos de forma fixa, por meio de quadros. Os temas futebol, previsão do tempo e vagas de emprego são exemplos de itens enquadrados como “outros” e que foram frequentes no *corpus* justamente por esse motivo: serem fixos.

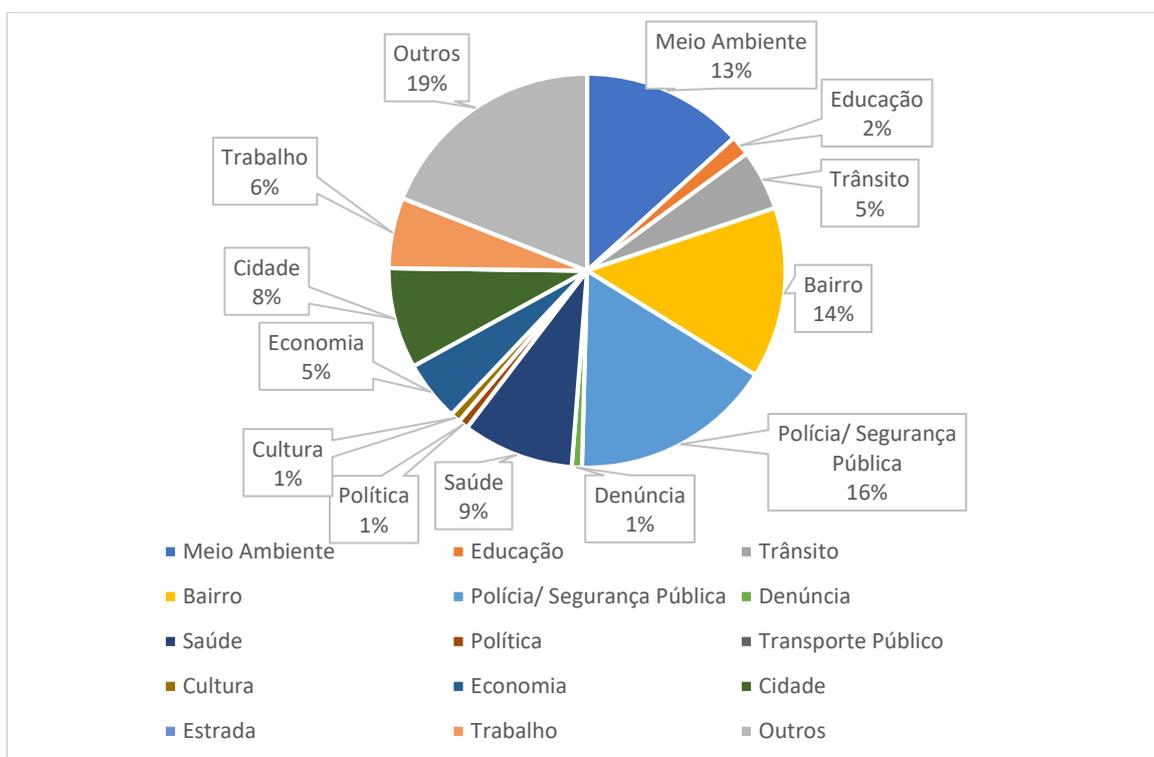


GRÁFICO 9 – TEMAS – 2010 a 2017
 FONTE: A autora (2018)

Ainda na categoria “temas” é válido ressaltar uma percepção importante para esse trabalho: o item “política” apareceu uma única vez no *corpus*. A inserção, registrada na edição de 2016, foi rápida e não vinculada à discussão sobre cidadania. O telejornal se limitou a apresentar a agenda de compromissos públicos de candidatos à prefeitura de Goiânia, uma vez que era ano eleitoral. Essa constatação chamou a atenção porque o noticiário em questão sempre traz a figura do poder público em seu conteúdo, fazendo

cobranças e registrando sua ineficiência, como será possível perceber mais adiante, e nesse momento teve a chance de fazer algum comentário ou mesmo uma matéria sobre a importância do cidadão exercer seus direitos políticos com consciência e responsabilidade e não o fez. Foi interessante ver a recorrência de menções ao poder público e à figura do cidadão em todas as edições e o tema “política” aparecer apenas uma única vez no material aqui analisado, que foi formado por oito edições, de oito anos diferentes.

Nota-se, desde já, que a noção de uma cidadania ativa, mencionada tanto por Benevides (1994) quanto por Carvalho (2014), de um indivíduo consciente e responsável, socialmente falando, é pouco valorizada pelo *JA I*. No conteúdo em análise, a perspectiva de participação na política institucional praticamente inexistente. Há apenas cobranças a um poder público ineficiente, que não tem rosto e que está distante da realidade da população. Foram percebidos estímulos frequentes, por parte da emissora, para que o telespectador mostre que tem voz enquanto cidadão, mas sempre via telejornal. A autonomia dos indivíduos não é estimulada.

A segunda categoria utilizada nesta investigação foi “gêneros jornalísticos”. Nesse momento buscou-se observar quais gêneros se faziam presentes nas edições analisadas, a partir das contribuições de Rezende (2000) e Assis e Melo (2010). O primeiro aspecto que chamou a atenção foi o investimento do telejornal nos gêneros “informativo” e “utilitário”. Eles não só apareceram todos os anos, como visivelmente houve um destaque para eles em detrimento dos outros, conforme evidenciam os gráficos abaixo.

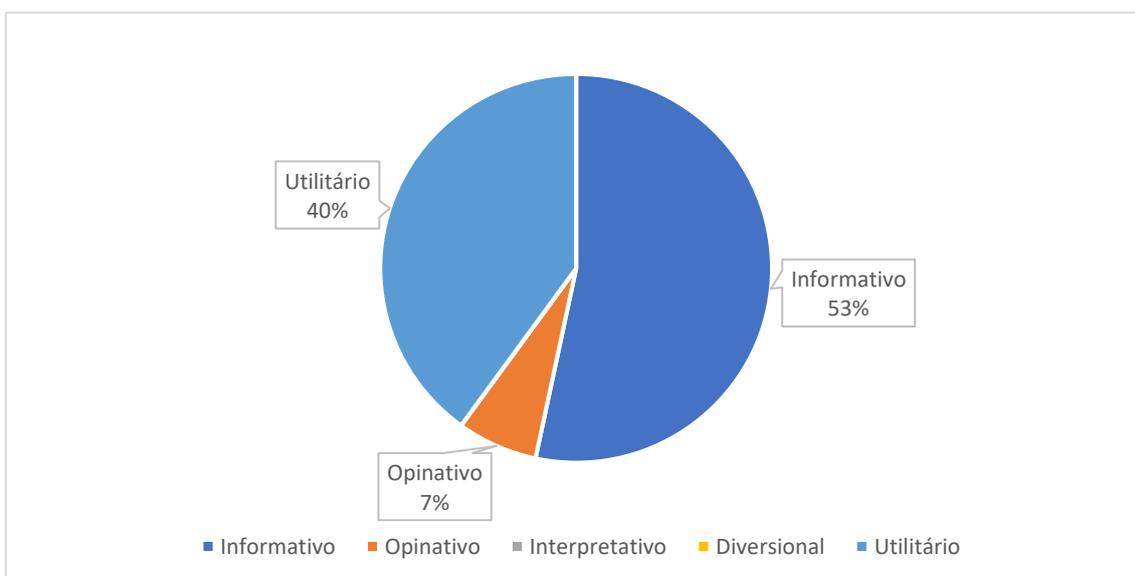


GRÁFICO 10 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 20/10/2010

FONTE: A autora (2018)

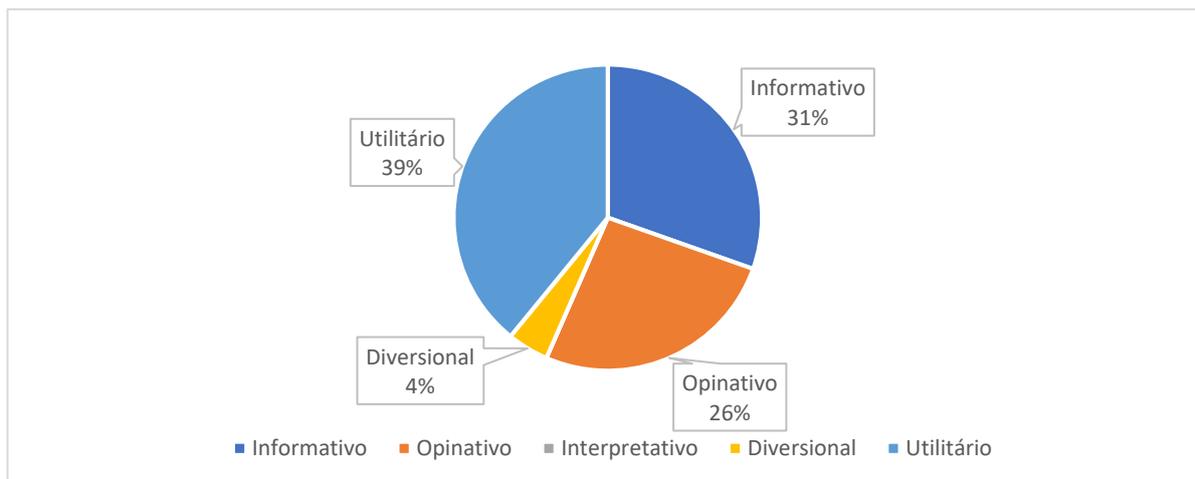


GRÁFICO 11 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 19/10/2011
 FONTE: A autora (2018)

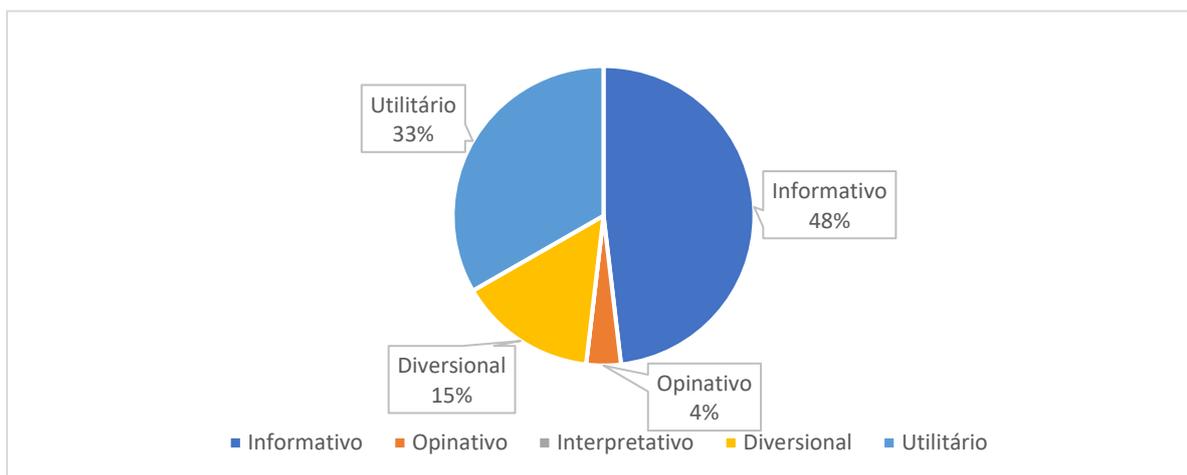


GRÁFICO 12 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 17/10/2012
 FONTE: A autora (2018)

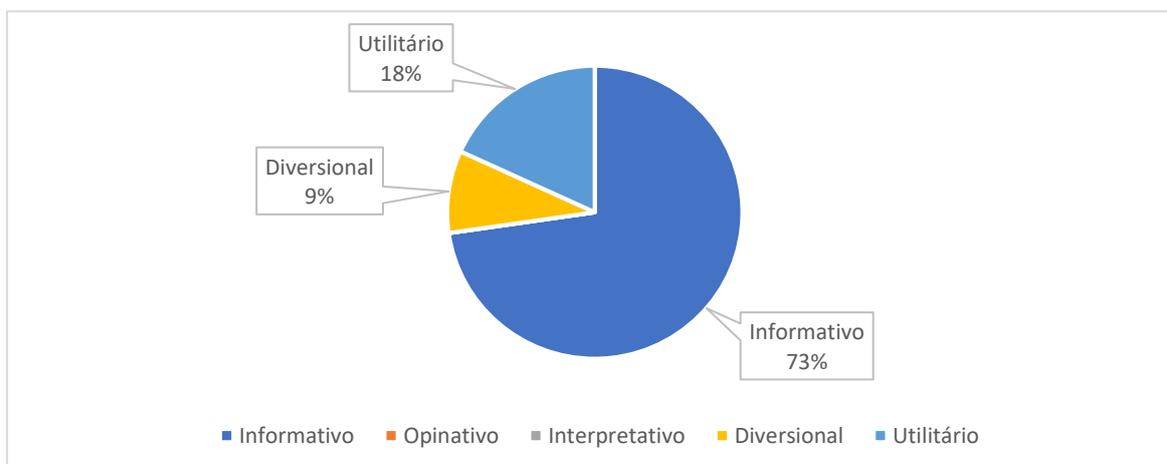


GRÁFICO 13 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 16/10/2013
 FONTE: A autora (2018)

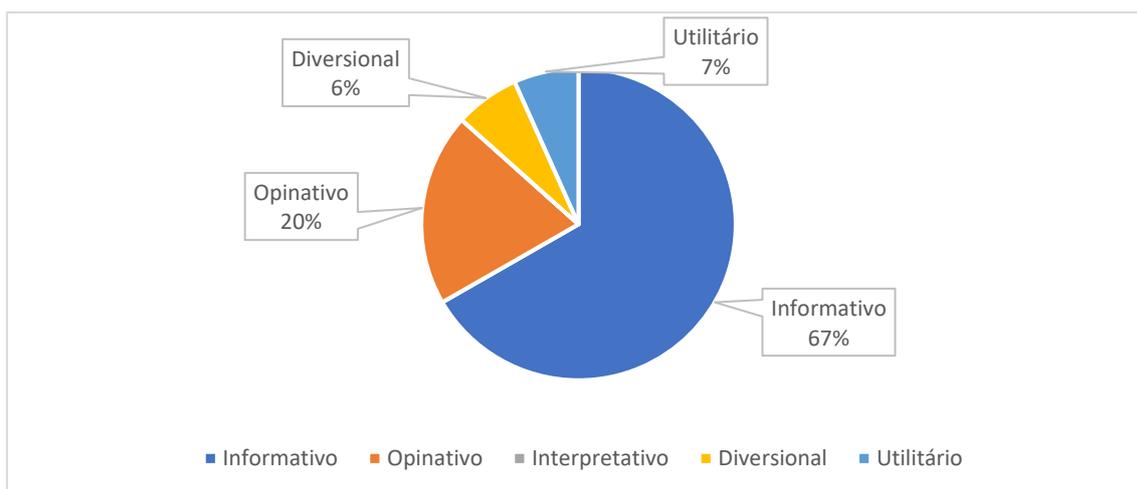


GRÁFICO 14 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 15/10/2014
 FONTE: A autora (2018)

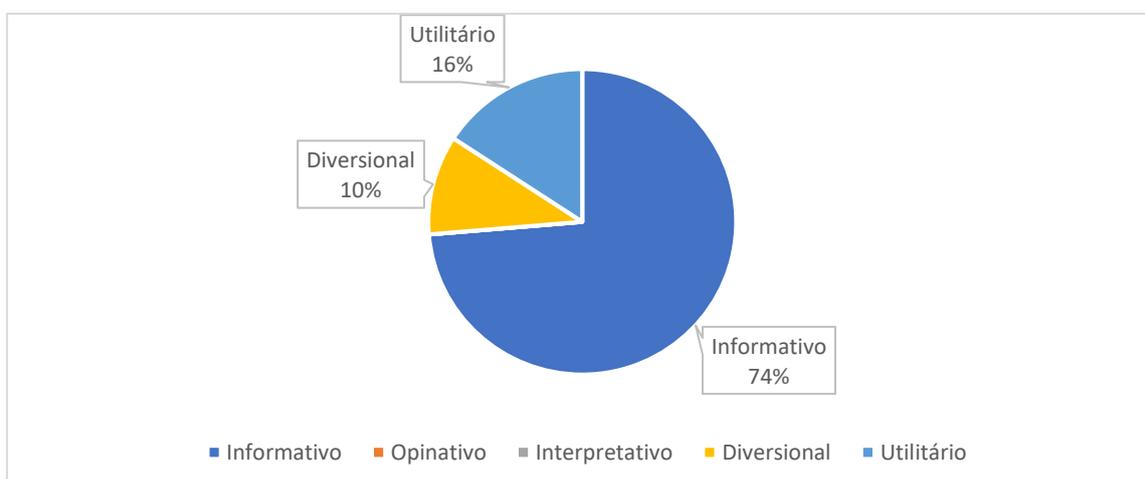


GRÁFICO 15 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 21/10/2015
 FONTE: A autora (2018)

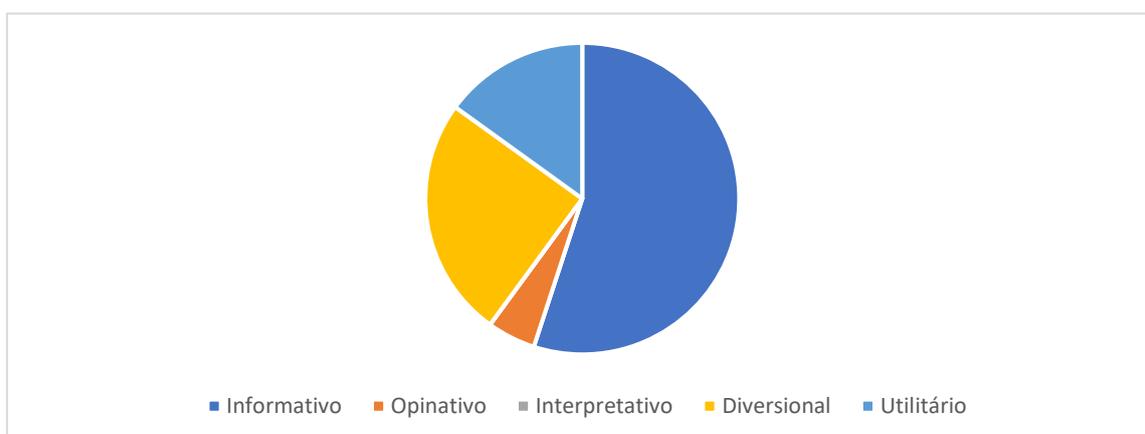


GRÁFICO 16 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 2016
 FONTE: A autora (2018)

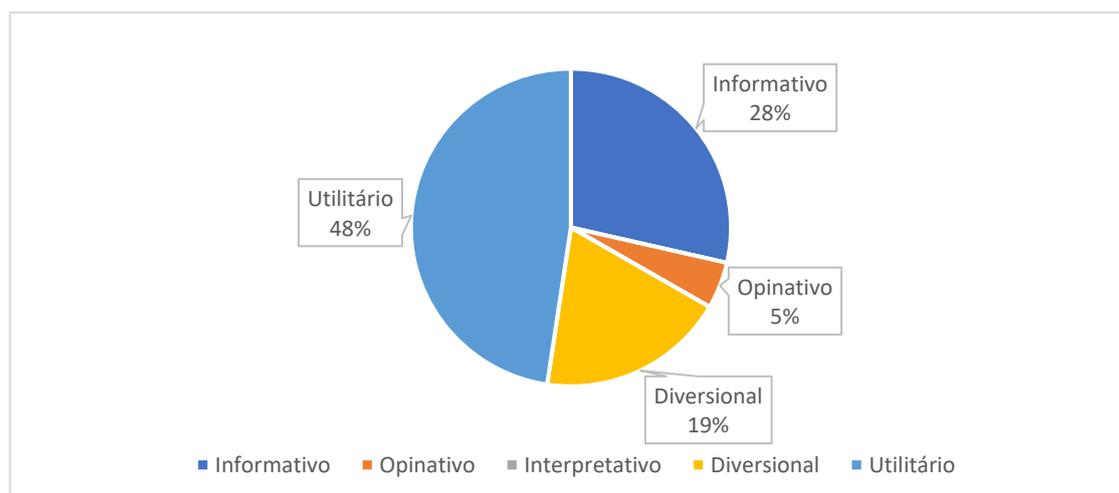


GRÁFICO 17 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS – 18/10/2017
 FONTE: A autora (2018)

Essa é uma das categorias que também diz muito sobre o *Jornal Anhanguera 1ª edição* no intervalo entre 2010 a 2017. Com a adesão ao projeto editorial da Rede Globo de Televisão de um “*jornalismo comunitário*”, a partir de 2010, o noticiário passou a procurar formas de aliar informação e utilidade/serviço em seu conteúdo com maior ênfase. A bibliografia sobre o assunto já sugeria essa postura e a observação do *corpus* reforçou esse entendimento. Essa constatação foi possibilitada pela análise dos gêneros jornalísticos privilegiados pelo noticiário (informativo e utilitário), mas também pela própria fala recorrente dos apresentadores.

Há, pelo menos, duas falas da apresentadora Lilian Lynch que ilustram o que aqui está sendo dito.

Apresentadora: [...] Preocupação, claro, com razão. E nós fomos atrás de respostas. Olha só!

(Edição: 2010)

Apresentadora: [...] Vamos tentar pelo menos uma resposta. Vamos agora ao Bairro Cardoso II para conversar com o repórter Murilo Santos, que acompanha essa reclamação dos moradores que estão na bronca, né Murilo?!

(Edição: 2011)

Para fins de análise, nesse momento foram separados os conteúdos que atendiam às expectativas específicas do gênero informativo e do utilitário, bem como dos outros. Entretanto, a postura do telejornal, na maior parte do tempo, mostra esse interesse em aliar informação e serviço de forma transversal no conteúdo, seja por meio de falas dos apresentadores, na escolha das pautas e até nos comentários.

Chama a atenção da mesma maneira a ausência do uso do gênero interpretativo no conteúdo analisado. Essa constatação ajuda a perceber que o *JA 1* não se preocupa em contextualizar com profundidade os problemas que aborda. São recorrentes as pautas sobre falta de asfalto, problemas causados pela ausência de médicos em postos de saúde de Goiânia e da Região Metropolitana e outras matérias com esse perfil. No entanto, esses fatos são mostrados de forma isolada, fragmentada.

Essa situação agrava um risco observado por Neveu (2002): a fragmentação da realidade que gera “des-serviços”. De fato, em nenhuma das edições constatou-se a preocupação do telejornal em explicar como opera a prefeitura, por exemplo, na execução dos projetos de asfalto. No *corpus*, mostra-se a reclamação de uma comunidade e a resposta do poder público para aquele grupo de pessoas em específico. No dia seguinte, há outra comunidade com uma queixa similar e o procedimento realizado pelo noticiário é o mesmo.

Essa crítica vale para a postura do *Jornal Anhanguera 1ª edição* com relação ao asfalto, mas também para a falta de segurança nos bairros, para a ausência de vagas em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIS), para abordagens sobre UTIs e tantas outras situações que integram a pauta desse noticiário. Contextualizar os cenários, por meio de conteúdos interpretativos, talvez fosse um caminho mais efetivo nessa busca do telejornal de se portar como um verdadeiro aliado do cidadão.

Com a categoria “formatos” houve um reforço da percepção obtida na análise anterior. Os formatos mais utilizados foram justamente nota, notícia, reportagem, entrevista, do gênero informativo; e indicador e serviço, do gênero utilitário. O comentário apareceu mais discreto mostrando que o gênero opinativo ainda está presente, mas que tem pouca força nesse noticiário.

Na maioria das vezes, o uso do comentário foi feito após matérias sobre comunidades e problemas de infraestrutura da cidade. Falas indignadas dos apresentadores ou reforços de que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* é parceiro do cidadão

na luta pelo respeito aos seus direitos foram a maioria dos conteúdos registrados nesse sentido.

Interessante perceber o investimento do telejornal nos formatos “história colorida” e “história de interesse humano”, do gênero diversional. Nos dois casos, o objetivo é se conectar ao telespectador por meio da emoção ou sensibilidade. As inserções são menos expressivas, se o parâmetro for os formatos mencionados acima. No entanto, a presença deles mostra o interesse do noticiário em investir em matérias que priorizem o “sensacional”. Esses formatos foram percebidos no *corpus* principalmente em matérias relacionadas à solidariedade. São matérias com forte apelo emocional.

Um exemplo é a matéria sobre uma mãe, que estava morando provisoriamente na garagem de uma vizinha com seus filhos. Abaixo, a abertura da reportagem evidencia alguns dos recursos utilizados para sensibilizar o telespectador.

Repórter: Pois é, Lilian. É uma história ainda mais triste. Boa tarde ‘pra’ você. Boa tarde a todos. A família é a da Irene. Ela e as crianças estão todas aqui nessa casa e antes de conversar com ela, eu gostaria de mostrar onde eles estão ficando. É exatamente nesse espaço da garagem, na entrada da casa, onde estão os móveis aqui dela. Fogão, armário, a cama, televisão, caixa, ‘tá’ tudo aqui. Tudo improvisado. E as crianças e ela estão todos dormindo aqui. Os filhos dela tem entre 1 aninho e 12 anos. Todo mundo passando por muita dificuldade. Eu vou chegar aqui pertinho ‘pra’ conversar com a Irene. Irene, o problema...você ficou desempregada, trabalhava como doméstica, e aí não pode pagar o aluguel, né?!

(Edição: 2016)

Após contar a história de Irene e fazer o pedido de ajuda para o telespectador, a repórter chega a se emocionar ao vivo.

Repórter: Ou seja, falta tudo aqui, né?! Ela se acalmou agora. A gente fica até um pouco emocionada, Lilian, porque ela ‘tava’ chorando muito de dor. Eu vi o dentinho dela. O dentinho dela ‘tá’ bem pretinho. Inclusive, a gente não sabe exatamente o que ela tem porque nem passou pelo dentista ‘pra’ saber. Mas a família está precisando de tudo. Está precisando de tratamento dentário, está precisando de moradia, está precisando de emprego. A Irene, inclusive, tem problema de saúde, problema no coração. Inclusive, a gente pede a colaboração de todo mundo. Eu entrei em contato com um grupo de dentistas daqui de Goiânia, passei a foto da Duda. A

gente já conseguiu esse tratamento dentário ‘pra’ tratar a dorzinha que ela ‘tá’ e a gente pede que as pessoas colaborem aí com essa família que está passando tanta dificuldade, Lilian.

(Edição: 2016)

Nessa matéria, que foi uma entrada ao vivo, foram apresentados itens como a história de Irene, que por si só gerou comoção, mas também imagens da situação em que a família se encontrava, e ainda cenas da criança que estava sentindo dor. Com os dados disponíveis nesse estudo, é possível inferir que há uma tentativa do noticiário de utilizar essas inserções para estreitar ainda mais os laços com a audiência, seja por meio de uma história emocionante que prenda a atenção do telespectador ou pela imagem sugerida pela própria reportagem de que a emissora é solidária e comprometida, socialmente falando.

Ainda na etapa da pesquisa exploratória um comportamento do *Jornal Anhanguera 1ª edição* chamou a atenção: a “autorreferência”. Em todas as edições aqui analisadas foi possível perceber diferentes menções que o telejornal fazia a ele mesmo, por meio da fala de seus apresentadores, repórteres e até pela leitura de depoimentos da audiência elogiando o noticiário. Por esse motivo, foi criada uma categoria só para averiguar melhor esse aspecto.

Ao listar todas as vezes que esse tipo de menção foi feita, percebeu-se o esforço do programa jornalístico em fortalecer algumas mensagens-chave. Ao todo, foram contabilizados mais de 40 momentos em que o *JA 1* se autorreferenciou, que podem ser sintetizados nas ideias abaixo.

- 1) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* vai até o bairro do telespectador;
- 2) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* escuta o telespectador;
- 3) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* abre espaço para o telespectador se manifestar;
- 4) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* discute temas relevantes para a comunidade;
- 5) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* mostra o problema social e vai em busca de soluções;
- 6) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* medeia a relação do cidadão com o poder público;
- 7) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* pressiona o poder público para resolver determinadas situações;
- 8) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* continua acompanhando a comunidade até o poder público cumprir a promessa que foi feita no ar;

- 9) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* ajuda o telespectador que está em busca de emprego;
- 10) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* valoriza a ação solidária;
- 11) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* desenvolve quadros especiais que valorizam a população de Goiânia.

Alguns exemplos são ilustrativos do que aqui está sendo dito. Nos dois trechos abaixo, o noticiário valoriza o fato de que ele vai até o bairro do telespectador ouvir suas demandas.

Apresentador: Bom, e o *Jornal Anhanguera* vai agora ao vivo ao Bairro Capuava. É que os moradores ali da região estão votando já no painel do Quero Ver na TV no assunto que eles acham mais importante e que querem que seja transformado em reportagem aqui no *Jornal Anhanguera*.

(Edição: 2010)

Apresentadora: E olha só. Através da internet, o *Jornal Anhanguera* recebe todos os dias várias sugestões de reportagem. E hoje nós vamos atender aos pedidos de vários telespectadores: do Valdeir, da Luiza e do Vitor Hugo. Todos moram no Veiga Jardim I, em Aparecida de Goiânia.

Apresentador: E sabe o que eles pediram? Eles escreveram aqui para nossa equipe, mandaram ‘pra’ gente esse e-mail reclamando que o asfalto não chegou para oito ruas do bairro. A nossa equipe, claro, foi lá atender o pessoal e conferir tudo isso.

(Edição: 2011)

Já os exemplos abaixo servem para evidenciar que *JA 1* faz questão de reforçar sua imagem positiva, inclusive, com relatos vindos da própria audiência.

Apresentadora: Eu quero agradecer aqui também a mensagem que nós recebemos do Tiago, telespectador do *Jornal Anhanguera*, porque ele ‘tá’ mandando aqui ó: “agradecer a presença do *Jornal Anhanguera* ontem na Vila Brasília. O bairro estava sem água e depois da reportagem”, da gente ter passado por lá... “na Vila Brasília”...eles ficaram sem água 4 dias. E logo depois da reportagem a água então voltou. Foi reestabelecida. A gente é que agradece, viu Tiago?! Você pode contar sempre com a

presença aqui do *Jornal Anhanguera*. Nosso papel, gente, é mostrar e cobrar, ‘tá’?! Assim como no Jardim Cascata a gente vai fazer também, assim na Vila Brasília... ontem o problema foi resolvido. ‘Pra’ participar, só mandar sua mensagem: QVT, e-mail ou WhatsApp.

(Edição: 2016)

Apresentador: Eu vou ler aqui agora participações muito bacanas de pessoas que ‘tão’ acompanhando a nossa série “Câncer – A batalha pela vida”. A Tainara Lisboa disse que o avô dela descobriu o câncer por causa de uma queda também, assim como o personagem da nossa reportagem. Ele fez o tratamento pelo SUS e olha só: conseguiu a vaga ‘pro’ tratamento através da TV Anhanguera, que fez uma reportagem com ele no Cais na época e ainda a família nem sabia que ele tinha a doença.

(Edição: 2017)

Assim, essa categoria oferece os primeiros indícios do esforço do *JA 1* em fortalecer a sua postura enquanto um ator social, termo usado por Temer (2015). Visivelmente, há um investimento em pautas, quadros e até projetos especiais (a exemplo do quadro “O bairro que eu quero”) para a concretização desse objetivo. Importe frisar que há um limite geográfico bem estabelecido nesse sentido: o foco dos conteúdos é sempre Goiânia e alguns poucos bairros de municípios que compõem a Região Metropolitana.

Uma busca no acervo de edições que já foram ao ar, disponibilizadas pela emissora em seu site institucional, deixa clara essa tentativa do telejornal em ser percebido como um ator social desde o ano de 2010. Há claramente uma atenção especial para a afirmação dessa imagem junto à audiência na fala dos apresentadores e repórteres. Esse foi um aspecto fundamental do programa jornalístico em questão que a categoria “autorreferência” teve condições de evidenciar.

Outra categoria dessa investigação foi “tecnologias presentes no JA 1”. Percebeu-se que uma das mudanças mais radicais da emissora no período de transição foi a transformação do estúdio, que passou a contar com a presença fixa de algumas TICs. Foram incluídas duas TVs de plasma, utilizadas para o diálogo ao vivo com os repórteres, com comunidades e até mesmo com os diferentes entrevistados que o programa

jornalístico recebe, mas também para mostrar mapas e infográficos; e um *notebook*, para leitura de participações da audiência e outros textos preparados pela produção.

Essa nova estrutura que veio com esse processo de reformulação mudou completamente a estética do telejornal. Acredita-se, inclusive, que houve também investimento em novas câmeras e tecnologias similares, uma vez que a qualidade imagética aumentou significativamente. Apesar do recorte temporal desse estudo ser de 2010 a 2017, cabe apresentar fotos do *Jornal Anhanguera 1ª edição* de um ano antes do início das transformações para explicar melhor o porquê desses novos elementos chamarem tanto a atenção.

As duas primeiras fotos são registros do *JA 1* em 2009, enquanto as duas últimas são de 2017.



FOTOGRAFIA 1 – BANCADA DO JA 1 EM 2009
FONTE: YOUTUBE



FOTOGRAFIA 2 – BANCADA DO JA 1 EM 2009
FONTE: YOUTUBE



FOTOGRAFIA 3 – BANCADA DO JA 1 EM 2017
FONTE: G1 /TV ANHANGUERA



FOTOGRAFIA 4 – BANCADA DO JA 1 EM 2017
FONTE: G1 /TV ANHANGUERA

Aqui cabe um breve parêntese. Além de evidenciar as mudanças estéticas pelas quais o *Jornal Anhanguera 1ª edição* passou, essa comparação de imagens mostrada

acima também permite perceber o quão a proposta da emissora se aproximou visualmente do *Balanço Geral Goiás*, noticiário da TV Record Goiás que historicamente disputa audiência com o *JA 1* no horário do almoço. Se antes os jornalistas apresentavam o programa jornalístico sentados, agora eles permanecem de pé, contam com duas TVs de plasma, assim como o concorrente, e buscam interagir com o telespectador por meio de tecnologias ao longo da edição.

As imagens abaixo explicitam melhor o que aqui está sendo dito. A primeira foto é do jornalista Oloares Ferreira, da Record Goiás, apresentando o *Goiânia Urgente* em 2009. Já a segunda é do mesmo apresentador conduzindo uma entrevista no *Balanço Geral*, programa que sucedeu o *Goiânia Urgente* no horário do almoço, porém em 2016. Percebe-se que a emissora concorrente da TV Anhanguera já adotava esse estilo em seus telejornais. Ou seja, muito provavelmente esse foi um fator que interferiu nas decisões da afiliada à Rede Globo de Televisão no processo de reformulação estética do *JA 1*.



FOTOGRAFIA 5 – PROGRAMA
BALANÇO GERAL
FONTE: YOUTUBE



FOTOGRAFIA 6 – PROGRAMA
BALANÇO GERAL
FONTE: YOUTUBE

Feito esse parêntese, é válido retomar o raciocínio pontuando que essas transformações seguem a tendência de mudança no perfil do telejornalismo já apresentada por Becker (2016) e exploradas por Moraes (2012), em seu estudo sobre o próprio *Jornal Anhanguera 1ª edição*. Durante a observação do *corpus* da presente investigação ficou bem evidente as mudanças na linguagem e na vestimenta, que passou a ser menos formal, a movimentação no estúdio, e principalmente, o investimento no diálogo mais próximo com o telespectador por meio de aplicativos, *e-mail* ou quaisquer outros recursos que possibilitem interação.

Nesse sentido, cabe sublinhar também que a partir do ano de 2015 foram incluídos de forma permanente no estúdio um *smartphone* e um *tablet*. Esses investimentos

chamam a atenção para a postura do *Jornal Anhanguera 1ª edição* em abrir cada vez mais espaço para a “participação” do telespectador. Se em 2010, o convite para enviar demandas ou sugestões para o telejornal era direcionado ao uso de um painel interativo (o QVT), em 2017, os apresentadores convidam a audiência para “participar” do noticiário por meio do *WhatsApp*, *e-mail* ou pelo aplicativo do QVT (Quero Ver na TV).

É de fundamental importância deixar claro que essa “participação” que o próprio telejornal diz valorizar, por meio da fala de seus apresentadores e repórteres, não se concretiza. De fato, há maior disponibilidade de canais de comunicação para que o telespectador envie mensagens, vídeos, fotos e sugestões de pauta, mas a noção de participação não se restringe a essas ações. Sob a ótica acadêmica, participar efetivamente de um noticiário inclui auxiliar no processo de construção da pauta, ter voz ativa na definição dos assuntos que serão priorizados no telejornal, ir a campo acompanhar a apuração das notícias, opinar sobre enquadramentos e uma série de outros comportamentos que visivelmente o *JA 1* não oportuniza à sua audiência. Além disso, é pertinente lembrar que não são todas as “participações” enviadas pelo telespectador que são “aproveitadas” pela produção do *Jornal Anhanguera 1ª edição*.

Dentro desse cenário de análise, verificou-se que o QVT se mostrou uma tecnologia muito estratégica para o telejornal nesse novo momento. Como explica Moraes (2012), o Quero Ver na TV foi concebido como um painel interativo para estreitar a relação com o telespectador em 2008. Já havia um processo de crise de audiência na emissora nesse período. Essa tecnologia foi pensada justamente nesse contexto. Anos depois, em 2014, a TV Anhanguera decidiu transformar o painel interativo que circulava por bairros de Goiânia e da Região Metropolitana em um aplicativo. As imagens abaixo evidenciam a evolução desse projeto.



FOTOGRAFIA 7 – PAINEL DO QVT
FONTE: G1 /TV ANHANGUERA



FOTOGRAFIA 8 – APLICATIVO QVT
FONTE: G1 /TV ANHANGUERA

Em uma das ações de reforço da apresentação do novo aplicativo ao telespectador¹¹, o apresentador Marcelo Rosa trouxe em sua fala um elemento que acrescenta muito a esse estudo: o vínculo do aplicativo com o tema cidadania. O telejornal tentou, desde o início, associar a nova ferramenta ao exercício da cidadania, como pode ser percebido no trecho abaixo.

Apresentador: É muito fácil de operar. Você só precisa acessar a loja virtual que permita o envio desse aplicativo no sistema operacional do seu celular. Pode ser o IOS ou o sistema Android. Você baixa o aplicativo de graça e instantaneamente ele já está funcionando e você pode começar a exercer a sua cidadania com muito mais agilidade.

(Edição: 2014)

Ao estabelecer esse vínculo, que é reforçado várias vezes e de diferentes formas nas edições aqui analisadas, o *Jornal Anhanguera 1ª edição* fortalece o processo de midiatização da sociedade, mencionado tanto por Sodré (2008; 2014) quanto por Hjarvard (2012). E esse processo é duplo. De um lado, o noticiário confere forças à midiatização sendo um produto midiático que se dispõe a ser um agente mediador da relação cidadão-Estado; e do outro, realiza esse reforço ao dizer que um aplicativo, desenvolvido pela emissora, é capaz de agilizar o exercício da cidadania.

Para encerrar as categorias de análise das edições completas do *Jornal Anhanguera 1ª edição* há o item “tempo para cidadania no JA 1”. Essa observação conferiu ainda mais força para uma das hipóteses de trabalho desta pesquisa, que era a percepção de que, nesse novo momento, o tema cidadania vem recebendo destaque no telejornalismo. De fato, foi possível perceber que as 8 edições que integram o *corpus* dispuseram de pelo menos 20% de seu tempo total para a abordagem de assuntos que de algum modo perpassam pela cidadania, como é possível perceber nos gráficos abaixo.

¹¹ O vídeo pode ser conferido no link <http://g1.globo.com/goias/jatv-1edicao/videos/t/edicoes/v/tv-anhanguera-lanca-novo-aplicativo-do-querer-na-tv/3720163/>

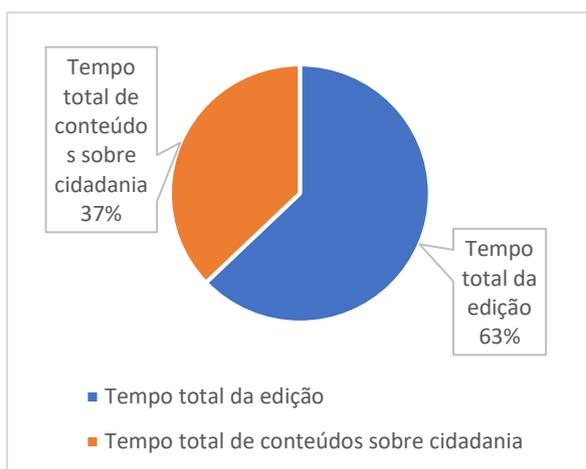


GRÁFICO 18 – TEMPO PARA CIDADANIA – 20/10/2010
 FONTE: A autora (2018)

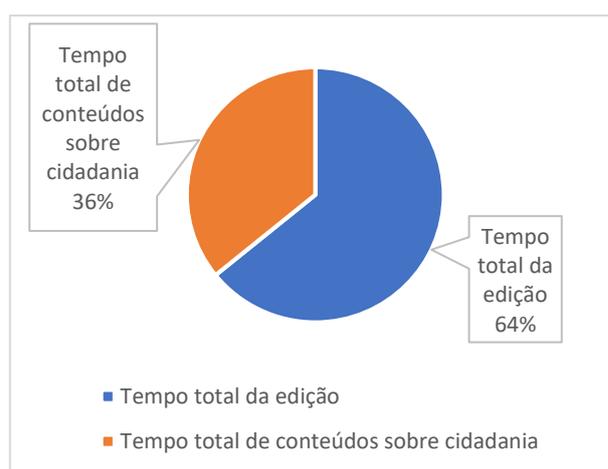


GRÁFICO 19 – TEMPO PARA CIDADANIA – 19/10/2011
 FONTE: A autora (2018)

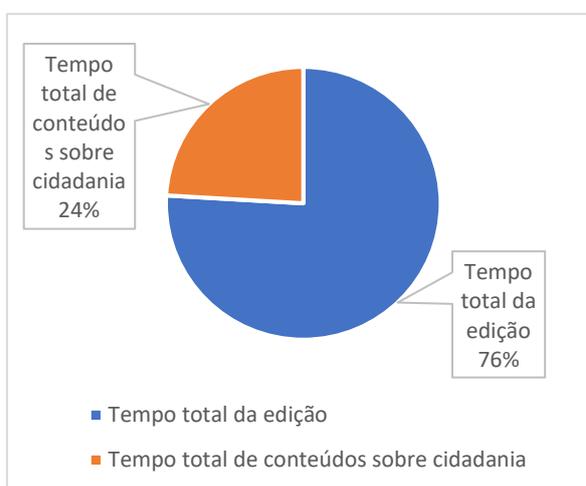


GRÁFICO 20 – TEMPO PARA CIDADANIA – 17/10/2012
 FONTE: A autora (2018)

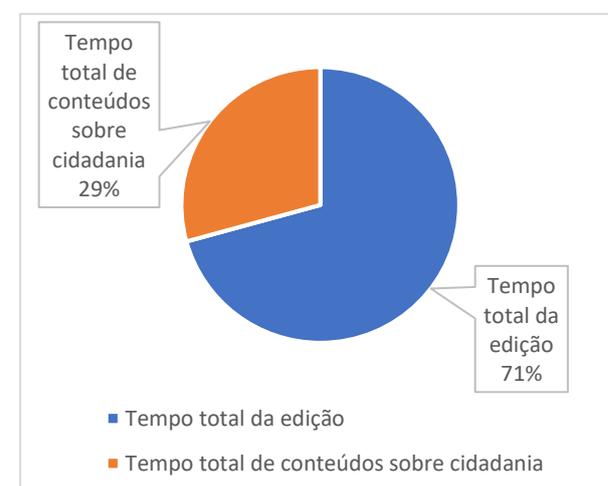


GRÁFICO 21 – TEMPO PARA CIDADANIA – 16/10/2013
 FONTE: A autora (2018)

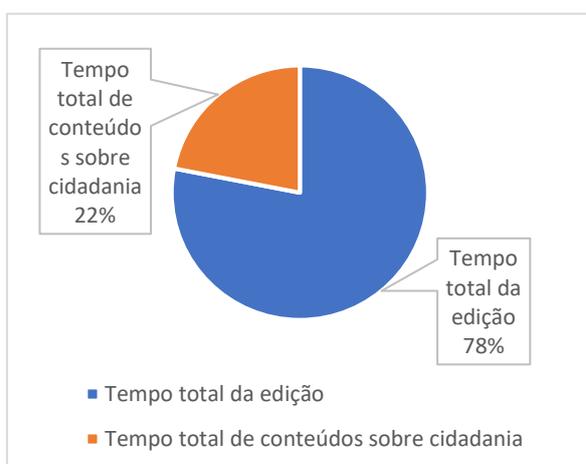


GRÁFICO 22 – TEMPO PARA CIDADANIA – 15/10/2014
 FONTE: A autora (2018)

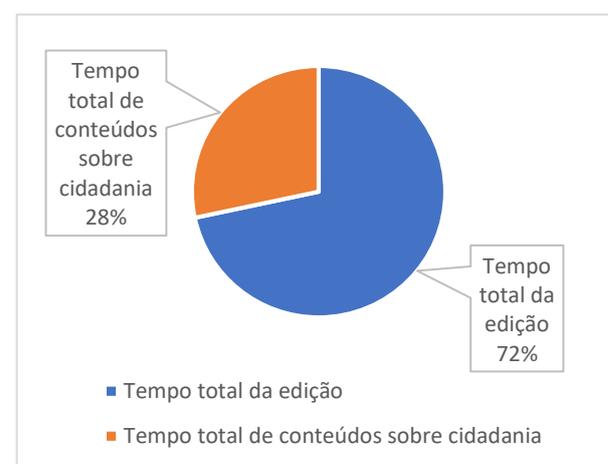


GRÁFICO 23 – TEMPO PARA CIDADANIA – 21/10/2015
 FONTE: A autora (2018)

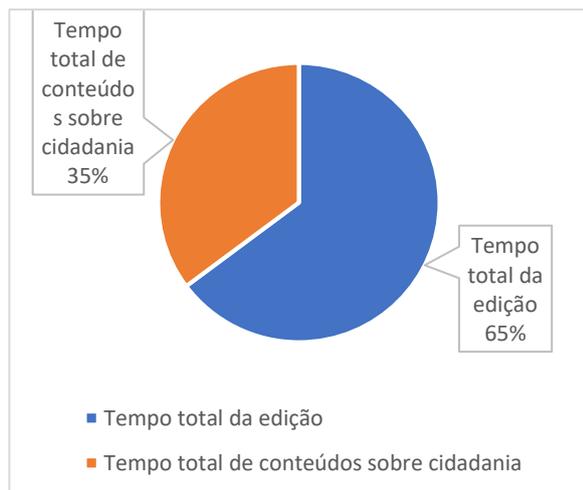


GRÁFICO 24 – TEMPO PARA CIDADANIA – 19/10/2016
FONTE: A autora (2018)

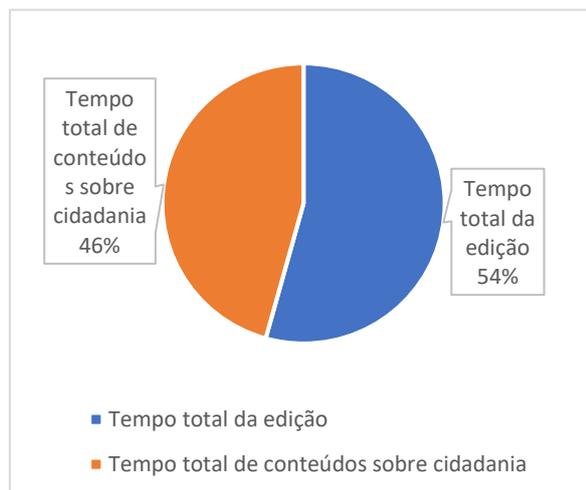


GRÁFICO 25 – TEMPO PARA CIDADANIA – 18/10/2017
FONTE: A autora (2018)

Há destaque para as edições 2010, que destinou 37% do tempo para a discussão sobre cidadania; 2016, com 35%; e 2017, com 46% do tempo utilizado a esse fim. Os gráficos de 2016 e 2017 evidenciam que, nos dois últimos anos, o investimento em pautas com esse perfil temático tem sido ainda maior. Essa percepção só fortalece o entendimento de que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* segue na tentativa de utilizar a perspectiva de cidadania para consolidar o projeto editorial que propõe um “*jornalismo comunitário*” nas emissoras afiliadas à Rede Globo de Televisão, conforme aponta Lattman-Weltman (2006), e com isso resolver os problemas relacionados à quedas de audiência.

Portanto, não há dúvidas de que o tema cidadania é estratégico para o *JA 1*. Resta saber como esse assunto é abordado no programa jornalístico em questão.

7.2 DE QUE CIDADANIA FALA O JORNAL ANHANGUERA 1ª EDIÇÃO?

Para compreender, com maior precisão, como o *JA 1* aborda o tema cidadania, optou-se por fazer um recorte na amostra. Dessa forma, nesse segundo momento trabalhou-se apenas com os conteúdos que de alguma maneira contemplassem essa discussão. Ao fazer essa separação, o *corpus* passou a contar especificamente com 38 matérias jornalísticas. Abaixo, segue tabela com o número de pautas que contemplaram esse tema no intervalo tempo pesquisado, organizada por edição.

ANO	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL
QUANTIDADE	5	5	4	4	2	4	6	8	38

QUADRO 2 - CONTEÚDOS SOBRE CIDADANIA NO JA 1
 FONTE: A autora (2018)

A observação sistemática dos conteúdos evidenciou que a cidadania apareceu no telejornal em pautas que abordaram: os direitos e deveres do cidadão, atribuições do poder público, ações dialogadas entre o cidadão e o Estado, acontecimentos protagonizados por órgãos do poder público e discussão sobre problemas sociais (como a falta de asfalto e segurança pública) na perspectiva de direitos garantidos pela Constituição Federal do Brasil. Também foram registrados pedidos de providências vindos da população e direcionados ao Estado, a crise hídrica em Goiânia e Região Metropolitana à luz da legislação brasileira, o direito de protestar, e ainda situações em que o direito foi visto como um privilégio de quem pode pagar e em que a Sociedade Civil Organizada mostrou força na transformação de determinados contextos.

O Estado ganhou destaque no recorte analisado. A maior parte desse segundo grupo de conteúdos abordou as atribuições do poder público e negligências cometidas por ele. Os trechos abaixo são exemplos do que está sendo dito. A primeira fala é de uma familiar de uma vítima de homicídio e as outras são de moradores de bairros de Goiânia ou Região Metropolitana.

“É dever do Estado. É direito do cidadão. Então compete às autoridades e eu suplico que elas estendam a mão e peçam ao judiciário que crie mecanismo para que aconteça esse julgamento.”

(Edição: 2010)

“Queria fazer um apelo para o poder público, que ‘ruma’ ‘pra’ nós porque os ‘ano’ que a gente paga de imposto aqui...entra um e sai outro, é a mesma coisa. Nunca fizeram nada.”

(Edição: 2011)

“Eu queria falar para o senhor secretário para ele olhar para a gente porque aqui não tem nenhum menino e nenhuma criança, para ele respeitar mais o povo, porque ele teve

aqui e falou que dentro de 129 dias o bairro iria ser asfaltado. Agora ele já está jogando para 2012. Eu queria falar para ele respeitar mais a população, porque a população que paga o imposto, que paga o salário dele que ele busca. Ele recebe todo mês e ele tem que olhar mais ‘pro’ povo.”

(Edição: 2011)

“É. É verdade. E o pessoal, a população daqui, completamente desassistida do poder público. A questão da poeira, a questão da falta de água, as crianças não têm nem lugar de ‘tá’ praticando algum esporte, nem nada. E eles totalmente desassistido mesmo.”

(Edição: 2016)

Fica visível nesses e em outros trechos que tanto o noticiário quanto os indivíduos que aparecem no *JA I*, no geral, atribuem ao Estado o bom funcionamento da sociedade. Apesar da Constituição Federal não ser citada em nenhum momento, o argumento presente é sempre o de que o cidadão tem direito a uma vida digna e de que o poder público, seja na esfera municipal, estadual ou federal, é o responsável por garantir que isso aconteça. Interessante perceber no conteúdo também a ideia de que pagar imposto faz com que esses indivíduos tenham direitos que devem ser respeitados. O próximo exemplo reforça essa percepção.

Moradora: Então a situação nossa aqui ‘tá’ crítica mesmo. Então é por isso que a gente ‘tá’ chamando a reportagem ‘pra’ eles dá uma olhada na situação, porque não é ‘d’agora’, entendeu?! O Cascata tem ‘pra’ mais de 25 anos. Olha a nossa situação. Eles têm que ter dó das crianças [repórter interrompe]

Repórter: Dó não. Tem que ter respeito. Respeito com o cidadão.

Moradora: Respeito com o cidadão porque a gente paga imposto, gente. A gente ‘tá’ pagando imposto pelo IPTU aqui do asfalto. Então ‘tá’ constando que aqui nós estamos pagando pelo asfalto. Então cadê o asfalto? Cadê a água tratada? Cadê esgoto? Então vamos olhar mesmo. Vamos ter respeito com a gente, por que a gente ‘tá’ fazendo papel de palhaço.

(Edição: 2016)

O exemplo abaixo ilustra ainda o esforço do *Jornal Anhanguera 1ª edição* em sustentar a postura de “defesa” do cidadão junto ao Estado e em se legitimar como um agente que representa esses indivíduos frente ao poder público. Trata-se de uma edição que foi ao ar durante um momento de crise hídrica em Goiânia e na Região Metropolitana e que o apresentador Marcelo Rosa entrevistou, ao vivo, o diretor de produção da Saneago, órgão responsável pelo abastecimento de água tratada em Goiás.

Apresentador: Caminhão-pipa, diretor. Como é que faz ‘pra’ mandar o caminhão-pipa? ‘Pra’ onde as pessoas ligam ‘pra’ resolver? O pessoal vai ligar bastante agora à tarde.

Diretor de produção da Saneago: Não. Marcelo, nós não podemos mandar caminhão-pipa. Nós temos o reservatório do Cristina que atende essa região. Reservatório de 5 milhões de litros. E na maior parte do dia nós estamos atendendo essas residências. O que nós pedimos a todos é que façam uso comedido, que dotem sua residência da caixa d’água para que possamos garantir a quantidade necessária para o uso durante o dia.

Apresentador: ‘Tá’ certo, diretor. Mas acontece que uso comedido para quem não tem água, ele é impossível. Não dá ‘pra’ nem usar, já que não tem água na torneira. As pessoas estão sofrendo. O senhor está falando das outras pessoas.

(Edição: 2016)

Essa postura do telejornal faz com que se torne mais visível a faceta de ator social (TEMER, 2015) que o jornalismo possuiu. Essa característica própria do jornalismo aparece no *JA 1* de maneira muito estratégica. Infere-se que o noticiário investe nesse comportamento na tentativa de fidelizar grupos sociais que possuem menor poder aquisitivo. Ao longo das oito edições analisadas essa percepção se tornou cada vez mais clara.

Destaca-se a questão da intervenção no tecido social e o reforço da proposta de mediação da relação cidadão-Estado. O telejornal enfatiza, de diferentes formas, que o cidadão periférico não tem vez e voz sozinho, posicionando-o como um *subcidadão* somente. A defesa empreendida pelo noticiário é de que, com o apoio do *Jornal Anhanguera 1ª edição*, a realidade desses indivíduos pode ser diferente e que sempre há espaço para levar as demandas desses telespectadores ao ar, dando visibilidade a elas. Essa seria uma fórmula para resolução dos problemas sociais como ausência de escolas e

de opções de lazer para as crianças, segurança nos bairros, perigos no trânsito, falta de vagas em hospitais públicos e assuntos similares. O trecho abaixo corrobora com esse entendimento.

Apresentador: Agora aqui no Jornal Anhanguera é assim: a gente mostra o problema e a gente vai atrás de resposta, de solução.

(Edição: 2011)

Repórter: No início de setembro, a Agência Municipal de Transito tentou resolver o problema colocando essa faixa de pedestre. A AMT agiu depois de uma reportagem que a TV Anhanguera apontou os perigos a que os moradores estão submetidos.

(Edição: 2011)

Apresentador: [...] E o nosso telespectador sabe que aqui no JA 1 sempre tem espaço ‘pra’ mostrar o problema que ele ‘tá’ enfrentando.

(Edição: 2017)

Após esse primeiro contato macro com as 38 matérias jornalísticas, partiu-se então para a primeira categoria de análise desse grupo de conteúdos: “perspectiva de cidadania”. Nesse momento, observou-se que tipo de cidadania fala o *Jornal Anhanguera 1ª edição*. A primeira constatação foi que o noticiário em questão não aborda esse conceito de forma objetiva em nenhuma das oito edições aqui analisadas. Inclusive, o uso do termo também não é recorrente. Fala-se em cidadão e em direitos, menciona-se a figura do Estado e suas atribuições e até apresentam pontos da legislação brasileira, mas não se discute a noção de cidadania em si.

Aparentemente, o *JA 1* utiliza o entendimento de cidadania como ponto de partida e não como foco de abordagem. Quando, por exemplo, o noticiário vai para o interior de um bairro, abre o microfone para um morador cobrar alguma providência do poder público e solicita uma resposta de representantes do Estado, vem sempre embutida a perspectiva da cidadania como direitos que devem ser garantidos pela esfera estatal. Inclusive, acredita-se que essa é a principal noção de cidadania para o telejornal em questão. Esse conceito esteve presente em todas as edições analisadas, de forma implícita

ou explícita, seja em pautas sobre problemas em bairros, que são maioria, ou mesmo no pedido de justiça ou cobrança por sinalização de trânsito. Abaixo, exemplos que embasam essa compreensão.

Parente de vítima de homicídio: É dever do Estado. É direito do cidadão. Então compete às autoridades e eu suplico que elas estendam a mão e peçam ao judiciário que crie mecanismo para que aconteça esse julgamento.

(Edição: 2010)

Morador: [...] Não basta que a prefeitura, que o poder público, entregue a obra. É preciso disciplinar, de fato, colocando além da... da marca de pare, que é um comando ‘pra’ o motorista parar e dar a preferência, colocar obstáculos tipo a lombada ‘pra’ limitar a velocidade de quem ‘tá’ passando aqui. Porque são duas avenidas em que o motorista vem em alta velocidade. E uma rotatória confusa. Ninguém sabe o que é isso, na verdade.

Repórter: É... é muito confusa. Eu tenho aqui até uma resposta da SMT, ô Lilian. A Secretaria Municipal de Trânsito mandou ‘pra’ cá uma equipe mais cedo. Até vou perguntar aqui a comunidade. Viu a equipe? Teve alguém da SMT aqui mesmo mais cedo?

(Edição: 2016)

Repórter: O quê que a senhora acha disso tudo?

Comerciante do Novo Horizonte: Eu acho um absurdo. Eu acho um absurdo, um descaso com a população, um descaso com o comerciante, porque se a Vigilância Sanitária chegar aqui no nosso açougue e encontrar ele sujo, eles nos ‘multa’, leva a nossa mercadoria e o governador...sei lá que toma conta da Saneago, não ‘tá’ nem aí ‘pra’ gente. [...]

Morador de setor vizinho Garavelo B: Todo ano é essa coisa e esse ano ‘tá’ pior. ‘Tamo’ sem água. ‘Tamo’ na sequidão, viu?! E sem energia também.

Repórter: Nossa. Problemão, hein?! Sem água e sem energia. Sem água é pior. Olha só, gente. A Saneago falou ‘pra’ gente que aqui o setor Novo Horizonte é abastecido pelo Reservatório Atlântico e que esse reservatório está passando por recuperação hoje. Isso não serve de desculpa porque o problema desses moradores aqui ‘tá’ desde

domingo. Desde domingo sem uma gota de água nas torneiras. Eles disseram que aqui os problemas anteriores 'é' por conta da baixa vazão do Rio Meia Ponte. E que a partir da madrugada do dia 19, o fornecimento vai voltar Par-ci-al-men-te. Resolve 'pra' vocês?

Comerciante do Novo Horizonte II: Resolve de forma alguma.

(Edição: 2017)

Também é possível notar, nesse momento da análise, que praticamente não são abordados os deveres do cidadão. O que há, eventualmente, são pautas onde é mencionada a importância da ação conjunta entre o cidadão e o Estado, a exemplo dos dois trechos abaixo.

Diretora do Departamento de Vigilância e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde: [...] E os nossos profissionais de saúde são orientados a pensar no diagnóstico de dengue quando aparece uma doença febril. Obviamente, a grande maioria desses casos eles são confirmados para outras doenças e nós ainda não estamos vivendo o momento crítico com relação à dengue. Não. Mas essas notificações nos chamam atenção de que o trabalho de que o trabalho de prevenção, ele tem que ser diário tanto do poder público quanto do cidadão.

Repórter: O cidadão tem que lembrar então daqueles cuidados que a gente vem falando sempre, né?! Tomar conta da sua casa ali, ver se não tem uma aguinha parada.

Diretora do Departamento de Vigilância e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde: Sim. Olha, desde o mês de agosto, nós, enquanto poder público, nós estamos intensificando, diminuindo as pendências que é a casa visitada onde não se encontra ninguém. Então nós estamos reduzindo essa pendência, por ali pode ter um foco do mosquito da dengue e estamos intensificando as ações. Já fizemos todo um trabalho.

(Edição: 2010)

Repórter: Qual a principal causa para o entupimento das bocas de lobo? Realmente é a falta de consciência ambiental do cidadão?

Presidente da Agência Municipal de Obras: Nós estamos vendo aqui, estamos avaliando agora que aproximadamente 80% do material, do volume do material

retirado, não é proveniente da natureza. É do mal hábito de depositar lixo ou condicionar na calçada, entulhos na sarjeta ou mesmo nas vias públicas.

(Edição: 2012)

Acredita-se que não há ênfase nos deveres do cidadão justamente porque a preocupação maior é simplesmente agradar essa audiência. É possível inferir que o noticiário opta pelo caminho que privilegia os direitos por esses parecerem mais atrativos ao telespectador. Se há uma crise hídrica, por exemplo, é muito mais interessante para quem acompanha o telejornal saber sobre como se proteger e o que fazer em sua casa para sanar esse problema de forma imediata, do que se informar sobre mais deveres que ele tem que cumprir. É uma opção mais simples e confortável para o programa jornalístico.

Importante pontuar que a noção de direitos nem sempre é explícita nesse segundo *corpus*. Há conteúdos em que os personagens são tratados como sujeitos portadores de direitos, mas não há menção de elementos que estabeleçam um vínculo direto e mais objetivo com a perspectiva “cidadã” em si. Alguns conteúdos só entraram para a análise por terem sido observados à luz da teoria, o que possibilitou um olhar mais cuidadoso sobre o material.

Por fim, chamaram a atenção os conteúdos que ofereciam plenas condições para a abordagem da cidadania ativa, mencionada por Benevides (1994) e Carvalho (2014), mas que apenas foram associados a atos de solidariedade ou ações pontuais de alguns indivíduos e não de civismo. Um bom exemplo é a matéria “Família passa por dificuldades e fica abrigada na garagem de uma vizinha”, de 2016. O foco foi a ação solidária em si e não a ideia de construção de uma sociedade mais justa e igualitária ou de que todos são responsáveis pelo desenvolvimento social. A única exceção nesse sentido foi uma entrada ao vivo de uma repórter mostrando um mutirão para a realização de exames de saúde, oferecidos por uma instituição social goiana. O exemplo abaixo traz dois trechos do conteúdo em questão.

Apresentador: Agora meio dia e 1 minuto. Eu abro essa edição mostrando uma iniciativa da Sociedade Civil que ‘tá’ melhorando a vida de quem precisa de atendimento médico aqui na capital. Vamos ao vivo lá para o Centro da Capital, onde está a minha amiga Mariana Boldrin acompanhando mais uma edição de um mutirão que oferece vários exames gratuitos ‘pras’ pessoas, né Mari?! Boa tarde.

[...]

Representante do Lions Clube - Goiás: Então a pessoa faz os 7 exames aqui imediatamente, não paga nada e fica sabendo da sua saúde. É uma contribuição do Lions Clube. Dentro do nosso sistema, nós servimos ‘pra’ ajudar a comunidade.

[...]

Apresentador: Você acabou de ver aí uma iniciativa bacana, que pode melhorar a saúde de muita gente. Vou te mostrar mais um exemplo da ineficiência do poder público. Rosane Mendes, cais lotado. Em que unidade ‘cê’ ‘tá’?

(Edição: 2017)

Nesse momento, o telejornal perdeu a chance de estimular outras ações que envolvem a responsabilidade social. O apresentador até mencionou que essa foi uma ação da Sociedade Civil Organizada, mas no lugar de aprofundar o assunto, ele optou por utilizar a oportunidade para reafirmar a ineficiência do poder público. Na verdade, esse conteúdo serviu mais para reforçar uma postura falha do Estado, que faz ser necessária a existência desse tipo de campanha, do que para valorizar a perspectiva de uma cidadania ativa.

Cabe salientar que Goiânia e Região Metropolitana possuem diferentes ações engajadas na transformação social. São exemplos de agentes transformadores o Movimento Passe Livre - Goiás, que discute a mobilidade urbana e normalmente só recebe espaço em tempos de protestos contra o aumento da passagem do transporte coletivo; e o grupo feminista Indique Uma Mana - Goiás, que desenvolve ações de fortalecimento de negócios liderados por mulheres por meio das redes sociais. Ou seja, não trata-se da ausência de iniciativas para ilustrar a força da Sociedade Civil Organizada, mas sim do interesse em disponibilizar espaço para esses agentes em seu conteúdo. O *JA 1* não só não abre espaço, como também não valoriza a cidadania ativa com frequência e com profundidade em seu conteúdo.

A matéria citada acima, da campanha empreendida pelo Lions Clube, permite ainda uma outra leitura. O conteúdo mostra pessoas com maior poder aquisitivo tornando possível o acesso à saúde para uma determinada parcela da população, que normalmente enfrenta problemas com hospitais públicos. A saúde é um direito constitucional e que deve ser garantido prioritariamente pelo Estado, mas ela aparece nesse momento como uma doação de um grupo de indivíduos específicos. Chega a haver menção da

importância da Sociedade Civil Organizada, mas é tão rápido e superficial que a mensagem que fica em primeiro plano é a de que pessoas estão se reunindo para ajudar o outro que está em posição menos favorecida a ter acesso a saúde, já que o poder público não tem conseguido cumprir com suas obrigações.

Outras oportunidades para aprofundar a discussão sobre cidadania ativa existiram, mas foram igualmente ignoradas. Um exemplo claro é a matéria de 2013 sobre um protesto de trabalhadores rurais que ocuparam a Secretaria Estadual da Fazenda como forma de pressão para reivindicar melhorias para quem trabalha no campo. Interessante perceber, que nesse caso, o noticiário tratou o assunto de forma factual, e até superficial, bem como também não tomou partido dos cidadãos que estavam manifestando, como frequentemente faz com moradores de bairros que solicitam a presença do programa jornalístico em questão. Ficou visível que há diferentes tipos de cidadãos para o *Jornal Anhanguera 1ª edição*. Abaixo, trecho da reportagem.

Repórter: A PM reforçou o policiamento no local. Os manifestantes vieram de diversas regiões do interior do estado para cobrar do governo ações que melhorem a vida nos assentamentos. Eles reivindicam programas habitacionais para o campo, investimentos na agricultura familiar, querem assistência técnica rural, que o governo compre toda a produção dos assentamentos. Mas uma parte dos manifestantes ainda luta ‘pra’ conseguir terra ‘pra’ plantar. Esse grupo quer que o governo doe propriedades públicas do estado para a reforma agrária. O líder de um dos movimentos rurais afirma que a pauta de reivindicações já foi discutida com o poder público, mas nenhum ponto foi atendido.

Representante do Movimento Social: Agora nós unificamos os movimentos ‘pra’ poder cobrar do Governo do Estado.

(Edição: 2013)

A segunda categoria desta etapa da análise foi “dimensões da cidadania”, que buscou aprofundar ainda mais no entendimento da noção de cidadania explicitada pelo noticiário em seu conteúdo. Percebeu-se, a partir da categoria anterior, que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* privilegia o debate sobre cidadania a partir da perspectiva de direitos. Com essa segunda observação sistematizada percebeu-se que não trata-se de quaisquer direitos. Há prioridade para a discussão de direitos civis, com ênfase na

segurança e no direito de ir e vir, depois os sociais privilegiando o direito à saúde, educação e previdência social, e ainda aqueles referentes ao consumidor.

As duas primeiras dimensões de direito citadas, civis e sociais, que são defendidas por Marshall (1967), já eram esperadas nesse conteúdo. Essa expectativa se deu justamente por saber que nesse novo momento o telejornal tem buscado privilegiar a figura do cidadão com menor poder aquisitivo e suas demandas. No Brasil, como foi possível perceber na reflexão teórica, há muitos problemas sociais e estruturais e a população economicamente menos favorecida acaba sofrendo mais com essas situações. Por isso, não houve surpresa em encontrar pautas sobre a falta de asfalto, de segurança, de saúde pública de qualidade e similares. No entanto, foi surpreendente o investimento em discussões sobre o direito do consumidor.

Talvez esse maior espaço que o *JA 1* conferiu a abordagem de direitos do consumidor seja reflexo daquilo que disse Gentili (2005) sobre a cidadania na contemporaneidade: há “personagens como sujeitos de direito” ganhando destaque. O consumidor, ao lado da mulher, do idoso, do trabalhador e da criança, entra na lista de grupos que tem reivindicado garantias específicas. De fato, houve avanço nessa dimensão de direitos nos últimos anos no Brasil. O Código de Defesa do Consumidor tem sido um instrumento útil para conter a postura abusiva de muitas empresas. O telejornal tem sido estratégico em contemplar essa dimensão no noticiário. Além de ser uma temática pertinente e atual, é facilmente associada à postura de um jornalismo aliado ao cidadão.

“Fontes” foi a terceira categoria dessa segunda etapa de investigação. Por meio dela, constatou-se que, nesse novo momento, o telejornal abriu maior espaço para a comunidade, enquanto fonte. As principais fontes do noticiário, em todas as oito edições analisadas, são representantes do poder público e moradores de setores de Goiânia e Região Metropolitana. Elas não são as únicas, mas são visivelmente a maioria significativa.

Esse, certamente, é outro reflexo das mudanças editoriais da TV Anhanguera que refletiram no *JA 1*. Uma das prerrogativas da Rede Globo de Televisão ao implementar o projeto de um “*jornalismo comunitário*” era intensificar a “participação” da audiência em seus noticiários. Essa inclusão tem se dado por meio do estímulo ao envio de sugestões via novas Tecnologias de Informação e Comunicação, mas também nas reportagens e outros conteúdos dos programas jornalísticos.

Além desses dois grupos de fontes citados, notou-se a presença de representantes da Sociedade Civil Organizada que desempenham ações sociais, como: uma integrante

da Associação das Donas de Casa de Goiânia, o representante da Fundação Banco de Olhos e Lions Clube e ainda uma liderança de um dos movimentos sociais em prol do trabalhador do campo. Também contribuíram como fontes nesses 38 conteúdos sobre cidadania pessoas que perderam familiares vítimas de homicídio, alunos de escolas que foram roubadas, pacientes em busca de tratamento (ou que já haviam concluído) e um médico mastologista.

A última categoria desse grupo foi “co-ocorrências”. Buscou-se com esse momento da análise perceber se o tema cidadania apareceu associado a outros temas com alguma frequência. Averiguou-se que sim. A lista abaixo apresenta, por ordem de relevância, quais foram essas associações.

- 1) Cidadania e ineficiência do poder público;
- 2) Cidadania e eficiência do poder público;
- 3) Cidadania e solidariedade;
- 4) Cidadania e legislação;
- 5) Cidadania e mercado;
- 6) Cidadania e o direito de protestar;
- 7) Cidadania e ações da TV Anhanguera.

Essa categoria trouxe um alerta importante. A co-ocorrência com maior número de registros foi justamente “Cidadania e ineficiência do poder público”. Na tentativa de estreitar seus laços com a audiência, garantir sua fidelidade e colocar-se como seu aliado, o *Jornal Anhanguera 1ª edição* construiu um modelo que pode trazer prejuízos à relação cidadão-Estado. Em todas as edições analisadas houve críticas ao Estado e nenhum aprofundamento à questão ou mesmo esforço para contextualizar da melhor forma os fragmentos da realidade veiculados. Além disso, não são apresentadas outras instituições sociais importantes para o desenvolvimento social com posturas positivas e que possam servir como “modelo” para o telespectador.

Assim, nota-se que o telejornal não observou o que diz Kovach e Rosenstiel (2004) sobre o jornalismo como um monitor independente do poder: é preciso fiscalizar todas as instituições e mostrar o que há de errado, mas também visibilizar aquelas que atuam de maneira correta para que o cidadão tenha parâmetros para uma melhor avaliação. No geral, o *JA 1* foca apenas no Estado e, na maioria significativa das vezes, em suas negligências. Com essa postura, há o risco de se construir uma imagem

generalizada de que o Estado é incapaz de cumprir com suas reponsabilidades. Dessa forma, a mediação que o noticiário se propõe a fazer corre o risco de trazer mais prejuízos do que benefícios para a relação cidadão-poder público.

7.3 SÁBADO: O DIA ESCOLHIDO PARA FALAR SOBRE DIREITOS NO JA 1

Desde a realização da pesquisa exploratória, chamou a atenção o destaque que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* oferece a conteúdos sobre os direitos do cidadão. Na primeira etapa analítica, com a observação das edições completas, essa percepção foi acentuada e, em seguida, com a análise das 38 matérias que contemplaram especificamente o debate sobre cidadania ficou ainda mais nítido que o noticiário privilegia a noção de direitos garantidos pela Constituição Federal. A ênfase nessa perspectiva foi uma constante no material analisado. Entendeu-se, assim, que havia a necessidade de incluir no *corpus* o quadro “Meus Direitos”, que funciona de forma muito semelhante às colunas do jornalismo impresso: tem espaço fixo e periodicidade garantida.

O quadro em questão vai ao ar somente aos sábados, portanto, não atende aos critérios gerais de seleção de material de análise estabelecidos para esta investigação. Entretanto, percebeu-se que ele traz consigo elementos importantes sobre o posicionamento do *JA 1*, no que diz respeito à discussão relativa à cidadania. Por esse motivo, optou-se por abrir uma exceção e fazer essa inclusão.

Em termos de execução, o quadro é bem simples. Todos os sábados a apresentadora Lilian Lynch, ou algum jornalista que a substitua na edição de final de semana, recebe no estúdio um convidado especializado em alguma das áreas jurídicas para esclarecer dúvidas dos telespectadores, respondendo a perguntas que chegam à redação por meio do *e-mail*, *QVT* ou *WhatsApp*. O diálogo com o profissional especialista é dividido em diferentes inserções ao longo do programa. Inclusive, esse é mais um dos espaços em que a emissora mais associa cidadania e tecnologia e reforça o estímulo à “participação” na produção do telejornal.

O “Meus Direitos” surgiu no *Jornal Anhanguera 1ª edição* de maneira instável. Aparentemente, a emissora não apostou no quadro desde a primeira vez que ele foi ao ar. Foi necessário um tempo para que ele se tornasse fixo no noticiário e ganhasse identidade e uma vinheta própria. Ao observar o acervo online do programa jornalístico em questão, a partir de outubro de 2010, percebeu-se que no sábado sempre houve uma preocupação em levar ao estúdio especialistas para discutir assuntos ligados à saúde ou que

oferecessem dicas de economia de forma “leve”. Também eram frequentes participações de atores ou cantores que estavam em Goiânia em função de apresentações artísticas. Foi nesse contexto que o quadro foi criado.

O primeiro conteúdo do “Meus Direitos” foi ao ar em 07 de novembro de 2015. Na ocasião, a produção do telejornal levou ao estúdio um advogado para esclarecer dúvidas relacionadas às novas regras para aposentadoria. Nos três sábados que se seguiram, observou-se que houve a presença de especialistas no noticiário, porém, não foi feita nenhuma menção ao quadro. Só foi possível constatar a regularidade de sua exibição a partir da edição de 30 de abril de 2016.

O quadro abaixo mostra a evolução do quadro em questão, destacando seu período de instabilidade e fixação definitiva. O “Meus Direitos” segue fixo até o momento, sendo suprimido eventualmente em nome de projetos especiais como o “Novos Talentos da Música Sertaneja”. O quadro detalhado com as datas e temas de cada edição seguem nos anexos da presente pesquisa.



QUADRO 3 – EVOLUÇÃO DO QUADRO MEUS DIREITOS

FONTE: A autora (2018)

Um elemento interessante notado nessa etapa da investigação foi a inclusão da vinheta, que só foi percebida a partir da edição do dia 16 de julho de 2016. Nesse momento, o quadro já se encontrava consolidado. Ao todo já foram ao ar mais de 100 edições do “Meus Direitos”.

O quadro funciona como um reforço para a postura do *Jornal Anhanguera 1ª edição* de ser um ator social em defesa do cidadão, mas é também um respiro para a produção do noticiário, considerando que sábado costuma ser um dia em que o número de pautas factuais é menor. Cabe ressaltar que mesmo antes do “Meus Direitos”, a estratégia de levar um convidado para responder perguntas de telespectadores já existia. Com esse novo projeto, houve uma intensificação e passou-se a enfatizar essa perspectiva em específico: direitos do cidadão em pauta.

Dois elementos ainda merecem destaque nessa análise. O primeiro deles é relacionado aos temas abordados. O assunto mais recorrente no quadro é direitos de quem utiliza planos de saúde. Em segundo lugar, aparecem os itens: pensão alimentícia, auxílio-saúde/auxílio-doença e atuação do Procon na defesa do Consumidor. Em terceiro: aposentadoria e direitos e deveres do Trabalhador. Interessante perceber a ênfase que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* dá ao Direito Previdenciário, Trabalhista e do Consumidor. A presença de especialistas dessas áreas é recorrente no quadro em questão.

Cabe salientar que o programa jornalístico privilegia a discussão sobre os direitos do consumidor de tal modo que a vinheta do “Meus Direitos” traz um código de barras, conforme imagem abaixo. Não se enfatiza a cidadania ativa mencionada por Benevides (1994) e Carvalho (2014) também nesse quadro, mas se estimula a lógica do consumo. Não é mera coincidência que o assunto mais recorrente do quadro seja o direito dos clientes dos planos de saúde.



FOTOGRAFIA 9 – APRESENTADORA SUELLEN REIS EM UMA DAS EDIÇÕES DO QUADRO “MEUS DIREITOS”

Outro elemento pertinente é o empoderamento do telespectador por meio do conhecimento. A partir das contribuições de Genro Filho (1987) e Meditsch (1997), foi

possível perceber que nesse quadro o jornalismo visivelmente atua como uma forma de conhecimento. Na verdade, todo o noticiário em questão obedece a essa lógica. Porém, no “Meus Direitos” parece haver maior preocupação do *JA 1* em ir além da informação e pressão junto ao poder público. Nesse espaço, são apresentadas ferramentas úteis para a audiência tomar decisões no seu dia a dia.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação proporcionou algumas percepções sobre a relação existente entre o telejornalismo local e a cidadania, a partir da observação do conteúdo do *Jornal Anhanguera 1ª edição*, veiculado entre 2010 a 2017. Para chegar aos resultados aqui apresentados, as hipóteses de trabalho, formuladas a partir da bibliografia disponível sobre o assunto e da pesquisa exploratória, foram fundamentais. Tê-las como ponto de partida não só direcionou melhor os esforços a serem empreendidos como também trouxe pistas que nortearam o estudo. Por esse motivo, vale a pena iniciar as considerações finais justamente retomando cada uma dessas proposições:

- a) O jornalismo passa por um processo de mudanças estruturais e o telejornalismo tem sentido os impactos dessas transformações de modo específico;
- b) Nesse novo cenário, o tema cidadania tem ganhado maior destaque nos noticiários televisivos locais;
- c) O telejornal local tem buscado se posicionar como um ator social com mais ênfase nesse novo momento.

Entendeu-se por meio das contribuições de autores como Charron e De Bonville (2016) e Adghirni (2012) que atualmente o jornalismo como um todo vivencia um processo de mudanças estruturais. Da mesma maneira, compreendeu-se com pesquisadores como Becker (2016) e Souza Filho (2015) que o telejornalismo, diante desse novo cenário, tem sentido a necessidade de se readequar. O estudo de Moraes (2012) sobre o *Jornal Anhanguera 1ª edição* contribuiu de igual maneira, mostrando que o telejornalismo feito em Goiás tem seguido o mesmo caminho: o de se repensar. Ou seja, sabia-se antes mesmo de iniciar a observação que se tratava de um objeto situado dentro de um contexto de transformações.

A observação do *corpus* constituído para essa investigação tornou possível constatar que o *JA 1* tem buscado diferentes formas de se reinventar e estreitar seus laços com a audiência nos últimos anos. Esse movimento tem se dado por meio da criação de novos quadros, de mudanças na apresentação do programa jornalístico e na linguagem utilizada por ele, da ampliação dos canais voltados para a “participação” do telespectador e do desenvolvimento de novos projetos e até aplicativos para *smartphones* que levem o

noticiário para mais próximo da população. Essas mudanças se deram de modo mais intenso com a reformulação que a TV Anhanguera vivenciou em 2010, mas continuam ocorrendo ainda hoje de forma menos expressiva.

De fato, com esse processo de mudanças estruturais, que teve início em meados de 1990, questões relativas à cidadania têm ganhado destaque no telejornalismo. Abreu (2009) explica que o jornalismo como um todo passou a destacar essa temática desde o final da Ditadura Militar (1964-1985). A partir de então, cresceu o interesse de veículos jornalísticos em abordar assuntos que privilegiassem a perspectiva cidadã. A Rede Globo de Televisão, a qual a TV Anhanguera é ligada, só investiu nessa postura no final dos anos 1990, com o projeto editorial que implementou em suas afiliadas denominado “*jornalismo comunitário*”, conforme Lattman-Weltman (2006). Desse momento em diante a cidadania passou a ser um recurso estratégico cada vez mais presente nos noticiários.

A afiliada da Rede Globo de Televisão em Goiás investiu nesse projeto de forma mais incisiva a partir de 2010, com seu processo de mudança editorial, como explica Moraes (2012). A investigação aqui desenvolvida permitiu a percepção de que ainda hoje a emissora tem procurado formas de alimentar essa “nova” postura. Percebeu-se, por exemplo, que nos dois últimos anos o espaço para a abordagem de temas relativos à cidadania aumentou significativamente. O assunto foi contemplado no intervalo temporal pesquisado em reportagens, em quadros como o “JA Comunidade” e em projetos especiais como “O bairro que eu quero” e “A cidade que eu Quero”.

A terceira hipótese de trabalho, aquela que se refere ao esforço do telejornal local em se firmar enquanto um ator social, também foi de suma importância para nortear a investigação. Ela foi relevante, inclusive, para chamar a atenção para todas as vezes que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* fez referência a ele mesmo em seu conteúdo. Essa constatação se deu durante a pesquisa exploratória e acabou por se tornar uma categoria de análise: a autorreferência. Por meio dela notou-se que as mensagens-chave reforçadas pelo noticiário o fortalecem enquanto um agente ativo na sociedade. A lista elaborada diante dessas averiguações segue abaixo novamente para que se possa recordar o dado completo.

- 1) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* vai até o bairro do telespectador;
- 2) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* escuta o telespectador;
- 3) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* abre espaço para o telespectador se manifestar;

- 4) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* discute temas relevantes para a comunidade;
- 5) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* mostra o problema social e vai em busca de soluções;
- 6) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* medeia a relação do cidadão com o poder público;
- 7) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* pressiona o poder público para resolver determinadas situações;
- 8) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* continua acompanhando a comunidade até o poder público cumprir a promessa que foi feita no ar;
- 9) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* ajuda o telespectador que está em busca de emprego;
- 10) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* valoriza a ação solidária;
- 11) O *Jornal Anhanguera 1ª edição* desenvolve quadros especiais que valorizam a população de Goiânia.

Essas três hipóteses de trabalho, ao lado da questão-problema, evidentemente, colaboraram para o filtro das informações realmente relevantes para a presente pesquisa e para que fosse possível a construção de uma ficha de codificação mais precisa e de categorias que pudessem verdadeiramente somar, em termos de resultados. Dessa forma, obteve-se as seguintes leituras.

A primeira delas a ser comentada, e a mais importante pois traz respostas à questão-problema, é que no *Jornal Anhanguera 1ª edição* a cidadania foi tratada como ponto de partida e não como foco de abordagem. As expectativas iniciais desta pesquisa eram de encontrar no conteúdo não só o termo em si como também a explicitação do que se trata esse conceito. O que se constatou foi a recorrência dessa temática no programa jornalístico, mas sempre como base para alguma outra discussão e não como item principal.

Ao observar os temas presentes nas edições, por exemplo, a cidadania sequer apareceu. Entretanto, averiguando os conteúdos uma segunda vez, constatou-se que parte expressiva deles contemplava a perspectiva da cidadania como pano de fundo. Assim, infere-se que o *JA 1* partia do entendimento de que a audiência tinha a mesma compreensão que ele do que é ser cidadão. O assunto “bairros”, recorrente no *corpus*, tratava quase sempre de problemas infraestruturais se apoiando na noção de que aqueles indivíduos que ali residiam eram sujeitos portadores de direitos e que, por isso, alguma

providência precisaria ser tomada por parte do Estado para que a situação fosse resolvida. A fala dos moradores costumava estar alinhada a esse posicionamento do programa jornalístico.

O apoio em autores como Pinsky e Pinsky (2005), Marshall (1967), Carvalho (2014) e Benevides (1994) foi fundamental na identificação da cidadania no conteúdo observado. Não se encontrou diretamente a palavra cidadania, mas se averiguou a discussão sobre os direitos e deveres do cidadão, atribuições do Estado, negligências por parte do poder público, bem como a menção à figura de um sujeito portador de direitos, à legislação brasileira e a ações empreendidas pela Sociedade Civil Organizada. Ou seja, a cidadania foi contemplada, porém, no geral, de maneiras diferentes do que era esperado inicialmente.

Um elemento curioso observado é que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* faz distinção entre os cidadãos. Eles se colocam como um aliado no processo de construção e reafirmação da cidadania de moradores de setores periféricos, mas assumem um comportamento distante dos sujeitos ligados ao campo, que também são marginalizados. As reportagens em que moradores de áreas rurais fazem reivindicações para si deixaram evidente o que aqui está sendo dito. Não houve uma palavra de apoio à causa daquelas pessoas que também são cidadãs. Importante dizer que a quantidade de matérias aqui analisadas não oferece sustentação suficiente para uma afirmação mais ampla, porém, já sugere uma postura de interesse do programa jornalístico, que só “defende” o cidadão que tem potencial para gerar índices de audiência.

Na verdade, a análise do conteúdo permitiu identificar três perfis de cidadãos no noticiário: o periférico, o do centro urbano e aquele que vive no campo. O primeiro costuma ser seu principal foco nas matérias jornalísticas, o segundo não é seu principal público, mas seus interesses dialogam, então eles nunca deixam de ser de alguma forma considerados pelo *JA 1*, e o terceiro afronta a ordem social vigente, além de colocar em risco a propriedade privada, logo, não conta com o apreço do telejornal. Essa é uma postura incoerente para um noticiário que, com frequência, se diz defensor do cidadão. Afinal, uma das primeiras premissas da cidadania é que todos são iguais.

Com a análise, percebeu-se também que o tema cidadania foi estratégico para o telejornal em questão. Em todos os oito programas analisados constatou-se que pelo menos 20% do tempo total de cada edição foi destinado a abordagens relativas esse assunto. Cabe destacar que esse se mostrou um movimento crescente nos últimos dois

anos. Em 2016, 35% do tempo foi utilizado para esse fim e, em 2017, esse índice cresceu para 46%. O que mostra que a abordagem desse assunto integra as estratégias do *JA I* nesse novo momento de fortalecimento do “*jornalismo comunitário*”. Inclusive, esse é um elemento que também precisa ser comentado.

A proposta de construção de um jornalismo comunitário, quando observada pela perspectiva acadêmica, se mostra distante daquilo que propõe a Rede Globo de Televisão e que é “executado” pelo *JA I*. Autoras como Raquel Paiva e Cicília Peruzzo, por exemplo, defendem que nesse tipo de jornalismo a comunidade tem papel ativo na construção das mensagens. Não basta apenas ter um aplicativo como o QVT ou uma conta de *e-mail* para receber sugestões de pauta do telespectador ou veicular algumas matérias sobre a falta de infraestrutura nos bairros. Trata-se de ouvir e incluir a audiência no processo de produção noticioso de forma ativa, o que não ocorre no caso do *Jornal Anhanguera 1ª edição*.

Visivelmente, a ideia de participação que é reforçada na fala dos apresentadores e repórteres, e em determinadas ações do *JA I* e da emissora, como a criação do aplicativo QVT, é meramente uma estratégia comercial. Busca-se apenas fidelizar a audiência, dizendo a ela que o noticiário é seu parceiro e que ela pode participar quando e como ela quiser, o que não se concretiza. O ideal para que essa defesa de um “*jornalismo comunitário*” se efetivasse seria permitir que esses indivíduos pudessem ser ativos, verdadeiramente. Lembrando que se percebeu que o reforço dessa estratégia se dá também pela inclusão de mais conteúdos de gênero informativo e utilitário, mas é insuficiente para alcançar o objetivo geral.

Ainda com relação à abordagem de questões relativas à cidadania, no intervalo temporal pesquisado, ficou evidente que o telejornal entende a mesma como um conjunto de direitos que devem ser garantidos pelo Estado. A ênfase nos direitos do cidadão e o destaque que o *JA I* confere à centralidade do poder público no desenvolvimento social e manutenção da ordem deixou claro que esse é o entendimento do noticiário. Ficou evidente da mesma maneira o privilégio dado às dimensões civil, focando principalmente na segurança pública ou no direito de ir e vir que estava sendo violado, e ainda a social, sublinhando a realidade de bairros periféricos, e do consumidor.

Inclusive, foi interessante perceber que a noção de deveres praticamente não foi abordada no conteúdo do telejornal. Raras foram as vezes em que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* focou nesse aspecto em específico e, quando aconteceu, a perspectiva

valorizada foi somente a de uma construção conjunta, onde o Estado tem deveres e o cidadão também. Não se quer dizer que essa opção foi um erro, mas ficou nítido novamente que o interesse real do programa jornalístico não é somar com a vida do telespectador e com o exercício da cidadania efetivamente, mas sim oferecer conteúdos que agradem o público e estabilizem a relação com essa audiência, que nesse momento é formada majoritariamente por indivíduos de grupos sociais com menor poder aquisitivo, como mostra o próprio site da emissora voltado para anunciantes.

Conforme já discutido na reflexão teórica da presente pesquisa, o Brasil é um país com intensa desigualdade social e há muitos processos de omissão por parte do Estado. Quem integra os grupos com menor renda costuma não contar com a assistência do poder público e, por esse motivo, é muito oportuno ao telejornal nesse momento dedicar espaço cativo para a realidade da “comunidade” que se encontra na periferia. Todos os dias é possível encontrar em Goiânia ou na Região Metropolitana um novo bairro sem asfalto, água tratada, opções de lazer para as crianças e itens similares, que foram os principais alvos do noticiário no intervalo pesquisado no que diz respeito à cidadania.

A questão que se observa é que só essa cobertura factual e descontextualizada de problemas relacionados ao desrespeito aos direitos de cidadania, como foi possível perceber na análise, e o fato dos deveres serem ignorados nas abordagens, em muito pouco contribui com a vida dos indivíduos. É claro que, para o sujeito que mora em um bairro periférico e que é completamente desassistido pelo poder público, ter um telejornal que jogue holofotes sobre o problema da sua comunidade e pressione o Estado para uma resolução é algo atrativo. O problema é que a construção da cidadania não se resume a amenizar situações infraestruturais e isso é justamente o que o conteúdo do telejornal faz parecer na maioria das vezes. Não há aprofundamento e equívocos são cometidos, nesse sentido.

A análise mostrou, por exemplo, que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* sempre cita o Estado e suas atribuições, mas em momento algum o estímulo à participação política é registrado. O noticiário estimula o telespectador a cobrar providências do poder público por meio do próprio programa jornalístico em todas as edições, mas não menciona a possibilidade de fortalecer as associações de bairros, os coletivos que realizam ações de transformação social, ONGs e nem tampouco se inserir na máquina pública se candidatando como um representante político.

A investigação aqui realizada mostrou que, de fato, as formas associativas não são privilegiadas nesse programa jornalístico. Até há a presença de representantes de associações e de movimentos sociais, mas no geral a abordagem é bem factual e a força da mobilização da sociedade é deixada de lado. Inclusive, as matérias jornalísticas raramente apresentam dispositivos que empoderem verdadeiramente as pessoas. O único espaço que colabora com a autonomia do cidadão nesse sentido é o quadro “Meus Direitos”, que será foco de comentário mais adiante.

Essa observação sistemática evidenciou com clareza que o *JA 1* visivelmente não está interessado em estimular a cidadania ativa, nos termos discutidos por Benevides (1994) e Carvalho (2014). E talvez não seja estratégico mesmo para o telejornal incentivar esse comportamento de luta e de reivindicação, uma vez que uma audiência empoderada não serve às estratégias de mediação que ele tanto propõe ao fazer esse “*jornalismo comunitário*”. Valorizar a criação, ou mesmo o fortalecimento, de movimentos sociais talvez possa ser visto pelo *JA 1* como uma forma de enfraquecer seu papel de mediador, de ator social.

Mas uma outra leitura também é possível. Historicamente, o brasileiro não tem perfil ativo na construção da cidadania. Tanto Carvalho (2014) quanto Santos (1994) mostram que o desenvolvimento da cidadania no Brasil foi fortemente marcado pelas interferências do Estado e por “barganhas” de direitos. O processo de colonização pelo português, a Era Vargas e a Ditadura Militar deixaram sequelas graves no país, nesse sentido. Isso não quer dizer, como já pontuado na reflexão teórica dessa investigação, que não o houve luta por uma transformação social. Movimentos empreendidos pela Sociedade Civil Organizada somaram com uma série de avanços. Muito foi conquistado, mas o comportamento geral está mais próximo à passividade e à lógica de direitos que são doados e não conquistados, o que se refletiu no conteúdo do *JA 1* aqui observado.

Assim, o que se tem é um telejornal que acaba por estimular a passividade dos indivíduos encontrando eco em uma população que historicamente é mais passiva do que ativa. Frisar para o telespectador que a melhor forma de resolver demandas sociais é chamando a equipe do telejornal para fazer uma reportagem, sem ao menos apresentar dispositivos sociais e jurídicos para uma mudança efetiva, de fato, contribui muito pouco. Dessa forma, tornam-se incoerentes as várias vezes que *Jornal Anhanguera 1ª edição* disse estar ao lado do cidadão e ajuda-lo no exercício de sua cidadania.

Um outro aspecto interessante de se perceber foi a ausência da discussão sobre políticas públicas dentro desse cenário de caos em Goiânia e na Região Metropolitana. Em todas as edições averiguadas foram apresentados problemas dos mais diversos, mas em momento algum houve menção à criação de novas políticas ou valorização das mesmas como um caminho interessante a ser seguido. De fato, o telejornal não pareceu prestigiar a perspectiva de empoderamento do cidadão em suas reportagens.

Entretanto, há um espaço em específico do telejornal onde essa postura foi diferente: o quadro “Meus Direitos”. Como foi possível perceber na análise, a proposta começou tímida e demorou a se fortalecer no programa jornalístico. Mas foi um acerto. Sábado tem sido o dia em que a emissora verdadeiramente consegue ser parceira do cidadão. Trazer um especialista em direito que explique elementos complexos da legislação brasileira importantes para o dia a dia dos indivíduos é um ganho, da mesma forma que apresentar ao telespectador telefones ou sites para denunciar a violência infantil ou contra a mulher, locais para resolver questões ligadas à previdência social ou mesmo responder dúvidas de quem tem pouca instrução também é uma maneira de interferir na sociedade positivamente. Ou seja, aqui também o *JA 1* atua como um ator social, porém, de maneira mais efetiva.

Interessante perceber a diferença de postura do *Jornal Anhanguera 1ª edição* no trato de questões relativas à cidadania nos dois territórios analisados: edições do *JA 1* veiculadas em diferentes quartas-feiras e o quadro especial transmitido no sábado. Essa percepção foi possível quando se comparou a abordagem do telejornal em reportagens sobre tais assuntos com as edições do quadro “Meus Direitos”. Um mesmo produto jornalístico conseguiu ter dois comportamentos completamente diferentes, nesse sentido. Inclusive, se no primeiro caso constatou-se uma fragilidade nos conteúdos sobre cidadania, no segundo averiguou-se uma prestação de serviço efetiva.

O quadro ainda torna visível uma das facetas jornalísticas que é defendida por Park (1972), Genro Filho (1987) e Meditsch (1997): o jornalismo como forma de conhecimento. O “Meus Direitos” se vale do espaço fixo no telejornal, mas também da visibilidade e credibilidade da emissora para empoderar por meio do conhecimento. É claro que as matérias jornalísticas veiculadas no restante da programação também somam nesse sentido, mas nesse caso a colaboração é ainda mais direta para o exercício da cidadania. É um quadro que envolve pouca produção, se comparado às reportagens ou

séries especiais costumeiramente veiculadas, e que deixa um legado talvez até mais sólido para a audiência.

Um último elemento a ser comentado é a presença e interferência de novas Tecnologias da Informação e Comunicação no *Jornal Anhanguera 1ª edição*. Chamou a atenção inicialmente o fato de duas TVs de plasma, um *tablet* e um *smartphone* serem incluídos gradativamente no estúdio a partir do processo de reformulação. Entretanto, até esse ponto não houve grande surpresa porque, como afirmam Andrade e Temer (2013), historicamente a emissora priorizou investimentos em recursos tecnológicos. Estar bem aparelhada e mostrar isso em seu conteúdo não foi nenhuma constatação diferenciada. Inclusive, nesse momento se percebeu também o quanto programa jornalístico ficou esteticamente semelhante a um de seus principais concorrentes: o Balanço Geral – Goiás, da Record TV, que tradicionalmente dialoga de forma privilegiada com grupos sociais menos favorecidos.

Mas, na verdade, o interessante foi perceber o vínculo de TICs com o exercício da cidadania. No intervalo de 2010 a 2017, o telejornal empreendeu esforços de forma gradativa para aumentar o contato com a audiência por meio de recursos como o *e-mail*, o aplicativo QVT e o *WhatsApp*. A cada ano notou-se que o estímulo à “participação” por meio desses canais cresceu. Se na edição de 2010 esse convite foi mais discreto, em 2017 o apresentador retomou a investida ao longo de todo o conteúdo.

Cabe lembrar que essa questão da “participação” que o próprio telejornal tanto coloca ao longo de seu conteúdo é questionável. Visivelmente, o *Jornal Anhanguera 1ª edição* ampliou os canais de comunicação nesse intervalo temporal, mas a participação em si continua muito pequena. A audiência continua não fazendo parte do processo de construção do telejornal de modo efetivo, uma vez que aqui se entende que enviar sugestões de pauta e conteúdos colaborativos não faz do telespectador um sujeito verdadeiramente ativo na elaboração do noticiário.

De modo geral, as TICs que passaram a integrar o programa jornalístico serviram para tentar dar força a essa ideia de presença do telespectador na produção do *JA 1*, seguindo a lógica do “*jornalismo comunitário*”, mas também para que as pessoas pudessem exercer a “cidadania com mais agilidade”, nas palavras de um dos apresentadores do *Jornal Anhanguera 1ª edição*.

Essa perspectiva de um aplicativo ser valorizado como um meio de exercer a cidadania evidenciou uma postura do telejornal, independente dela ser equivocada ou não: o reforço ao fenômeno da midiaticização. Nesse momento, ficou claro que o *JA 1* reforça a midiaticização da sociedade, processo mencionado por Hjarvard (2012) e Sodré (2008; 2014). Esse reforço ocorreu de duas formas distintas: com o noticiário “linkando” o exercício da cidadania ao uso de um aplicativo, mas também estimulando que o contato com o Estado passe pelo próprio programa jornalístico.

A reflexão teórica feita nesta pesquisa permitiu averiguar que o fenômeno da midiaticização está ganhando força na sociedade nos últimos anos e que ele não necessariamente é consciente enquanto um processo maior. O próprio Estado, atualmente, tem criado situações em que o contato com ele se dê por meio de tecnologias. O registro profissional de muitas categorias, por exemplo, é emitido hoje por meio de uma plataforma digital. Percebe-se que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* está contribuindo com esse movimento de distanciamento físico do cidadão com o poder público, mesmo que inconscientemente.

Enfim, a realização desta investigação deixou evidente que houve uma abordagem de questões relativas à cidadania no *JA 1*, no intervalo temporal pesquisado, e que ela ocorreu na perspectiva dos direitos (inclusive, praticamente ignorando os deveres) que devem ser garantidos pelo Estado. Porém, acredita-se que foram poucos os espaços que o *Jornal Anhanguera 1ª edição* viabilizou entre 2010 a 2017 que verdadeiramente contribuíram com o exercício da cidadania de forma efetiva. Diante desse cenário, é imprescindível considerar que o próprio jornalismo é efêmero e que passa por um processo de mudanças estruturais, logo, é possível que não demore muito para que novas transformações aconteçam e que outras possibilidades para a abordagem da cidadania se façam presentes. É preciso que a academia permaneça atenta diante desses cenários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. A. A mídia no Brasil: coparticipante na construção da cidadania. In.: ABREU, A. A. (Org.). **Caminhos da cidadania**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

ADGHIRNI, Z. L. Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. In: PEREIRA, F. H; MOURA, D. O; ADGHIRNI, Z. L (orgs.). **Jornalismo e Sociedade**. Florianópolis: Insular, 2012.

AGUIAR, S. **Territórios do Jornalismo**: geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis / Rio de Janeiro: Vozes/PUC-Rio, 2016.

ANDRADE, T. C. O; TEMER, A. C. R. P. **A arte de ensinar e praticar jornalismo de TV em Goiás**. Goiânia: Mundial Gráfica, 2013.

ASSIS, F; MELO, J. M. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In.: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BECKER, B. **Televisão e telejornalismo**: transições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BENEVIDES, M. V. de M. Cidadania e Democracia. **Lua Nova**, n. 44, p. 5-17, 1994.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRAGA, J. L.; CALAZANS, M. R. Z. **Comunicação e educação**: questões delicadas de interface. São Paulo: Hacker, 2001.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CHARRON, J; DE BONVILLE, J. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis/Brasília: Insular, 2016.

CHAUL, N. F. Goiânia: capital do sertão. **Revista UFG**, ano XI, n. 6, p. 100-110, jun, 2009.

COSTA, A. M. A. **Telejornalismo e cidadania: conteúdo colaborativo e a participação do telespectador na dinâmica do Jornal Nacional e do JA 2ª edição**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

EMERIM, C. Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos. In.: VIZEU, A; MELLO, E; PORCELLO, F; COUTINHO, I. **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de conteúdo. In.: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GENTILLI, V. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania** – Estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GRADIM, A. A televisão no seu labirinto. In.: SERRA, P; SÁ, S; SOUZA FILHO, W. **A televisão ubíqua**. Corvilhã: Livros LabCom, 2015.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamento da ciência dos jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In.: LAGO, C; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HJARVARD, S. Mídiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

KOVACH, B; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LATTMAN-WELTMAN, F. Institucionalização midiática e "representação" política: a construção do cidadão-consumidor nos telejornais. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 37, p. 99-118, 2006.

MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002.

_____. **Para entender a Comunicação: contatos antecipados com a nova teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7ª ed. 1. Reimp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MEDITSCH, E. O jornalismo é uma forma de conhecimento?. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. n. 21, p. 25-38, 1997.

MELLO, E. Telejornalismo e história: permanências e rupturas no fazer jornalístico. In.: VIZEU, A; MELLO, E; PORCELLO, F; COUTINHO, I. **Telejornalismo em questão**. Coleção Audiovisual. V3. Florianópolis: Insular, 2014.

MORAES, A. T. de. **Participação popular e os valores notícia no telejornalismo**: interação e cidadania. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

MORAES, A. T. As mudanças no jornalismo de referência em Goiás: Um estudo de caso do Grupo Jaime Câmara. In.: **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 4 a 9 de setembro de 2017, E [recurso eletrônico]: Intercom 40 anos: comunicação, memórias e historicidades / organizado por Marialva Barbosa, Maria do Carmo Silva Barbosa, Maria Zaclis Veiga Ferreira e Christiane Monteiro Machado. [realização Intercom e ECA-USP] - São Paulo: Intercom 2017.

NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, A. F. Metrôpoles e metropolização no Brasil: o caso de Goiânia. **Sociedade e Cultura**, v. 16, n. 1, jan/jun, p. 153-167, 2013.

OROZCO, G; O telespectador frente à televisão – Uma exploração do processo de recepção televisiva. **Communicare**. São Paulo, v. 5, n. 1, 1º sem. 2005.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento. In.: **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo, ano 26, n. 43, p. 67-84, jan/jun. 2005.

PINSKY, Carla B.; PINSKY J. **História da Cidadania**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PORCELLO, F. AC. Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV?. **Re-vista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 31, p. 79-84, 2006.

REZENDE, G. J. de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, J. B.; TEMER, A. C. R. P. O conceito de qualidade no jornalismo no discurso do telejornalismo local: uma análise a partir da ótica da TV Anhanguera/Goiás. **Revista Parágrafo**. 9ª ed. v. 5, n. 1, p. 237-245, 2017.

ROTHBERG, D. **Jornalismo público**: informação, cidadania e televisão. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RUDGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTOS, W. G. dos. **Cidadania e Justiça**: a política social na ordem brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1994.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Pesquisa Brasileira de Mídia 2016. Disponível em: < <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view> > Acesso em: 22 de março de 2017.

SERRA, P; SÁ, S; SOUZA FILHO, W. **A televisão ubíqua**. Corvilhã: Livros LabCom, 2015.

SIGNATES, L.; MORAES, A. A cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania. In.: SIGNATES, L; MORAES, A. (Org.). **Cidadania comunicacional**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Vozes, 2008.

_____. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SOUZA, J. **A construção da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA FILHO, W. A influência da tecnologia na transformação da televisão no século XXI. In.: SERRA, P; SÁ, S; SOUZA FILHO, W. **A televisão ubíqua**. Corvilhã: Livros LabCom, 2015.

STAM, R. O telejornal e seu telespectador. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 13, p. 74-87, out. 85.

TEMER, A. C. R. P. **Flertando com o caos**: Comunicação, Jornalismo e Televisão. Goiânia: FIC/UFG, 2014.

TEMER, A. C. R. P. Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa. In.: VIZEU, A; MELLO, E; PORCELLO, F; COUTINHO, I. **Telejornalismo em questão**. Coleção Audiovisual. V3. Florianópolis: Insular, 2014.

TEMER, A. C. R. P. Fronteiras híbridas: o jornalismo e suas múltiplas delimitações. In.: TEMER, A. C. R. P; SANTOS, M. **Fronteiras híbridas do jornalismo**. Curitiba: Appris editora, 2015.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2011.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Vol I. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, A. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

ANEXOS
TRANSCRIÇÕES

DATA DA EDIÇÃO: 20 de outubro de 2010

TEMPO DA EDIÇÃO: 22'03''

Apresentadora: Olá, bom dia! Delegacia do consumidor apreende alimentos vencidos em um supermercado de Goiânia. Um consumidor teria feito a denúncia. / No Jardim das Arueiras, depois da retirada das famílias da área de risco, os moradores reclamam agora do entulho abandonado no local. / Hoje vamos conhecer o assunto escolhido pelos moradores do bairro Capuava, no painel do Quero Ver na TV. / Secretaria de Saúde de Goiânia divulga balanço do número de casos de dengue na capital. Houve diminuição, mas o avanço da doença ainda é preocupante. / Futebol: O Vila Nova perdeu para o Curitiba e de goleada. E pela Copa Sulamericana, o Goiás entra em campo hoje lá no Uruguai. / Hoje é quarta-feira, 20 de outubro, e as principais notícias do dia você confere agora no Jornal Anhanguera. (ESCALADA)

Apresentadora: Produtos com data de validade vencida foram apreendidos hoje no Supermercado Pró-Brazilian, no centro de Goiânia. A fiscalização foi feita pela Delegacia do Consumidor e Vigilância Sanitária.

Repórter: Do lado de fora o cartaz pede um tempo para abrir as portas. Lá dentro, a fiscalização vai recolhendo produtos vencidos. Segundo a polícia e a Vigilância Sanitária, o supermercado estava maquiando a validade de frios, lácteos e carnes.

Representante da Vigilância Sanitária: Estavam pegando produtos com data de validade já expirada, é, tirando as etiquetas, as embalagens originais, colocando novas embalagens como se fossem produtos com validade ainda em vigência.

Repórter: Um dos advogados do grupo reclamou da fiscalização.

Advogado: Eu achei pirotecnia. Não precisava disso tudo. Mas a empresa está sempre pautada a resolver qualquer problema que for constatado pela Vigilância.

Repórter: De acordo com o delegado, os produtos apreendidos devem ser levados para o aterro sanitário. Ele informou também que o setor de frios e lácteos ficaria interdito.

Representante da Polícia Civil: A Vigilância Sanitária deve interditar toda a parte de frios e a parte de açougues, até para a gente dar uma orientação para a direção do supermercado, fazendo esse trabalho de orientação que nós fazemos também junto com a Vigilância Sanitária e o Procon.

Repórter: O supermercado só abriu as portas por volta das 10h da manhã.

Apresentadora: Bom, e o Jornal Anhanguera vai agora ao vivo ao bairro Capuava. É que os moradores ali da região estão votando já no painel do Quero Ver na TV no assunto que eles acham mais importante e que querem que seja transformado em reportagem aqui no Jornal Anhanguera. Quem acompanha toda movimentação desde cedo lá no bairro Capuava é a repórter Bernadete Coelho. Bernadete, boa tarde. Como está a movimentação agora no horário do almoço?

Repórter: Pois é, horário de almoço Lilian e a gente acompanha aqui a votação do pessoal está passando pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), aqui do bairro Capuava, que fica na Rua Borba Gato. É onde está instalado o painel Quero Ver

na TV. A gente vai acompanhar então o pessoal que vai votar aqui agora. Como é o nome da senhora?

Moradora: Aparecida.

Repórter: Dona Aparecida, a senhora vai votar em qual assunto? O quê que a senhora acha que é mais importante aqui no bairro?

Moradora: É o combate às ‘droga’.

Repórter: É? Por quê que a senhora acha isso?

Moradora: Eu acho porque tem muito adolescente assim...principalmente adulto usuário, que a até mesmo a população fica assim amedrontada de sair, deixar as suas ‘casa’, porque não tem nenhuma assim...segurança.

Repórter: E as drogas acabam gerando outros crimes.

Moradora: Outros climas, sabe?

Repórter: ‘Tá’ ok então. A dona Aparecida vai votar e a gente vai continuar conversando. A senhora vai votar em quê? Qual que a senhora acha que é o principal problema aqui da região, aqui do bairro?

Moradora II: É combate às drogas.

Repórter: Também?

Moradora II: Também!

Repórter: A senhora acha que também que principalmente os jovens, os adolescentes estão mais vulneráveis?

Moradora II: É. Porque precisa de de...tem muitos ‘adolescente’ aí que ‘tão’ muito assim...eles não tem segurança. Assim, ‘tá’ muito desprotegido e precisando de...assim... [moradora é interrompida pela repórter]

Repórter: De intensificar aí o policiamento no combate às drogas.

Moradora II: É...o policiamen...[moradora é interrompida pela repórter]

Repórter: Tá bom. Como é que é o nome da senhora?

Moradora II: Ilza.

Repórter: Dona Ilza vai votar ali agora. Daqui a pouco então Lilian a gente volta ‘pra’ mostrar essa movimentação aqui no CRAS, no Centro de Referência que fica na Rua Borba Gato, no bairro Capuava. Lembrando que o pessoal pode vir dar uma passadinha por aqui para votar. Às vezes vai pegar um ônibus, tem que pegar um ônibus ali na Avenida Anhanguera. Dá uma passadinha aqui primeiro. Vota, participa com a gente. Ajuda a escolher então esse assunto. O tema mais importante, que mais incomoda os moradores aqui da região. Lilian.

Apresentadora: Pois é. E lembrando que a gente vai conhecer também o resultado ainda hoje dessa votação do bairro Capuava, não é Bernadete? ‘Brigada’ pela sua participação. E até daqui a pouco então.

Apresentadora: E olha só. Agora a gente vai falar de futebol. É que hoje tem Goiás e Penharol, no jogo que vale uma classificação inédita para o Goiás na Copa Sulamericana. Ontem, pelo Campeonato Brasileiro, o Vila Nova entrou em campo e foi goleado pelo Curitiba. Para trazer as notícias do esporte, a gente recebe agora a Thaís Freitas. Thaís, boa tarde.

Apresentadora do Globo Esporte: Boa tarde, Lilian. Notícias nada boas para os torcedores colorados, né?!

Apresentadora: Que jogo ontem, hein?!

Apresentadora do Globo Esporte: Ontem foi um massacre, Lilian. Foi uma noite em que nada deu certo para o Vila Nova. Erros táticos, defensivos. E vamos ver aqui os gols do Curitiba, que fez 5 a 1 no Tigrão. A gente tem aí o primeiro gol, logo no comecinho do primeiro tempo, aos 7 minutos. Olha lá. Bobeada da defesa e o Léo Gavi não desperdiçou.

Apresentadora: Confusão que foi ali.

Apresentadora do Globo Esporte: Bruno Lopes empatou de pênalti. Teve um pênalti ali marcado para o Vila, mas aí vem a chuva de gols. E agora quem vai fazer o segundo é o Triguinho, segundo gol do Curitiba. O Curitiba que se isola na liderança, chegando a 59 pontos. O terceiro aí com Lucas Mendes. O quarto agora com o Pereira.

Apresentadora: E tem mais um ainda.

Apresentadora do Globo Esporte: E para finalizar agora, o gol do Leonardo. Isso porque o Vila ficou estacionado ali na 16ª colocação, com 35 pontos e está a 4 do Brasiense que agora é o 17º colocado e é o adversário do Vila no próximo sábado, às 9h da noite aqui no Serra Dourada.

Apresentadora: E o Goiás pela Copa Sulamericana?

Apresentadora do Globo Esporte: Hoje tem Sulamericana. Decisão inédita para o Goiás que nunca avançou dessa fase da competição. Ele nunca chegou às quartas de final. Então vai hoje lá ao Uruguai tentar contra o Penharol essa vaga inédita nas quartas de final e para isso vai ter que quebrar um tabu: tentar eliminar pela primeira vez uma equipe internacional na competição. O técnico do Goiás falou sobre o jogo de hoje lá no Uruguai.

Técnico do Goiás: Eu já joguei lá né contra o Penharol. A pressão é muito grande. Sempre existe essa catimba, que foi até tranquilo em relação a isso. Aconteceu ali um pega-pega ali com o Rafael e o zagueiro deles. Mas não passou além disso. Hoje também a situação está bem diferente. Nós temos muitas câmeras hoje espalhadas no campo todo, então mais aquela coisa da minha época que a jogada se desenvolvia na frente e você tomava um soco aqui atrás. Não existe mais isso.

Apresentadora do Globo Esporte: É Lilian, boa sorte ao Goiás, que precisa pelo menos tentar salvar o ano indo bem na Sulamericana, já que no Brasileirão vai muito mal.

Apresentadora: Porque no Brasileiro a notícia está ruim, né?! Daqui a pouquinho.

Apresentadora do Globo Esporte: Daqui a pouquinho eu volto no Globo Esporte.

Apresentadora: Brigada Thaís pela sua participação. E logo depois do intervalo comercial você vai acompanhar as ofertas de emprego no quadro “TV Trabalho”, afinal de contas hoje é quarta-feira. Então não saia daí.

Apresentadora: O nosso assunto agora é trabalho. E olha só: em setembro houve diminuição no número de postos de trabalho criados aqui no estado de Goiás. Segundo o CAGED, o saldo entre contratações e demissões foi negativo em 509. Mas no acumulado do ano a notícia é boa. Foram criados quase 83 mil empregos com carteira assinada de janeiro a setembro desse ano agora de 2010. Em relação ao mesmo período de 2009, o número de empregos gerados no estado aumentou 35,4%. Mas os setores que mais empregaram foram indústria de transformação, serviço e também construção civil. Vamos

ver então quais são as ofertas de emprego hoje no TV Trabalho. Acompanhe aqui comigo no telão. Olha só: tem 50 vagas de ajudante de carga e descarga, 25 vagas de auxiliar de linha de produção, 10 vagas de atendente de balcão e não acabou por aí não. Tem ainda uma vaga de ajudante de padeiro para você então que já tem experiência com panificação, 15 vagas de pedreiro, 50 vagas de gesseiro. Como a gente pode ver são muitas ofertas ainda na construção civil. Se você ficou interessado e quer mais informações sobre essas vagas mostradas aqui e outras oportunidades, basta procurar uma das unidades do SINE, que também estão instalados nas agências VAPT VUPT ou ainda ligar para esse número aí ó: 0800 646 1577. Não esqueça de levar a sua carteira de trabalho porque é muito importante na hora de se apresentar como candidato a uma dessas vagas. [ENTRADA DO TOME NOTA] E agora vamos conferir o “Tome nota” de hoje. Curso para frentista. As aulas acontecem na próxima semana. Se você ficou interessado e quer mais informações, então ligue no 3224-0303. Concurso Miss Goiânia Estudantil para crianças e jovens até 26 anos. As inscrições são de graça e podem ser feitas pelo telefone. Então anote aí: 3278-8466.

Apresentadora: A gente vai agora para um rápido intervalo comercial, mas logo depois do intervalo você vai conferir os números da dengue registrados aqui em Goiânia. Então não saia daí. Os detalhes daqui a pouquinho.

Apresentadora: Depois que as famílias da invasão do “Buração”, no Jardim das Aroeiras aqui em Goiânia, foram retiradas e as casas foram demolidas, o local virou um monte de entulho e um problema para os moradores ali da região. Eles reclamam da falta de segurança e do perigo de dengue.

Repórter: Um amontoado de entulhos a perder de vista. 150 casas foram demolidas na invasão conhecida como “Buracão”, no Jardim das Aroeiras. As últimas famílias saíram da área de risco há 3 meses e os restos de construção ainda continuam no local. No meio do entulho, o lixo deixado pelas famílias ou jogado por outros moradores acumula água e vira criadouro do mosquito da dengue. A sujeira está incomodando os vizinhos.

Moradora: Virou uma caixa de problemas, né?! Porque tem foças abertas, as crianças ficam passeando aí pela área é...retirando frutas. Então o perigo de uma criança cair dentro de uma fossa. A questão do...do...a gente está com medo da proliferação de insetos como roedores, cobras.

Repórter: Além das foças abertas, existem vários hidrômetros quebrados.

Moradora II: ‘Tá’ ‘esperdiçando’ água. Eles ‘faz’ propaganda na televisão que é ‘pra’ economizar água, economizar água, mas a água parece...tem cano aí que parece um chafariz.

Repórter: Para piorar a situação, de acordo com os moradores, a área virou ponto de encontro de usuários de drogas.

Moradora III: A gente tem até medo de andar aqui na rua, com medo deles atacar a gente, ‘quê’ esses dias mesmo atacou uma mulher aqui ó. Era 6h da tarde e eles pegaram uma mulher aqui e tomou a bolsa dela. Aqui ‘tá’ muito perigoso.

Repórter: Os moradores sonham com a construção de um parque no local e cobram pelo menos a limpeza imediata da área.

Morador IV: A gente pede a retirada do entulho imediatamente, porque ‘tá’ chegando o período chuvoso aí e a gente ‘tá’ com muito medo da proliferação da dengue.

Apresentadora: Preocupação, claro, com razão. E nós fomos atrás de respostas. Olha só. A Agência Municipal de Obras informou que está apenas esperando a definição de um local apropriado para então retirar o entulho da área que foi mostrada na reportagem. E o ‘seu’ Juraci que apareceu na reportagem foi quem sugeriu o assunto aqui para a nossa equipe do Jornal Anhanguera. E você pode fazer o mesmo. Basta acessar esse endereço aí ó: www.tvanhanguera.com.br/goiasnet e clicar no ícone “Quero Ver na TV”.

Apresentadora: E nós vimos agora aí que os moradores reclamaram e estão preocupados claro com o risco de dengue e não é ‘pra’ menos. A doença é grave como todo mundo sabe. Mas segundo a Secretaria de Saúde de Goiânia, houve uma redução no número de casos este mês aqui na capital. Um balanço foi divulgado nessa manhã e a gente vai ver agora os números aqui no telão. Olha só. De janeiro a outubro foram registrados 36.800 casos em Goiânia. Só de 11 a 16 de outubro foram 300 notificações. Em relação aos meses anteriores, esse número já é menor e aí fica aquela preocupação: será que agora a gente já pode ficar mais tranquilo em relação aos cuidados com a dengue? Vamos saber então essa informação. Ao vivo conversando com o repórter Fabiano Roma, que está no Cais Chácara do Governador. Fabiano, boa tarde. Qual deve ser o procedimento a partir de agora diante dessa redução, pelo menos agora no mês de outubro, do número dos casos de dengue em Goiânia?

Repórter: Boa tarde, Lilian. Boa tarde ‘pra’ você que nos assiste no Jornal Anhanguera. Você disse muito bem Lilian. Você perguntou muito bem: será que agora é o momento de a gente dar aquela relaxada e esquecer? Pelo contrário. Agora é o momento de ‘tá’ mais preocupado ainda, porque a gente ‘tá’ com o tempo quente, ‘tá’ se aproximando aí o período de chuva e é o clima que o mosquito gosta para se reproduzir e para sair por aí, como se diz, picando todo mundo, transmitindo doenças. Aí a gente começa a ver o número de casos de dengue ficar maior. Bom a gente ‘tá’ aqui na Chácara do Governador com a Dra. Cristina Laval, que é diretora do Departamento de Vigilância e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde. A gente viu ali, né doutora, que o número de casos caiu. Foram 300 notificações na última semana, não é isso, mas o número de casos mesmo 10% disso.

Diretora do Departamento de Vigilância e Saúde da SMS: Bom, o que a gente pode dizer é que comparado com o início do ano realmente houve uma redução. Agora, essa redução já foi maior no período de seca. Agora a gente começa a perceber um aumento do número de casos suspeitos da doença, o que é natural. Por quê?! Porque nós estamos pensando em dengue todos os dias. E os nossos profissionais de saúde são orientados a pensar no diagnóstico de dengue quando aparece uma doença febril. Obviamente, a grande maioria desses casos eles são confirmados para outras doenças e nós ainda não estamos vivendo o momento crítico com relação à dengue. Não. Mas essas notificações nos chamam atenção de que o trabalho de que o trabalho de prevenção, ele tem que ser diário tanto do poder público quanto do cidadão.

Repórter: O cidadão tem que lembrar então daqueles cuidados que a gente vem falando sempre, né?! Tomar conta da sua casa ali, ver se não tem uma aguinha parada.

Diretora do Departamento de Vigilância e Saúde da SMS: Sim, olha. Desde o mês de agosto, nós, enquanto poder público, nós estamos intensificando, diminuindo as pendências que é a casa visitada onde não se encontra ninguém. Então nós estamos reduzindo essa pendência, por ali pode ter um foco do mosquito da dengue e estamos intensificando as ações. Já fizemos todo um trabalho. Toda região limítrofe entre Aparecida de Goiânia e Goiânia e agora nós estamos então intensificando as áreas onde nós estamos tendo maior volume de casos suspeitos e também aparecimento do mosquito.

Repórter: Muito obrigada doutora pelas suas informações. Então fica aí o recado. É hora de abrir o olho. Cada um tomar conta ali da sua casa, ver se não tem um criadouro, uma aguinha parada, porque senão a doença começa a atacar de novo, né Lilian?! Tem que ficar ligado.

Apresentadora: Exatamente. Prevenir é melhor. Fabiano, muito obrigada pelas suas informações. Bom trabalho para você. E você vai ver a seguir a participação dos moradores do bairro Capuava no nosso painel interativo. Nós voltamos com os detalhes em instantes. Então, não saia daí.

Apresentadora: E a votação no nosso painel interativo está chegando ao fim lá no bairro Capuava. Vamos conferir então os últimos votos voltando agora a falar ao vivo com a repórter Bernadete Coelho?! Bernadete, como é que está essa reta final aí no bairro Capuava?

Repórter: Pois é, Lilian, o bairro Capuava tem aproximadamente 50 anos. Tem uma escola estadual e dois CMEIS, que são os centros de atendimento de educação infantil. E as perguntas, aquelas opções que os moradores têm ‘tão’ aqui na tela. Olha só. É combate às drogas, é segurança, transporte coletivo, escolas e a sinalização de trânsito. Ontem nós acompanhamos aqui muita gente falando a respeito do combate às drogas, outras pessoas falando também a respeito da sinalização, que é preciso reforçar a sinalização. Vamos acompanhar mais um voto aqui. Você vai votar hoje em quê? Olha lá. As opções são essas aí e o quê que você acha que é mais importante, o quê que é preciso melhorar aqui no bairro?

Moradora III: Segurança.

Repórter: Segurança? Vai lá. Vota. Registra seu voto. Lembrando que a gente vai voltar aqui e vai fazer uma reportagem sobre o assunto. Você vai votar em quê?

Moradora IV: Combate às drogas.

Repórter: Combate as drogas? Você acha que é o mais importante?

Moradora IV: Isso. É o que está mais precisando é o combate às drogas.

Repórter: “Tá” ok então. Obrigada pela sua participação. Pois é Lilian, a gente encerra daqui a nossa participação né, aqui no bairro Capuava, um bairro onde foi instalado aqui o painel na rua Borba Gato e vamos esperar então. Você aí do estúdio é quem vai dar a boa notícia. Vai dar aí qual foi o assunto escolhido pelos moradores.

Apresentadora: Exatamente Bernadete. Por enquanto, muito obrigada pela sua participação. Lembrando você que está em casa que a nossa equipe já começou a somar os votos de ontem e de hoje e daqui a pouquinho a gente conhece o assunto escolhido pelos moradores do bairro Capuava, que será uma reportagem especial aqui no Jornal Anhanguera, exibida e também discutida na próxima sexta-feira.

Apresentadora: E olha só. Foi adiado mais uma vez o julgamento de um dos acusados de assassinar Paulo Brito, que na época era vice-prefeito de Anicuns. O crime aconteceu em janeiro de 1998 aqui em Goiânia.

Repórter: Parentes de Paulo Brito estiveram no Fórum para acompanhar o julgamento de Valto Francisco Vieira. Paulo Brito foi morto em Goiânia, em frente a casa onde morava no setor Oeste. Foram acusados de participar do crime os irmãos Valtuir Francisco Alves Neto, o Chico Buzina, e o ex-prefeito de Anicuns, Valto Francisco Vieira. Além do policial militar reformado, Isaías Clementino Barbosa, e o pistoleiro Joseano Batista dos Santos. O motivo do crime teria sido disputa política entre os irmãos

Buzina e Paulo Brito. O julgamento foi adiado pela quarta vez. Hoje, a pedido do novo advogado de defesa.

Representante do poder judiciário: Segundo a defesa, o advogado que era da causa renunciou o mandato, substabeleceu outro advogado há dois dias. Em razão disso, o advogado que assumiu a causa, ele se diz sem condições de realizar o júri em razão da complexidade do processo, do processo bastante volumoso. No dia 15 de dezembro ele estará aqui para submeter o processo a julgamento.

Repórter: A família de Paulo Brito pede justiça.

Representante da família de Paulo Brito: É dever do Estado. É direito do cidadão. Então compete às autoridades e eu suplico que elas estendam a mão e peçam ao judiciário que crie mecanismo para que aconteça esse julgamento.

Apresentadora: Valtuir Francisco Alves, o Chico Buzina, já foi condenado a 17 anos pelo assassinato de Paulo Brito, depois de cumprir parte da pena, ele está agora no regime aberto. Joseano Batista dos Santos também foi condenado a 8 anos de prisão.

Apresentadora: Vamos ver agora a previsão do tempo para hoje à tarde em todo o estado de Goiás.

Repórter: Quarta-feira com céu claro parcialmente nublado. Nas cidades da região norte a máxima prevista vai ser de 31°. Já no centro-oeste, temperatura variando de 25° a 33°. No leste goiano a máxima prevista é de 28°. No sul, variação de 17° a 31°. E no sudoeste a máxima prevista também é de 30 graus. Pode chover hoje em Goiânia. Céu claro parcialmente nublado com previsão de chuva. Temperatura entre 23° e 28°. E a umidade do ar entre 40 e 85%.

Apresentadora: Confira agora os destaques do Jornal Hoje desta quarta-feira.

Apresentadora do Jornal Hoje: Olá. No Jornal Hoje, qual pode ser a causa da super-bactéria que preocupa as autoridades. Em São Paulo, a Secretaria de Saúde determinou que os pacientes com a super-bactéria fiquem isolados, mesmo que não apresentem sintomas. Você sabe o que é bullying? Aquela violência física ou psicológica entre crianças ou adolescentes. O Conselho Nacional de Justiça lança uma cartilha 'pra' escolas, professores com 15 dicas que vão ajudar a identificar e a combater essa prática lamentável. Um acidente impressionante. A policial não vê o caminhão, olhe, e quase é esmagada. O que você pode fazer com o arroz que sobrou na geladeira? Que tal usá-lo para fazer massa de pizza ou beijinho, aquele doce de festa de criança. As receitas no Jornal Hoje, já já.

Apresentadora: E agora vamos ver o resultado final então do painel interativo no bairro Capuava? Olha só. Os moradores escolheram o assunto combate às drogas. O assunto teve 54,79% dos votos e nós vamos tratar deste tema na próxima sexta-feira. O Jornal Anhanguera fica por aqui. Para você uma excelente tarde. Agora, fique com as notícias do esporte com Thaís Freitas. Até amanhã.

DATA DA EDIÇÃO: 19 de outubro de 2011

TEMPO DA EDIÇÃO: 34'58''

Apresentadora: E o futebol. O Goiás venceu o Americana e respira um pouco mais aliviado.

Apresentador: Mas o Vila Nova perdeu e está cada vez mais perto do rebaixamento. Hoje é quarta-feira, dia 19 de outubro. O Jornal Anhanguera está começando. (ESCALADA)

Apresentadora: E a gente começa o Jornal Anhanguera de hoje falando de violência, né?! Falando de insegurança porque um objeto parecido aí com uma bomba, ele foi encontrado hoje cedo na Escola Jaime Câmara, no Parque Anhanguera, que fica na região sudoeste de Goiânia.

Apresentadora: O objeto estava dentro do banheiro dos meninos e foi encontrado pelo zelador, que chamou o esquadrão antibombas. Um robô também foi usado pela polícia durante a operação para desarmar esse artefato, que tinha até um relógio cronômetro. Chama muita atenção, mas a polícia descobriu que se tratava de uma imitação de bomba feita com um tijolo. Por causa desse incidente, mais de 250 alunos foram dispensados da aula hoje. Uma verdadeira brincadeira de mal gosto.

Apresentadora: De mal gosto que atrapalha o trabalho da Polícia Militar que poderia estar na rua fazendo outro tipo de averiguações, outros tipos de trabalhos de combate ao crime e não. Tem que ir aí desmantelar uma bomba, que na verdade não era uma bomba. Os meninos que perdem aula poderiam estar aproveitando para...[ele é interrompido pela apresentadora]

Apresentadora: O trabalhado dos professores...

Apresentador: Enfim, é uma perda de tempo, imperdoável uma coisa dessas.

Apresentadora: E olha só. Através da internet, o Jornal Anhanguera recebe todos os dias várias sugestões de reportagem. E hoje nós vamos atender aos pedidos de vários telespectadores: do Valdeir, da Luiza e do Vitor Hugo. Todos moram no Veiga Jardim I, em Aparecida de Goiânia.

Apresentador: E sabe o que eles pediram? Eles escreveram aqui para nossa equipe, mandaram ‘pra’ gente esse e-mail reclamando que o asfalto não chegou para oito ruas do bairro. A nossa equipe, claro, foi lá atender o pessoal e conferir tudo isso.

Repórter: Faça chuva, faça sol, os moradores do setor Veiga Jardim I, em Aparecida de Goiânia, vivem cheios de problemas.

Morador I: Antes era poeira, agora é lama e buraco, né?! E aí agora vem o período chuvoso. E aí ‘tá’ aí os buracos que eles não ‘aterrou’ e aí com a chuva vai continuar mais os buracos ainda.

Repórter: O asfalto é um benefício que segundo o presidente da associação de moradores não chegou para oito ruas do bairro, onde vivem cerca de duzentas e cinquenta famílias.

Presidente da Associação de Moradores: Aqui, eles fizeram o asfalto do lado de lá, que é um setor só do lado de lá da mata. Daí esse recurso veio. Diz que veio para fazer tudo. Eu quero saber onde ‘tá’ esse resto de recurso.

Repórter: Parte do setor está tomado de buracos. A erosão, que ameaça derrubar o muro desse clube de eventos, virou até motivo de piada. Os vizinhos todos que chegam aqui me chamam atenção: ó o muro vai cair. A próxima chuva vai cair. Então agora nós ‘resolveu’ fazer essa rifa aí ‘pra’ fazer as ‘aposta’. Quem acha que vai cair, quem acha que não vai. Com o tempo chuvoso, o desafio é chegar e sair de casa. Esse vendedor explica que a rua fica intransitável.

Morador II: Agora não sobe não. Começou a chover, só a chuvinha que deu aí, ó.

Repórter: Não sobe?!

Morador II: É, sobe não. A gente tem que ir lá em cima. Dar uma volta lá em cima ‘pra’ descer.

Repórter: Se não deixa o carro na rua!

Morador II: Se não deixa o carro na rua.

Repórter: Quem caminha com dificuldade pelas ruas de chão é o ‘seu’ Valdivino. Com artrose, ele precisa da ajuda de vizinhos quando tem que ir ‘pra’ algum lugar. Um transtorno que poderia ser amenizado, se a via fosse asfaltada.

Morador III: Queria fazer um apelo para o poder público, que ‘ruma’ ‘pra’ nós porque os ‘ano’ que a gente paga de imposto aqui...entra um e sai outro, é a mesma coisa. Nunca fizeram nada.

Repórter: Em época de chuva, quem mora na parte mais baixa do bairro pena. Todo entulho depositado na cratera ganha destino certo.

Morador IV: Essa rua aqui não passa nem ‘de a pé’. Aqui quem tem carro aqui fica tudo ilhado.

Repórter: Quem mora no setor Veiga Jardim I há mais de vinte anos como este aposentado não entende porque bairros mais novos estão totalmente asfaltados.

Morador V: Quase da idade do Papillon Parque, mais bem mais velho que o Mansões Paraíso. É mais velho que todo setor que foi asfaltado hoje. E até hoje esse setor hoje não tem asfalto.

Morador VI: O período de chuva vem aí e não dá mais para fazer esse ano. A gente quer saber do poder público ‘pra’ eles ‘colocar’ no orçamento do ano seguinte ‘pra’... ‘pra’ maio, junho, julho eles ‘fazer’ esse asfalto aqui de 2012.

Apresentador: Que sofrimento do ‘seu’ Valdivino ali. É de dar dó. Se ele levar um tombo, machucar.

Apresentadora: A dependência de outras pessoas para sair de casa é muito triste, né Handerson?!

Apresentador: Agora aqui no Jornal Anhanguera é assim: a gente mostra o problema e a gente vai atrás de resposta, de solução. No Veiga Jardim, o secretário municipal de infraestrutura disse que o asfalto chega no ano que vem. [entra VT com entrevista]

Secretário Municipal de Infraestrutura: Veiga I em tempos anteriores foi realmente asfaltado a parte alta. E tem ali a parte baixa, de galerias profundas, galerias não só profundas como diâmetros grandes já está projetada.

Repórter: Quando começa no Veiga?

Secretário Municipal de Infraestrutura: Previsto também para o ano de 2012.

Repórter: Lá ‘pro’ mês de maio, por exemplo?

Secretário Municipal de Infraestrutura: Sim. Esperamos que hora que...nós estamos em período de contratação desses projetos com a Caixa, Ministério da...isso vai ser recurso federal, do Ministério das Cidades para a Caixa. Então na medida que a Caixa nos autorizarem a licitação, nós vamos fazer a licitação ainda este ano, ‘pra’ ano que vem contratar as obras.

Apresentador: Pois é. Mas infelizmente não para por aí não. Não é só o Veiga Jardim não. Tem mais setor em Aparecida de Goiânia passando pela mesma situação. Um deles é esse aqui que agora a gente ‘tá’ vendo imagens ao vivo. É o bairro Cardoso I. O bairro Cardoso II que é um dos bairros mais antigos de Aparecida. E segundo os moradores, a última promessa da prefeitura foi que as obras começariam em agosto. A gente já ‘tá’ em outubro e ó, ‘tá’ vendo aí? Não começou nada não.

Apresentadora: Eles reclamam da falta de asfalto em praticamente todo o bairro. E além disso, as ruas estão totalmente esburacadas.

Apresentador: E quando começar a chover com mais força, vai ficar muito complicado passar ali, viu?!

Apresentadora: É aquele velho problema. Na época de seca, poeira. Na época de chuva, lama. E agora complicação até para poder sair de dentro de casa.

Apresentador: Daqui a pouco a gente volta ao vivo do bairro Cardoso e volta, lógico, com as respostas para os moradores de Aparecida de Goiânia.

Apresentadora: E olha só. A gente sai de Aparecida e vem aqui para Goiânia, na rua 200, no Leste Universitário. Lá era para ser um lugar tranquilo, mas desde que as obras do Mutirama começaram e a Marginal Botafogo teve que ser interditada, os problemas se multiplicaram na rua.

Apresentador: É isso mesmo. E ó, nós voltamos nessa rua para mostrar que uma faixa de pedestres feita por lá pouco ajudou e o problema não para por aí não. Os moradores se queixam do abuso de velocidade e da falta de sinalização.

Repórter: Os motoristas passam a toda velocidade. O limite máximo na rua 200 é de 30 quilômetros por hora, mas...

Moradora I: Aí ó. Os ‘caminhão’ passa em alta velocidade.

Repórter: Segundo os moradores, depois que desviaram o trânsito da Marginal Botafogo para cá, o número de acidentes registrados aqui só vem aumentando. O último aconteceu nesta segunda-feira, quando uma caminhonete atingiu uma árvore, que fica do outro lado da pista.

Morador II: Uns cinco acidentes. Teve três aqui nessa rua, dois é...um na minha rua de cima e um perto da Anhanguera. Ou põe sinalizador de velocidade ou quebra-mola.

Repórter: No início de setembro, a Agência Municipal de Trânsito tentou resolver o problema colocando essa faixa de pedestre. A AMT agiu depois de uma reportagem que a TV Anhanguera apontou os perigos a que os moradores estão submetidos. Mas, segundo eles, a nova faixa não fez muita diferença.

Moradora III: Minha igreja é do lado de lá e não tem como às vezes ‘travessar’, né?! De noite ou na parte da manhã.

Repórter: A falta de fiscalização também revolta. O tráfego de caminhões e ônibus nos desvios foi proibido pela AMT, mas eles continuam passando por lá. Tanto que, segundo a dona Meire, a fiação elétrica foi arrancada pelos veículos de grande porte. Alguns moradores tiveram que amarrar os fios em uma árvore.

Moradora I [novamente]: São muito altos. Já ‘derrubou’ duas vezes nossos cabos, a fiação.

Moradora IV: E os moradores querem uma providencia. Ou põe quebra-molas aqui ‘pra’ fazer alguma coisa. Porque se você não morre na rua, na calçada você vai morrer. Isso não pode.

Apresentador: Nós passamos por lá, né Lilian?! Eu passei, você passou.

Apresentadora: Eu passo toda semana e o que me assusta muito nesse desvio é a alta velocidade realmente dos veículos e a sinalização meio confusa. Muitas vezes você não sabe para que rua deve seguir para continuar o desvio e cair ali novamente na Avenida Independência.

Apresentador: Falta, por exemplo, sinalização no trânsito. É muito complicado tudo aquilo ali.

Apresentadora: E olha só. A Diretoria de Fiscalização da AMT disse que o que poderia ser feito para amenizar os problemas de trânsito na Rua 200 já foi feito.

Apresentador: Uai, foi?!

Apresentadora: É. Olha só. Foram colocados dois quebra-molas e a sinalização de placas de acordo com a AMT foi reforçada. A AMT informou ainda, desculpe, que um estudo já foi feito no local para ver se há como instalar uma botoeira na rua. Só que ficou constatado que isso iria travar a entrada do desvio na entrada da Marginal Botafogo, podendo causar engarrafamento e até acidentes.

Apresentador: Pois é. A direção da Agência pede paciência aos moradores, né, continuem rezando pelo ‘pra’ não ser atropelado porque o transtorno é temporário. Só vai durar enquanto a marginal ‘tiver’ em obra. Maio, junho do ano que vem. E sobre a fiscalização, o diretor Miguel Carlos Leite disse que, sempre que possível, vai mandar agentes de trânsito lá para aquele local.

Lilian: Bom, eu não vi nenhum ainda, mas tudo bem.

Apresentadora: A seguir você vai ver: polícia prende homens acusados de roubar banco no interior do estado e a gente volta com mais informações depois do intervalo comercial. Essas são imagens ao vivo do centro de Goiânia. Agora meio dia e quinze.

Apresentador: Estamos de volta e a polícia apreendeu dois homens acusados de participar de uma quadrilha especializada em arrombar bancos no interior do estado. O repórter Murilo Santos tem mais detalhes.

Repórter: Policiais do Batalhão de Choque prenderam na madrugada de hoje dois elementos, no setor Barra da Tijuca, perto da GO 060, saída para Trindade. É o Alessandro Macário de Sousa, esse de camiseta amarela, e aqui à direita, o Paulo Roberto Batista. Eles são acusados de assalto a um banco postal, na cidade de Itaguaçu. Tem até um mapa aqui. O tenente Murilo Fenício, xará ‘tá’ aqui também, vai mostrar ‘pra’ gente. Eles fizeram até algumas marcações. O assalto foi em Itaguaçu.

Tenente: Itaguaçu, próximo a São Simão.

Repórter: Próximo a São Simão, Paranaiguara, extremo sudoeste do estado, né?! Como é que foi esse assalto?

Tenente: Bom, esse crime aconteceu na madrugada do dia 17 para o dia 18, por volta das duas, três horas da manhã. Eles efetuaram esse crime. E no deslocamento para Goiânia, quatro, cinco quilômetros a frente, eles avistaram a viatura da polícia. Temerários, eles abandonaram o primeiro veículo e entraram numa mata, solicitaram apoio. Um sexto componente os ‘buscaram’ num corola preto e os trouxeram para Goiânia. Nós ficamos

no monitoramento através do serviço de inteligência do Batalhão de Choque e do CPC Dois. E por volta das cinco horas da manhã de hoje nós conseguimos efetuar a abordagem neles com a equipe da COI e eles confirmaram a participação no crime e elencaram os detalhes dessa história que eu 'tô' passando 'pra' vocês.

Repórter: Estavam com dinheiro, né?! Eu queria que o senhor contasse como é que foi: eles arrombaram, usaram explosivo, alguém se machucou?

Tenente: Não. Eles usaram ferramentas para o arrombamento. Usaram ferramentas. Escolheram essa cidade por se tratar de uma cidade com muito pouco movimento.

Apresentadora: Bom, e agora a gente fala de futebol.

Apresentador: Uma notícia boa e uma ruim.

Apresentadora: Enquanto o Goiás respira na série B, o Vila Nova vai só afundando e nós vamos agora encontrar com Thaís Freitas então para saber sobre todas essas notícias. Aaai, situação complicada para o Vila Nova, né Thaís? Boa tarde.

Apresentadora do Globo Esporte: Complicada, né Lilian?! Boa tarde. E o Vila, Lilian, teve cinco técnicos na série B. Todos eles se acostumaram a um discurso só: a dar explicações depois dos jogos, das derrotas. E todos eles pregavam o discurso da esperança. E ontem não foi diferente com o Roberto Cavallo. O time estava a frente do Náutico no placar, mas sofreu a virada e acabou perdendo de quatro a dois. A gente vai conferir aqui no telão os gols. Mostrou até um certo empenho maior nessa partida, o Vila. Demonstrou um poder de reação, saiu na frente com esse gol do Roni, Lilian, mas depois vieram os erros. Os lamentáveis erros na marcação. A defesa do Vila Nova falhou e muito. A gente vai ver a reação do Náutico. Então ficou impossível vencer lá nos afitos, complicando ainda mais a situação do Vila, que agora está a dez pontos do primeiro time fora da zona do rebaixamento, que é o Icase. Então 'tá' assim uma distância que já está se aumentando e faltam sete rodadas para o fim do campeonato. 'Pro' Vila tentar permanecer na série B, mais seis vitórias, tranquilamente para ficar na série B. Então...

Apresentadora: Os erros cometidos no jogo de ontem são os mesmos das últimas partidas também, Thaís?!

Apresentadora do Globo Esporte: São os mesmos, Lilian. São os mesmos e com uma gravidade, né?! O Vila ontem até conseguiu fazer dois Gols. Betinho, a gente até 'tá' vendo o gol dele. O primeiro gol do Betinho na série B. Então, e não conseguiu virar esse placar. Acabou fazendo pênalti infantil e dando a vitória ao Náutico por quatro a dois.

Apresentadora: Agora o Goiás ontem pelo menos deixou o torcedor um pouco mais animado.

Apresentadora do Globo Esporte: Pelo menos aliviado. Com o técnico Wenderson Moreira, ele está se revelando ser um técnico bem caseiro, isso porque aqui no Serra Dourada ele não perdeu nenhum jogo ainda. Ontem completou a terceira vitória no comando do Goiás e dessa vez, sem chuva. Vamos acompanhar aqui os gols dessa partida. O Goiás que derrotou o Americana ontem por três a um. O Iarlei fez o primeiro gol do Goiás. Ele que não marcava há 45 dias. Desencantou ontem nesse primeiro gol. Goiás dominou o primeiro tempo. Teve chances de abrir, de ampliar esse placar, só que acabou vacilando. Aí no segundo tempo sofreu pressão da Americana, até que o Guto sofreu esse pênalti e o Marcelo Costa fez os dois a um, dando mais tranquilidade. Só que o Goiás voltou a manter o jogador expulso e com isso na pressão, a Americana conseguiu fazer dois a um no placar. E durante a pressão ali do jogo, o que salvou foi esse prata da casa aí, o Tardele. Deu esse passe para o Marcelo Costa, aproveitou o chute e hoje é aniversário

dele, hein?! “Tá’ completando vinte anos de idade e de presente ontem deu esse gol para a torcida esmeraldina. Um gol que alivia um pouco a situação do Goiás.

Apresentador: O que você chama de aliviar? Não é que se resolveu, né?!

Apresentadora do Globo Esporte: Não resolveu. O Goiás é o décimo quinto com trinta e nove pontos, mesma pontuação do Icasa, que é o décimo sexto e está a apenas dois pontos do Guarani, que é um time que está em primeiro lugar ali dentro da zona do rebaixamento. Então a distância está bem curta e o Goiás precisa voltar a vencer fora de casa para tentar ali aliviar ainda mais a situação.

Apresentador: Daqui a pouquinho você conta mais.

Apresentadora do Globo Esporte: Daqui a pouquinho eu conto mais e também tem o Atlético no Globo Esporte. Você não pode perder.

Apresentadora: Obrigada Thaís. Até daqui a pouquinho então. E logo depois do intervalo comercial, você vai ver que moradores de Aparecida cobram asfalto. Vamos falar ao vivo do bairro Cardoso Dois e ainda do Colonial Sul. Continue conosco. Nós voltamos em instantes. Agora meio dia e vinte e dois.

Apresentador: Meio dia e vinte e cinco. Estamos de volta agora para todo o estado de Goiás, agradecendo a sua companhia.

Apresentadora: E olha só. Entra ano, sai ano e os moradores de uma parte do bairro Cardoso, em Aparecida de Goiânia, reclamam da falta de infraestrutura no setor.

Apresentador: Pois é. Ruas esburacadas e sem asfalto, transtorno na seca e na chuva.

Repórter: Esta é uma parte do bairro Cardoso II. A outra é bem diferente. Um setor dividido pela infraestrutura. De um lado, o asfalto. Do outro, vários problemas decorrentes da falta dele. E a espera para que essa parte do bairro também seja beneficiada com a pavimentação já é longa. Segundo os moradores, a última promessa da prefeitura foi de que as obras começariam em agosto. Agosto passou sem que o serviço tivesse início e as chuvas chegaram, tornando a situação ainda mais difícil por aqui.

Moradora I: Os buracos da outra chuva, do outro tempo de chuva, ainda estão abertos.

Morador II: E o pessoal ‘tá’ revoltado e fica cobrando, cobrando a associação toda hora. Falei gente: não tem como esperar mais. E as nossas ruas aqui ‘tá’ intransitável. Não tem mais como passar.

Repórter: Com as chuvas, os buracos nas ruas só aumentam. Algumas ficam intransitáveis. Até mesmo chegar em casa fica difícil.

Morador III: É muito transtorno. Eu mesmo tenho um carro, ‘pra’ eu chegar na minha casa é muito difícil. É a rua de cima ali. Tem umas ‘loca’ lá que meu carro estraga toda semana. Todo mês tem que ‘tá’ levando ‘pra’ consertar.

Moradora IV: Aquela rua central ali, a avenida central, quando chove você não dá conta de passar não.

Repórter: O problema existe também nas ruas que dão acesso às chácaras.

Moradora V: Na quadra que nós ‘moramo’ é intransitável até ‘pra’ pedestre, imagine ‘pra’ carro. Porque não fizeram nada. Os buracos continuam os mesmos. [encerra a reportagem gravada e vai para o estúdio]

Apresentador: Pois é. Essa reportagem que a gente viu aí ela foi sugerida pelo Leonardo Marciano Teodoro. Valeu Léo. Obrigada pela sua participação. Vamos atrás de saber o que está acontecendo por lá.

Apresentadora: Vamos tentar pelo menos uma resposta. Vamos agora ao bairro Cardoso Dois para conversar com o repórter Murilo Santos, que acompanha essa reclamação dos moradores que estão na bronca, né Murilo?! Boa tarde. [vai para o ao vivo no local]

Repórter: Boa tarde. Boa tarde a todos. Estão na bronca mesmo. Nesse momento, o burburinho aqui é por conta disso porque promessas já foram feitas. Muitas promessas. E a buraqueira ‘tá’ aí ó. O Delúbio Reis já começar mostrando ‘pra’ gente. Estamos na avenida central. Agora a pouco na reportagem, a gente viu a dona Josefa falando. Essa é a avenida central, onde nós estamos agora. Há muito tempo vocês convivem com esse problema?

Moradora VI: Há muito tempo. Eu já tenho mais de vinte ‘ano’ que moro aqui e nada de ‘miora’ nesse setor. Cada vez ‘tá’ é pior, ‘proquê’ entra chuva, é só lama. Aí vem a poeira, as ‘criança’ adoecem tudo e a gente também adoecem. Então a gente quer falar ‘pro’ prefeito que ele tenha misericórdia ‘da gente’, que nós também somos filhos de Deus. “Pra’ ele olhar ‘pra’ nós.

Repórter: Obrigado. Deixa eu ouvir outras pessoas aqui. Dona Maria Lúcia.

Moradora VII: Eu tenho vinte e três anos que eu moro aqui. É isso aqui direto. Agora ele ‘fez’ uma promessa. Fez uma reunião na esquina, quando foi na época da política e ele prometeu ‘pra’ nós assim, ó, de frente a frente, de cara a cara que ia fazer isso aqui. Ele só fez ali ‘berando’ o Bretas. Do Bretas ‘pra’ lá, porque o Bretas dá dinheiro, agora ‘prá’ cá, os pobres, ele não fez.

Repórter: Obrigado. Vamos ouvir aqui. Dona Terezinha.

Moradora VIII: Olha. A minha filha pôs uma loja logo aqui e não ‘tá’ tendo como nem cliente comprar dela aqui. Porque ela já arrumou essa rua e veio a chuva e levou toda a terra todinha que ela mandou pôr aqui, o cascalho.

Repórter: Senhor Divino, faça o favor aqui. O ‘seu’ Divino está até com a camiseta “somos...”. O senhor entrou ‘num’ buraco aqui? Como é que foi? O senhor mostra ‘pra’ gente? Por favor, entra lá. Fica até baixo, né?! Esse senhor aqui. Como é o nome do senhor?

Morador IX: Ary.

Repórter: Passar de moto aqui, imagino se tiver uma enxurrada forte aqui, é muito perigoso. Não é não?!

Morador IX: Perigosíssimo. Eu já caí aqui por várias vezes. Só não me dei pior porque eu tenho um pouco de habilidade. Senão...E a minha rua é ali, a próxima. E essa ainda é pior. Os buracos todos que vocês estão vendo cabem só ‘num’ que tem na rua ali próxima.

Repórter: Dona Terezinha.

Moradora VIII: “Pra’ começar, quando dá uma chuva, a enxurrada é tão grande nas ‘buracadas’ e as enxurradas ‘num’ desce na rua, ‘ataia’ e entra tudo dentro dos lotes, das garagens da ‘gente’.

Repórter: Vou pedir à população só um minutinho agora porque nossa equipe esteve hoje de manhã na Secretaria de Infraestrutura de Aparecida, conversamos com o secretário Mário Vilela. Vamos ouvir e ver o que ele disse.

Secretário Municipal de Infraestrutura: A previsão é 2012. Por quê? Nós estamos com esse recurso expedido em Brasília já definidos, já aprovados, só que o Ministério das Cidades tem que fazer o contrato com a Caixa Econômica Federal, a Caixa vai analisar, depois nós vamos colocar essa obra em licitação ainda em 2011.

Repórter: Ok. Voltamos ao vivo aqui da Avenida Central. O senhor é o proprietário dessa carroça aí? A gente pode mostrar ela agora, né Delúbio? Com a carroça aqui, creio que será...Chega para cá um pouquinho por favor. Com essa carroça aqui também é difícil, né?!

Morador X: É difícil. Só buraco aí, ó. Já quebrei ponta de eixo dela aí ó. Não tem jeito.

Repórter: É prejuízo ‘pro’ senhor?

Morador X: É prejuízo.

Repórter: Tá o Adriano aqui com a camisa do Goiás, a gente viu agora os gols da vitória do Goiás, ‘tá’ feliz lá com o time que está dando uma recuperada. Mas aqui está difícil, promessas não cumpridas, é isso Adriano?

Morador XI: É, promessas não cumpridas. Eu queria falar para o senhor secretário para ele olhar para a gente porque aqui não tem nenhum menino e nenhuma criança, para ele respeitar mais o povo, porque ele teve aqui e falou que dentro de cento e vinte dias o bairro iria ser asfaltado. Agora ele já está jogando para 2012. Eu queria falar para ele respeitar mais a população, porque a população que paga o imposto, que paga o salário dele que ele busca. Ele recebe todo mês e ele tem que olhar mais ‘pro’ povo.

Repórter: “Tá’ bom. Adriano, muito obrigado. A gente agradece a toda população aqui. Vamos voltar mais vezes aqui e a gente pede à população que continue acompanhando com a gente porque esse é um benefício para a população. Muito obrigada a todos pela participação.

[os moradores gritam “asfalto, asfalto, asfalto”]

Apresentador: Obrigado aí aos moradores do bairro Cardoso Dois. Como a gente fez da vez passada: vamos cobrar, nós vamos voltar também em 2012 para cobrar.

Apresentadora: Até esse caso ser resolvido, né Handerson?!

Apresentador: E tem mais reclamação, viu?! Vamos deixar um pouquinho o bairro Cardoso Dois, mas continuamos em Aparecida.

Apresentadora: O ‘seu’ Pedro Oliveira procurou aqui a redação do Jornal Anhanguera também para sugerir uma matéria parecida. Só que agora no setor Colonial Sul. A população denuncia que a obra de asfalto começou a ser feita este ano, mas já foi paralisada pela prefeitura. Agora eles ficam com medo também de outros problemas com a chegada do período de chuva.

Repórter: A prefeitura de Aparecida começou a fazer o asfalto aqui no setor Colonial Sul em agosto e agora as obras já foram paralisadas. Eu estou aqui com o ‘seu’ Pedro. Ele mora aqui há oito anos. Ele ‘tá’ revoltado com a situação. ‘Seu’ Pedro, o que vocês querem que seja feito aqui?

Morador I: Uai. Nós ‘tá’ querendo o asfalto. Já pegou e tirou as ‘máquina’ tudo. Não ‘tá’ fazendo nada.

Repórter: Algumas ruas do setor começaram a ser asfaltadas. Mas a obra não foi concluída. Dá ‘pra’ ver que nem o meio fio foi feito. Já em outras ruas, o trabalho de pavimentação nem começou.

Moradora II: Os buracos que são demais. Cabe uma pessoa escondida dentro do buraco, se você ‘vim’ aqui na época da chuva.

Apresentador: E o secretário de infraestrutura de Aparecida também falou sobre as obras no setor Colonial Sul.

Secretário de infraestrutura de Aparecida: Colonial Sul nós estamos terminando lá, a parte alta do setor e vai ter que fazer uma galeria, o projeto também está ficando pronto, e o projeto das galerias na região baixa. Não só ali no Colonial Sul, parte baixa, mas também, eu te mostrei ali, naquela região baixa do outro bairro adjacente, de modo que prefeito, o projeto estando pronto, nós vamos pedir a autorização do prefeito ou para realizar com a nossa equipe ou para realizar através de empresa aquela galeria. Feita aquela galeria, que é uma galeria grande, aí nós asphaltamos. Provavelmente com nossa própria equipe aqui da prefeitura. Nós esperamos realizar essas obras também o ano que vem, na parte baixa do Colonial Sul.

Apresentadora: Bom, as respostas estão aí e a gente vai continuar acompanhando o caso desses bairros todos lá em Aparecida.

Apresentadora: Vamos saber qual é a previsão do tempo para hoje à tarde em todo o estado de Goiás.

Repórter: A previsão para a tarde desta quarta-feira é de céu claro a encoberto. A qualquer hora pode chover em áreas isoladas do estado. No norte e no sul a máxima pode chegar a 30°. No centro, os termômetros ficam entre 18° e 33°. No leste, na região de Padre Bernardo e Formosa, a mínima pode cair a 15°. A máxima vai ser de 26°. No sudoeste, onde ficam Rio Verde e Jataí, a máxima pode chegar a 32° nesta tarde. Em Goiânia, o céu alterna entre períodos de claro e nublado. Há previsão de chuva mesmo com o calor de 26°. A umidade fica entre 40 e 90%.

[entra vinheta do TV Trabalho]

Apresentador: TV Trabalho. É hora da nossa dica de emprego e hoje o Jornal Anhanguera separou vagas oferecidas pelo Sindicato dos Comerciantes. Vamos conferir?

Apresentadora: Vamos conferir aqui no telão então. Olha só. São três vagas para auxiliar administrativo. Quatro para trabalhar em estoque. Seis vagas para serviços gerais. Tem ainda quinze vagas para vendedor interno. Três vagas para encarregado de escrita fiscal. E três vagas para auxiliar de departamento pessoal. Essas vagas estão sendo oferecidas pelo sindicato. Você consegue mais informações no site www.seceg.com.br

Apresentador: E por falar em emprego, Goiás é o segundo estado com os maiores números de emprego este ano. Perde só para o Amazonas. Vamos ver lá, ó: de janeiro a setembro foram criadas mais de cem mil vagas. Vamos conferir com a gente aqui, ó. Vagas criadas. A indústria de transformação 27.856 vagas, na construção civil foram 14.815 vagas de janeiro a setembro. No comércio, 12.005, serviços 28.299 vagas nesse tempo. Agropecuária aparece com 16.018 vagas entre janeiro e setembro de 2011.

Apresentadora: Pois é, essas informações são do CAGED e o que muita gente se pergunta é: agora, com o fim de ano chegando, não existe a chance aí de agarrar uma nova oportunidade no mercado de trabalho? Sobre esse assunto a gente conversa ao vivo com a repórter Patrícia Bringel que está no centro da cidade e tem mais informações para gente. Patrícia, como fazer para conquistar um emprego agora no final do ano e começar 2012 já com um dinheirinho a mais no bolso? Boa tarde.

Repórter: Olá, Lilian. Boa tarde para você. Boa tarde, Handerson e a todos que acompanham o Jornal Anhanguera 1ª edição. Olha, a notícia é boa. Este é um momento realmente de contratação. Um momento de bater perna no centro da cidade, caminhar aí pelo comércio. E olhar principalmente anúncios como este aqui ó: contrata-se vendedora com experiência em moda festa. Tem muitos anúncios como esse aqui no comércio, que está bastante aquecido e deve ficar ainda mais aí em função das festas de final de ano. O CAGED soltou aí...O CAGED, só explicando, é o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, soltou aí uma estatística mostrando que só este ano, de janeiro a setembro, foram contratados com carteira assinada formalmente cem mil pessoas aqui no estado de Goiás. Sabe qual que é a perspectiva para esse final de ano? Cerca de 15 mil a 17 mil pessoas devem entrar no mercado de trabalho. E você que está em casa assistindo, é hora então de correr atrás e tentar agarrar essa vaga. Nos vamos conversar aqui com o professor, economista, para saber qual o perfil dessas contratações. O quê que a pessoa deve fazer? Como é que...a logística? Como é que 'tá' o mercado nesse momento?

Professor e economista: Olha, o mercado de Goiânia, ele é atípico. Ele é diferente de um mercado nacional. Ele foge um pouco das características que tem em São Paulo, Rio, as cidades mais industrializadas. Goiás, por exemplo, ele tem a sua indústria voltada para alimentos e bebidas. Então é um pouco diferente.

Repórter: No momento agora é comércio?

Professor e economista: É. O momento agora é a área de serviço e comércio, né?! Você pode ver que no que foi apresentado pelas linhas de emprego, quantidade de emprego que foi apresentado pelo Handerson ali agora, a maioria é 'pra' área de serviço. Então Goiânia, o estado de Goiás, a própria cidade de Goiânia tem mais de 60% do seu PIB voltado para a área de serviço. É...nesse final de ano começa a aparecer as contratações dos temporários. Quase sempre aquele que não tem o primeiro emprego e quer o primeiro emprego é a hora dele procurar porque quase sempre, é...24% daqueles que entram no mercado de trabalho de temporários, eles são contratados.

Repórter: Então, quer dizer, tem uma perspectiva boa aí pela frente.

Professor e economista: Tem. Tem uma perspectiva muito boa agora. Goiás, ele cresce mais agora do que o momento diferenciado do mercado nacional. Ele tem uma perspectiva de crescimento maior. A indústria de Goiás ao invés de 'tá' desacelerando, 'tá' acelerando.

Repórter: Mas tem que ter qualificação, né professor?!

Professor e economista: Tem. Inclusive, a própria amostra diz que a pessoa tem que ter experiência em moda e festa. Então aqui a gente vê que a mão-de-obra, a especialização da mão-de-obra, hoje ela tem que ter. Emprego não falta em Goiás, o que falta é especialização de mão-de-obra. Precisamos urgentemente começar a fazer com que essas pessoas estejam preparadas. Por exemplo, CDL ele tem a área, a escola de varejo que faz esse tipo de trabalho.

Repórter: Então é correr atrás das oportunidades, dos cursos e tentar se qualificar para entrar nesse mercado disputadíssimo de trabalho. Lilian.

Apresentadora: 'Tá' certo Patrícia. Obrigada. E se preparar para garantir o seu espaço.

Apresentador: Boas dicas do Aurélio Troncoso lá.

Apresentadora: Muito bom. E olha só. A gente vai agora para um rápido intervalo comercial e volta já já com mais informações.

Apresentador: Estamos de volta com o Jornal Anhanguera e vamos mostrar agora o mistério em Valparaíso, no entorno de Brasília. A Secretaria de Educação teria tentado manter em sigilo roubos de equipamentos em escolas públicas.

Repórter: Nas escolas que foram alvos dos bandidos, o furto dos computadores é assunto proibido.

[entra trecho de gravação com fontes não identificadas] “Na Secretaria de Educação e qualquer informação seria realmente com ela. A gente não tem como ‘tá’ passando qualquer informação sobre isso”.

Repórter: Com uma micro câmera, nós fomos até a Secretaria de Educação. Aqui é difícil encontrar quem comente o caso. A secretária nega que os colégios tenham sido furtados.

[entra trecho de gravação com fonte não identificada] “Nós não temos conhecimento. Esquisito isso, né?!”.

Repórter: Sem saber que estava sendo gravada, a diretora desta escola no bairro Jardim Céu Azul discorda da secretária e diz que o local foi furtado mês passado.

[entra imagem da diretora] “Eles entraram e levaram tudo. Os dois computadores, impressora, caixa de som, DVD”.

Repórter: Nos últimos dois meses, pelo menos três escolas de Valparaíso foram alvo desse tipo de crime. Nesta, também no bairro Jardim Céu Azul, o furto aconteceu no mesmo dia que o vigia foi dispensado e não tinha nenhum sinal de arrombamento. Com medo, esta professora esconde o rosto e faz uma grave acusação.

[entra imagem borrada da professora e do repórter] “ - A gente desconfia que tem alguém ligado à administração envolvido nesses roubos. Tem ordens de Secretaria de Educação ‘pra’ que nem os professores saibam desses roubos. Nem pais de alunos, nem professores, nem ninguém da comunidade.

- Por que isso?

- Só pode ser alguém com interesse de esconder alguém.”

Repórter: Todos esses crimes deveriam ter sido informados à Polícia Civil. Mas eles não serão investigados porque os diretores dos colégios e a Secretaria de Educação não registraram queixa na delegacia.

Delegado: Em escolas propriamente ditas não ‘tô’ lembrado. Pela memória, eu não me lembro.

Repórter: Nem a sede da Secretaria escapou dos ladrões. Daqui foram furtados 17 computadores. Foi o único caso que o Boletim de Ocorrência foi registrado.

Apresentadora: A Secretaria Municipal de Educação reafirmou que desconhece as acusações da professora e também que as escolas não foram furtadas. E que algumas ocorrências não foram registradas devido a greve da Polícia Civil.

[entra vinheta do Tome Nota]

Hoje tem mais uma edição do projeto “Concertos na cidade”. As atrações são o trompista Luiz Garcia e a pianista Dana Radú, às 8h30 da noite no Sesc Cidadania, que fica no Jardim América. A entrada é de graça. A escola de varejo da CDL promove o curso “Auxiliar Administrativo Financeiro”. Inscrições abertas até sexta-feira. Mais informações, anote aí o telefone: 3216-3892.

Apresentador: As duas crianças que foram encontradas ao lado do corpo da mãe em carro na GO 070 estão morando agora com o avô materno.

Apresentadora: Hoje a família recebeu a visita do Conselho Tutelar.

Repórter: O conselheiro tutelar e as assistentes sociais reencontraram as duas crianças bem cuidadas na companhia do avô materno, dos tios e muitos parentes. A casa no setor Vereda dos Buritis é arejada, tem vários cômodos. É nesse quarto que as duas irmãs, uma de dois e outra de apenas um ano, dormem. Aqui moram sete adultos e uma criança. E agora também é o lar das duas meninas. O avô, 'seu' Augusto é porteiro à noite em um condomínio. Na tarefa de cuidar das netas, fez uma readaptação nos horários de todos da casa para que as meninas tenham sempre atenção.

Avô das crianças: Tem as minhas duas irmãs, né?! Meu menino, os 'tio' dela e graças a Deus gente 'pra' cuidar não falta. Tem muita gente.

Repórter: As crianças foram encontradas dentro do carro da família ao lado do corpo da mãe, Jaqueline Moraes da Cruz, que foi morta com três tiros, na GO 070, no dia 12 de outubro. O pai das crianças está desaparecido. Um trauma que as duas estão superando aos poucos. No colo da tia, a mais velha encontrou um lugar seguro. Michele trabalha como costureira aqui perto e quando sai do serviço, corre 'pra' cá para ajudar a cuidar das sobrinhas.

Tia das crianças: Faço o possível, né, 'pra' 'tá' presente. Pra ajudar. E aí minhas tias olham. Graças a Deus elas 'tá' acostumada.

Repórter: Felizmente a família é grande, né?!

Tia das crianças: Graças a Deus a família é grande.

Repórter: Leomar é tio-avô das meninas. Irmão de 'seu' Augusto. Ele não tem filhos e conta que agora as duas são o xodó da casa.

Tio-avô das crianças: A gente cuidou dela e ela me chama de pai. Ela chama eu de pai e chama minha esposa de mãe. Assim...não tem assim...elas ainda não sabem quem é pai e mãe, né?! Então eu gosto. Eu adoro. Eu não tenho filho, né?!

Repórter: Durante a visita, o conselheiro explicou como vai ser o acompanhamento.

Conselheiro tutelar: Todo acompanhamento, agora cabe ao Conselho fazer isso, né?! Encaminhamento psicológico, que já 'tá' sendo acompanhado, você já fez a primeira vez. E o restante agora é Deus.

Repórter: As duas irmãs estão tendo acompanhamento psicológico e a família espera que logo as lembranças ruins façam parte do passado.

Apresentadora: O Jornal Anhanguera fica por aqui. Uma excelente tarde para você. E até amanhã.

Apresentador: Muito obrigado pela sua companhia. A gente se vê amanhã. Até lá. E tchau tchau.

DATA DA EDIÇÃO: 17 de outubro de 2012

TEMPO DA EDIÇÃO: 41'09''

Apresentador: Olá, muito bom dia ‘pra’ você. Agora 11h e 59 minutos. O Jornal Anhanguera 1ª edição entra no ar mostrando que as mulheres de Goiânia estão em alta. Foi o que revelou uma pesquisa do IBGE, que foi divulgada hoje. Este é o destaque do repórter Handerson Panciere.

Repórter: Cada vez mais são as mulheres que mandam no dinheiro da casa.

Apresentador: O tempo chuvoso chegou e com ele um problema que parece difícil de ser resolvido aqui na capital: os bueiros, que estão cheios de lixo. John Wiliam.

Repórter: Lixo na rua, bueiro entupido. A falta de consciência da população tem um preço caro ‘pra’ cidade. O problema provoca alagamentos e esse serviço de limpeza custa 300 mil reais por mês para a prefeitura.

Marcelo: Temos aí imagens ao vivo de Goiânia. O céu agora está claro com poucas nuvens, mas pode voltar a chover no fim do dia. Veja os outros destaques do Jornal Anhanguera de hoje. Polícia prende cinco pessoas suspeitas de aplicar o golpe conhecido como “bença tia”. O Goiás faz cinco a zero no Guarani. E a torcida está na contagem regressiva para o retorno à primeira divisão. E veja também:

Repórter: Eu ‘tô’ aqui querendo saber o que vai acontecer com a Carminha no final de Avenida Brasil, mas tem torcida também para os outros personagens que conquistaram o público. (ESCALADA)

Apresentador: Olá, boa tarde. Uma excelente tarde ‘pra’ você. Cinco pessoas foram presas em Goiânia hoje suspeitas de aplicar o golpe conhecido como “bença tia”. O grupo foi apresentado agora pouco. Três mulheres e dois homens foram presos. De acordo com a Polícia, os dois rapazes comandavam o esquema de dentro do antigo CEPABEGO. A suspeita é de que eles tenham lesado pessoas de vários estados. O grupo pode ter roubado mais de 50 mil reais. Daqui a pouco a gente traz mais informações sobre este caso.

Apresentador: E olha, a noite de terça-feira no circo em Goiânia foi especial. O público que foi ver o espetáculo ganhou a companhia na plateia do cantor sertanejo Leonardo.

Repórter: A terça-feira mais parecia fim de semana. O público lotou as arquibancadas do maior circo da América Latina para ver o show inspirado nas luzes, cores e sons de Las Vegas, que ganhou mais emoção com números de ilusionismo, acrobacia, contorcionismo e humor. O palhaço fica mudo, mas a todo instante entra em cena interagindo com os espectadores e arrancando muitas gargalhadas. Ao todo 50 artistas movimentam o show no palco. Mas na plateia também apareceu artista para assistir o espetáculo. O cantor Leonardo acompanhou as atrações com a família. E foi alvo dos holofotes ao ganhar pipoca do palhaço.

Cantor Leonardo: Eu ‘tô’ feliz de ter vindo aqui hoje com meus amigos, com meu filho, com a minha mulher e voltar a ser criança novamente, né, porque realmente o circo é contagiante.

Repórter: O cantor ainda deu notícias do cantor Pedro Leonardo, que vem se recuperando do acidente de carro, que sofreu em abril deste ano.

Cantor Leonardo: Ele ainda está fazendo fisioterapia. Ainda não está totalmente liberado, né?! Mas acredito que, pelo que a gente ‘tá’ vendo aí e convivendo com ele, brevemente estará aí conosco aí, mais breve possível.

Apresentador: Muito bem. Nós vimos aí no começo desta edição do Jornal Anhanguera, o problema dos bueiros, né, entupidos por causa do lixo que fica espalhado na rua. Quando chove, esse lixo vai parar dentro do bueiro. Você já parou para pensar porque

que isso acontece? Com certeza uma das causas vem desse péssimo hábito de alguns, na verdade, muitos moradores. Jogar lixo no chão, jogar lixo em lotes baldios e também nos bueiros. Nós vamos ver agora uma reportagem que mostra essa questão.

Repórter: Na limpeza das ruas os garis enfrentam um trabalho difícil. Todos os dias cuidar da cidade é um desafio quando a população não colabora.

Gari: Tem morador que pega o lixo de casa e joga dentro do bueiro. E a gente não dá conta porque é muita coisa.

Repórter: Veja só a quantidade de material de construção na Avenida T-3, no setor Bueno. A boca de lobo ficou entupida. Esta é uma das 8 equipes da Agência de Obras, que faz o serviço de limpeza todos os dias. O trabalho é braçal e quando as ferramentas já não dão mais resultado, o jeito é usar um jato d'água. A prefeitura limpa por mês 6 mil bueiros. Esse serviço custa 6 mil reais. Dinheiro que sai do bolso da própria população.

Gari II: A gente encontra de tudo. É...De animal morto, de resto de material, de roupa...roupa, calçado, resto de móveis, cadeira, é mesa. Resto de tudo dentro dos bueiros. Praça Tamandaré, Praça do Sol, local onde o pessoal toma muita água de coco, o pessoal joga coco dentro dos bueiros.

Repórter: No período de estiagem, boca de lobo entupida é risco de dengue. Agora no período chuvoso, tem outro problema. Tanto lixo acumulado, entupindo os bueiros, causa o alagamento das ruas.

Cidadão I: Eu vejo pedestres e motoristas jogando lixo na rua. É...copos descartáveis, embalagens de salgadinhos, embalagens de chicletes. As pessoas simplesmente jogam no chão sem nenhuma preocupação. A gente vê boca de lobo entupida aí pela cidade afora e tempo pontos importantes, vias importantes como a T-63, que eu vejo que começa a alagar.

Cidadã II: Entope tudo e vira aquele caos, né?! A última chuva que deu na sexta-feira ficou um horror a rua. Muito suja a rua. Muito cheia de terra, de lixo, porque os bueiros ficam todos entupidos.

Apresentador: Pois é e a quantidade de lixo que se acumula nas galerias de água da chuva é tanta que existe até uma máquina para ajudar os operários da limpeza. Sobre esse assunto, a gente conversa com o repórter John Wiliam. E eu vou perguntar para você John, quanto de lixo, qual a quantidade de lixo é tirada das bocas de lobo. É muita coisa mesmo?

Repórter: Boa tarde, Marcelo. São toneladas de lixo. A prefeitura gasta muito dinheiro com isso. 300 mil reais por mês. Nós estamos aqui no início da Avenida 84, no setor Sul, bem perto da Praça Cívica. Tem um bueiro para mostrar para vocês que estão em casa acompanhando o JA 1ª edição. Olha a quantidade de lixo que vai sair daqui agora. Os operários começaram então a fazer a remoção manual. Vocês estão vendo aí uma pá, uma enxada. Tem muito material orgânico que é terra, folhas. Mas também tem lixo jogado pela própria população. Sacolas plásticas, tem também garrafa pet. E aqui tem a máquina, o caminhão que, com jato d'água, finaliza o serviço e conclui a limpeza da boca de lobo. Daqui a pouco a gente volta ao vivo, Marcelo, para mostrar o resultado deste trabalho e também para falar do problema, que a população tem que se conscientizar e não jogar lixo nas ruas.

Apresentador: 'Tá' certo então, John. Obrigada aí por essa sua primeira participação.

Apresentador: Alô trabalhador. Hoje o Jornal Anhanguera vai te dar uma mãozinha. Olha, a gente traz agora 500 vagas de emprego para você. Isso mesmo. São 500 oportunidades para arrumar um trabalho novo. Fique ligado nas dicas.

[entra vinheta do TV Trabalho – Marcelo em off]

As vagas desta quarta-feira são oferecidas pelo SINE e tem muita oferta legal. São 25 vagas para a área administrativa. Tem 50 vagas para motorista de caminhão. E olha só: o SINE oferece 150 vagas para a construção civil. E veja só esta: 300 vagas para auxiliar de produção. Isso mesmo: 300 vagas. Aproveite então para anotar o telefone: 3524-2708.

E aí, gostou? São 300 vagas somente para auxiliar de produção. Vale a pena então repetir o número para você: 3524-2708. Daqui a pouco, a gente traz mais oferta de emprego. Fique ligado.

[entra vinheta do Tome nota – Marcelo em off]

Um seminário marca hoje o aniversário de quatro anos do Instituto Consciência GO. O tema é a construção da vida profissional e a interdisciplinaridade. Às 7 da noite, na Câmara Municipal de Goiânia. A entrada é de graça.

Apresentador: Veja ainda hoje o que o goianiense espera do final da novela Avenida Brasil. A nossa equipe foi às ruas para saber as expectativas dos moradores. E o JA também vai às compras. Fábio Castro.

Repórter: Pois é, Marcelo. Estamos de olho nos preços, principalmente, do óleo de soja. Subiu bastante o preço do produto, viu?! E também vamos dar dicas aqui direto do supermercado sobre a data de validade dos produtos para você não levar para casa um produto vencido. O JA 1ª edição daqui a pouquinho então ao vivo do supermercado.

Apresentador: Futebol. O Goiás goleia o Guarani no Serra Dourado. O alviverde tem a melhor campanha do segundo turno. Tudo isso você acompanha agorinha. Nós voltamos logo depois do intervalo comercial. Agora meio dia e 9, quase e 10.

Apresentador: O óleo de cozinha sofreu um novo reajuste e o produto já subiu 25% desde o início do ano. ‘Tá’ pensando no bolso do consumidor.

Repórter: A dona de casa custou a acreditar.

Dona de casa I: Uma alta grande, né?!

Repórter: Caro?

Dona de casa I: Eu achei muito caro...porque óleo é uma coisa você usa todos os dias, né?!

Repórter: O último reajuste nas prateleiras foi de 25%. Nesse supermercado, o litro de óleo subiu de 2 reais e 45 para 3 e 15.

Representante do supermercado: Para nós, um custo bem maior que a gente tem disso, só que a gente tenta passar de pouquinho em pouquinho.

Dona de casa II: ‘Tá’ complicado, viu?! Só vê as coisas subindo. Não adianta o salário subir, né?!

Repórter: A explicação para esse aumento está no campo. A saca da soja subiu de 46 reais em março para 74 em setembro. Um aumento de 70%. O presidente da maior cooperativa do estado explica que para entender melhor essa alta, é preciso analisar o mercado internacional. Houve uma redução na oferta até o preço chegar a esse patamar.

Presidente da COMIGO: A saca de soja pagada aqui em Rio Verde de 75, no porto ela chegou a 90 reais. Para os consumidores chineses, esse óleo ‘tá’...se ‘tá’ aqui no Brasil a 3 e 30, a 3 e 40 no supermercado, lá deve ‘tá’ 5 para os chineses.

Repórter: E com a valorização do preço da soja, as indústrias tiverem que passar um novo aumento para o comércio atacadista. Mesmo depois de 9 reajustes consecutivos esse ano, a tendência é que o óleo de cozinha continue subindo pelo menos até fevereiro de 2013.

Apresentador: Pois é. Pode continuar subindo, mas já subiu e a dona de casa já está sentindo isso. E logicamente deve estar na bronca, né Fábio?! Boa tarde ‘pra’ você.

Repórter: Boa tarde, Marcelo. Boa tarde a todos que acompanham o JA 1ª edição. E está sim, viu?! Por isso que nós estamos aqui ‘num’ supermercado e até aqui nessa seção, onde está o óleo de soja, a gente até vê oferta aqui, mas é ‘pro’ de girassol, ‘pro’ de milho, que ‘tá’ quase 5 reais. Normalmente são produtos mais caros realmente. Tem esse aqui que é o de soja mesmo que ‘tá’ 2 e 99, mas é porque ele é em quantidade menor. Dão 750 ml. Nós estamos aqui com a dona Maria das Graças, que é da Associação das Donas de Casa. O que fazer em uma situação como essa? Então, tem como substituir primeiro o óleo de soja?

Membro da Associação das Donas de Casa: Nós podemos substituir...pelo preço que está o óleo de soja hoje, nós podemos substituir por uns óleos especiais, que ‘tá’ quase o mesmo preço. O óleo de girassol...

Repórter: De canola, milho, que estão custando por volta de 5 reais.

Membro da Associação das Donas de Casa: Mais ou menos nós temos uns locais que o de soja está quase o mesmo preço. É a saída. E a dona de casa nesse momento, ela pode utilizar para trabalhar os produtos no vapor. Ela não vai consumir. Se ela quiser fazer verduras, legumes, ela pode agora trabalhar nesse momento nisso.

Repórter: Faz até bem ‘pra’ saúde, né?! Que cá entre nós, até os nutricionistas que estão acompanhando a gente, profissionais aí com tantos índices mostrando que a população está cada vez mais obesa, precisa...é até bom ‘numa’ hora como essas diminuir pelo menos o consumo do óleo de cozinha, do óleo de soja especificamente, né?!

Membro da Associação das Donas de Casa: Mudar o comportamento, né?! Mudar os hábitos. Não trabalhar muito com frituras. Né?! Porque isso também está prejudicando a família. A questão até das nossas crianças. E diminuir também o consumo até ‘pra’ outros produtos que ela vai fazer... o arroz, o feijão. Diminuir e usar mais nesse momento, né?! E você falou agora, Fábio, sobre a questão do...a dona de casa fica atenta. Ela vem, ‘tá’ ali uma promoção de 3 reais, mas ela ‘tá’ levando 750 ml.

Repórter: A senhora quando chegou aqui ficou brava, inclusive, quando viu o preço aí.

Membro da Associação das Donas de Casa: Essa é uma forma que não existia. Nós já compramos 1L de óleo por 90...na realidade nós estamos levando 900 ml, agora também. Então a dona de casa, na hora pega, ela não ‘tá’ percebendo e ‘tá’ pensando que é promoção...ela ‘tá’ perdendo mais ainda.

Repórter: Tá ok então, Marcelo. Por enquanto é isso. Daqui a pouquinho a gente volta aqui ‘pro’ supermercado para falar de um outro produto, de uma outra questão muito séria, que é em relação ao prazo de validade dos produtos.

Apresentador: É verdade. ‘Tá’ combinado então, Fábio. Daqui a pouquinho você volta.

Apresentador: E a gente muda de assunto ‘pra’ falar de futebol. E tem torcedor que ‘tá’ sorrindo de orelha a orelha. O Goiás deu mais um passo importante ‘pra’ voltar à primeira divisão. E quem ‘tá’ aqui comigo é a Thaís Freitas. Muito boa tarde, Thaís. Pois é. Foram muitos gols no jogo de ontem, não é?! Quem não sabe vai precisar anotar, né, para não perder a conta.

Apresentadora do Globo Esporte: Tem que conferir, porque 5 a 0 realmente foi uma chuva de gols ontem à noite no Serra Dourada. E muito importante nessa reta final de campeonato. Afinal de contas, saldo de gols é um dos critérios de desempate, caso ali aquelas equipes que estão niveladas... o Goiás é o terceiro colocado, está a 3 pontos do líder Criciúma, a 2 do vice-líder, o Vitória. Caso empate, um dos critérios importantes. E vamos ver aqui quantos foram e como foram esses gols, Marcelo.

[entra VT com off da Thaís Freitas] O Goiás marca a campanha que é a melhor do segundo turno, coroada com a vantagem de ser a única equipe invicta como mandante na série B. E no dia que o goleiro Warley comemorou 800 jogos, ele passou em branco porque a equipe esmeraldina passeou pelo Guarani. Ainda no primeiro tempo Ricardo Goulart, artilheiro do time na temporada, fez 1 a 0. Walter de pênalti ampliou. No intervalo, a equipe do Guarani partiu para cima do trio de arbitragem para reclamar do pênalti e o goleiro Emerson, mais exaltado, se envolveu em confusão com os policiais. No segundo tempo, Amaral de cabeça fez 3 a 0. Vitor bateu cruzado e fez o quarto gol do jogo. O gol de número 800 na série B. E Júnior Viçosa encerrou a goleada. 5 a 0 Goiás, que se manteve na terceira colocação.

[o VT é encerrado e Thaís retoma sua participação]

Apresentadora do Globo Esporte: É e não tem tempo nem para comemorar direito, nem ‘pra’ descansar. O Goiás hoje à tarde já viaja ‘pra’ Florianópolis. Na sexta-feira enfrenta o Havaí lá no estádio da Ressacada, às 9 e 50 da noite.

Apresentador: E o goleiro Emerson, do Guarani, querendo aplicar uma ali, mas não aconteceu nada, né?! ‘Tá’ certo Thaís.

Apresentador: E olha. Depois do intervalo tem mais vaga de emprego aqui no Jornal Anhanguera. Renata Costa.

Repórter: E daqui a pouco TV Trabalho está chegando com vagas na área da saúde. Vai te mostrar como está o mercado para o técnico de segurança do trabalho. E o Íris? Você está lembrado que o Íris terminou o curso de costura? Quê que ele anda fazendo, hein?! Não perde não. Daqui a pouquinho.

Apresentador: A limpeza de bueiros em Goiânia. Nós vamos mostrar como está a limpeza no centro da capital. Veja aí. São imagens ao vivo. E a expectativa do goianiense para o fim de Avenida Brasil. A novela está na última semana. Continue com a gente. Nós voltamos já já.

Apresentador: Olha. Agora a gente vai falar sobre um problema que sempre aparece quando começa a chover. ‘Pra’ fazer isso, eu vou te convidar a olhar aqui para essa câmera e lá no telão você vai ver que, infelizmente, nos próximos meses os goianienses vão enfrentar situações como essas aí. Com a chuva, quase todo dia a água não tem para onde escoar e acaba se acumulando nas ruas. Resultado: São os alagamentos que tomam conta de vários bairros e colocam a população em risco. Risco de acidentes e até de transmissão de doenças. Como você sabe, hoje o JA está mostrando como é feito o trabalho de limpeza nos bueiros da capital. Será que a equipe da prefeitura já tirou muita sujeira lá do centro de Goiânia? Para contar esses detalhes, a gente aciona mais uma vez o John Wiliam.

Repórter: Muita sujeira sim, Marcelo. A gente vai conferir agora a quantidade de lixo que foi retirada de dentro do bueiro. Olha ali para vocês verem. Tem material orgânico, mas tem muito lixo. Tem garrafas pet, material, embalagens, né?! Tem também embalagens de salgadinho. Todo tipo de sujeira a gente encontrou aqui. E agora os operários aqui da AMOB estão usando o jato d'água do caminhão. São 3 caminhões desse que a prefeitura tem para fazer a limpeza final. Para finalizar aqui a limpeza da boca de lobo. Muita sujeira e é um trabalho difícil, muito complicado 'pra' AMOB. São muitas bocas de lobo. Estamos aqui com o presidente da AMOB. Presidente, são quantas bocas de lobo que tem aqui na cidade, que a prefeitura tem que limpar?

Presidente da AMOB: Nós temos aproximadamente 300 mil bocas de lobo na cidade. Dessas, nós conseguimos inspecionar em torno de 75 mil... 75% delas. Aproximadamente de 60 a 65 mil bocas de lobo por ano.

Repórter: Qual a principal causa para o entupimento das bocas de lobo? Realmente é a falta de consciência ambiental do cidadão?

Presidente da AMOB: Nós estamos vendo aqui, estamos avaliando agora que aproximadamente 80% do material, do volume do material retirado, não é proveniente da natureza. É do mal hábito de depositar lixo ou condicionar na calçada, entulhos na sarjeta ou mesmo nas vias públicas. E todo material é carreado. Então essa limpeza que poderia ser esporádica, acaba ficando rotineira. Nós inspecionamos 70 bocas de lobo do ano e umas mais que uma vez por mês.

Repórter: Ok, presidente. Obrigada pela entrevista então. O trabalho continua aqui, Marcelo, no caminhão especial. São três caminhões desse que a prefeitura tem para finalizar esse serviço. E olha. O objeto mais estranho encontrado numa boca de lobo foi uma granada. Isso mesmo: uma granada que foi encontrada na semana passada no residencial Vale dos Sonhos, aqui em Goiânia.

Apresentador: Agora John...a gente tem mostrado esse problema aí e é lógico que a população tem que se conscientizar, evitar jogar lixo nas ruas. Muitas garrafas pets. A gente vê aí nas imagens. Agora a prefeitura também precisa fazer o papel dela. A gente lembra aqui que a gente já em outras ocasiões cobrou a construção de mais bocas de lobo. Existem regiões da cidade que ainda não contam com a boca de lobo. E a gente sabe que é um recurso importantíssimo para evitar inundação. Então, de um lado, a população mais consciente. De outro, a prefeitura fazendo o papel dela. E quando não faz a gente está aqui para ajudar e para lembrar.

Apresentador: Eles ou elas? Quem são os principais responsáveis por administrar o dinheiro dentro de casa? Segundo o IBGE, antes eram os homens, que na maioria das vezes assumiam esse papel. Mas a situação está mudando em Goiás e também em outros estados brasileiros. Agora são as mulheres que passam a controlar o dinheiro.

Repórter: Há quase dois anos o marido de Joana foi trabalhar em Rio Branco, capital do Acre. Ela e a filha adotiva ficaram aqui. Com isso hoje, Joana é a administradora da casa. Com o dinheiro enviado pelo marido, ela paga as contas de água, energia, telefone, escola e todas as outras.

Joana: Conta não para de chegar, né?! Chega diariamente e a gente aprende a lidar com isso como se fosse uma coisa normal mesmo.

Repórter: Gabriele também sabe que no futuro, o papel da mulher no lar só vai aumentar.

Gabriele: As próprias mulheres estão fazendo faculdade, ao mesmo tempo tem filhos para cuidar, tem uma casa.

Repórter: Joana não está sozinha nesse ritmo de vida. Ela faz parte de um grande grupo, como revelou uma pesquisa do IBGE. Segundo o Instituto Brasileiro de Estatística, em 46% dos lares são as mulheres que administram todo o dinheiro da casa. São elas que decidem o quê e quanto gastar. A pesquisa mostrou também que no ano 2000, 25% dos lares goianos eram chefiados, sustentados pelas mulheres. Agora essa quantidade aumentou para 35%. Separada do marido, Valdirene trabalha o dia inteiro no salão. Depois de dar duro aqui, ainda tem que ser mãe e dona de casa. Isso porque é ela que sustenta os três filhos. A pensão paga pelo ex-marido mal paga os remédios das crianças.

Valdirene: Você é pai, você é mãe. Você é eletricista, encanador, né?! E também você é educadora, né?! Porque você tem responsabilidade com seus filhos então...Dá conta de tudo isso na realidade, né?! E ficar feliz no final do dia, né?!

Repórter: Para quem cuida da casa e do dinheiro da família, as explicações são simples.

Joana: A mulher pensa muito mais. Tem mais paciência. A gente procura primeiramente pagar aquilo que a gente está devendo, depois fazer novas dívidas.

Valdirene: Ele não dá conta de trabalhar o dia todo fora de casa e quando chegar a noite ele ter que cuidar da casa. Ele não tem que lavar uma roupa ou consertar uma lâmpada ou consertar trem quebrado dentro de casa com três filhos ao teu redor. É puxando na tua saia, é puxando na tua calça. Não dá conta.

Marcelo: ‘Tá’ certo. Outros dados da pesquisa do IBGE, você confere na nossa página na internet: G1.com.br /Goiás.

[entra vinheta do TV Trabalho]

Apresentador: Hoje em dia, toda empresa tem que se preocupar em zelar pela saúde do trabalhador e a lei exige que ela tenha a assistência de uma série de profissionais para evitar que algum acidente aconteça. A Renata Costa foi conhecer esse mercado. Renata, boa tarde para você. Conta ‘pra’ gente os detalhes.

Repórter: Oi Marcelo. Boa tarde ‘pra’ você. Qualquer funcionário que vá entrar em uma empresa precisa passar por exame admissional. E quem faz isso? As assessorias em saúde ocupacional, um ramo que emprega uma série de profissionais. E esse mercado hoje, além de pagar bons salários, está muito carente de profissionais qualificados. Acompanhe a reportagem.

[roda VT]

Repórter: Em 2010, 16 mil e 73 goianos se acidentaram no ambiente de trabalho. 133 morreram. Nessa obra, o Elvis atua para nada disso acontecer. Ele é técnico de segurança do trabalho.

Técnico em segurança do trabalho: O técnico, ele atua desde o início e vê toda situação de risco e tentar evita-la. E penalizar, né?! Caso o funcionário não esteja cumprindo as normas de segurança da empresa.

Repórter: Empresas da construção civil, assim como outras que se enquadram em atividade de risco, assim como hospitais, são obrigadas a ter, no mínimo, um técnico de segurança do trabalho. E conforme o número de empregados vai crescendo, precisa também de engenheiro, enfermeiro e até um médico devotado a saúde e segurança do trabalhador. Na hora de serem constituídas, pouco importa o tamanho da empresa. Todas precisam ter programas de prevenção para evitar os riscos aos empregados. De janeiro a agosto desse ano, 57 empresas foram flagradas pelos fiscais do trabalho, descumprindo a lei.

Auditor fiscal do trabalho: A auditoria fiscal do trabalho pode atuar. Atuar e continuar a exigir que esses programas sejam elaborados e implementados.

Repórter: E isso é mais uma porta para o mercado: empresas de segurança e assessoria em saúde ocupacional, como a que Fábio, ex-contador abriu depois que virou técnico de segurança do trabalho.

Empresário e técnico de segurança no trabalho: Se toda empresa quem tem empregado precisa de segurança no trabalho, então eu vislumbrei esse mercado bastante grande, né?! É bastante promissor.

Repórter: Essas empresas oferecem campo para muitos outros profissionais especialistas em saúde do trabalhador como enfermeiros, fonoaudiólogos, médicos.

Médico: Podemos ter contratos com várias empresas e até em termos financeiros isso é viável. Isso é importante.

Repórter: Médico do trabalho 6 a 8 mil reais por empresa. Engenheiro de segurança 5 mil. Técnico de segurança do trabalho ou enfermeiro da área de 1.500 a 4 mil reais.

É por isso que o curso técnico na área, que dura 2 anos, é um dos mais procurados no Senac.

[entrevista com alunos]

Repórter: Você quer ser mesmo técnico de segurança do trabalho?

Estudante I: Isso. É um nome bonito e bacana.

Estudante II: Já trabalhei em diversas áreas como faxineira, passadeira, merendeira.

Repórter: E agora a merendeira vai sair de cena para entrar a técnica em segurança do trabalho? Como é que é isso?

Estudante II: Sim. Em nome de Jesus.

Professor do curso do Senac: Ao final, eles têm 250 horas de estágio, no qual o Senac vai encaminhá-los para campo para fazer o estágio. A partir desse momento, as empresas têm condições de conhece-los e ver eles realmente como futuros profissionais capacitados.

Repórter: Assim fez o Eliel, que terminou o curso de técnico de segurança do trabalho empregado.

Eliel: O profissional 'tá' faltando assim na área. Então o pessoal tem que 'tá' preparado, qualificado mesmo para conseguir passar nas vagas que o mercado está oferecendo.

[encerra o VT]

Repórter: Viu só que área promissora? Olha. As nossas vagas de hoje são para a área da saúde. Quem oferece é o IEL. Então vamos ao nosso telão virtual. Tem oportunidade para maqueiro, auxiliar de serviços gerais, técnico em enfermagem. Para essas três oportunidades, a carga horária é de 12 por 36 horas. Tem também oportunidade para digitador de exames, técnico microbiológico, e aí o salário é a combinar, 'tá' bom? E tem vaga para manipulador de medicamentos. Essa é para a cidade de Anápolis. Tem também oportunidade de emprego para auxiliar de produção de medicamentos com salário de 700 reais. E essa vaga é específica para Pessoa Com Deficiência. E para saber como agarrar essas vagas, é só acessar a nossa página na internet. Você já conhece: g1.com.br/Goiás. Pessoal, eu 'tava' adorando o progresso do Íris no curso do Senai. Vocês acompanharam. Mas infelizmente acabou, né?! E ele concluiu os dois meses de qualificação.

[entra VT]

Repórter: As máquinas ele já tinha comprado antes de começar o curso porque a esposa Rosimeire já era costureira. E depois que o Íris perdeu o emprego de auxiliar de produção em uma indústria, teve a ideia de trabalhar em casa. E foi aprender lá no curso do Senai.

Íris: Se eu dizer que foi fácil, não foi, né?! O difícil não é você costurar. É você entender o corte ‘pra’ você costurar...você interpretar a peça, ‘pra’ você não costurar errado.

Repórter: Depois de 9 semanas de treinamento diário, olha aí: o esforço tomando forma. A família tem conseguido produzir até 200 peças por semana ‘pra’ vender a 10 reais cada uma.

Esposa de Íris: A gente está fazendo blusinhas, né?! ‘Regatão’ E eu passo viés, ele fecha e eu faço a barra.

Íris: Geralmente a gente fabrica de manhã, né?! Aí a gente vai lá ‘pra’ 44. É na rua mesmo. Mais ‘pra’ frente, eu quero arrumar um ponto ‘pra’ ‘mim’ vender lá. Uma lojinha, numa galeria. Como diz: o sol brilha ‘pra’ todos, né?!

[encerra o VT]

Repórter: Amanhã é a formatura do Íris e olha que bacana gente. O JA vai estar lá no Senai para te mostrar a turma toda orgulhosa recebendo o certificado. Parabéns para eles. Eles merecem, né?! Nós podemos então deixar o nosso encontro marcado, eu e você? Então ‘tá’ bom. Até amanhã. ‘Tá’ combinado. Tchau tchau.

Apresentador: ‘Tá’ combinado Renata.

Marcelo: E você vai ver a seguir a expectativa do goianiense para o fim da novela Avenida Brasil. Luzeni Santos.

Repórter: Eu ‘tô’ aqui querendo saber o que vai acontecer com a Carminha no final da novela Avenida Brasil. É, mas tem também torcidas para os outros personagens que conquistaram o público.

Apresentador: Muito bem. O JA volta com esse assunto e mais já já. Não perca.

Apresentador: Mais de 200 mil usuários de planos de saúde estão sem atendimento em Goiânia. A rede credenciada alega que a paralisação é por causa de atraso no pagamento. Médicos e hospitais querem também reajuste na tabela de preços de consultas, exames e outros procedimentos.

Repórter: Quem pegou guias para consultas e exames pelo plano de saúde da prefeitura de Goiânia não conseguiu atendimento em clínicas de hospitais hoje.

Usuário do plano I: Pagar do bolso e depois receber deles, né?!

Usuária do plano II: Eu pago, em média, 380 por mês. Cadê? Aonde está?

Repórter: Está passando mal?

Usuária do plano II: Estou. Não sei se vou conseguir.

Repórter: Só casos de emergência estão sendo atendidos. O IMAS tem 75 mil usuários, entre titulares e dependentes. São mais de mil prestadores de serviço entre médicos, dentistas, hospitais e laboratórios. O presidente do instituto diz que os pagamentos estão em dia, mas que não consegue reajustar os valores do jeito que a rede credenciada quer.

Presidente do IMAS: Já aplicamos as reposições salariais que os servidores tiveram na folha de pagamento. Nós repassamos para os médicos. O que a gente não pode fazer é

onerar o servidor em detrimento de uma categoria também, que a nossa categoria também tem as suas necessidades.

Repórter: Os prestadores de serviço alegam que há seis meses as faturas estão em atraso. Que a tabela de pagamento pelos serviços está defasada. O IMAS paga 42 reais por uma consulta. Os médicos querem 80. Além do Instituto, está suspenso o atendimento para os usuários dos planos Amil, Cassi, Capesesp, Fassincra e Promed por três dias. Mais de 200 mil pessoas em Goiás estão prejudicadas. O Conselho de Medicina informou que no sábado o atendimento voltará ao normal. Mas se as exigências não forem atendidas, os médicos prometem radicalizar e pedir o descredenciamento dos serviços. Maria Aparecida tem o plano Promed. Ela levou a filha até esse hospital para fazer um exame e uma consulta. Para não voltar 'pra' casa sem atendimento, Maria pagou tudo com o dinheiro do próprio bolso. Qual o valor?

Maria: 200 reais.

Repórter: Precisou de exames também?

Maria: Precisou. Um ecocardiograma.

Repórter: Teve que pagar também?

Maria: Tive que pagar 180.

Repórter: Tinha que usar o plano, né?! É direito seu.

Maria: É direito meu. Eu pago, ué?! Pago em dia. Então eles têm que 'andar' em dia também.

Apresentador: A Cassi informou que está negociando com os prestadores de serviço 'pra' dar o reajuste. E a Fassincra informou também que está negociando com os médicos. A Capesesp disse que mandaria uma resposta sobre a paralização, mas até agora não retornou a nossa ligação. A Promed não vai se pronunciar sobre o caso.

Apresentador: E a gente fala agora de um assunto, um detalhe que passa despercebido a muitos consumidores, mas que é superimportante, principalmente quando se trata de alimentos. É o prazo de validade dos produtos. Ontem nós mostramos aqui no JA que mais de uma tonelada de alimentos foram apreendidos em uma rede de supermercados da grande Goiânia. Tudo vencido. Em alguns casos, há 8 meses, acredite. Os fiscais do Procon recolheram todo o material. E o cuidado com a data de validade é só um item que o consumidor precisa observar na hora de ir às compras. Muitos supermercados buscam ajudar o consumidor e é em um desses estabelecimentos que está agora o repórter Fábio Castro. Ele vai contar 'pra' gente quais os cuidados que o consumidor precisa tomar antes de pegar o produto e levar esse produto para casa e colocar na mesa para os familiares, né, comerem. Não é isso, Fábio?

Repórter: É isso mesmo, viu Marcelo?! Estamos aqui com a Márcia Regina que é coordenadora de fiscalização da Secretaria Estadual de Saúde e ela estava alertando justamente isso, porque praticamente todos os produtos que estão neste supermercado, eles têm um prazo de validade. Tem inclusive a obrigação de informar para o consumidor a data de validade. Deixa eu ver esse aqui, por exemplo, esse café. Olha só. Aqui tem, ó, a data de fabricação é 2 do 7 de 2012 e a validade que é até janeiro de 2014. Os fiscais que trabalham aí analisando esses produtos, visitando esses locais, eles realmente têm o olhar diferente. Mais apurado que o nosso de simples consumidores. E eu acho que esse é o momento de, inclusive, a gente aprender a ter também esse olhar e essa exigência em

relação a validade dos produtos. Como o consumidor tem que fazer então para realmente saber o que ele está comprando em relação à data de fabricação e validade? Boa tarde.

Coordenadora de fiscalização da Secretaria Estadual de Saúde: Boa tarde. Ele tem que ler a rotulagem. Ele tem que pegar o produto, analisar, olhar, ver o prazo de validade, ver o nome do produto, como esse produto está sendo comercializado, é...é, conservador. Porque às vezes ele ‘tá’ fora da temperatura de conservação também. E ele tem que lembrar que produto vencido, ele não deve ser consumido.

Repórter: Viu algo errado, faz o quê?

Coordenadora de fiscalização da Secretaria Estadual de Saúde: Liga ‘pros’ órgãos de fiscalização. O da Vigilância estadual é 150. O da Vigilância Municipal é 156. Ele liga que a gente vai de imediato fazer essas apreensões.

Repórter: ‘Tá’ ok. Muito obrigado. Marcelo.

Apresentador: ‘Tá’ certo então, Fábio. Obrigada pela sua participação e a gente volta a falar de mais um grupo preso em Goiânia suspeito de aplicar o golpe que é conhecido como “bença tia”. É o terceiro caso na capital nos últimos dois meses. Os bandidos se passaram por parentes que ligam para as vítimas e pedem dinheiro. Sem saber, quem recebe a ligação acaba depositando o valor e fica, logicamente, no prejuízo. Ao todo, foram presas hoje cinco pessoas. As informações com a repórter Giovana Dourado.

Repórter: A polícia estava investigando o grupo há cinco meses, depois que uma vítima procurou uma delegacia no estado da Bahia para registrar a ocorrência. Durante o inquérito, pelo menos seis vítimas foram identificadas. A quadrilha pode ter faturado com o golpe conhecido como “bença tia”. De dentro do presídio, dois homens ligavam aleatoriamente e se passavam por parentes, geralmente sobrinhos. O outro fazia papel de mecânico e convencia a vítima a depositar dinheiro em contas que pertenciam às três mulheres que foram presas.

Representante da Polícia Civil: Dizia que o veículo havia estragado na estrada e precisava de um mecânico para arrumar. Alegava que não tinha dinheiro, somente cheque. O mecânico não pegava cheque. Solicitava que o parente fizesse o depósito bancário na conta do suposto mecânico, quando na realidade não era mecânico e sim um comparsa da quadrilha, que seria esposa ou prima que estava do lado de fora para resgatar o dinheiro.

Apresentador: Na próxima segunda-feira tem novidade aqui na telinha da TV Anhanguera. É a estreia de Salve Jorge, a nova novela das 9. E a atriz Cristiana Oliveira, que está no elenco da trama, tem um recado ‘pra’ você.

Atriz Cristiana Oliveira: Oi pessoal do JA, dia 22 de outubro, não percam a próxima novela de Glória Perez, com direção de Marcos Chatman: Salve Jorge. É uma grande novela, grandes histórias e espero vocês lá. Beijo.

Apresentador: Valeu Cristiana e, olhe, por falar em novela. Você sabe que está todo mundo ligado na última semana de Avenida Brasil. A Carminha, a Nina, o Tufão, o Cadinho, todos esses personagens mexeram com o país inteiro. Será com quem que os goianos mais se identificaram? A Luzeni Santos foi saber e a gente confere agora.

Repórter: ‘Pra’ quem está ligado nos últimos capítulos de Avenida Brasil, umas das paradas preferidas aqui no centro é sem dúvida a banca de revista. ‘Tá’ todo mundo dando uma olhadinha ‘pra’ saber o que pode acontecer no final. Tem revista falando que a Carminha vai morrer. Outra dizendo que vai virar a nova mãe do lixão e até que vai arrumar um marido rico e fugir do país. Mas não é só com o final da Carminha que o

pessoal está preocupado não. Cada um quer saber o que vai acontecer com seu personagem preferido.

[entra voz off da Luzeni]

Repórter: Nina e Jorginho são os mais queridos e tem torcida para eles.

Telespectadora I: Acho que a Nina mesmo. Sei lá.

Repórter: Você é justiceira também?

Telespectadora I: Um pouco.

Repórter: Está torcendo para ela então?

Telespectadora I: Com certeza. Eles merecem ser 'feliz'.

Telespectadora II: O Cauã.

Repórter: O Jorginho?

Telespectadora II: É. O Jorginho.

Repórter: Por quê?

Telespectadora II: Ah, porque ele é bonitinho. É uma gracinha.

Repórter: Suelen já agradeceu toda ala masculina do bairro do Divino, mas as mulheres, ela não consegue conquistar nem aqui em Goiânia.

Telespectadora III: A Suelen é muito galinha.

Repórter: Enquanto Suelen enfrenta uma certa resistência feminina, os homens têm dois ídolos disparados: Leleco com seu jeito despreocupado, conquistador.

Telespectador IV: Trocou velha por nova umas duas vezes. Acabou se dando bem no final.

Repórter: E o Cadinho, hein, que passou a novela inteira com três mulheres?! E Valdivino está torcendo para ele ficar com as três.

Telespectador IV: Podia era dividir com a gente, porque eu não 'rumo' ninguém.

Repórter: É, mas tem gente jurando que não queria estar no lugar dele não.

Telespectador V: Estou satisfeito só com a minha mesmo. Eu 'num' 'guento' mais mesmo.

Repórter: 'Tá' pensando que é só os homens que têm seus ídolos? Murici depois de conquistar um garotão, reconquistou o marido. E não é que a dona Risélia está querendo seguir o exemplo?!

Telespectadora VI: Eu acho que todas nós 'mulher' tem que ser assim.

Repórter: Se dar bem?

Telespectadora VI: Olha e como!!

Repórter: Igual a Murici?

Telespectadora VI: Sim!!

Apresentador: Não perca então Avenida Brasil Hoje logo depois do Jornal Nacional e logicamente não perca também o JA de amanhã.

Apresentador: E olha, agora a pouco nós falamos sobre a paralização de alguns planos de saúde em Goiânia e a Amil informou que já apresentou uma proposta de reajuste aos médicos credenciados.

Apresentador: Na sequência vem aí o Globo Esporte. Uma boa tarde ‘pra’ você e até amanhã.

DATA DA EDIÇÃO: 16 de outubro de 2013

TEMPO DA EDIÇÃO: 29’38’’

Apresentador: Olá, muito boa tarde ‘pra’ você. Agora meio dia. O Jornal Anhanguera começa com imagens de Campinas. Mais um morador de rua foi assassinado na capital. O crime foi na madrugada de hoje. Mais um capítulo na insegurança na Região Metropolitana, agravada também pela greve de policiais civis. Geovana Dourado.

Repórter: A greve da Polícia Civil completa 29 dias. Agora com a adesão de servidores que trabalham aqui no IML.

Apresentador: Depois de 13 horas termina o julgamento do caso Felipe Feitosa. O homem que atirou no estudante pega mais de 8 anos de prisão.

Parente da vítima: A gente vai poder dormir em paz. Muito mais aliviado agora.

Apresentador: Noite dramática para alunos de uma academia aqui em Goiânia. Dois assaltantes renderam os frequentadores e um PM que treinava no local reagiu e matou os bandidos.

Aluna da academia: Um deles mostrou a arma. Já chegou sacando a arma. E eles mandaram que a gente entrasse e entregasse tudo que tinha de valor. E eles começaram a quebrar tudo que tinha na recepção ‘pra’ pegar dinheiro e essas coisas ‘pra’ poder fugir.

Repórter II: Cerca de 2 mil trabalhadores rurais invadem a Secretaria da Fazenda e cobram do Governo do Estado investimentos no campo.

Repórter III: A Cidade de Goiás está enfeitada, colorida ‘pra’ uma grande festa? Não! ‘Pra’ virar cenário de uma novela.

Marcelo: A gente traz os bastidores da nova produção aqui no Jornal Anhanguera. Você não pode perder.

Apresentadora: Hoje o Jornal Anhanguera veio até a feira, claro, ‘pra’ mostrar ‘pra’ você qual é o produto mais vendido. Quer saber? Acompanhe então na edição de hoje que já está começando. (ESCALADA)

Apresentador: O policial militar que reagiu a um assalto em uma academia de artes marciais e matou dois ladrões em Goiânia prestou depoimento e foi liberado. Na academia, que fica no setor Marista, alunos professores e funcionários viveram ontem à noite momentos de muito medo.

Repórter: Hoje de manhã a academia funcionou normalmente, mas as marcas dos tiros na recepção não deixavam ninguém esquecer dos momentos de terror de ontem à noite. Já passava das 10 horas, quando dois bandidos entraram nessa academia, no setor Marista. Uma aluna, que não quis ser identificada, contou como eles agiram.

Aluna da academia: Um deles mostrou a arma. Já chegou sacando a arma. E eles mandaram que a gente entrasse e entregasse tudo que tinha de valor. E eles começaram a quebrar tudo que tinha na recepção ‘pra’ pegar dinheiro e essas coisas ‘pra’ poder fugir.

Repórter: Na hora do assalto, 35 alunos faziam aulas de lutas marciais aqui nessa sala. Entre os alunos estava um policial militar. E como os bandidos não viram que essa turma estava aqui dentro, o policial teve tempo de sair, chegar até o armário, pegar a arma e então dar voz de prisão para os assaltantes. E segundo o professor que acompanhava a turma, os bandidos que agiam com muita violência, tentaram reagir à prisão.

Professor da academia: O policial chegou dando voz “polícia”, “polícia” e eles já viraram para atirar no policial. Aí foi legítima defesa. Ele tinha que se defender.

Repórter: Com a troca de tiros, os dois bandidos foram atingidos e morreram na hora. Quem presenciou a ação viveu momentos de muito medo.

Aluna da academia II: A gente fica muito assustado, muito.

Repórter: O caso já começou a ser investigado pela Delegacia de Homicídios. Ontem à noite mesmo o policial militar se apresentou, prestou depoimento e foi liberado. Mas a arma foi apreendida. E hoje à tarde a Polícia deve ouvir novas vítimas desses assaltantes. É que segundo testemunhas, os bandidos já tinham feito outros assaltos na região na mesma noite.

Apresentador: Pois é, o pedido de paz. Mais um caso de violência aí, perto aí, a menos de uma semana do aniversário da capital. Tenho certeza que a maioria das pessoas pede como presente ‘pra’ Goiânia, ‘pros’ goianienses mais segurança, mais paz, mais tranquilidade, né?!

Marcelo: E olha, para comemorar o aniversário de Goiânia e da TV Anhanguera, o JA começa amanhã um projeto especial: “A cidade que eu quero”. Nosso ponto de partida é o histórico das edições do projeto “O bairro que eu quero”. O item mais votado na maioria dos bairros foi a segurança pública, que discutimos bastante ao longo do ano. Mas a população reclamou também de outros serviços. E chegou a hora ‘dagente’ por esses assuntos em pauta.

[entra VT]

Voz off: Transporte.

Moradora de Goiânia: Demora demais o ônibus aqui.

Moradora de Goiânia II: E só tem um ônibus nessa linha, uai. Como que ‘nois’ faz?

Morador de Goiânia III: O transporte coletivo é uma vergonha na capital.

Voz off: Trânsito.

Morador de Goiânia IV: Muita turbulência em questão dessas rotatórias. Na hora de pico tinha que ter mais sinal.

Moradora de Goiânia V: Carro virou aqui, pegou naquele carro lá, jogou em cima da parede. Ficou imprensada ela e a minha filha. E essa aqui não morreu porque ficou na caixinha do relógio ali, ó.

Morador de Goiânia VI: Não tem sinalização nenhuma. Ninguém enxerga isso daí. Não tem uma placa. ‘Num’ tem nada.

Voz off: Saúde.

Morador de Goiânia VII: A saúde por enquanto ‘tá’ deixando a desejar.

Morador de Goiânia VIII: Não tem médico no setor, que nós ‘tamo’ precisando mais é da médica.

Morador de Goiânia IX: Quarta-feira é ‘pra’ mim ligar ‘pra’ saber se a receita ‘tá’ pronta.

Voz off: Desabafos como esse justificam o resultado das edições do projeto O bairro que eu quero. Agora o Jornal Anhanguera quer avançar nessa discussão, numa edição especial. A capital vai receber “A cidade que eu quero”, com os problemas que atingem toda a população, em todas as regiões. Vai funcionar da seguinte forma. A partir de amanhã e até sábado, urnas estarão disponíveis para votação em vários pontos da capital. Nelas, o goianiense vai eleger o ponto mais crítico quando se fala de transporte, trânsito e saúde. Serão instaladas 3 urnas em Goiânia. Uma delas estará no Centro, na Praça do Bandeirante. A outra em Campinas, na Praça Joaquim Lúcio. E a terceira é itinerante. Vai circular nas feiras livres da capital: quinta-feira no conjunto Vera Cruz, sexta no Criméia Leste e sábado no Cepal do Setor Sul. No item transporte você pode dizer se o maior problema é a super lotação, a falta de abrigos, o atraso dos ônibus ou os terminais. Sobre o trânsito, o que é pior? A falta de sinalização, de fiscalização, de obras viárias ou o desrespeito ao pedestre? E quando o assunto é saúde, o que é mais difícil ‘pra’ quem precisa de atendimento? Falta de médicos, de UTI, a demora na marcação de consultas e exames ou a falta de ambulâncias? Os resultados serão discutidos com as autoridades responsáveis na semana que vem.

[encerra o VT]

Marcelo: A discussão na semana que vem. Já na segunda-feira, na terça-feira e também na quarta-feira. Na quinta você sabe: um Jornal Anhanguera especial em comemoração aos 50 anos da TV Anhanguera e aos 80 anos de Goiânia. E a gente já quer aproveitar ‘pra’ te fazer um convite. Que tal gravar uma mensagem sobre o aniversário da capital? Faça um videozinho...com o celular mesmo e mande ‘pra’ gente. Mande ‘pra’ nossa equipe. Você pode dizer porquê que você gosta de Goiânia, porquê que você gosta da capital. Pode simplesmente dar os parabéns ‘pra’ sua cidade. Os vídeos mais criativos a gente vai mostrar semana que vem. O endereço a gente já colocou ‘pra’ você ali no telão, que está logo atrás: ja1@tvanhanguera.com.br. Vou repetir: ja1@tvanhanguera.com.br. Participe!

Apresentador: O HGG, Hospital Geral de Goiânia, tem a partir de hoje mais 29 leitos de UTI. As novas unidades vão atender exclusivamente aos pacientes do SUS.

Repórter: O HGG tem 204 leitos, mas de UTI eram apenas 10. Descumpria a exigência do Ministério da Saúde que determina que hospitais ofereçam, no mínimo, 10% dos leitos disponíveis para terapia intensiva. Hoje a nova ala foi inaugurada com mais 29 leitos e um conceito humanizado de atendimento em UTI. Essa era uma ala antigamente desativada no Hospital. A Secretaria de Saúde junto com Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano gastaram 3 milhões e 800 mil reais ‘pra’ montar a estrutura, que já começa a funcionar hoje. A nova ala de tratamento intensivo do HGG é considerada atualmente a mais moderna do estado servindo ao SUS. E segundo o diretor técnico, isso faz muita diferença no suporte e na recuperação dos pacientes graves.

Representante do HGG: Nós criamos um ambiente onde ele pode ter mais interação. Com colocação de televisores, com pintura com as cores diferentes. Então, isso tudo ajuda na recuperação daquele paciente que se encontra muito grave.

Governador do Estado de Goiás: Essa é uma demonstração inequívoca do acerto que fizemos ao optarmos por essa mudança de conceito na área da administração dos hospitais, chamando as OSs para que elas pudessem nos ajudar a ter uma saúde pública onde ninguém paga, mas de grande qualidade.

[entra vinheta do quadro “Feira”]

Marcelo: Quarta-feira é sempre muito esperada. Além de ser o meio da semana, é o dia que a gente fala de economia, fala da feira. É o dia que a gente traz sempre curiosidades. Por exemplo. Você sabe qual é o produto mais vendido, o campeão de venda nas feiras? O que as pessoas mais gostam de comer ‘numa’ refeição? Quem vai contar ‘pra’ gente é a Lilian Lynch, que ‘tá’ lá na feira do setor Coimbra, não é isso, Lilian? Eu ‘tô’ curioso aqui. Que produto que é esse?

Apresentadora: Oi Marcelo. Boa tarde. Boa tarde a todos. Será que são as frutas as mais vendidas aqui na...na feira? Ou será que será a melancia, o mamão? Não! O Saulo foi fazer essa pesquisa e descobriu que o tomate...é o tomate é o campeão de vendas. Gente, e tem tomate de tudo quanto é tipo na feira: tomate saladete, o tomatão, tomate cereja. Confira agora na reportagem de Saulo Lopes, que foi fazer essa investigação ‘pra’ gente.

[roda VT]

Repórter: O que duas modelos estariam fazendo com bandejas de tomate, comendo tomate sensualmente? A resposta no final. Fomos ‘pras’ bancas contar a história desse produto. Estamos na feira, aqui em Goiânia, uma das tantas feiras. Hoje é terça-feira à tarde e estamos com pequi, que é o produto que mais...não é o produto que mais vende na feira não. O produto que mais vende na feira é o tomate. E aliás você sabe que o quê que o tomate foi fazer no banco?

Feirante I: Não.

Repórter: Foi tirar o extrato. Feira Nova Suíça, setor Serrinha. Feira Buriti, Aparecida de Goiânia. O tomate é campeão de venda em todo lugar. O preferido das bacias e das mãos.

Consumidora I: É o principal da feira.

Repórter: É o principal?

Consumidora I: É. Comida sem ele num...

Repórter: Mas vale mais que uma picanha?

Consumidora I: Uai...se não tiver ele na picanha, faz falta.

Repórter: Não se fica nem vermelho o tomate ao dizer como prepara-lo. Como é que se faz o tomate na casa da senhora?

Consumidora II: Como que eu faço?

Repórter: É.

Consumidora II: Eu tiro a semente. Eu tiro a casca. Eu pico bem fininho. E pronto.

Repórter: Mas você usa mais tomate em quê na sua casa? Molhos?...

Consumidora II: Não. Salada mesmo. Só salada.

Repórter: Só salada?

Consumidora I: Não...só salada mesmo,

Repórter: Como é que você gosta de fazer o tomate?

Consumidora III: Mais é salada.

Repórter: Só salada?

Consumidora III: Só salada.

Repórter: Molho...você não usa tomate?

Consumidora III: As vezes uso também quando faço molho de extrato ‘pra’ algum coisa. ‘Pra’ macarrão eu gosto de pôr tomate.

Repórter: Os preços variam. Tem a 3 reais o quilo, de 3 e 95, 2 e 50. Cadê o tomate?

Feirante II: ‘Tá’ aqui, ó.

Repórter: Ah, esse aí é o cereja. Qual que é o cereja?

Feirante III: É o cereja.

Repórter: Quanto ‘tá’ tomate?

Feirante III: Esse aqui o pacote, ‘nois’ vende a 1 e 75.

Repórter: Quê que você mais vende aqui na banca? O campeão de vendas?

Feirante III: É o tomate.

Repórter: É o tomate. Tomate é bom pra quê? O tomate é rico em licopeno, que é bom ‘pra’ combater o câncer de próstata. Tem manganês que é bom ‘pra’ estrutura dos ossos. Tem ferro, contra anemia. E uma fonte de potássio, que controla a pressão arterial. Sabia disso ou não? Tomate tem isso tudo?

Feirante IV: Tem.

Repórter: Ó, ele sabia. Para os italianos, ele é o pomodoro. Fruto do ouro. Durante séculos, a França tratou o tomate como algo sagrado. Para eles era bon amur, o fruto do amor. Os franceses acreditavam que o tomate tinha efeitos afrodisíacos. Convidamos as modelos Karla e Lanuci para esse ensaio salada sensual, mas comer tomate provoca é riso. E se o tomate fosse mesmo afrodisíaco?

Consumidor IV: Depende de cada um. Se o cara tiver passando aquela crise...

Repórter: Se você descobrisse que o tomate é afrodisíaco, comeria mais?

Consumidor V: Não. Não comeria mais não.

Repórter: Não? Por quê?

Consumidor V: Porque tanto faz, tanto fez.

Repórter: Se a senhora descobrisse que o tomate é afrodisíaco, comeria mais? Afrodisíaco é que deixa a gente mais animado assim... ‘pra’ namorar...

Consumidora VI: Ah é. Aí ‘pra’ mim não dá não. ‘Num’ tenho namorado, uai. Se o tomate for fazer esse efeito eu ‘tô’ correndo dele.

Repórter: Boa resposta. Opa, quando o tomate estoura na boca, é riso certo. ‘Pra’ você que chegou agora...sabe o quê que o tomate foi fazer no banco? Você sabe o quê que o tomate foi fazer no banco? Você sabe o quê que o tomate foi fazer no banco? Foi tirar o extrato. Tchau. ‘Vambora’.

[encerra o VT]

Apresentadora: É isso aí. E a gente vê aqui, ó, tomatinho taperinha fazendo o maior sucesso na feira. Mais uma opção ‘pra’ você que também gosta de comprar tomate. E olha como a banca ‘tá’ cheia. O tanto de gente garantindo o tomate ‘pro’ almoço de hoje e ‘pra’ semana toda. E por nisso, que tal então aprender uma receita com o tomatinho, o tomatinho cereja? Você viu o Saulo falando aí, hein?! 1 real e 75 centavos o pacotinho. Dá só uma olhada aqui, que gracinha. Daqui a pouco, Marcelo, eu volto com a Dani Zimer, que é chefe de cozinha ‘pra’ ensinar essa delícia ‘pra’ gente, que além de saboroso, é light e super fácil de fazer.

Apresentador: ‘Tá’ combinado então, Lilian. Já já a gente volta com você.

Apresentador: É hora dos destaques do Globo Esporte com a Thaís Freitas, que ‘tá’ chegando aqui ‘pra’ falar com a gente. Boa tarde, Thaís.

Apresentadora do Globo Esporte: Boa tarde, Marcelo. Boa tarde a todos. Eu venho dar notícias aqui primeiro do Goiás, convidando vocês para assistirem daqui a pouquinho no Globo Esporte a preparação da equipe esmeraldina, que amanhã enfrenta o Vasco em Macaé, pelo Brasileirão. Isso já é uma prévia do que esses dois times vão fazer na quinta-feira da semana que vem pela Copa do Brasil. E quem também vive um clima decisivo é o Vila Nova, que daqui a pouquinho no Globo Esporte a gente traz que os atacantes vilanovenses estão precisando quebrar o jejum de gols, ‘pra’ quem sabe voltar à série B, depois de dois anos afastado. Mas agora, Marcelo, eu convido quem gosta de adrenalina e belas paisagens ‘pra’ ficar por dentro aí da penúltima etapa do Rally Eco Goiás. Essa penúltima etapa em Catalão vai acontecer nesse fim de semana, no dia 19 de outubro. É um rally de regularidade e o que importa são as médias de velocidade dentro dos tempos estabelecidos para o percurso. São ao todo 8 etapas e é um evento promovido pela TV Anhanguera. As inscrições podem ser feitas ainda através do site www.globoesporte.com/go. E quem com certeza vai trazer todas as informações desse rally ‘pra’ gente é você, né Marcelo, que vai participar de mais uma etapa.

Apresentador: Pois é. Vou ‘tá’ lá, né Thaís, ‘pra’ mais uma etapa, a penúltima, como você disse. Dessa vez, em Catalão. E dessa vez com uma nova navegadora, que vai ser a nossa colega aqui de Goiânia, a Mariana Martins. Por que a Mariana? Porque a Mariana já trabalhou bastante tempo lá em Catalão. O pessoal de lá gosta muito dela e ela vai ‘pra’ lá ‘pra’ participar dessa etapa e ‘pra’ ser navegadora. Eu já falei ‘pra’ ela estudar bastante essa planilha ‘pra’ gente não passar vergonha lá. Então na segunda-feira a gente traz tudo. E o site globoesporte.com/goias ‘tá’ na tela /go. É só acessar lá e fazer a inscrição. Thaís, um abraço e até o Globo Esporte.

[entra vinheta do quadro “Feira”]

Apresentadora: Conforme eu prometi, vamos agora saber como é que é feito o espetinho de tomate. Aproveitando o preço do tomatinho cereja que já ‘tá’ bem mais baixo, principalmente, nas feiras. O tomate está mais docinho. A Daniela Zimer, que é chef de cozinha, vai mostrar ‘pra’ gente agora então como aproveitar essa época agora do tomate. Daniela, o espetinho é uma super simples e uma ótima opção de petisco.

Chef de cozinha: Isso, Lilian. Ele é muito simples porque ele leva só o queijo fresco, o tomate cereja com manjeriço, de preferência o miudinho, e palitinho, que todo mundo tem em casa.

Apresentadora: Monta um ‘pra’ gente aqui, só ‘pra’ gente poder ensinar ‘pra’ quem ‘tá’ em casa. Vamos lá.

Chef de cozinha: É uma montagem muito simples. Você corta os quadradinhos assim, corta um tomatinho ao meio. Dependendo do tamanho dele pode ser até em 3. É só colocar um sobre o outro... folhinha de manjericão e espetar. A criançada pode fazer, pode ajudar.

Apresentadora: Deixa eu mostrar aqui. Olha só que bacaninha. Ixi. Esse aqui não pegou. Vou pegar um desse aqui, ó. Olha só que bonitinho. ‘Pra’ enfeitar uma mesa, fica muito bacana também e, principalmente, a qualidade dele porque é light, o queijo é branco, quem optar por queijo fresco. É um ótimo petisco. Você estava até falando ‘pra’ tomar com cerveja, com suco...

Chef de cozinha: Isso. ‘Pra’ tomar com cerveja...aquele maridão que gosta de comer um torresmo, trocar por um tomatinho, que ele é mais saudável, o queijo tem menos sal. E o tomate tem todas as propriedades da vitamina C, do licopeno que é anticancerígeno. Então é uma ótima troca.

Apresentadora: ‘Vamo’ experimentar então. ‘Vamo’ mostrar aqui ‘pro’ pessoal da feira... quem é que vai querer experimentar o espetinho de tomate. Quem é que ‘tá’ aqui ...Tem gente que ‘tá’ esperando há horas. Experimenta e me fala o que a senhora achou. Já tinha visto um espetinho de tomate?

Consumidora I: Não! Mas ‘tá’ muito bonito.

Apresentadora: ‘Vamo’ lá. Vamos ver o que a senhora acha.

Consumidora I: Hum...O manjericão deu um sabor muito bom no queijo.

Apresentadora: O manjericão que tempera tudo. E a Daniela ‘tava’ falando que você pode fazer também como o queijo já temperado. E vocês, o quê que acharam?

Consumidor II: ‘Bão’... ‘bão’.

Apresentadora: Dá ‘pra’ acompanhar a cerveja?

Consumidor II: Aprovo. Ixi. “Só o ouro”!

Apresentadora: Melhor do que um torresminho, né?!

Consumidor III: É, uai. Mais saudável, né?!

Apresentadora: ‘Tá’ certo. ‘Tá’ dada a dica então ‘pra’ você que ‘tá’ em casa. Queijo branco, tomatinho, manjericão. Você pode substituir o queijo branco por mussarela de búfala, queijo coalho, né?!

Chef de cozinha: Isso. Pode trocar pelo queijo coalho. Ele fica mais salgado. Pode usar o mesmo queijo fresco temperado, que a gente encontra nas feiras também e ‘pra’ quem não come queijo, não toma leite, você pode substituir por um tofu defumado também, que fica muito bom.

Apresentadora: ‘Tá’ dada a dica, Daniela. Muito obrigada pela sua informação. É isso aí, Marcelo. A dica bem light hoje, hein?! No clima da dieta.

Apresentador: Light, boa e eu colaria um pouquinho de azeite, orégano e talvez até um salzinho ‘pra’ ficar ainda mais saboroso.

Apresentador: Em Jataí, no sudoeste do estado, também teve protesto. A BR 364 ficou interditada durante 3 horas, nesta manhã. Veja aí as imagens. Os manifestantes colocaram fogo em pneus e só deixavam passar as ambulâncias. Quem viajava pela rodovia. Enfrentou um congestionamento de mais de 20 quilômetros. O tráfego nesse momento já está liberado.

Apresentador: Vamos falar de emprego agora. Confira as vagas que reservamos ‘pra’ vocês.

[entra VT]

Off: São 10 vagas para técnico em telecomunicação, 10 vagas também para instalador em telecomunicação, duas vagas para motorista, 3 vagas para vendedor, duas para entregador, cinco vagas para assistente de vendas e duas vagas para técnico eletromecânico. Informações pelo telefone 3091-5900.

[encerra VT]

Apresentador: Repetindo o que a Lilian disse: 3091-5900. Boa sorte ‘pra’ você.

Apresentador: Bom, nesse caso de hoje, o IML recolheu o corpo sem demora...sem muita demora, mas essa situação pode sim mudar. Isso porque hoje os funcionários do Instituto Médico Legal aderiram à greve da Polícia Civil, que como você sabe, já dura 29 dias. Eles vão começar o que eles chamam de “operação padrão”. A repórter Giovana Dourado acompanha essa situação e traz ‘pra’ gente as informações. E as pessoas que estão em casa devem ficar perguntando: o quê que significa essa “operação padrão”, Giovana? Boa tarde.

Repórter: Boa tarde, Marcelo. Boa tarde a todos. Exatamente a pergunta que eu fiz para o representante do Sindicato dos Policiais Civis, porque a gente estranha esse nome, né?! O que é “operação padrão”? Na verdade, a resposta que eu recebi... “operação padrão” significa cumprir a lei. Na prática, quê que isso acontece ‘pra’ população? De fato, os corpos estão sendo recolhidos, mas o trabalho ali dentro do IML, do Instituto Médico Legal, ele vai ser afetado de uma forma tímida, por enquanto. Isso porque existe um prazo legal. Os policiais civis que trabalham no IML decidiram aderir à greve, mas eles têm que obedecer um prazo de 72 horas ‘pra’ aí parar de vez. Então hoje o trabalho é feito dentro do que determina a lei, sem excesso de carga horária, sem desvio de função. E as delegacias continuam naquele ‘paradão’. Eu hoje, e minha equipe, estivemos em algumas delegacias ‘pra’ mostrar como foi esse vigésimo nono dia de greve da Polícia Civil. Vamos acompanhar.

[roda VT]

Repórter: O cartaz que avisa da greve já está começando a amarelar. São 29 dias de paralização, evidenciada pelo ‘paradão’ nas delegacias especializadas e nos distritos. ‘Seu’ Antônio perdeu a chave, carteira de motorista e documentos do carro, precisava da ocorrência para tirar uma segunda via, mas não foi atendido.

Goianiense I: Não consegui.

Repórter: O senhor vai esperar?

Goianiense I: Não... Eu vou tentar tirar a ocorrência virtual, né, conforme a orientação daqui e ver se resolve. Se não, ter que esperar, né?!

Repórter: ‘Numa’ assembleia, ontem, os policiais discutiram a primeira proposta do governo, desde o início da greve. O ofício estendia o bônus por resultado a toda a categoria, mas não atendia a principal reivindicação, que é o aumento do piso salarial. Os grevistas incendiaram o documento e colocaram 550 cruzeiros de madeira no gramado, em frente à Assembleia Legislativa, simbolizando o número de pessoas assassinadas este ano em Goiânia. Depois de quase um mês sem sinal de acordo, a greve recebeu apoio de policiais civis que trabalham dentro do Instituto Médico Legal.

[encerra VT]

Repórter: A adesão de servidores do IML vai ser comunicada hoje ao Governo do Estado. Como a lei estabelece que a paralização só pode começar 72 horas depois desse aviso, o trabalho aqui no Instituto ainda não foi interrompido, mas segue ‘num’ ritmo mais lento. É o que os grevistas chamam de “operação padrão”.

Representante do Sinpol: Nós cumprimos exatamente o que diz a lei. Infelizmente, pela falta de efetivo o trabalho vai ser retardado.

Repórter: O quê que significa isso? O que seria essa “operação padrão” e o que seria cumprir a lei?

Representante do Sinpol: Hoje os policiais pela falta de estrutura e falta de efetivo, os policiais estão sobrecarregados, fazendo “de um tudo” para dar conta da demanda, é...dobrando plantão, extrapolando hora de serviço. E aí nós vamos cumprir a lei. Cada um faz o seu papel, ninguém usurpa a função de ninguém. Não vamos permitir comissionados usurpar a função dos auxiliares de autópsia.

Repórter: Hoje pela manhã havia 7 corpos de vítimas de mortes violentas para serem periciados. Segundo esta policial, seria feita uma autópsia de cada vez.

Representante do Sinpol II: No caso do Instituto de Medicina Legal de Goiânia, a própria situação do baixo efetivo, ela já nos remete a uma situação de greve.

Apresentador: Muito bem. Ainda sobre essa questão da “operação padrão”, Giovana, a gente lembra que na greve anterior houve sim demora na liberação dos corpos que precisavam passar pelo serviço de necropsia, mas também houve demora no recolhimento de corpos, né, ou pessoas que morreram por acidentes ou vítimas de assassinatos. Em alguns casos, houve demora, né?! Pelo menos o indicativo agora é de que ‘pra’ recolher o corpo não haverá demora. Pode ocorrer na liberação dos corpos. Me parece que é isso que ficou claro na sua reportagem, né?!

Repórter: Exatamente, Marcelo. Só que isso é um alerta. Por quê? Depois destas 72 horas, se não houver um acordo, aí sim começa a paralisação limitada aí a 70% dos trabalhos e isso deve incluir a não coleta de corpos ou aquela demora que a gente se lembra muito bem do sofrimento que foi provocado na população e também isso pode afetar o serviço de emissão e a entrega também de documentos de identidade, Marcelo.

Apresentador: De negociações, né?! O que o governo tem a dizer, Giovana?

Repórter: Bom, hoje nós conversamos com o governador Marconi Perillo, que esteve em uma visita ao HGG. Ele disse que o canal de negociações está aberto, mas que esbarra...está esbarrando na lei de responsabilidade fiscal. Vamos acompanhar o que disse o governador.

[entra VT]

Governador do Estado de Goiás: A lei de responsabilidade fiscal nos impede de gastar além do limite prudencial, que são 55% com pessoal. Nós já estamos gastando quase 60. Não é possível fazer mais do que está sendo feito.

Repórter: Há possibilidade que o governo ceda mais um pouco?

Governador do Estado de Goiás: Dentro dos limites nossos...financeiros... nós estamos abertos. Agora, é preciso que as pessoas que estão em greve percebam que determinados serviços públicos são essenciais à vida das pessoas.

[encerra VT]

Repórter: Nós percebemos aí...você que está em casa percebeu que estamos diante de um impasse, né?! Os policiais civis nos disseram que amanhã uma assembleia de emergência 'tá' sendo convocada 'pras' 2 horas da tarde 'pra' discutir, 'pra' categoria discutir, se aceita a proposta do governo, que na verdade, como disse o governador, espera que os trabalhadores que estão em greve já há 29 dias retomem as atividades 'pra' então sentar e negociar. É preciso que a categoria decida se vai aceitar a proposta e vai voltar ao trabalho 'pra' depois negociar ou não, se eles permanecem em greve. A gente, claro né Marcelo, continua acompanhando e informando a população sobre todos os desdobramentos desta história.

Apresentador: 'Tá' certo, Giovana. Obrigada aí pela sua participação.

Apresentador: Um possível morador de rua foi assassinado hoje cedo na capital. O crime aconteceu na Avenida Independência, em Campinas. Em pouco mais de 1 ano, 37 pessoas em situação de rua foram mortas na Grande Goiânia.

Repórter: O corpo do morador de rua foi encontrado por volta das 5 horas da manhã na Avenida Independência, próximo ao Terminal da Praça A. Ele foi morto com um tiro na nuca. Pelas informações preliminares, levantadas pela Polícia, alguém de bicicleta passou atirando no homem identificado apenas como Ilson. No estacionamento de caminhões de mudança, é possível encontrar vestígios de que o homem estava morando aqui. Segundo o dono da empresa, ele e outras pessoas estavam aqui há duas semanas.

Dono da empresa: É. Era muita gente. Dormia tudo junto. Chegaram e ficaram aí. A gente não pode falar nada com eles.

Repórter: A Delegacia de Homicídios vai investigar o caso e suspeita de acerto de contas por causa de drogas. Outros 37 moradores de rua foram assassinados na Região Metropolitana em pouco mais de um ano. A sequência de crimes começou no dia 12 de agosto do ano passado. Apesar do grande número de mortes, a Polícia Civil descarta a possibilidade de um grupo de extermínio de moradores de rua.

Apresentador: Olá, boa tarde. Excelente tarde 'pra' você. Trabalhadores rurais fazem protestos hoje em todo país. Eles cobram a implantação da reforma agrária e pedem benefícios para os assentamentos rurais. Aqui na capital, um grupo ocupou hoje a Secretaria da Fazenda.

Repórter: Os portões foram fechados e os funcionários da Secretaria Estadual da Fazenda que conseguiram entrar antes tiveram que sair do prédio.

Funcionária da Sefaz: Nós saímos, trancamos tudo e... foi de boa aí.

Repórter: A Sefaz foi ocupada por cerca de 2 mil trabalhadores de 5 movimentos rurais. Eles montaram barracas e cozinhas improvisadas e prometem ficar o tempo que for preciso até serem atendidos pelo Governo.

Trabalhadora rural: Uai. 'Nois' trouxe tudo que precisa, né, 'pra' fazer a alimentação aí. 'Nois' trouxe tudo.

Repórter: A PM reforçou o policiamento no local. Os manifestantes vieram de diversas regiões do interior do estado para cobrar do governo ações que melhorem a vida nos assentamentos. Eles reivindicam programas habitacionais para o campo, investimentos na agricultura familiar, querem assistência técnica rural, que o governo compre toda a produção dos assentamentos. Mas uma parte dos manifestantes ainda luta 'pra' conseguir terra 'pra' plantar. Esse grupo quer que o governo doe propriedades públicas do estado

para a reforma agrária. O líder de um dos movimentos rurais afirma que a pauta de reivindicações já foi discutida com o poder público, mas nenhum ponto foi atendido.

Representante do Movimento Social: Agora nós unificamos os movimentos ‘pra’ poder cobrar do Governo do Estado.

Repórter: A Secretaria da Fazenda adiantou que o governo vai receber os trabalhadores para negociar as reivindicações.

Representante da Sefaz: As demandas reivindicadas envolvem vários segmentos dos governos de um modo geral: do Governo Estadual, do Governo Federal. E, de certa forma, são questões que devem ser resolvidas no âmbito do Governo aquelas que forem possíveis de resolver dentro das estratégias que tem sido adotadas, sempre no sentido de dialogar e buscar soluções.

DATA DA EDIÇÃO: 15 de outubro de 2014

TEMPO DA EDIÇÃO: 32’03’’

Apresentador: Quarta-feira, 15 de outubro, o Jornal Anhanguera começa com imagens de Thiago Henrique Gomes da Rocha chegando agora a pouco à Secretaria de Segurança Pública. Ele está preso, suspeito de matar uma série de mulheres e de praticar outros assassinatos na capital.

Apresentadora: No começo da manhã ele foi socorrido por bombeiros, pois teria tentado suicídio na cela da delegacia. O Jornal Anhanguera vai trazer os detalhes da investigação que levou à prisão de Thiago. E tem mais.

Apresentador: Mais uma mulher diz ter reconhecido Thiago. Ele teria tentado matá-la em abril do ano passado.

Repórter: Eram 8 horas da manhã quando ela percebeu que o rapaz se aproximou pela contramão, armado com um revólver calibre 38.

Mulher não identificada [aparece rosto e voz distorcidos]: Ele encostou a arma na minha cabeça e disse que eu ia levar um tiro.

Apresentadora: A casa onde Thiago morava com a família já está vazia e os vizinhos estão chocados com a prisão do rapaz.

Vizinha de Thiago [não identificada]: Ele não conversava com ninguém. Só de cabeça baixa.

Apresentador: O Jornal Anhanguera faz um mapa da falta de água na região metropolitana.

Moradora da Região Metropolitana I: Todos os dias de 11 a meio dia a água acaba.

Morador da Região Metropolitana II: Não tem água nem para escovar os dentes.

Morador da Região Metropolitana III: Guanabara I não tem água. Ontem acabou era meio dia a água lá e hoje ‘tá’ acabando já.

Morador da Região Metropolitana IV: Falta água no São Judas Tadeu o ano todo.

Apresentadora: Futebol. O Goiás perdeu nos pênaltis para o Emelec e está fora da Copa Sulamericana.

Apresentador: O Jornal Anhanguera já está no ar. (ESCALADA)

Apresentador: 11 horas e 58 minutos, bom dia ‘pra’ você.

Apresentadora: Olá, bom dia. Bom dia, Marcelo.

Apresentador: Bom dia, Lilian. Vamos começar então essa edição de hoje falando sobre a apresentação do Thiago Henrique da Rocha, o vigilante que foi preso suspeito de matar mulheres aqui em Goiânia.

Apresentadora: Hoje cedo, ele tentou se matar dentro da cela da delegacia, onde está preso desde ontem.

Repórter: O Corpo de Bombeiros foi acionado por volta das 8 horas da manhã de hoje. Segundo informações da Secretaria de Segurança Pública, Thiago Gomes da Rocha teria tentado suicídio.

Representante do Corpo de Bombeiros: Nós fomos acionados à princípio é... ‘pra’ ver, ‘pra’ verificar o que poderia ser feito para tampar o sangue, ou seja, para conter o sangue dessa pessoa que tinha feito os cortes no pulso com um caco de lâmpadas.

Repórter: Os bombeiros acharam melhor chamar uma equipe de médicos para cuidar dos ferimentos do suspeito.

Médico de resgate: São ferimentos superficiais sem risco de vida para o paciente. Só mesmo fechar ‘pra’ poder ‘num’ evoluir ‘pra’ uma infecção, né?! Os pulsos. ‘Tá’ sim. Ele ‘tá’ consciente.

Repórter: Segundo o advogado do suspeito, a polícia já desconfiava que Thiago Gomes poderia tentar o suicídio. Por isso ontem foi retirado da cela tudo que pudesse ser cortante e que apresentasse risco. Ele dormiu apenas de bermuda e estava sendo vigiado por agentes durante 24 horas. Mas, segundo o que o próprio Thiago contou ao advogado, ele pediu um café e foi nesse período que ele ficou sozinho na cela que ele cortou a lâmpada e cortou os dois pulsos.

Apresentador: E hoje, os policiais que participaram da investigação dos assassinatos em série explicaram em entrevista o passo a passo do trabalho que levou à prisão de Thiago. Durante a entrevista, o superintendente de Polícia Civil falou, Lilian, sobre essa tentativa de suicídio.

Superintendente de Polícia Civil: O autor, o investigado, suspeito, que encontra-se preso, infelizmente, apesar de toda segurança possível, com escala de hora em hora de revezamento, com tudo tirado de dentro da cela, suas roupas e tudo, ele ainda teve acesso a uma lâmpada, quebrou e cortou os pulsos.

Apresentadora: Pois é. E a gente vai voltar a falar das investigações ao vivo com o delegado que colheu o depoimento de Thiago depois que ele foi preso. Agora a notícia da prisão do serial killer foi o assunto mais comentado ontem entre os goianos e mobilizou imprensa e as autoridades do estado.

Apresentador [em off]: As famílias das vítimas se encontraram com o governador Marconi Perillo e com os delegados da força tarefa que investigaram a morte de mulheres em Goiânia. Uma das vítimas era Ana Maria Duarte de 26 anos, que foi assassinada em maio, em uma lanchonete, no setor Bela Vista.

Parente da vítima Ana Maria Duarte: É uma tristeza, é uma alegria, é uma ansiedade, é um alívio. São vários sentimentos, mas eu acredito que saber quem foi e porquê que foi não deixa de trazer um certo alívio ‘pro’ nosso coração.

Apresentador: Outra vítima do serial killer foi Bruna Gleycielle de Sousa Gonçalves. Ela tinha 26 anos e foi assassinada em um ponto de ônibus no Jardim América, no dia 8 de maio.

Parente da vítima Bruna Gleycielle de Sousa Gonçalves I: Eu tenho pena dessa pessoa, dele. Porque ele é o pior dos prisioneiros, porque ele mesmo se aprisionou com todas essas histórias.

Parente da vítima Bruna Gleycielle de Sousa Gonçalves II: Não vai trazer minha prima de volta, mas a sensação de que a justiça ‘tá’ sendo feita. Acho que é isso.

Apresentador: O suspeito de matar as mulheres, o vigilante Thiago Henrique da Rocha, foi preso terça-feira à tarde. De acordo com a Polícia, ele confessou que matou 39 pessoas, a maioria mulheres e moradores de rua. Essas imagens de segurança mostram o assassinato de um morador de rua. Ainda segundo a Polícia, quem atira é Thiago. Para não ser descoberto, os investigadores contam que ele colocava na própria moto placas furtadas, como mostra esse vídeo. O suspeito já tinha passagem pela polícia. Nesta ocorrência registrada ano passado no 5º Distrito Policial, Thiago foi preso em flagrante em uma moto com placa adulterada. No último final de semana, Thiago foi identificado pela Polícia nestas imagens, que mostram várias motos passando entre uma e meia e duas horas da madrugada do último domingo. Neste horário, uma mulher foi agredida em frente a essa barraca de lanches, no Jardim América, com um chute na boca. Segundo a Polícia, o suspeito teria chegado na moto vermelha, de capacete, e teria tentado atirar na moça, mas o revólver falhou. [a fala foi coberta com imagens]

Apresentadora: Agora mais uma história chocante também, ligada ao assassino em série. Uma mulher que foi atacada ano passado reconheceu Thiago Henrique na delegacia.

Apresentador: Pois é, ela contou os momentos de desespero que passou nas mãos do suspeito.

Repórter: Era um domingo: 21 de abril de 2013. A vítima, uma jovem de pouco mais de 20 anos, cabelo preto, cumprido, estava voltando da padaria falando no celular com a mãe dela. Por isso ela se lembra exatamente do horário em que tudo aconteceu, nessa rua do Jardim Luz, aqui em Aparecida de Goiânia. Eram 8 horas da manhã quando ela percebeu que o rapaz se aproximou pela contramão armado com um revólver calibre 38.

Vítima não identificada [voz e imagem foram distorcidas]: Não fez voz de assalto nem nada. Eu já entreguei de imediato e o meu ex-marido saiu na sacada. Acho que ele viu o movimento, alguma coisa assim e pediu para que eu não reagisse. Quando ele viu, né, que meu esposo tinha visto, ele falou que eu ia levar um tiro. Ele encostou a arma na minha cabeça e disse que eu ia levar um tiro.

Repórter: Mas o homem não poderia imaginar que a vítima, que fez luta desde os 5 anos de idade, reagiria e conseguiria imobilizar o adolescente que estava na garupa.

Vítima não identificada [voz e imagem foram distorcidas]: Eu peguei o sobrinho dele que estava atrás. Eu sei que é sobrinho dele porque ele chamava ele de tio e coloquei ele como um escudo para me defender.

Repórter: O rapaz chegou a disparar 4 tiros. Um deles atingiu o tênis da moça, que ainda tem a marca do tiro de raspão. Os golpes de capacete na cabeça da jovem provocaram traumatismo craniano e a vida nunca mais foi a mesma.

Vítima não identificada [voz e imagem foram distorcidas]: Eu tive que rapar a minha cabeça, né, eu tive que passar quase que por uma cirurgia, foram 45 pontos, depois disso

eu tenho é... transtorno do pânico. Eu fiz duas cirurgias, nesse prazo eu engordei 35 quilos e tive que fazer redução de estômago.

Repórter: Quando foi chamada na delegacia, a vítima não teve dúvidas. Reconheceu o suspeito que, no dia da agressão, olhou fixamente no olho dela e fez um pedido surpreendente.

Vítima não identificada [voz e imagem foram distorcidos]: Olhou dentro dos meus olhos e ele falava assim, porque ele é...ele é narcisista, então todo tempo ele falava: “Cê ‘tá’ olhando ‘pra’ minha cara? ‘cê’ ‘tá’ olhando ‘pro’ meu olho ‘pra’ que? ‘cê’ ‘tá’ me achando bonito? Fala que eu sou bonito. E me xingava.

Repórter: A notícia da prisão trouxe alívio para a moça, que é cantora e agora sonha em ser delegada da Polícia Civil e diz que não tem raiva do suposto assassino em série.

Vítima não identificada [voz e imagem foram distorcidos]: Eu senti pena. Eu penso que ele deve ir ‘pra’ um... ‘pra’ uma clínica de repouso e que nessa clínica possa ser feita a total avaliação dele, de sanidade mental ou de insanidade mental.

Apresentadora: Vamos ao vivo agora até a Secretaria de Segurança Pública onde a repórter Patrícia Bringel acompanhou a entrevista sobre a investigação e a prisão de Thiago e conta ‘pra’ gente agora. Patrícia, boa tarde. O depoimento dado por Thiago aos policiais impressionou também os investigadores, né?!

Repórter: Sim, com certeza, Lilian. Boa tarde, Marcelo. Boa tarde a todos. Impressionou principalmente porque ele trata as vítimas por números de 1 a 39. Ele se lembra claramente de cada vítima, mas trata por número: número 20, a vítima número 19, de número 18. Então ia narrando como tudo aconteceu. Nós convidamos aqui o delegado Douglas Pedrosa, que comandou esse interrogatório para dar mais detalhes. Isso impressionou, essa questão dele ter números de cada vítima?

Delegado da Polícia Civil: Sim. Todos os policiais que acompanharam o interrogatório ficaram chocados tanto com a frieza dele, quanto com o modus operandi e a forma dele arquitetar essa ideia dentro da mente dele. Ele não tem a continuidade delitiva. Depois da morte da vítima que se chama a b ou c ele matou a vítima d. Não. É pelo número. Número 30, número 39, número 12 como você mesma disse.

Repórter: Como ele consegue se lembrar de todos esses casos? Ele narrou com perfeição, deu detalhes de como tudo aconteceu?

Delegado da Polícia Civil: Depois da admissão de um crime, entre um crime e outro ele ficava aproximadamente 5 minutos no estado catatônico, segundo ele, lembrando o crime. Depois disso ele começava a falar, dando detalhes de local e da emoção que ele sentia. Ele não tinha detalhes do rosto da pessoa. Ele tinha detalhes da agressão. O tiro, foi um tiro ou dois tiros, que atingiu determinada região, né? Isso ‘daí’ também foi bem interessante.

Repórter: Agora hoje na apresentação dele aqui para familiares, ‘pra’ toda corporação, também ‘pra’ imprensa, pediram que as mulheres ficassem um pouco mais afastadas até por conta do estado emocional dele. Vocês tiveram problema com uma agente na hora do interrogatório?

Delegado da Polícia Civil: Na realidade, antes mesmo do interrogatório nós já tínhamos tido esse tipo de problema. Uma equipe de inteligência acabou prendendo, efetuando a captura desse rapaz. Uma policial que compunha essa equipe de inteligência chegou perto dele, e até então ele estava algemado e com uma feição tranquila. Assim que essa policial

chegou perto dele com ele algemado, ele se transtornou. Ele se transformou. A feição dele mudou imediatamente. Chegando na delegacia, nós tínhamos que colocar alguém para digitar o depoimento dele, né?! Assim que uma escritã entrou, foi até a porta, também ele parou de falar. Ele falou que estava incomodado e que não ia falar mais nada.

Repórter: Agora uma outra questão foi colocada na coletiva, aqui na Secretaria de Segurança Pública, que é o envolvimento dele com mais de 90 roubos, aqui na capital. Essa é uma situação nova. A Polícia tem câmeras de segurança, inclusive, ele roubando lotéricas, farmácias, padarias e o que ajudou muito a polícia com o circuito interno desses estabelecimentos, inclusive, para chegar a características aí de motos, da moto que ele usava e dele próprio. Daqui a pouquinho a gente volta, Marcelo e Lilian, a falar com o delegado para dar mais informações sobre esses roubos que ele praticava na capital, tudo que foi apresentado, provas, que tem uma revelação aí muito grande por parte da Polícia. Prova incontestável e daqui a pouco a gente fala sobre isso.

Marcelo: Está certo Patrícia. Deixa só eu fazer uma perguntinha rápida ‘pro’ delegado. É, depois dele ter tentado cometer esse suicídio, ele tentou cortar os pulsos, vai ser tomada alguma medida para garantir a integridade física dele, doutor? Boa tarde.

Delegado da Polícia Civil: Boa tarde. Veja bem. A Polícia Civil já vinha se revezando em turnos de duas horas para vigiar esse rapaz com medo dele atentar contra sua própria vida. Ele já está numa sala segregada, ou seja, ele está separado dos demais presos. Inclusive essa cela onde ele está não tem lençóis ou coisas que ele poderia usar para se enforcar. Infelizmente ele acabou tirando a lâmpada em menos de 30 segundos e depois se escondeu na cela a pretexto de usar o banheiro e acabou atentando contra sua própria vida. A gente deve agora nas próximas horas se reunir ‘pra’ ver o destino desse rapaz. Ou se a gente consegue uma sala no núcleo de custódia ou nas delegacias especializadas. Aí com uma atenção redobrada sobre esse indiciado.

Repórter: Daqui a pouco a gente volta então Marcelo com mais informações aí dessa investigação, do interrogatório do suspeito e do encaminhamento que esse processo vai ter daqui para frente.

Apresentador e apresentadora: Obrigada Patrícia.

Apresentadora: A gente vai para um rápido intervalo, mas em seguida a gente continua falando sobre esse suspeito de ser o assassino em série aqui em Goiânia. É logo depois do intervalo.

Apresentador: O assunto agora é a falta de água em bairros da região metropolitana. A Simone Bonete, do setor Gentil Meireles, disse que há mais de dois meses falta água todo dia no bairro e ela até gravou imagens da torneira sem água, que ‘a gente’ ‘tá’ vendo aí. Da mesma forma que a Simone, outros telespectadores, não é Lilian?! Também têm enviado e-mail para o Jornal Anhanguera sobre a falta de água.

Apresentadora: As reclamações são tantas que nós fizemos um mapa dos bairros que estão enfrentando esse problema. Dá só uma olhadinha.

[entra imagem do mapa e a narração é feita com off da Lilian]

Apresentadora: A Sheila dos Santos do setor São Judas Tadeu, da região norte de Goiânia, diz que falta água todos os dias no bairro. A Kárita Cristina diz que acontece a mesma coisa no Jardim Progresso. O Ivan, morador do Parque das Flores, afirma que ele e os vizinhos estão sofrendo com a falta de água. A Gislaine Braga Rodrigues, do setor Sevene, diz que há 40 dias o abastecimento do bairro está irregular e a água tem horário marcado para acabar. É sempre às duas da tarde. A Elizabeth Espíndola, do setor Pedro

Ludovico, também enviou e-mail. Ela diz que está faltando água no bairro com frequência e causado muitos prejuízos. O Sandes Alair, do Jardim Guanabara, diz que está sem água no bairro há quatro dias.

[sai de cena a imagem do mapa com off]

Apresentadora: E olha, a gente acabou de receber o telefone da dona Delzide Ferreira, do Jardim Guanabara, reclamando que está sem água e que falta água quase todos os dias lá no bairro.

Apresentador: Pois é, Lilian, e nós fomos em alguns desses bairros e tem gente que resolveu mudar de casa por causa da falta constante de água. Vamos ver.

Repórter: Goiânia ‘berando’ os 40 graus e você chega em casa e não tem água, ‘num’ sol lascado. Vem cá na sombra. Vou falar um negócio ‘pra’ vocês. Vocês sabiam que a Saneago tem 30 tipologias? É um nome, né, diferente, difícil. Para explicar a fala d’água na cidade, vou ler aqui só três, ó: Interrupção para melhoria na rede, tempo seco...tudo bem. Duas dá até para entender. Ou então, motivada por falta de energia para bombear a água para algumas regiões um pouco mais altas. No bairro São Judas Tadeu, região Noroeste, é assim: não importa onde, na rua. Como é que é viver desse jeito?

Moradora I: Péssimo, né?! Com esse calor. Horrível.

Repórter: Mas pelo menos dá para tomar um ‘banhozinho’ mais tarde ou nem isso tem?

Moradora II: Um ‘banhozinho de tcheco’.

Repórter: Como é que é esse ‘banhozinho’?

Moradora II: Hum...

Repórter: Vai perguntar na padaria.

Dona de padaria I: Às vezes eu ‘tô’ precisando da água aqui...os clientes chegam, não tem como utilizar. As vasilhas ‘tá’ suja, as louças, né?!

Repórter: E na padaria da Cida, mais prejuízo e uma resposta estranha da Saneago.

Dona de padaria II: Meu esposo já ligou, né, ‘mais’ eles falam assim que ‘tá’ correndo tudo bem...que... A resposta dele é essa: que ‘tá’ tudo bem.

Repórter: Se ‘tivesse’ tudo bem, o Alexandre não estaria no prejuízo também. Dono de 13 quitinetes ‘pra’ alugar. Essa moradora já foi embora. O motivo é o mesmo que vai esvaziando o prédio.

Proprietário de Kitnets: ‘Tô’ com um inquilino agora que já avisou no final de semana...me mandando mensagem que não tinha água nem para escovar os dentes mais uma vez, e avisou que vai sair agora.

Repórter: Bruno é o inquilino que não escovou os dentes. Mudou-se para cá em fevereiro e já vai embora.

Morador III: Como é que vive, né, sem água?! Então agora eu vou mudar daqui para outro lugar, porque essa região aqui não tem água.

Repórter: Bruno, uma dica: não venha para o Guanabara III. Fala porquê Magda.

Moradora IV: Quase três semanas que todo dia a água acaba entre 11 e meio dia. E aí só volta de madrugada.

Repórter: Roupas ela lava aos poucos.

Moradora IV: Comecei a lavar roupa sábado passado. Todo dia eu lavo um pouquinho. 11 horas a água acaba e não tem como continuar lavando a roupa.

Repórter: O povo aqui reclama que quando a água chega é de ‘madrugadinha’. Traz muito vento na tubulação e eles pagam por isso.

Repórter: Passa vento.

Morador V: E o vento gira o relógio. Gira o relógio e você paga mais, né?! A minha água aumentou 20 reais de um mês ‘pro’ outro.

Repórter: Uma coisa é certa. O pouquinho de água que cai aqui no Guanabara é bem utilizado. Olha só o Divino, como é que aproveitou a água do chuveiro.

Morador VI: A água acaba 9 ‘hora’, 10 ‘hora’ e fica todo mundo sem água aí.

Repórter: Como é que faz?

Morador VI: Aí não faz. Tem que comprar feito. É água mineral.

Repórter: Vocês não estão vendo não, mas ele está cheiroso ‘pra’ caramba. O ‘banhozinho’ deu para tomar, né?!

Morador VI: Não...mas eu tomei mais cedo.

Apresentador: Bom, nós vamos conversar agora com o diretor de produção da Saneago, o senhor Luiz Alberto Gomes, que está ao vivo com a gente. Boa tarde, diretor. ‘Brigado’ pela participação. Bom, o senhor viu aí. Nós convidamos os telespectadores que estão com problema de falta d’água ‘pra’ mandarem e-mail ‘pra’ gente de ontem ‘pra’ hoje e a gente traçou um mapa aí que de alguma maneira revela a situação mais recente da falta de água. Além disso, fomos ‘pra’ rua ‘pra’ ouvir, ao vivo, dos moradores as reclamações. O que o senhor tem a dizer em relação a esses problemas apontados no mapa? Boa tarde.

Diretor de produção da Saneago: Boa tarde, Marcelo. Boa tarde, Lilian. Esse mapa é de total conhecimento da Saneago. A região, essa região, é uma região atendida pelo Sistema Meia Ponte. É a área de influência do último reservatório que atende essa região, o Reservatório do Cristina. Nós temos total conhecimento do período que o abastecimento é interrompido. Mas graças a Deus com esforço, planejamento, obra que já foi iniciada há muito tempo, estamos em fase final de conclusão, que é o Sistema Produtor Mauro Borges. Aquela região...[ele é interrompido por Marcelo]

Apresentador: Agora diretor, perdão. Agora... ‘tá’ bem. As obras ‘tão’ sendo feitas e a gente acredita que quando elas estiverem prontas, essa solução virá. Mas por enquanto, as pessoas estão sentindo o problema da falta de água no dia a dia. Não tem água nem para escovar o dente, como a gente viu ali no exemplo da reportagem. O quê que a Saneago pode fazer imediatamente para resolver imediatamente a solução?

Diretor de produção da Saneago: Veja bem. Eu preciso da conclusão, da justificativa da Saneago. Nós temos uma adutora que já passa no Jardim Guanabara, vindo do Sistema Produtor João Leite, que irá sanar totalmente. Nós vamos tirar essas ligações e esses setores que ‘é’ do Sistema Meia Ponte passando para o João Leite. Isso eu preciso de conclusão de obra. Agora hoje, o que é possível fazer hoje? As residências serem dotadas de reservatórios, porque nenhum desses bairros fica mais de um dia sem abastecimento. É parte do dia. Dentro dos registros que nós temos do 115, as reclamações que são feitas, a maioria das residências não tem reservatório domiciliar.

Apresentador: Não tem caixa d’água?

Diretor de produção da Saneago: Caixa d'água. Não tem caixa d'água dimensionada para suportar a parte do dia sem abastecimento.

Apresentador: Mas diretor, a Saneago sempre disse que não há problema de abastecimento. Sempre fala isso. Toda vez que a gente conversa, a Saneago sempre fala que não tem problema de abastecimento, que não falta água e que o problema de abastecimento não existe. Aí a gente tem essas reclamações diariamente aqui via e-mail, via ligação. É... o senhor disse que as obras vão resolver o problema. O senhor admite sim que existe um problema de abastecimento. E agora o senhor 'tá' dizendo que o pessoal não tem água porque não tem reservatório, que deveria ter reservatório. Quer dizer, culpa das pessoas que não tem água em casa porque não tem lugar 'pra' guardar água. Mas a gente sabe que a água da torneira não 'tá' chegando. Emergencialmente a Saneago não pode colocar caminhão pipa para atender essas regiões, já que o senhor disse que conhece muito bem o mapa que a gente mostrou.

Diretor de produção da Saneago: Perfeitamente, Marcelo. Nós nunca falamos que não tem problema. Não pode-se afirmar que Goiânia convive com problema de falta d'água. Esses bairros são pouco mais que 1% da população atendida na capital goiana.

Apresentador: É...mas é gente que paga imposto também, né diretor?

Diretor de produção da Saneago: Sem dúvida. Para essas pessoas, nós estamos 'se' esforçando...bombeando, produzindo 24 horas. Existe um grande desperdício para as pessoas que moram na parte baixa. É possível deixar isso claro. Hoje nós podemos registrar aí, nesse horário, molhando grama, banho prolongado é...molhando área verde... [ele é novamente interrompido]

Apresentador: Caminhão-pipa diretor. Como é que faz 'pra' mandar o caminhão-pipa? 'Pra' onde as pessoas ligam 'pra' resolver? O pessoal vai ligar bastante agora à tarde.

Diretor de produção da Saneago: Não. Marcelo, nós não podemos mandar caminhão-pipa. Nós temos o reservatório do Cristina que atende essa região. Reservatório de 5 milhões de litros. E na maior parte do dia nós estamos atendendo essas residências. O que nós pedimos a todos é que façam uso comedido, que dotem sua residência da caixa d'água para que possamos garantir a quantidade necessária para o uso durante o dia.

Apresentador: 'Tá' certo, diretor. Mas acontece que uso comedido para quem não tem água, ele é impossível. Não dá 'pra' nem usar, já que não tem água na torneira. As pessoas estão sofrendo. O senhor está falando das outras pessoas.

Diretor de produção da Saneago: Justamente. O uso comedido, a cumplicidade da população. O uso comedido das pessoas que moram na parte baixa. Infelizmente nós somos solidários a essas pessoas que estão com problema de falta d'água e nós pedimos é a compreensão de todos nesse momento.

Apresentador: Diretor, obrigada pela sua participação. Esse assunto movimenta e incomoda a população. E a gente quer continuar mostrando esse mapa da falta d'água em Goiânia. E amanhã a gente vai repetir o mapa. Portanto, se você tem problema de falta d'água, se hoje, de agora em diante, mande e-mail 'pra' gente. Diga sua rua, diga seu bairro. Nós vamos mostrar esse mapa e mais uma vez a gente vai mostrar aqui onde está o problema. A Saneago disse que conhece, mas a gente vai mostrar mais uma vez 'pra' dar voz 'pra' você que acompanha o Jornal Anhanguera todos os dias.

Apresentadora: E logo depois do intervalo comercial, informações ao vivo do trabalho da Polícia Civil na prisão do suspeito de ser um assassino em série. E a prova, que o delegado disse ser incontestável contra Thiago Rocha. É logo depois do intervalo.

Apresentadora: A repórter Patrícia Bringel continua ao vivo com a gente trazendo informações sobre a apresentação do preso suspeito de ser o assassino em série aqui em Goiânia e na participação anterior ela falou com a gente aqui que a polícia tem uma prova que diz ser incontestável contra esse rapaz. Que prova é essa, Patrícia?

Repórter: Lilian, essa prova foi apresentada pelo Instituto de Criminalística. É o resultado de laudos que comprovam que seis mulheres foram mortas por munições, projéteis que partiram da arma apreendida com Thiago Rocha, que foi preso, suspeito então de ser o autor de uma série de assassinatos. Então pelo menos 6 mulheres, o caso de 6 mulheres, já é incontestável a participação dele nesses assassinatos. Outras análises vão ser feitas ‘pra’ comprovar se realmente ele tem participação em todos esses assassinatos que ele diz ter?

Delegado da Polícia Civil: Sim. Não só exames microbalísticos que continuaram a ser feitos, né?! O Instituto de Criminalística deve fazer nos próximos dias, né?! Também outras provas. Não só provas testemunhais, reconhecimentos que nós temos em diversos casos, provas de câmeras de segurança que captaram imagens do assassino e da motocicleta apreendida em seu poder. As placas que foram apreendidas em sua residência foram vistas em locais de crime. Multas de trânsito, tanto da motocicleta dele, comprova que tinha determinada característica, quanto da motocicleta dele com outra placa recuperada, nós temos também...que o colocam no local do crime antes e depois do delito. Enfim. A Polícia Civil, todos os policiais que compõem a força-tarefa agora se empenharam na reunião desse conjunto probatório para deixar esse rapaz indiciado nesses 39 homicídios.

Repórter: Delegado, e nós temos imagens do momento que ele foi apresentado aqui. Causou muita revolta a apresentação dele. Os familiares de vítimas é...revoltados mesmo, indignados. Uma senhora, mãe de uma das vítimas, inclusive chorou. E a pergunta que muita gente faz é a seguinte. Bom, se esse rapaz está envolvido com mais de 90 roubos na capital, assumiu 39 assassinatos, como ele agiu por tanto tempo no anonimato, sem que ninguém o descobrisse?

Delegado da Polícia Civil: Bom, ‘pra’ começar, ele mantinha uma vida normal. Então ele trabalhava, por vezes estudava, ele andava muito bem vestido e a motocicleta dele não era típica de ser abordada. Ela tinha acessórios que a caracterizava mais como uma motocicleta do interior do estado. Isso fez com que ele não fosse abordado quando ele estava indo ou voltando da prática delitiva.

Repórter: Ok, delegado. Obrigada pelas informações importantíssimas aí do interrogatório. Delegado Douglas Pedrosa, que comandou toda essa fase de interrogatórios com o Thiago Rocha, preso então. Continua preso na Denac, aguardando aí o restante das investigações para conclusão desse inquérito. Marcelo e Lilian.

Apresentador: ‘Brigado’ Patrícia. A gente tem que agradecer e elogiar o trabalho da Polícia. Foi uma investigação demorada e nesse meio tempo aquele sentimento de angústia das famílias e das pessoas, dos moradores da cidade em relação a possíveis novos casos. Enfim. Trouxe um resultado positivo e a gente vai mostrar agora que as pessoas vizinhas ali do Thiago ficaram muito surpresas com essa notícia.

Apresentadora: Pois é. A repórter Patrícia Bringel esteve no bairro hoje, onde Thiago morava com a mãe, e os vizinhos não entenderam como muito bem essa prisão dele não. Dá só uma olhada na reportagem.

Repórter: A revelação da Polícia de que Thiago Gomes da Rocha, de 26 anos, confessou o assassinato de 39 pessoas mexeu com a rotina do Conjunto Vera Cruz II, onde ele

sempre viveu. O assunto nas rodinhas de moradores era a prisão do suspeito. Este vizinho presenciou o momento em que os policiais entraram na casa do vigilante e apreenderam a arma e outros objetos.

Vizinho I: Tiraram placa de moto, arma, um revólver, faca, algema e uma capa de...aquela capa de...tanque, de tanque de moto vermelha.

Repórter: Essa jovem que tem convivência com ele desde criança contou que Thiago, antes de virar vigilante, ficou desempregado e estava bebendo muito.

Vizinha II: Conversa com todo mundo só de cabeça baixa. Ele não conversava com ninguém. Só de cabeça baixa.

Repórter: Os avós que criaram Thiago desde pequeno moram nessa casa. Eles não quiseram atender nossa equipe. A dona Marinalva aluga a parte da frente do imóvel, onde funciona um bar. Ela disse que nem dormiu à noite, pensando em tudo que aconteceu

Vizinha III: A gente também é mãe. Fico pensando assim: coitada dessa mãe. Muito difícil.

Repórter: O Thiago morava junto com a mãe nesta casa, no Conjunto Vera Cruz II, há mais ou menos seis anos. Ele não era de muita conversa, segundo os vizinhos. Mas tinha um comportamento estranho. O vigilante costumava sair da garagem de moto, com o capacete, e ficar parado na rua acelerando, enquanto encarava as mulheres que passavam por aqui. Apesar disso, ninguém nunca desconfiou que ele pudesse ser o assassino em série.

Vizinho IV: Eu tinha uma namorada que ficava com medo. E aí é claro que eu vou tirar satisfação com uma pessoa que fica encarando a minha namorada. Só que não, não, que ele era estranho. Que não era ‘pra’ mexer com esse tipo de pessoa.

Repórter: A casa amanheceu vazia. A informação é de que a mãe de Thiago, por medo de vingança, se mudou para outro bairro.

Vizinho V: Parece que tiraram, a princípio, todos os móveis que deram conta de levar em um carro e uma carretinha. Não sei se levou todos os móveis porque eu entrei em casa e fiquei quieto ‘pra’... ‘pra’ não causar briga.

Apresentador: Bom, mudando de assunto. ‘Pra’ falar de esporte, ‘tá’ aqui o Cesar Rezende.

Apresentador do Globo Esporte (substituto): O Goiás venceu ontem, mas não foi o suficiente ‘pra’ seguir em frente na Copa Sulamericana. O Goiás está fora, apesar do bom público ontem no Serra Dourada. E vamos ver como é que foi essa eliminação do Goiás nos pênaltis.

[entra VT com off]

Apresentador do Globo Esporte (substituto): O ideal seria vencer por dois gols de diferença, mas no máximo que o Goiás conseguiu foi devolver o placar de 1 a 0 no tempo normal, com gol de Érico, aos 19 minutos do primeiro tempo. A vaga foi definida nas cobranças de pênalti. Tiago Mendes, Bolanhos e Lima marcaram. Pena do Emelec que tentou colocar, mas acertou o travessão. O Goiás tinha chance de aumentar a vantagem, mas o goleiro defendeu a cobrança de Bruno Mineiro. Após uma nova sequência de acertos, o zagueiro Pedro Henrique errou e Rimenes fez o gol da vitória do Emelec nos pênaltis por 6 a 5. E assim, o Goiás se despediu da Copa Sulamericana.

[encerra o VT]

Apresentador do Globo Esporte (substituto): E o técnico Ricardo Drupi disse que teve a parcela de culpa dele nessa eliminação do Goiás, porque se o time vinha jogando bem no Campeonato Brasileiro, com Tiago Real na lateral direita, por quê que não manteve o time dessa forma? Ele voltou a improvisar o Felipe Macedo na lateral, que é zagueiro, não tem jogado bem nessa função. E ontem, mais uma vez, ele substituiu o Davi é...ali no segundo tempo e é um jogador que fez falta na hora de decidir nas penalidades.

Apresentador: Mais detalhes...

Apresentador do Globo Esporte (substituto): Com a Thaís Freitas no Globo Esporte. Já 'tá' prontinha e vem aí o Globo Esporte com muito mais.

Apresentador: Até já Thaís.

Apresentador: Boa tarde 'pra' você.

Apresentador do Globo Esporte (substituto): Boa tarde.

Apresentadora: Até amanhã.

DATA DA EDIÇÃO: 21 de outubro de 2015

TEMPO DA EDIÇÃO: 43'27''

Apresentador: O abastecimento de água em Goiás está ficando cada dia mais crítico. Torneira seca, pouca água 'pra' beber, cozinhar, tomar banho. Tem gente aí percorrendo quilômetros para conseguir um pouco, um pouquinho de água. Pois é, né, e o Ministério Público está de olho nessa dificuldade que muitas famílias estão enfrentando. O que será que está acontecendo? É só mesmo a estiagem ou também faltou planejamento 'pra' enfrentar essa época de seca?

Moradora sem água I: Pode faltar tudo, menos a água.

Moradora sem água II: Todo ano é desse jeito. Todo ano.

Entregador de água: E entregando muita água. Até lá no meu serviço 'tá' sem água.

Apresentador: Postos dão mais um susto no consumidor. Olha só 'pra' quanto foi o etanol. Atenção estudantes. Estamos com vocês no ENEM. Entre as dicas de hoje: como aproveitar cada minuto da prova. Chutar ou deixar a questão em branco? Hoje é quarta-feira, 21 de outubro. Estamos chegando 'pra' você começar a sua tarde muito bem informada com a gente. (ESCALADA)

Apresentador: Os dias passam e a vida de moradores da Grande Goiânia e de algumas regiões do estado vai ficando mais difícil por causa da falta de água. Olha, a repórter Karla Izumi deu um giro hoje de manhã em Aparecida para ouvir os moradores que acionaram sabe o quê? O nosso QVT 'pra' reclamar 'pra' gente que estão na seca.

Repórter: Na casa da dona Antônia, que fica na Vila Alzira, tem muita roupa suja acumulada. Só que a lavadora de roupa 'tá' sendo usada 'pra' outra coisa. É aqui que ela armazena a pouca água que chega da rua. Na geladeira, olha só o tantinho de água que tem 'pra' beber.

Moradora de Aparecida I: Minha 'fia' vem 'pra' mim pedindo água e às vezes 'num' tem.

Repórter: Nem 'pra' beber?

Moradora de Aparecida I: Às vezes ‘num’ tem nem ‘pra’ beber.

Repórter: No setor Satélite São Luiz, já tem é tempo que as torneiras estão secas. Água aqui, só se for assim, viu?! Armazenada em baldes e galões. Tem morador aqui que percorre quilômetros ‘pra’ buscar água na casa de parentes e amigos. Já são 8 dias assim. E o pessoal aqui não está nada satisfeito.

[grupo de moradores grita “queremos água”]

Moradora de Aparecida I: Fico revoltada. ‘Proque’ eu fico enchendo litrinho de garrafa, sabe, sem dar conta. Hoje até passando cola em garrafão lá ‘pra’ pegar água lá ‘pra cima’ da Mabel. Isso ‘né’ vida não.

Moradora de Aparecida II: Todo ano é desse jeito. Todo ano.

Repórter: A dona Creusa deixa a torneira sempre ligada, na esperança de qualquer hora dessas conseguir encher um balde.

Moradora de Aparecida III: Sair uma gotinha de água lá e eu ver. Mas infelizmente não ‘tá’ saindo. Nada, nada.

Repórter: E quando o morador liga ‘pra’ Saneago: [entra chamada no modo viva voz]

Atendente da Saneago: Eu busquei no meu sistema e não localizei essa informação de falta de água ‘pra’ esse bairro. [encerra chamada]

Repórter: Aí você pensa: não tem água ‘pra’ cozinhar, beber. O jeito é comprar.

Entregador de água: E entregando muita água. Até lá no meu serviço ‘tá’ sem água.

Repórter: Até onde entrega a água ‘tá’ sem água?

Entregador de água: ‘Tá’ sem água. Dá ‘pra’ entender isso?!

Apresentador: Pois é gente. E afinal de contas: por quê que ‘tá’ faltando água? É o calor que ‘tá’ secando os rios? Faltaram aí investimentos por parte do governo? A gente até ‘tá’ aqui com o promotor Julian Barros Júnior, que é da área de meio ambiente, da Promotoria de Meio Ambiente aqui em Goiânia. Promotor, obrigado por ter vindo conversar com a gente sobre esse assunto. Qual que é a perspectiva do senhor em relação a essa situação que a gente ‘tá’ vivenciando agora aqui na capital? É um ponto...é uma situação pontual ou realmente isso chama a atenção das autoridades, da própria população ‘pra’ conseguir tentar uma solução ‘pra’ isso?

Promotor: Primeiramente boa tarde. Boa tarde a todos. É inegável que nós estamos vivendo, vivenciando a relação de causa e efeito, né?! No caso específico, nós podemos perceber que uma lei que foi criada em 1997, que é a Lei de Política Nacional de Recursos Hídricos, até hoje carece de ser implementada. Diversos instrumentos dessa legislação ainda não foram postos em prática e isso sem sombra de dúvidas tem trazidos reflexos na questão da disponibilidade hídrica, principalmente na Região Metropolitana de Goiânia. A lei ela mudou um pouco a visão que se tinha sobre a água. A água antes era um bem infinito. Hoje não. Hoje a lei determina que a água seja um bem finito e com valor econômico e esse valor econômico serve ‘pra quê’? Justamente para poder demonstrar à coletividade a necessidade de você incluir a água como um instrumento econômico, dentro de um desenvolvimento de uma região.

Apresentador: Mas e aí promotor, as pessoas, elas querem pagar. Mas mesmo assim elas dizem que...né, nós como consumidores pagamos pela água, só que essa água não chega. Ela não ‘tá’ lá na torneira.

Promotor: Em realidade, o que nós temos de pagamento de água feito até hoje é somente do serviço público de transporte da água e tratamento e disponibilização ao consumidor. O que nós estamos falando é do pagamento da água definido pelo Comitê de Bacia... que esse valor é feito no mundo inteiro e esse valor, ao ser repassado ao fundo, esse fundo custeará ações de recuperação e de manutenção e compensação aos proprietários rurais para que eles possam ser os primeiros guardiões da proteção das águas, no bom uso do solo rural nas propriedades rurais.

Apresentador: Na visão do senhor, o quê que ‘tá’ acontecendo? A gente ‘tá’ começando a receber algumas denúncias, reclamação do pessoal com falta d’água, mas na visão do Ministério Público, qual é a causa disso?

Promotor: Sem sombra de dúvidas, nós estamos diante de um processo climático extremo e incomum na região. Mas, a necessidade maior é que se implementem os instrumentos de gestão da água com a implantação do Comitê de Bacias, com a Gestão por Bacia Hidrográfica e com a recuperação do solo rural nas áreas de capitação de água. ‘Pra quê’?! ‘Pra’ que a água, quando o período chuvoso vier, essa água possa ter condições de infiltrar e recarregar o lençol freático e, com isso, fazer com que cursos d’água que hoje não estão perenes, estão intermitentes, voltem a ser perenes.

Apresentador: ‘Tá’ ok, doutor Julian. Obrigado pelo senhor ter vindo conversar com a gente sobre isso. Esse é um tema que ‘tá’ lá assim, acho que ‘tá’ lá entre os principais tópicos para a população, ‘pra’ sociedade ter que discutir a questão da água. E daqui a pouquinho a gente vai falar com a Saneago ao vivo. E você quer mandar uma pergunta? O superintendente de comunicação da Saneago vai estar aqui com a gente no estúdio, então você pode mandar uma pergunta, avisar que ‘tá’ faltando água aí na sua região, no seu setor, na sua rua. Pode mandar mensagem ‘pra’ gente ‘pro’ QVT ou ‘pro’ nosso e-mail que ‘tá’ aberto esperando então você se comunicar com a gente no ja1@tvanhanguera.com.br Mas no meio dessa dificuldade toda, o Jornal Anhanguera quer lançar um desafio ‘pra’ você que ‘tá’ aí acompanhando a gente. Temos que usar água com consciência, né pessoal?! Nada de desperdício. E falando nisso, olha só o que a Marina flagrou no setor Bueno aqui em Goiânia. Rodou.

[entra conteúdo colaborativo com o seguinte áudio: “Aqui ó: desperdício de água em ‘num’ tempo desse. ‘Num’ calorão desse, o povo desperdiçando água. Abriram aqui e deixaram aberto. Só ‘tá’ descendo água e tem mais de uma hora já.”]

Apresentador: Esse aí é um vazamento, um flagrante que foi feito no setor Garavelo, aqui entre Goiânia e Aparecida, ali no Garavelo. Realmente uma imagem que chama atenção, porque se ‘tá’ faltando água como é que deixam essa água vazar?! Mas a gente tem também a imagem que eu falei, de uma telespectadora que mandou ‘pra’ gente a imagem de um flagrante de uma pessoa lavando uma calçada. A gente pode ver agora pessoal? Então vamos ver essa imagem então que a nossa telespectadora do setor Bueno mandou ‘pra’ gente e vamos ver o que ela diz. [entra novo conteúdo colaborativo com o seguinte áudio: Avenida T 5, setor Bueno, Goiânia. Vários dias faltando água e mais de uma hora lavando a calçada e isso é toda semana.]

Apresentador: Marina ‘tá’ ‘braba’ mesmo. Afinal de contas estão desperdiçando água ‘numa’ época que a gente tem que economizar bastante, viu?! Então a gente vai voltar a falar dessa falta de água. Vamos saber daqui a pouquinho como ‘tá’ o rodízio. Gente, o que ‘tá’ acontecendo em Catalão e Anápolis? Essas duas cidades tiveram que anunciar um rodízio: um bairro tem água, o outro não. Aí no dia seguinte, troca, né?! O que não tinha água tem água. Aí ‘tá’ todo mundo tendo que se virar, se preparar, arrumar um balde...também um tambor. A situação ‘tá’ complicada. Daqui a pouquinho a gente vai

mostrar isso ‘pra’ vocês. Tem também entrevista com o representante da Saneago, que eu disse, né?! Que ele vai responder ‘pra’ gente aqui o que é que ‘tá’ acontecendo, o quê que foi, é só mesmo essa questão climática? Tem também uma questão de planejamento ou não? A Saneago não sabia que isso poderia acontecer? Pois é. Daqui a pouquinho então a gente conversa sobre isso.

Apresentador: E eu não sei se você viu, mas hoje bem cedinho aqui em Goiânia, uma fumaça tomou conta de boa parte da cidade. Tudo isso por causa de um incêndio no Jardim Botânico, na região sul de Goiânia. O fogo na mata começou ontem à noite. A gente até já mostrou um pedacinho aqui no Jornal Anhanguera, também já o que aconteceu com esse fogo. Ontem, aliás, bem mais cedo, isso também começou. Tinham focos de incêndio ali no Jardim Botânico. Com esse tempo seco toda a situação piorou. Ficou mais difícil ainda ‘pras’ pessoas poderem respirar na manhã de hoje.

[entra conteúdo colaborativo com off do Fábio]

Apresentador: Nós recebemos muitos QVTs de moradores da região, principalmente do setor Pedro Ludovico reclamando que não dormiram à noite por causa da fumaça. O Péricles Oliveira fez essas imagens ontem à noite, por volta das 9 horas. Na Avenida Contorno, no bairro Santo Antônio, perto de uma faculdade. O fogo alto na mata e os carros passando bem perto chamam atenção.

[entra novo conteúdo colaborativo também com off de Fábio]

Apresentador: Domércio Cristão nos mandou esse vídeo que gravou hoje cedo. Do alto dá ‘pra’ ver que a fumaça toma conta do Jardim Botânico, no setor Santo Antônio.

[entra novo conteúdo colaborativo também com off de Fábio]

Apresentador: O Darci Júnior fez essas fotos da janela do apartamento hoje cedo, também no setor Pedro Ludovico. Uma camada de fumaça cobre o Jardim Botânico e região.

[entra novo conteúdo colaborativo também com off de Fábio]

Apresentador: O Fabiano Oliveira também mandou essas fotos. Ele conta que o fogo durou a noite inteira.

[entram imagens feitas pela emissora, também com off de Fábio]

Apresentador: Nessas imagens do nosso flash link, no Bom dia Goiás, na Alameda Contorno. Na baixada do Jardim Botânico vários focos de incêndio. De acordo com o Corpo de Bombeiros, o incêndio de ontem foi próximo à nascente do Córrego Botafogo. Hoje, o fogo foi mais perto da Primeira Radial, ali no setor Pedro Ludovico. Os bombeiros não conseguiram chegar com o carro próximo às chamas e tiveram que usar bombas de água, abafadores e ferramentas para controlar o fogo que atingiu parte da mata. O trabalho durou mais de uma hora.

Repórter: Tem perigo de voltar a pegar fogo por causa do tempo seco?

Representante do Corpo de Bombeiros: Tem. Infelizmente tem porque o tempo está muito seco, a umidade está muito baixa e as temperaturas estão muito altas, né?! E a folhagem está muito seca.

Apresentador: Pois é. E a gente recebeu a informação agora de que os bombeiros continuam lá no Jardim Botânico fazendo rescaldo ‘pra’ evitar novos focos de incêndio.

[entra vinheta do quadro ENEM 2015]

Apresentador: Pois é, pessoal. O ENEM está chegando e milhares de estudantes participando do ENEM Express, promovido pela Secretaria Estadual de Educação, lá no Ginásio Rio Vermelho, ‘pros’ alunos de escolas públicas. E quem está lá acompanhando todo mundo é a Thaís Luquese. E Thaís, explica aí ‘pra’ gente como está a expectativa dos alunos, como é que funciona esse ‘aulão’ aí e será que isso aí até te ajudou a relembrar os tempos de escola também, alguma matéria, alguma disciplina de escola?

Repórter: Nossa, demais, viu Fábio?! Boa tarde ‘pra’ você. Boa tarde ‘pra’ todo mundo. Acho que a época do ENEM é época de tensão, né?! E é isso que esses alunos aqui da Escola Pedro Xavier Teixeira ‘tão’ sentindo, né?! Foram 3 mil e 500 alunos que participaram desse aulão, das 8 da manhã até o meio dia e essa é uma das escolas que vieram aí participar dessa aula. Foi aula de Português, de Matemática, Química, Biologia e vamos saber: Você está querendo o que de vestibular?

Estudante I: Direito.

Repórter: Como é que foi esse ‘aulão’? Você acha que deu para relembrar muita coisa que você tinha esquecido?

Estudante I: Deu. Deu para revisar o conteúdo que eu aprendi no ano todo.

Repórter: Aprender não dá?

Estudante I: Não. É mais revisar mesmo com dicas e música.

Repórter: Bom, a gente tem uma aluna, que é a Rhana, que quer um dos cursos mais disputados: medicina. Como que ‘tá’ o seu coração ‘pro’ fim de semana?

Estudante II: ‘Tá’ bem tenso. A tensão ‘tá’ demais.

Repórter: O que você achou do aulão? Acha que realmente foi produtivo?

Estudante II: Foi sim. Eles deram bastante dicas... de como a gente se alimentar, se preparar. Foi bem importante.

Repórter: Em relação ao conteúdo. Deu ‘pra’ aprender?

Estudante II: Não. Aprender não tem como. É muito em cima. Mas deu ‘pra’ gente revisar.

Repórter: Foi uma motivação aí ‘pra’ esse pessoal que tem essa batalha de exercícios ‘pra’ fazer no final de semana. A gente vai conversar agora com o subsecretário aqui de Goiás, Marcelo Oliveira. Marcelo, a gente tem um probleminha aqui com o pessoal da escola estadual. Teve greve. Foram quase dois meses aí que muitos alunos, esses não, mas muitos alunos ficaram sem aula. Esses alunos vão ser prejudicados? O que a Secretaria fez para evitar que eles realmente percam algum conteúdo ‘pra’ prova?

Subsecretário: Olha, os impactos negativos de uma greve na aprendizagem são reais, mas a Secretaria buscou minimizá-los propondo uma reposição que priorizasse os alunos do terceiro ano do Ensino Médio.

Repórter: Bom, então a prova é no próximo fim de semana e o pessoal aqui que participou do ‘aulão’, olha só, tem uma dica para todo mundo que está em casa, que eles aprenderam e reforçaram aqui no ‘aulão’. Vamos lá ensinar ‘pra’ todo mundo, gente?

Estudantes [cantando]: 1, 2, 3 3, 2, 1 tudo sobre 2 A raiz vai no 3 e também no 2. A tangente é diferente, veja só vocês. Raiz de 3 sobre 3, 1 raiz de 3.

Repórter: ‘Aê’ pessoal. Agora é ficar calmo ‘pra’ conseguir.

Apresentador: Muito legal, Thaís. Travou aqui. Deu probleminha no sinal, mas o pessoal deu o recado. ‘Brigado’, Thaís. ‘Brigado’, pessoal.

[Entra a vinheta do “Apitou, começou”]

Apresentador: Cesar Rezende aqui com a gente e o Dani Sérgio, lá do Goiás, que substitui o Neto, ‘tá’ acreditando ainda, né?!

Apresentador do Globo Esporte (substituto): ‘Tá’ acreditando. Não jogou a toalha ainda não. Boa tarde, né?! O Dani Sérgio se apresentou e comandou o novo treino ontem. Preparador físico efetivado como treinador foi bem recebido pelos jogadores do Goiás. Sinal que o ambiente que não era bom já deu uma mudada. Olha só essa imagem aí, ó. [entra VT com imagens] Ele abraçado pelos jogadores, depois comandou o treino. Mas trabalhado de treinador só é avaliado de acordo com o resultado do jogo, né?! Se ele vencer, com certeza vai sair aplaudido pela torcida. Agora, se não vencer, aí o time já pode ir dando adeus a essa esperança de permanecer na série A do Campeonato Brasileiro. E os ingressos para o jogo do Cruzeiro no domingo. Diretoria tentando levar o torcedor ‘pra’ ajudar aí nessa batalha para escapar do rebaixamento, baixou os preços dos ingressos. Ingressos de 20 e 10 reais. Os ingressos já custaram entre 80 e 40 reais aí nos últimos jogos. Então, esses preços foram reduzidos para que o público aumente. Pelo menos essa é a intenção, né?! Agora, se o time empolgar, aí nos próximos jogos, se esse preço baixo for mantido, aí a tendência é ‘pra’ que tenhamos um grande público no próximo jogo contra o Internacional. Nesse, já tem a tendência de aumentar o número de torcedores. E por falar em torcedor, é... O estacionamento do Serra Dourada [entra VT com imagens do Serra Dourada] vai ser pago a partir de janeiro. Teve uma licitação, uma empresa ganhou. Aí é realizado também um ‘feirão’ de automóveis no final de semana e a partir de janeiro, em torno de 5 reais o valor do estacionamento do Serra Dourada. A ideia é de que o torcedor tenha mais conforto e segurança.

Apresentador: Pois é. ‘Tá’ difícil, né, ‘pra’ arrumar estacionamento. Agora só pagando mesmo pela cidade toda.

Apresentador do Globo Esporte (substituto): Se os espetáculos forem bons, é claro que o torcedor não vai reclamar de preço de estacionamento, nem de ingresso. Nada disso.

Apresentador: Mas eu tenho certeza, sabe Cesar, que o torcedor pode reclamar do preço do combustível, viu?! E olha, esse é um assunto ‘pro’ próximo bloco. Daqui a pouquinho, o etanol, sabe quê que aconteceu? Subiu de novo. Dá ‘pra’ acreditar? E você vai saber porquê. O que é que os postos estão dizendo, o que as usinas também estão dizendo em relação a isso. E claro, a gente foi atrás do Procon, que está sempre de olho nos preços dos combustíveis. Será que tem alinhamento aí, hein gente? Será? A gente volta a falar de ENEM também, porque o ENEM ‘tá’ chegando e hoje vamos entender como é feita a correção da prova, a pontuação dos candidatos. Tem dicas preciosas para você aproveitar o seu tempo na prova. É logo depois dos comerciais.

Telespectador mirim: Quero mandar um beijo para minha família e minha mãe e meu pai e quero dizer que o Jornal Anhanguera volta já. (conteúdo colaborativo)

Apresentador: Bom gente, meio dia e 22. Vamos dar uma olhadinha aqui agora no nosso flash link, [entra imagens do IML] que a gente está com imagens do IML, em Goiânia, ali na região da Cidade Jardim e a gente ‘tá’ acompanhando a família de um taxista moto em Trindade, provavelmente vítima de latrocínio, que é roubo seguido de morte. A Polícia acredita que ele foi assassinado depois de ser roubado pelo autor do crime. A vítima, a imagem agora sumiu, a gente ‘tá’ com um probleminha no sinal. Mas a vítima é o taxista Valteir Aparecido Nunes. O corpo dele foi encontrado dentro do táxi em Aparecida, hoje

de manhã. E segundo a Polícia, que já ‘tá’ investigando esse caso, ele foi morto a facadas e teve os bolsos também remexidos.

[entra vinheta do quadro “Não tá fácil pra ninguém”]

Apresentador: Pois é, né?! Um susto hoje que o consumidor levou na hora de chegar no posto de combustível e pedir lá ‘pra’ abastecer, né, ‘pra’ encher o tanque, quem tem dinheiro ‘pra’ isso. Bom, gasolina e álcool subiram de novo e realmente não ‘tá’ fácil ‘pra’ ninguém. ‘Vamo’ conferir.

Repórter: Movimento fraco hoje de manhã em vários postos de Goiânia. Em alguns locais, os frentistas contaram que a procura chegou a cair quase 50%. E a explicação ‘pra’ isso está aqui ó: no preço do etanol, 2 e 69. Gasolina 3 e 69. Ontem aqui neste mesmo posto, a gasolina custava 3 e 37 e o etanol 2 e 17. Aumento de mais de 50 centavos em cada litro de álcool. O motorista levou um susto quando viu esse preço.

Motorista I: Eu assustei que eu não tinha reparado o preço, porque eu tenho costume de abastecer aqui sempre. Até quando a gente vai ficar desse jeito? Por que o consumidor não aguenta mais.

Motorista II: Não. Aumenta tudo, né?! Isso aí, todos os governantes já ‘sabe’ disso. É bem ciente do que ‘tá’ acontecendo hoje no nosso país.

Repórter: Desde o início do mês, o sobe-desce no valor do combustível tem deixado os motoristas irritados. Dia 5 de outubro o etanol custava 2 e 57 e a gasolina 3 e 57. Na semana passada baixou. O etanol podia ser encontrado a 2 e 17 e a gasolina a 3 e 39.

Motorista III: Não tem nem 5 dias. Eu ‘tive’ aqui, tava 2 e 17. Saí de longe ‘pra’ ‘vim’ abastecer aqui ‘pra’ dar preferência, chego aqui ‘tá’ 2 e 69.

Repórter: Uma pesquisa feita por um centro de estudos da Universidade de São Paulo mostrou que, em Goiás, o etanol foi vendido a 1 e 13 na usina, no dia 25 de setembro. No dia 2 deste mês, subiu ‘pra’ 1 e 26. No dia 9, foi ‘pra’ 1 e 33 e mantém esse valor até hoje. São quase duas semanas sem reajuste. O motorista não entende o porquê tem que pagar esse preço nas bombas.

Motorista IV: Mas que ‘tá’ difícil, ‘tá’. Muito difícil.

Repórter: O Sindicato dos Postos de Combustíveis não quis comentar. Informou que cada empresário é livre para colocar o preço que quiser, de acordo com o que gasta. Mas o consumidor não ‘tá’ nada satisfeito e não consegue encontrar uma forma de economizar combustível. Nesse ‘calorão’, não dá nem ‘pra’ desligar o ar condicionado, né ‘seu’ Estevão?

Motorista IV: Já ‘tá’ difícil, ainda desliga o ar, ou seja, uma zona de conforto a menos. Felizmente tem, mas ‘tá’ difícil.

Apresentador: É, ‘tá’ difícil. ‘Tá’ difícil mesmo, viu?! A gente ‘tá’ recebendo mensagem aqui, olha. O Rafael dizendo o seguinte: “Não aguentamos mais esses aumentos dos preços dos combustíveis.” Outra mensagem que a gente recebeu do Léo Barbosa: “Alguém sabe explicar por que que o etanol ontem ‘tava’ 2 e 19 e hoje foi ‘pra’ esse preço aí que a Danila mostrou, 2 e 69, um aumento de 23%?” Ele ‘tá’ pedindo explicações aí das autoridades. Bom, o Procon informou que realiza monitoramentos periódicos dos preços dos combustíveis da capital e que até agora não há indícios de nenhuma prática abusiva como o alinhamento de preço, por exemplo. Mas aí nessa hora fica aquela dúvida, né?! O que que compensa mais: gasolina ou etanol? ‘Tá’ na hora de fazer uma matemática aqui no “Não tá fácil pra ninguém”. Aí os matemáticos, os especialistas sempre pedem

‘pra’ gente fazer aquela continha, né?! Divide o preço do etanol com o preço da gasolina. Eu já me adiantei aqui. Peguei o peço da gasolina: 3 e 69 etanol: 2 e 69. Se for menos...se o resultado dessa conta aqui, gente, for menor que 0,70, aí compensa abastecer com etanol. Mas se for maior que 0,70, aí você tem que abastecer, pedir lá ‘pro’ frentista abastecer com gasolina. Então o resultado alguém sabe fazer essa conta de cabeça, gente?! Eu não sou professor de matemática não. Alguém sabe? O Neto aqui no estúdio fez. Deu quanto? 0...ah, mas ele fez com a calculadora. Até eu. Até eu. O resultado é esse aqui, ó gente: 0,72. Vai aparecer um monte de ‘numerozinhos’, se você fizer na sua calculadora. Mas como deu esse resultado, dividindo 2 e 69 por 3 e 69, 0,72, isso quer dizer que agora, nesse momento, ‘tá’ melhor aí, compensa mais...você vai ter um desempenho maior no seu veículo, se você abastecer com gasolina, viu gente?!

Apresentador: Hora de homenagear Goiânia pelos 82 anos da nossa capital. ‘Vamo’ ver agora então a paixão dos nossos telespectadores por Goiânia. Rodou.

[entra VT com fotos enviadas por telespectadores com off e uma música de fundo]

Apresentador [em off]: O vovô Luiz gosta de levar os netos Ester e Pedro ‘pra’ passear no Parque Vaca Brava, um dos cartões postais de Goiânia. O Maycon e o Danilo também gostam de ir ao Vaca Brava. Outro parque bom ‘pra’ descansar e se divertir é o Flamboyant. Foi lá que a Sara e a amiga tiraram essa foto aí e ela diz que o bom da vida é ser goiano. É bom demais. O Renato escolheu uma foto tirada com o filho Lorenzo Luca, de 4 anos, no Parque Flamboyant, ‘pra’ parabenizar Goiânia pelo aniversário. A Cleudia Madalena mora no Alto da Glória e mandou fotos de locais diferentes da cidade. Olha só o que ela contou ‘pra’ gente. Ela disse que ama tudo em Goiânia, até o calor. É amor demais, né?! Quando o sol brilha, a cidade fica mais bonita.

Apresentador: Pois é, você também pode homenagear Goiânia, gravar um vídeo, mandar a foto. O pessoal ‘tá’ preferindo mandar foto, mas pode mandar vídeo também. Nosso aplicativo ‘tá’ lá ‘pra’ você, o QVT, ou então o e-mail o jal@tvanhanguera.com.br.

Apresentador: E você acompanha depois dos comerciais a crise da falta de água pelo estado. A gente tem uma entrevista ao vivo aqui no estúdio com o representante da Saneago. Pode ter rodízio em Goiânia também, hein?! Será que isso pode acontecer aqui na capital? ‘Vamo’ perguntar ‘pra’ ele daqui a pouquinho. E a gente volta a falar do ENEM. Chutar ou deixar em branco? Como aproveitar melhor o tempo da prova? É logo depois dos comerciais.

Apresentador: Pois é gente. ‘Vamo’ começar agora uma rodada ‘pra’ mostrar a situação da falta de água em várias regiões: na capital, na Região Metropolitana e no interior do estado. Agora eu vou chamar a Karla Izumi, que ela ‘tá’ ‘numa’ escola em Aparecida de Goiânia que ‘tá’ sofrendo com esse problema de falta de água. Como é que estão as aulas aí, Karla? Boa tarde.

Repórter: Oi Fábio. Boa tarde ‘pra’ você. Boa tarde a todos. Olha, a água aqui na escola ela vai e volta, vai e volta. Não dá tempo de encher a caixa d’água. Então todo os alunos que estudam aqui, cerca de 200 alunos, ficam sempre prejudicados. Quem ‘tá’ aqui comigo é a diretora aqui da escola. Muito boa tarde para você, Elisângela. Os alunos estão sofrendo com essa falta de água, né?!

Diretora da escola: É. A falta d’água é uma realidade. Estamos todos sofrendo sim.

Repórter: O que tem sido feito para os alunos para evitar esse tipo de situação aqui?

Diretora da escola: Trabalhar com a questão da economia, da redução do consumo, do desperdício e estamos enfrentando com criatividade também. Mas estamos sofrendo. As

crianças trazem água de casa. Algumas faltam aula porque não têm água em casa às vezes ‘pro’ próprio banho, não é mesmo?! Cada criança tem a sua garrafinha, tem contribuído. As famílias também têm usado a criatividade ‘pra’ trazer as crianças à escola. Não deixar que faltem água. Mas a escola padece com isso, né?! Com a questão da higiene, da manutenção, da limpeza, do atendimento aos banheiros. Então a gente precisa tomar providências ‘pra’ não suspender as aulas, né?! E contamos com a sensibilidade dos nossos governantes.

Repórter: Você estava me dizendo que os bebedouros não têm água gelada, não dá tempo de chegar e as crianças reclamam muito disso, né?!

Diretora da escola: Sim. Vem chegando a água rapidinho e já passa pelo bebedouro e não dá tempo daquela água gelar, né?! E as crianças precisam disso, não é?! Então eles querem uma água legal.

Repórter: Muito obrigada pela participação. E olha Fábio, só ‘pra’ gente voltar, ‘tá’ vendo aquela piscina que ‘tá’ ali no fundo? O pessoal aqui da escola teve que usar a água que ‘tá’ dentro dela para limpar a escola, para as crianças virem estudar. Não tem outro jeito. Não ‘tá’ fácil mesmo por aqui, viu?!

Apresentador: É verdade, viu Karla?! Obrigado. Agora ‘vamo’ lá ‘pra’ Catalão, no sudeste do estado. A gente ‘tá’ com o repórter Leandro. O repórter Leandro ‘tá’ lá porque Catalão ‘tá’ passando por uma situação que é criar um rodízio ‘pra’ abastecimento de água. E o Leandro Fernandes tem informações ‘pra’ gente sobre rodízio. Ele já ‘tá’ funcionando na cidade, Leandro? Boa tarde.

Repórter: Boa tarde, Fábio. Boa tarde ‘pra’ todo mundo que acompanha o Jornal Anhanguera. ‘Tá’ sim, viu?! O rodízio começou a funcionar ontem. Desde ontem, metade da cidade ficou sem água. Catalão foi dividido em dois grandes grupos. O primeiro grupo recebeu água normalmente ontem durante o dia todo e agora de manhã. O segundo grupo vai receber água hoje à tarde e amanhã o dia todo. É um rodízio por tempo indeterminado. Portanto, a cada um dia e meio é feita...é alternado o grupo, passando de um grupo para o outro e assim segue o rodízio até que a situação melhore aqui na cidade. Esse rodízio ‘tá’ sendo necessário porque o ribeirão que abastece Catalão ‘tá’ praticamente vazio.

[entra VT]

Repórter: Esse é o Ribeirão Samambaia, a principal fonte de abastecimento de água em Catalão. Mas com a falta de chuva, ele praticamente secou. A companhia municipal de água agora está fazendo bombeamento de um outro ribeirão, o Pari, que fica a 10 quilômetros da cidade. Só que a água que vem de lá é praticamente metade do necessário para abastecer todos os bairros. Resultado: Catalão entrou ontem num sistema de rodízio. A cidade foi dividida em duas partes. Cada parte vai receber água durante um dia e meio. E depois fica o mesmo período sem abastecimento. A dona Osmarina já começou até a guardar água em casa.

Moradora de Catalão I: A solução é essa. Estocar, senão vai ficar sem, né?! E guardar ‘pra’ ter ‘pra’ limpar casa, ‘pra’ dar uma descarga, né?!

Repórter: Os moradores de Catalão, é claro, não estão gostando nem um pouco deste racionamento, que não tem data ‘pra’ terminar.

Morador de Catalão II: Sem energia, dá ‘pra’ passar. Mas sem água não tem condições.

[encerra VT]

Apresentador: Pois é Leandro.

Repórter: Só ‘pra’ gente ter uma ideia...desculpa, Fábio.

Apresentador: Não, não. Pode falar. Pode falar. Continua. A situação está mesmo complicada em Catalão.

Repórter: Não, eu só ia complementar a informação aqui, Fábio, que o ribeirão que abastece a cidade, geralmente o Ribeirão Samambaia, a vazão de água chega a 220 litros por segundo. Ele secou, ‘tá’ puxando água do ribeirão auxiliar, e desse ribeirão auxiliar ‘tá’ vindo só 100 litros de água por segundo. Ou seja, menos da metade. É por isso que ‘tá’ esse racionamento na cidade. E a previsão é boa. Vem chuva por aí. No fim de semana pode chover em Catalão, o que melhora um pouco a situação, Fábio.

Apresentador: É. Vamos torcer ‘pra’ que isso aconteça, hein?! Muito obrigado, Leandro Fernandes, ao vivo de Catalão falando desse rodízio. Agora Leandro, sabe qual cidade também ‘tá’ passando por essa situação? Anápolis, viu?! Vamos lá agora conversar com a Priscila Maçal, que tem informações ‘pra’ gente...pra contar então como ‘tá’ acontecendo isso. A Priscila, que inclusive fez um giro lá, pela cidade, por Anápolis, ‘pra’ mostrar e tentar entender como é que ‘tá’ funcionando esse rodízio aí.

Repórter: Pois é, Fábio. Boa tarde. Boa tarde a todos. Aqui em Anápolis o rodízio não está funcionando. Na verdade, funciona sim na hora de cortar a água. A água acaba certinho no horário previsto pela Saneago. O problema é na hora da água voltar. Hoje pela manhã, nós recebemos várias reclamações aqui na redação de telespectadores que estão esperando a água voltar desde ontem ao meio dia e até agora estão desabastecidos. E esse problema da falta de água gera vários constrangimentos aqui na cidade, como nós mostramos ontem no Jornal Anhanguera. Tem escolas liberando os alunos mais cedo por falta da água. As donas de casa nem se fala, né?! Estão enfrentando aí esse problema há cinco dias, seis. Em alguns locais chega a uma semana sem água. E ‘pra’ piorar, agora até a rede pública de saúde, está sofrendo com a falta d’água. Dez postos aqui na cidade estão desabastecidos e isso está prejudicando aí os atendimentos. Confira na reportagem.

[entra VT]

Apresentador [em voz off]: Das 42 unidades, 9 estão totalmente sem água. Nem água ‘pra’ beber tem mais.

Profissional de um dos postos: Nem ‘pra’ matar a sede, hoje mesmo não foi possível. Os pacientes ficaram aqui no período da tarde, esse calor, sem água ‘pra’ beber.

Apresentador [em voz off]: Nesse outro posto, quem procurou ajuda foi orientado a procurar outra unidade. A Gislaine não quis perder a viagem. Trouxe água de casa para a enfermeira lavar as mãos.

Repórter: Desse jeito não ia conseguir...

Moradora da cidade de Anápolis: Voltar outro dia, né?!

Apresentador [em voz off]: Tem morador da cidade que espera a água chegar a 3, 4 dias. O resultado deste problema é o aumento no consumo de água mineral. A procura aumentou cerca de 80%. Resultado: já falta água mineral na cidade.

Vendedor de água mineral: O estoque que a gente tem não consegue distribuir ‘pra’ todo mundo que liga pedindo. Muitas vezes a gente tem que falar que não tem ou a pessoa compra pequena de 500 ML, porque não leva da outra. Não tem da outra.

[encerra TV]

Apresentador: Pois é, né?! Então a Priscila Maçal contando ‘pra’ gente, mostrando ‘pra’ gente como está a situação da falta de água em Anápolis. E a gente ‘tá’ aqui com o Luiz Novo, que é superintendente de comunicação da Saneago. E ele ‘tá’ aqui ‘pra’ responder as nossas dúvidas em relação ao que ‘tá’ acontecendo, né Luiz?! Bom, primeiramente, acho que tem que responder aquela questão ali de Anápolis, né, que anunciou esse rodízio, mas os moradores estão dizendo que esse rodízio ele não ‘tá’ acontecendo como o anunciado. O que pode ‘tá’ ocorrendo lá?

Superintendente de comunicação da Saneago: Anápolis, Fábio, nós implantamos o rodízio a partir de ontem, ‘tá’?! Então pode ser algum problema de adequação. O grande problema em Anápolis hoje é falta de água no manancial, ‘tá’?! Ou seja, nós temos captação de...nós estamos trabalhando com cerca de 30% da capacidade de produção. Não tem água no manancial. E não tem água no manancial por questão de uso irregular.

Apresentador: Como é que combate isso?

Superintendente de comunicação da Saneago: Nós estamos trabalhando junto com a SECIMA, Secretaria de Cidade e Meio Ambiente, ‘pra’ fazer uma varredura acima da nossa captação. A gente tem flagrado, infelizmente, produtos que estão acabando de plantar, plantando nesse momento, com a crise de estiagem que nós ‘tamos’, o pessoal plantando e aguando a terra nua ainda.

Apresentador: Hein Luiz, eu tive lá ontem em Anápolis e até fui conversar com a família da dona Maria Helena Goulart que ‘tá’ sem água desde o comecinho da semana. Vamos ver o que eles contaram ‘pra’ gente. Rodou.

[entra VT]

Moradora de Anápolis: Pois é. ‘Quato’ horas e nada ó, de água. Disse que ia voltar ontem 8 horas e até agora não. ‘Num’ voltou e nem sei que horas vai voltar hoje. E agora nós ‘rumou’ esse tambor, ó. Quando a água chegar, vai encher, né?! Porque ‘num’ sabia, né?!

Apresentador: Num sabia o quê?

Moradora de Anápolis: Que ia faltar água esses ‘dia’ tudo. ‘Num’ ‘tava’ sabendo. ‘Tá’ vazio. Agora hoje nós ‘vamo’ encher.

Apresentador: Da próxima vez que a água vier, a senhora vai encher o tanque?

Moradora de Anápolis: Vou encher esse trem aqui, né?! E nós ‘tá’ pegando água aqui no vizinho, lá na chácara, no vizinho.

Apresentador: Como é que tem sido ‘pra’ senhora esses dias sem água?

Moradora de Anápolis: Nossa, difícil demais ‘pra’ tomar banho, lavar vasilha. Muito difícil, né?! O neto, eu tive que ‘banhar’ ele “de litro”. Esquentei a água, coloquei no tambor, né?! E fui tomar “banho de litro”, né João?! Foi ‘pra’ escola, veio mais cedo porque não tem água em lugar nenhum desse setor...como é que é?! Central aqui...

Apresentador: Como é que você chama?

Neto da moradora de Anápolis: João Paulo.

Apresentador: João Paulo, por que que você veio mais cedo?

Neto da moradora de Anápolis: É por falta da água.

Apresentador: Ah, então aí a escola liberou vocês?

Neto da moradora de Anápolis: Aham.

Apresentador: E não tinha água ‘pra’ beber?

Neto da moradora de Anápolis: A água tinha pouco.

Moradora de Anápolis: É porque lá faltou água ‘pros’ vasos...as crianças usam muito então ‘num’ tem água, tem que ‘vim’ embora mais cedo, né?!

Apresentador: A senhora já tinha visto faltar tanta água como agora?

Neto da moradora de Anápolis: Não. Assim esse tempo todo, não. Agora disse que ‘tá’ em recesso mesmo porque as ‘água’ ‘tá’ muito pouco.

Apresentador: Que importância a água tem ‘pra’ senhora?

Neto da moradora de Anápolis: Nossa. Água é vida ‘pra’ nós. Ninguém ‘veve’. Pode faltar tudo, menos a água, né?! Alimento, você pode comer um pão, fazer um bolo, né?! E a água é tudo.

[encerra VT]

Apresentador: Pois é, Luiz. Enquanto ‘tá’ faltando água ‘pra’ muita gente, olha só o desperdício, outro desperdício. Dessa vez o registro é também de Anápolis. A Sandra flagrou ‘pra’ gente, lá no Parque Ipiranga e mandou. Vamos ver. (34’32’)

[entra VT com imagens e fala da moradora]

Moradora de Anápolis: Olha ‘pra’ onde ‘tá’ indo a nossa água tratada...molhando praça. Absurdo. ‘A lá’ a menina se lavando lá, ó, na água.

[encerra VT]

Apresentador: Pois é, agora todo mundo também faz a seguinte pergunta, né?! E Goiânia, como é que ‘tá’ nessa situação toda? Há um risco da capital...a gente já tem em Anápolis, Catalão, há um risco de Goiânia também passar por essa situação? Aparecida de Goiânia também ter rodízio?

Superintendente de comunicação da Saneago: Só ‘pra’ falar. Ali necessariamente é...um esguicho de água tratada, ‘tá’?! Normalmente as prefeituras ‘cê’ tem, as prefeituras têm, alguma questão de irrigação que é utilizado...as vezes até água de reuso, ‘tá’?! Então não é necessariamente água tratada. Ali em Anápolis, Fábio, eu volto a falar: a situação é muito crítica. Nós precisamos do envolvimento de toda sociedade ‘pra’ solucionar o problema lá.

Apresentador: E Goiânia e Aparecida? Há o risco também de... [ele é interrompido pelo superintendente].

Superintendente de comunicação da Saneago: Goiânia e Aparecida.

Apresentador: Há o risco também de a gente ter uma situação semelhante ao que ‘tá’ acontecendo em Anápolis e Catalão, de rodízio?

Superintendente de comunicação da Saneago: Nós não trabalhamos com essa hipótese ainda por quê? Toda noite a gente tem a recuperação dos reservatórios. Então a gente tem um problema no final da tarde, os reservatórios esvaziam. A gente faz um controle, eu tenho aqui até online o sistema com os reservatórios, ‘tá’?! Agora, por exemplo, o Reservatório Serrinha, o Reservatório Cruzeiro estão com nível. Então esses bairros de Aparecida nesse momento eles estão sendo plenamente abastecidos. O que a gente também precisa ter em consideração, Fábio, eu vou te pedir licença aqui, é que nem toda

falta d'água é responsabilidade do sistema de abastecimento. Ontem aquele exemplo que vocês mostraram no Setor dos Afonsos, aquele edifício, né?!

Apresentador: Sei.

Superintendente de comunicação da Saneago: Nós tivemos lá e constatamos que o condomínio desativou o reservatório inferior e sem o reservatório inferior você não consegue bombear água 'pra' cima. Então, toda edificação que tenha até superior a 7 metros de altura, ela precisa ter o reservatório inferior.

Apresentador: Mas a gente tem notado assim que tem chegado mais reclamações da Região Metropolitana de Aparecida de Goiânia. O quê que 'tá' acontecendo em Aparecida?

Superintendente de comunicação da Saneago: Porque nós estamos com dificuldades aqui no reservatório Serrinha, que manda água 'pra' outros reservatórios aqui de Aparecida.

Apresentador: Então não faltou um planejamento? Não se pensou nisso, em até ampliar esse reservatório?

Superintendente de comunicação da Saneago: Fábio, é questão puramente de excesso de consumo. Nós 'tamos' com um consumo desproporcional em função desse calor que nós estamos passando, né?! 'Pra' níveis de consumo normal, nós estamos, nós estaríamos plenamente abastecidos para esse momento. Nós estamos realmente com um consumo muito elevado em função do calor de mais de 40 graus. Nossa temperatura, a umidade do ar 'tá' baixando cada vez mais. Ontem nós estávamos com 9%...[ele é interrompido pelo Fábio]

Apresentador: Porque muitos moradores dizem que isso está acontecendo, que isso está se repetindo, que em outros anos isso também aconteceu. Não seria melhor repensar um pouco a dimensão da rede, até tentar ampliá-la para que isso não ocorra em períodos de estiagem? Rapidinho porque o nosso tempo acabou.

Superintendente de comunicação da Saneago: Fábio, nós temos que levar em consideração o seguinte. Se a gente comparar com anos anteriores, esse ano nós estamos com um período de estiagem muito maior e nós estamos tendo um nível de problema muito menor, né?! Nós estamos tendo pequenos momentos de desabastecimento. Então a gente tem que tomar cuidado 'pra' não criar um monstro maior, uma crise maior do que ela é efetivamente.

Apresentador: Mas a gente fica assustado quando vê, por exemplo, Anápolis, que o tamanho de Anápolis, que estão vivenciando esse rodízio. Catalão também. A gente recebeu reclamações. Eu tenho um monte de e-mails aqui de gente preocupada e... [ele é interrompido pelo superintendente]

Superintendente de comunicação da Saneago: O que nós precisamos, Fábio...

Apresentador: ...informando que não tem água, que acabou a água na torneira, Luiz.

Superintendente de comunicação da Saneago: O que nós precisamos é sensibilizar as pessoas. Hoje pela manhã, levando a minha filha 'pra' escola às 7 e pouco da manhã, uma pessoa lavando calçada, como vocês mostraram agora pouco. Não dá mais. Essa água que é usada falta 'pra' quem 'tá' numa ponta de rede.

Apresentador: 'Tá' ok, Luiz. A gente vai continuar discutindo esse assunto. Parece que esse tema vai render ainda muita reportagem 'pra' gente. Obrigada por você ter vindo conversar com a gente.

Superintendente de comunicação da Saneago: A Saneago está sempre à disposição.

Apresentador: E também deixa eu agradecer também aos telespectadores que mandaram muitas mensagens ‘pra’ gente também, informando nossa produção onde é que ‘tá’ faltando água, viu, aqui na capital, na Região Metropolitana e também no interior.

Apresentador: A gente vai ‘pra’ um rápido intervalo e a seguir tem dicas preciosas ‘pra’ quem vai fazer o Enem. Como é que é feita a correção da prova. O que fazer, né, quando você não tem certeza da resposta. Como é que você faz ‘pra’ controlar o tempo. Até já.

Apresentador: Bom e a 3 dias das provas do ENEM, o Exame Nacional do Ensino Médio, é grande a expectativa dos estudantes que vão fazer o teste. Você que é um deles, será que você ‘tá’ preparado? Sabe como administrar cada minuto da prova ‘pra’ não perder tempo e deixar questões em branco? E nas dicas de hoje, então, vamos mostrar também quais são as regras do concurso na hora que o pessoal vai lá corrigir a sua prova.

Repórter: Na biblioteca do Colégio Liceu de Goiânia, quem dita o ritmo da leitura é o fenômeno do ENEM.

Educadora do Colégio Liceu de Goiânia: Os alunos ficam assim, aproveitando o máximo do tempo. Querem ler tudo. Ler conto, ler crônica, ler os assuntos atuais.

Estudante I: Estou estudando e buscando algo mais, porque o ENEM vai ser a base ‘pra’ quando a gente chegar no terceiro ano, a gente desenvolver melhor essa prova que muda nossa vida.

Estudante II: ‘Pra’ mim, eu tenho minhas metas pessoais com o Enem esse ano. Então, sim, essa nota é muito importante desde agora.

Repórter: Você sabe como funciona o sistema de correção do ENEM? Atenção aí pessoal. A aula sobre esse assunto já começou.

Professor: No ENEM, o critério, a correção é a TRI, Teoria de Resposta ao Item. Aqui tem um exemplo bem simples ‘pra’ gente poder ilustrar isso. Um candidato que acerta 4 questões e um outro candidato que também acerta 4 questões podem ter nota diferente. Isso pela possibilidade do candidato 1 ter acertado, por exemplo, as questões mais fáceis e o candidato 2 erra as mais fáceis e acerta as mais difíceis. Isso aqui caracteriza, segundo o ENEM, a coerência pedagógica. Esse candidato tem uma formação melhor do que este. Este aqui está caracterizando que ele chutou as questões, por isso ele acertou as mais difíceis e errou as mais fáceis. Logo, a nota dele é menor do que a do candidato número 1. O tempo é fundamental. Se você olhar aqui, nós temos no primeiro dia 4 horas e meia de prova. Em média, 3 minutos por questão. No segundo dia, 5 horas e meia de prova, uma hora a mais por causa da redação. Em média, 3 minutos. O tempo ‘tá’ esgotando, o candidato não terminou todas as questões, o ideal é que ele chute o que ele não fez. O INEP não penaliza o candidato. A nota pode ser menor, mas vale nota. Então a dica: não deixe questões em branco.

Repórter: Considerações sobre essa aula, não é o horário de verão que está atrapalhando o sono dos alunos.

Estudante III: ‘Tá’ tenso. Tudo por causa... ‘tá’ toda centrada no ENEM a preocupação.

Apresentador: ‘Tá’ aí.

Apresentador: Olha, antes de encerrar essa edição, vamos ver mais algumas homenagens à nossa querida Goiânia que completa 82 anos neste sábado.

[entra VT com fotos vindos de conteúdo colaborativo e off do Fábio]

Apresentador: Se você não conhece o lago do bairro Goiânia II, o Elis Nunes apresenta ‘pra’ gente. É lá que ele e a esposa Gisélia gostam de passear. Essa menininha linda aí é a Evelin. As fotos enviadas pelo Divino foram tiradas no Bosque dos Buritis, local muito bacana ‘pra’ levar a criançada. Boa dica, hein?! Essa é a vista que a Ângela tem quando abre a janela do apartamento do Alto da Glória e vê o Jardim Goiás. Ô Ângela, essa é a vista que muita gente gostaria de ter, viu?! E a Maria José também mandou uma foto feita pela filha Rosana do pôr-do-sol no setor Oeste. Momento ‘relax’ do casal Gil e Thaís no Parque Flamboyant. No lago, é possível ver muitos peixes. Careta e muita brincadeira, é na pracinha da T-25, que a Valentina de 5 anos se diverte. Se diverte muito! Um dos passeios mais divertidos que o Milton fez com o Bebel foi no Zoológico de Goiânia. O garotinho que adora pescar, se divertiu à beça vendo animais grandes e pequenos.

[encerra o VT]

Apresentador: Bom, e se você também quer mandar a sua mensagem, sua homenagem, o espaço ‘tá’ aberto aqui no Jornal Anhanguera. Grava um vídeo, tire uma foto no lugar que você mais gosta aqui na capital e mande ‘pro’ QVT ou então ‘pro’ e-mail ja1@tvhanguera.com.br. Até sábado você pode participar, viu?!

Apresentador: Olha, amanhã eu ‘tô’ de volta então. Agora tem Thaís Freitas no Globo Esporte. Vem Thaís. O melhor dessa tarde ‘pra’ você.

DATA DA EDIÇÃO: 19 de outubro de 2016

TEMPO DA EDIÇÃO: 46’03’’

Apresentadora: Olá, boa tarde. O Jornal Anhanguera já está no ar. E hoje você vai ver que um bandido, que tinha acabado de roubar um carro, acabou batendo o veículo contra um muro. Ele não conseguiu fazer uma curva. E uma criança de 7 anos morreu em um acidente grave em Goiânia. Ele estava no carro que foi atingido por um caminhão. Mais um CMEI arrombado. Dessa vez foi no setor Novo Planalto, aqui em Goiânia. É o sétimo caso só este mês. E você vai ver ainda a festa na escola que foi invadida e teve todos os presentes das crianças roubados. Isso na semana passada. Eles fizeram festa também como forma de protestar. A conta de luz deve ficar mais barata, acredita?! A partir de quando, eu te conto ainda hoje, porque o Jornal Anhanguera já está no ar. (ESCALADA)

Apresentadora: E veja só essa história. Um ladrão roubou um carro hoje cedo no Jardim Santo Antônio, perto do Jardim Botânico, aqui em Goiânia, mas na fuga ele bateu o carro no muro de uma casa.

Repórter: As câmeras de segurança registraram o roubo por volta de 8 horas da manhã. Pai e filho esperavam para entrar em uma casa, quando um homem de camiseta amarela chegou e deu voz de assalto. Ele se aproxima do dono do carro que está estacionado. Por um momento ele se recusa a entregar a chave. O bandido então aponta uma arma ‘pra’ cabeça da vítima, que entrega a chave. Ele ainda pega a mochila do outro homem. Testemunhas disseram que o suspeito disparou o revólver duas vezes. Ele deu uma volta, entrou no carro, voltou a apontar a arma para as vítimas e foi embora. Moradores contaram ao cinegrafista Eduardo Silva que o bandido não conseguiu fazer a curva ‘numa’ rua e bateu o carro no muro de uma casa. Logo depois do acidente, o bandido fugiu.

Apresentadora: Moradores do bairro, ali do Jardim Santo Antônio, não quiseram se identificar, mas mandaram mensagem ‘pra’ gente depois dessa situação aí falando que a

violência por lá está demais, terrível. Todos os dias acontece roubo em casas, roubo também de veículos e aí no seu bairro, hein?! Como está a situação? Inseguro também? Mande sua mensagem aqui também. É só usar o aplicativo QVT, o nosso e-mail ja1@tvnhanguera.com.br ou ainda o nosso WhatsApp 9 8564-8564 é o número para mensagens. Daqui a pouquinho a gente fala sobre esse assunto de novo, sobre insegurança.

Apresentadora: E depois de um longo período de seca, ontem choveu, e choveu forte aqui em Goiânia, né?! E como sempre acontecem nessas primeiras chuvas, muitos estragos. Olha só.

Repórter: No Parque Oeste Industrial a chuva foi forte. Os carros precisaram passar com cuidado ‘pra’ não derrapar. No setor Sudoeste, a água também cobrou a rua. Essa tenda que fica na porta de uma boate não resistiu ao vento e virou. No mesmo bairro, parte do asfalto foi arrancada por causa da enxurrada. Essa árvore caiu com a força da chuva e impediu a passagem dos carros na rua 1035, no setor Pedro Ludovico. Outras duas árvores que ficavam no canteiro central da Avenida Couto Magalhães, também no setor Pedro, caíram. Os galhos ficaram espalhados pela via e os carros precisaram ficar espalhados pela calçada.

Apresentadora: E olha, tem comunidade na bronca, querendo asfalto.

[entra a vinheta do JA Comunidade]

Apresentadora: Depois que a gente viu ali que parte do asfalto no setor sudoeste foi levado pela chuva, imagine só morar ‘num’ lugar que não tem asfalto também. A situação é muito precária, assim da mesma forma. Os moradores do Jardim Cascata, por exemplo, estão sofrendo agora. Quando é poeira, na seca, lama agora na chuva. O bairro existe há 20 anos. E o apelo do pessoal é por uma vida com mais qualidade. Não é isso Guilherme Mendes? ‘Poeirão’ aí, mas quando chove vira aquele lamaçal, né?! Boa tarde.

Repórter: Boa tarde, viu Lilian. Boa tarde a todos. E você imagina como é deixar a casa limpa, se no sol fica a poeira e na chuva aquela lama.

Apresentadora: Impossível, né?!

Repórter: Nós estamos aqui no cruzamento da C1, Marcílio mostra aqui, essa é a C1 com a C12. E a gente viu: não tem asfalto, aqui não tem asfalto. Essa rua aqui também não tem asfalto. E aqui ao longo da C12, ó lá: não tem asfalto. E aqui tem um agravante ainda, Lilian, que a gente vê que tem uma certa ladeira. E você imagina a enxurrada em dia de chuva, que vai levando tudo. Porque aqui além de não ter asfalto, não tem calçada, não tem esgoto, nem galeria pluvial e aí é bem complicado. Principalmente ‘pras’ casas que ficam lá em baixo, que ficam todas alagadas. E olha aí, ó: os moradores ligaram ‘pra’ gente ‘pra’ denunciar e, claro, nós viemos conferir e escutar essas reclamações todas, porque dá ‘pra’ imaginar que quando não é a chuva com a lama, essa poeira em tempo seco também prejudica bastante, né?

Morador I: É. É verdade. E o pessoal, a população daqui, completamente desassistida do poder público. A questão da poeira, a questão da falta de água, as crianças não têm nem lugar de ‘tá’ praticando algum esporte, nem nada. E eles totalmente desassistido mesmo.

Repórter: No caso assim, sair aqui em um carro com tanto buraco, sem estrutura alguma, final do mês prejuízo é certo, né?!

Morador II: Com certeza. Apesar de não ter asfalto aqui, a lama junta muito. Tem aproximadamente 16 anos que eu moro aqui no Jardim Cascata, né?! Eu quero deixar claro aqui que nós como moradores aqui não ‘tamos’ acusando nem uma gestão nem outra...[repórter interrompe ele]

Repórter: Não precisa. Se em 16 anos ‘tá’ sem asfalto, dá ‘pra’ ver que nenhum fez nada e o problema é grande. Inclusive ‘pra’ manter a casa limpa, né senhora?!

Moradora III: Com certeza. Com certeza é um sacrifício dobrado. Ainda tem o agravante da falta d’água.

Repórter: ‘Tá’ faltando água ainda.

Moradora III: Falta água. O Cascata tem um problema sério de falta d’água e, quando tem água, a nossa água é super encardida. Super suja, que não dá nem ‘pra’ consumo.

Repórter: Deixa eu ver uma coisa. No caso da senhora, a senhora também ‘tá’ com problema de água? ‘Tá’ ficando sem água algum tempo?

Moradora IV: Nossa, demais. Por exemplo, eu tenho que sair daqui 2 quilômetros com um tambor de 200 litros dentro do carro, de um ‘celtinha’ e ir no posto de gasolina, que eles cedem água ‘pra’ gente ‘pra’ tudo: ‘pra’ ‘banhar’, fazer comida, cuidar da casa.

Repórter: Se não for assim...

Moradora IV: Se não for assim não tem água. Água de rua não tem. Então assim, ‘tá’ difícil ‘pra’ gente. ‘Tá’ muito complicado.

Repórter: Dá ‘pra’ imaginar. E a ‘criançada’? Eu tô vendo que aqui tem bastante criança. Me diz uma coisa. Brincar com uma rua dessa, andar de skate, bicicleta, até jogar uma bola não tem como.

Morador V (criança): Não tem como. Aqui tem muita poeira, muita coisa aqui. Eu e meus amigos ‘vai’ na rua ‘pra’ jogar bola, aí machuca. Não tem jeito. Sem asfalto é ruim. Demais.

Repórter: Agora eu ‘tô’ vendo que ‘cê’ ‘tá’ com o uniforme da escola. Em dia de chuva, dá ‘pra’ ir ‘pra’ escola sem se sujar ou tem que meter o pé na lama e acaba se sujando tudo?

Morador VI (criança): Tem que meter o pé na lama.

Repórter: Que situação. Mãe, me diz uma coisa: enfrentar esse problemão 16 anos, ‘tá’ cada vez pior, né?!

Moradora VII: ‘Tá’ cada vez pior, piorando a nossa situação, porque a gente sai com as crianças aqui ‘limpa’, né, ‘pra’ ir ‘pra’ escola em dia de chuva e eles ‘chega’ lá todo cheio de lama. Entendeu? Nossa, fica muito difícil ‘pra’ sair com eles ‘pra’ ir pra’ escola. Complicado demais. Então a situação nossa aqui ‘tá’ crítica mesmo. Então é por isso que a gente ‘tá’ chamando a reportagem ‘pra’ eles dá uma olhada na situação, porque não é ‘d’agora’, entendeu?! O Cascata tem ‘pra’ mais de 25 anos. Olha a nossa situação. Eles têm que ter dó das crianças... [repórter interrompe]

Repórter: Dó não. Tem que ter respeito. Respeito com o cidadão.

Moradora VII: Respeito com o cidadão porque a gente paga imposto, gente. A gente ‘tá’ pagando imposto pelo IPTU aqui do asfalto. Então ‘tá’ constando que aqui nós estamos pagando pelo asfalto. Então cadê o asfalto? Cadê a água tratada? Cadê esgoto? Então

vamos olhar mesmo. Vamos ver respeito com a gente, por que a gente ‘tá’ fazendo papel de palhaço.

Repórter: Olha a gente viu aqui, né Lilian?! São várias reclamações...

Apresentadora: Mais de um problema, né?!

Repórter: É, são vários problemas. É asfalto, é falta de calçada, falta de esgoto que gera até problema de saúde e a gente vê que eles dizem que todos pagam os impostos. Estão pedindo nada mais do que respeito e dignidade, já que a parte, a obrigação de cada morador, ‘tá’ sendo feita. Bom, deixa eu até falar ‘pra’ eles que nós entramos em contato, viu pessoal, com a Secretaria de Infraestrutura aqui de Aparecida de Goiânia e eles disseram que existe um projeto que parte do bairro Cascata já foi asfaltada e que existe um projeto ‘pra’ asfaltar essa segunda etapa, que deve ser concluído até ano que vem. Eles disseram ainda que, no caso a Saneago disse a respeito da água, que vai ser feita já, a tubulação vai ser colocada só que deram um prazo de 3 anos. Esse foi o prazo que eles deram. A gente percebeu que os moradores não gostaram muito dessa resposta, obviamente porque três anos enfrentando esse problema ainda é complicado. A gente, claro, vai acompanhar, né Lilian, e espera que tudo se resolva o quanto antes. Que os moradores sejam respeitados e tenham essa condição digna de sobreviver, de viver, né Lilian?!

Apresentadora: Claro. Todo mundo precisa disso. Dignidade como você disse e respeito com a população. Guilherme, eu acabei de receber a informação aqui. Parece que a Saneago vai mandar uma outra resposta e a gente passa, repassa para os moradores aí do Jardim Cascata. ‘Brigada’ pelas suas informações. Eu quero agradecer aqui também a mensagem que nós recebemos do Tiago, telespectador do Jornal Anhanguera, porque ele ‘tá’ mandando aqui ó: agradecer a presença do Jornal Anhanguera ontem na Vila Brasília. O bairro estava sem água e depois da reportagem, da gente ter passado por lá...na Vila Brasília...eles ficaram sem água 4 dias. E logo depois da reportagem a água então voltou. Foi reestabelecida. A gente é que agradece, viu Tiago?! Você pode contar sempre com a presença aqui do Jornal Anhanguera. Nosso papel, gente, é mostrar e cobrar, ‘tá’?! Assim como no Jardim Cascata a gente vai fazer também, assim na Vila Brasília ontem o problema foi resolvido. ‘Pra’ participar, só mandar sua mensagem: QVT, e-mail ou WhatsApp.

[entra vinheta do JA contra o Mosquito]

Apresentadora: Você viu o Guilherme Mendes no Jardim Cascata e o Guilherme Mendes no comecinho da manhã de hoje foi até o setor Finsocial, onde a população está preocupada sabe com o quê? Com o mosquito transmissor de Dengue, Chikungunya e Zica. Só no caso de dengue, em Goiânia foram notificados quase 59 mil casos. Quase 59 mil pessoas ficaram com dengue esse ano aqui na capital. Aí vem o alerta, né?! ‘Cê’ viu o tanto que choveu ontem? O problema não pode piorar.

Repórter: Os moradores aqui da rua VF 18, do setor Finsocial, estão bem preocupados. E olha, eles têm motivos de sobra ‘pra’ isso, viu?! Vejam só como está esse terreno da rua. Que tal, hein?! Tem muita coisa jogada aqui

Morador I: É maderamento. Tem folha seca, que secou aqui, tem lata. Tudo que acumula água aqui dentro tem. Tem pneus, tem latas vazias.

Repórter: Uma das principais preocupações é quanto o mosquito *Aedes Aegypti*, o principal transmissor da Dengue, Zika e Febre Chikungunya. E todo mundo está cansado de escutar que basta qualquer recipiente que acumule água ‘pra’ ele se proliferar.

Moradora II: Tem uma família aí que são 5 dentro da casa, já teve 4 com Dengue.

Repórter: 10 de frente por 30 de fundo. São 300 metros quadrados de muito lixo e entulho. E detalhe, viu, o terreno já está nessa situação, segundo os moradores aqui da área, há pelo menos 35 anos. Neste tempo, várias reclamações foram feitas, só que até agora o terreno continua do mesmo jeito.

Morador III: Não acontece. Não acontece. Fica das coisa... da mesma coisa. O descaso é grande. O pessoal...a população estão adoecendo, criança adoecendo. Tem rato, tem cobra, tem tudo aí dentro.

Repórter: ‘Seu’ Heleno mora bem ao lado e é até um contraste gritante. O quintal dele é impecável, já o do vizinho ‘xiiii’.

Morador IV: Faço minha parte, né meu amigo?! Mas não é só eu fazer a parte, porque não resolve eu fazer a minha parte e o vizinho ou o de cima ou o de baixo... não fazer. Eu tenho a minha esposa, arrumei um casal de filhos e minha neta que mora comigo. Todos os dois pegou dengue ano passado. Agora já ‘tá’ começando a chuva de novo. E aí?

Apresentadora: Por isso tem que ficar todo mundo em alerta. Sobre essa reclamação dos moradores no terreno, nós entramos em contato com a Vigilância Sanitária e eles fizeram uma vistoria lá no local e é claro que na edição de hoje a gente vai trazer novas informações sobre o que deve ser feito ‘pra’ resolver esse problema. Lembrando que você pode mandar ‘pra’ gente o que tem feito aí na sua casa ‘pra’ evitar o mosquito *Aedes Aegypti*, hein?!

[entra vinheta do quadro “Eleições”]

Apresentadora: Veja agora os compromissos dos candidatos à prefeitura de Goiânia para essa quarta-feira. **[Voz off]:** Vanderlan Cardoso se reúne com lideranças da juventude no comitê que fica na Avenida Jamel Cecílio, às 8 da noite. Às 4 horas da tarde, Íris Rezende faz caminhada na região Sul, saindo do Jardim da Luz.

Apresentadora: Vamos falar de um acidente agora. O ex-governador de Goiás, Alcides Rodrigues dirigia uma caminhonete quando perdeu o controle da direção e saiu da pista. Isso foi ontem à noite na GO 210, entre Rio Verde e Santa Helena.

Repórter: O acidente foi nesse trecho da GO 2010. Pelas marcas da rodovia dá ‘pra’ ver que a caminhonete seguia de Rio Verde sentido Santa Helena. Na caminhonete estavam o ex-governador do estado, Alcides Rodrigues, que dirigira o veículo, e Moacir Pereira Vieira, de 69 anos. O ex-governador perdeu o controle da direção, saiu da pista e capotou. O passageiro ficou preso nas ferragens. Os dois foram atendidos pelo Corpo de Bombeiros e pelo SAMU. Tudo aconteceu por volta das de 10 e meia da noite. As vítimas foram levadas para o Hospital de Urgências da região Sudoeste, o URSO, de Santa Helena. A caminhonete ficou destruída.

Apresentadora: Alcides Rodrigues continua internado no hospital em Santa Helena. O Hospital disse que o quadro dele é estável e que passa bem. Já o passageiro Moacyr Pereira Vieira foi transferido para um outro hospital particular em Rio Verde. O estado de saúde dele não foi divulgado.

Apresentadora: E você vai ver a seguir. A Polícia Civil descobre um esquema de liberação de presos lá do presídio de Aparecida, com base em decisões judiciais e atestados médicos falsos.

Repórter: Por essa liberação irregular, havia até quem recebesse em troca favores sexuais.

Apresentadora: Mais um CMEI arrombado na Grande Goiânia. Dá ‘pra’ acreditar? Você vai ver um mapa do furto e de vandalismos em unidades escolares que prejudicam principalmente o aprendizado das crianças. Uma dessas unidades foi a Escola Cora Coralina, lembra? O Jornal Anhanguera mostrou o furto de brinquedos e hoje a escola conseguiu fazer uma grande festa com as doações e a generosidade aqui dos nossos telespectadores. E é com a generosidade que a gente conta hoje também, sabe por quê? Mãe e 5 filhos estão morando de favor numa garagem. Thaís Luquese.

Repórter: Pois é, Lilian. Eles foram despejados na semana passada e ‘tão’ morando de favor. Essa mãe essas crianças que vieram ‘pra’ casa de uma vizinha. Ela não sabe mais o que fazer. Eu vou contar essa história daqui a pouquinho ‘pra’ vocês.

Apresentadora: Combinado, Thaís. E a gente volta com essa história toda completa logo depois do intervalo. E o recado agora é da Ana Luíza, que vai chamar agora o próximo bloco. Vai aí, Lindinha.

[entra VT com conteúdo colaborativo]

Meu nome é Ana Luíza. Eu moro no Parque João Braz. O Jornal Anhanguera volta já.

[encerra o VT]

Apresentadora: De volta com o Jornal Anhanguera e agora meio dia e 17 minutos, sabe o que a gente vai falar? Futebol!!

[entra a vinheta do “Apitou, começou”]

Apresentadora: E vamos falar do Vila Nova, que o César Rezende falou tanto ontem no Jornal Anhanguera, que a expectativa estava boa para o jogo, mas não virou, né?! Boa tarde, César.

Apresentador do Globo Esporte (substituto): Boa tarde. Foi a famosa água no chopp, que o Havaí veio trazer aqui ‘pro’ Vila Nov, né?! Porque a torcida ‘tava’ comemorando. Aquela vitória de sábado em cima do Goiás, se ressurgia ali uma nova esperança e que o time pudesse entrar na briga ‘pra’ subir ‘pra’ série A do ano que vem.

Apresentadora: ‘Tava’ todo mundo nessa expectativa.

Apresentador do Globo Esporte (substituto): ...mas acabou perdendo. Acabou...perdeu de 2 a 1, o Vila Nova que saiu na frente, quer ver, vamos ver os gols. [cenas aparecem na TV] Aqui ó, na cobrança de escanteio foi lá o Moisés e fez de cabeça.

Apresentadora: Começou então vencendo o jogo?

Apresentador do Globo Esporte (substituto): Deu...começou com uma esperança muito boa, né, com esse gol. Finalzinho do primeiro tempo, uma escapada lá, o atacante do Havaí foi e acabou chegando sozinho ‘pra’ fazer o gol, né?! E o pior foi esse aí, ó: jogada de contra-ataque do Tatá. O atacante do Havaí escapou. O goleiro saiu muito mal nessa bola. E o Havaí fazendo 2 a 1 aos 46 minutos. Faltando 7 jogos agora, o Vila que tem 43 pontos, poderia até, matematicamente, chegar aos 64 pontos, que seria uma oportunidade ainda de subir. Mas teria que vencer todos os jogos. Aí ficaria muito difícil, né?!

Apresentadora: Uai, que tem fé César...

Apresentador do Globo Esporte (substituto): Agora tem que ter fé e time.

Apresentadora: Fé e futebol.

Apresentador do Globo Esporte (substituto):...e futebol ‘pra’ vencer. E esse aí seria um aproveitamento muito difícil, mas esperança que continua então com a torcida do Vila. Daqui a pouco tem Globo Esporte e vamos falar aqui do Goiás, do Atlético, goleada do Real Madri na Liga dos Campeões. Victor Andrade chega daqui a pouquinho.

Apresentadora: ‘Tá’ certo então. Obrigada César pela sua participação. Boa tarde.

Apresentadora: ‘E olha, ontem nós mostramos uma família do bairro Madre Germana II, com licença César, que o pai estava desempregado, lembra? Há 8 meses. E sem ter o que colocar em casa, com aluguel atrasado, a geladeira vazia. Hoje nós temos uma boa notícia. A ajuda que a família precisava finalmente chegou. Vamos ver.

Repórter: Fomos recebidos com um sorriso a mais aqui hoje. Era a alegria por essa pilha de comida. Tanta coisa que não coube nem no armário. A família recebeu 12 sacos de arroz, mais ovos, leite, óleo. Deu para lotar o canto da sala de tanta doação. A Denise e o Leandro ‘tavam’ vivendo da ajuda dos vizinhos. Então a única ajuda que eles tinham era esse tantinho de arroz aqui. Só que depois da reportagem, até a geladeira, né Denise, agora ‘tá’ lotada. O quê que vocês ganharam?

Beneficiada I: Uai. Ganhamos o ‘iogurt’, ganhamos verduras, furtas, sucos, ‘mantêga’, ovos, carnes.

Repórter: A Renata Costa esteve aqui ontem e contou a história da família ao vivo no Jornal Anhanguera. A Débora veio do Maranhão com a família, mas a mãe morreu há dois anos. O Leandro veio do Pará atrás de trabalho. Ele é pedreiro. Terminou uma obra em setembro do ano passado e até hoje não conseguiu outro emprego. Com três filhos em casa, ‘tava’ difícil viver.

Beneficiada I: Assim, o que me doía mesmo era na alimentação das crianças. Deles ‘pedir’ e não ter ‘pra’ dar. Mas agora com a repercussão, as ligações não param. [o celular toca] Mais?

Beneficiada I: Oi. [ela atende o celular] Ligação de doações de dinheiro.

Repórter: Já vai dar ‘pra’ pagar 4 contas atrasadas.

Beneficiado II: Sensação de alívio... que ‘tava’ um peso assim nas costas. E devendo tanto e não ter nada ‘pra’ se alimentar. Não ter alimentação em casa, ‘tá’ bem pesado.

Repórter: E hoje de manhã, mais gente veio oferecer ajuda. E essa era talvez a mais esperada.

Doador: A gente vai ‘tá’ juntando uma grana com eles ‘pra’ pagar os três meses de aluguel ‘pra’ vocês e vai te conceder uma vaga ‘pra’ trabalhar com a gente lá, na obra que a gente ‘tá’ iniciando, ‘tá’ tocando agora.

Apresentadora: E a gente fica aqui na torcida, Leandro e família, para que essa oportunidade, esse trabalho nessa reforma seja só a primeira empreitada aí. Que daqui ‘pra’ frente você não fique mais desempregado e consiga manter com dignidade a sua família. E você viu a Thaís Luquese esteve na casa do Leandro e agora ela está ao vivo aqui com a gente porque nós recebemos um novo pedido de ajuda. A Deusete, moradora do Jardim Dom Fernando II ligou ‘pra’ nós porque viu mãe e 5 filhos na rua ontem debaixo de chuva. Ela levou a família então pra casa dela e eles estão alojados na garagem, onde cabe, pelo menos por enquanto. E todo mundo, claro, precisando de ajuda.

Repórter: Pois é, Lilian. É uma história ainda mais triste. Boa tarde ‘pra’ você. Boa tarde a todos. A família é a da Irene. Ela e as crianças estão todas aqui nessa casa e antes de conversar com ela, eu gostaria de mostrar onde eles estão ficando. É exatamente nesse

espaço da garagem, na entrada da casa, onde estão os móveis aqui dela. Fogão, armário, a cama, televisão, caixa, ‘tá’ tudo aqui. Tudo improvisado. E as crianças e ela estão todos dormindo aqui. Os filhos dela tem entre 1 aninho e 12 anos. Todo mundo passando por muita dificuldade. Eu vou chegar aqui pertinho ‘pra’ conversar com a Irene. Irene, o problema...você ficou desempregada, trabalhava como doméstica, e aí não pode pagar o aluguel, né?!

Mãe das crianças: Foi.

Repórter: E aí o que aconteceu? A pessoa acabou te despejando? Conta ‘pra’ mim a sua história.

Mãe das crianças: Eu ‘tava’ devendo o aluguel, né?! 3 meses de aluguel, água e energia, né?! Aí a mulher pediu o barracão. Aí a gente acabou indo ‘pra’ rua. Aí o ‘seu’ Antônio e a dona Dete deixou a gente ficar aqui na área.

Repórter: E você ‘tá’ aqui há quantos dias?

Mãe das crianças: Já ‘tô’ há uma semana.

Repórter: E como é que está sendo ‘pra’ vocês?

Mãe das crianças: ‘Tá’ sendo difícil, né?!

Repórter: O que você precisa?

Mãe das crianças: A gente precisa ‘dum’ lugar ‘pra’ morar.

Repórter: Como é que está sendo ‘pra’ você?

Mãe das crianças: Difícil.

Repórter: Você fazer um apelo para o pessoal de casa...

Mãe das crianças: A quem puder me ajudar, né?!

Repórter: Seus filhos, como estão nessa situação? Eles estão dormindo como ali?

Mãe das crianças: É... à noite a gente empurra os ‘trem’, né?! E coloca o colchão aqui.

Repórter: Dorme todo mundo na mesma cama?

Mãe das crianças: É, que a cama dos ‘minino’ ‘quebrou’.

Repórter: Você tem uma mocinha de 12 anos também. Ela não quis aparecer, né, ‘tá’ com vergonha, inclusive, ‘pra’ ela está sendo mais difícil, né?!

Mãe das crianças: É verdade.

Repórter: O quê que ela fala ‘pra’ você?

Mãe das crianças: Que ela fica com vergonha, né, porque os coleguinhas dela ‘fica’ rindo dela, dessa situação.

Repórter: Pois é. A gente se sensibiliza muito com essa situação, com a história da Irene. A gente vai conversar com a Deusete, que foi quem cedeu esse espaço ‘pra’ ela ficar. Ela é vizinha aqui. Você viu a situação dela na rua e acabou trazendo ela ‘pra’ cá?

Dona da casa: Foi, Trouxe ela ‘pra’ cá, porque ‘num’ podia deixar ela com essas ‘criança’ na rua.

Repórter: Você encontrou ela como?

Dona da casa: Como? Eu trouxe ela de carroça...nas costas os ‘trem’, com carrinho de mão. Aí depois ‘pus’ ela aí até Deus ajudar que ela ‘arruma’ um lugar ‘pra’ ela. Por que como é que eu ia deixar ela na rua com esses ‘minino’? Aí eu ‘tava’ dando comida, porque ‘cê’ sabe, eu tenho problema de saúde né?! Mas aí eu não posso ficar com esse povo nas minhas costas, porque meu dinheiro é pouco. Só dá ‘pros’ meus remédios mesmo.

Repórter: Parabéns pela sua iniciativa. A gente ‘tá’ aqui ‘pra’ mostrar a história da Irene e, Lilian, tem uma situação que quando eu cheguei aqui, que eu fiquei ainda mais comovida, que é a da filhinha dela: a Duda. Ela ‘tá’ com um problema dentário, Lilian. Aí quando eu cheguei aqui ela não parava de chorar de dor no dente. A mãe disse que ‘tá’ desde a semana passada tentando tratamento no postinho de saúde e não tem dentista, né?!

Mãe das crianças: Tem não. Diz que tem mais de 3 meses que o dentista ‘tá’ de licença.

Repórter: Ou seja, falta tudo aqui, né?! Ela se acalmou agora. A gente fica até um pouco emocionada, Lilian, porque ela ‘tava’ chorando muito de dor. Eu vi o dentinho dela. O dentinho dela ‘tá’ bem pretinho. Inclusive, a gente não sabe exatamente o que ela tem porque nem passou pelo dentista ‘pra’ saber. Mas a família está precisando de tudo. Está precisando de tratamento dentário, está precisando de moradia, está precisando de emprego. A Irene, inclusive, tem problema de saúde, problema no coração. Inclusive, a gente pede a colaboração de todo mundo. Eu entrei em contato com um grupo de dentistas daqui de Goiânia, passei a foto da Duda. A gente já conseguiu esse tratamento dentário ‘pra’ tratar a dorzinha que ela ‘tá’ e a gente pede que as pessoas colaborem aí com essa família que está passando tanta dificuldade, Lilian.

Apresentadora: Vamos sim. O telefone já está no vídeo 3250-1325 e eu quero reforçar também e agradecer a iniciativa da dona Deusete, que abrigou essa família que, como você mostrou aí, está ‘numa’ situação muito crítica. 3250-1325 é o telefone da produção aqui do Jornal Anhanguera. Se você tiver como, de alguma forma, ajudar essa mãe que tem 5 filhos e não tem mais onde morar, acabou ficando desempregada, é só entrar em contato aqui com a gente que a gente passa também o contato dessa família. ‘Tá’ bom?

Apresentadora: Meio dia e 27 minutos. Logo depois do intervalo comercial, vamos falar de um acidente em que um carro e um caminhão, que tirou a vida de uma criança de 7 anos. E moradores do local, ali da região reclamam da falta de sinalização nesse bairro. Você vai ver ainda que mais um CMEI foi arrombado na madrugada de hoje. E nós vamos trazer um mapa do vandalismo em unidades escolares aqui da Grande Goiânia, logo depois do intervalo.

Apresentadora: ‘Um grave acidente de trânsito, no Residencial Rio Verde, aqui em Goiânia, resultou na morte da vida de um menino de apenas 7 anos de idade. A batida foi entre um carro e um caminhão.

Repórter: O carro estava ocupado por três pessoas. Quem dirigia era uma mulher de 25 anos, grávida de 5 meses. Ela tinha acabado de buscar o filho de 6 anos de idade e o Rodrigo da Silva Moura Filho, de 7 anos, que estava voltando de carona. A criança vinha sentada no banco de trás do carro e morreu minutos depois do acidente. Testemunhas disseram pra polícia que o caminhão vinha aqui pela Avenida Rita Caetano, no Residencial Rio Verde em Goiânia, quando nesse cruzamento atingiu o carro que vinha no sentido contrário. Com o impacto, os dois veículos foram parar ali no canteiro central. Os bombeiros foram acionados, mas quando a equipe chegou, uma das crianças já tinha morrido. O outro garoto de 6 anos foi encaminhado para o Hugol. A mãe dele que dirigia

o carro foi levada ‘pro’ Hugo. A Polícia disse que depois do acidente, o motorista do caminhão saiu do local da batida.

Representante da Polícia Civil: Nós que entramos em contato com ele. Ele alega que está recebendo atendimento médico e que irá se apresentar na delegacia.

Repórter: As causas do acidente ainda não foram esclarecidas e vão se investigadas pela Delegacia de Trânsito. Moradores da região ficaram abalados com a notícia da morte da criança. Eles reclamam da falta de sinalização nos cruzamentos do bairro.

Morador I: Além da falta de sinalização, tem a questão também da alta velocidade.

Morador II: Você não vai encontrar nadinha, porque aqui o setor está à mercê, porque não tem nada sinalizando. Sinalização ‘pra’ poder passar, ‘pra’ poder parar, seja o que for.

Repórter: A mãe de Rodrigo esteve no local do acidente. Ela disse para a Polícia que o filho faria 8 anos na semana que vem e que a festa já estava pronta.

Apresentadora: Triste, né? A motorista do carro, que está grávida, passou por cirurgia no HUGO e está na sala de recuperação. O filho dela de 6 anos está internado no HUGOL. O Hospital disse que o estado de saúde do menino é regular. O motorista do caminhão, Wanderley Pacheco da Silva, de 59 anos, se apresentou hoje à Delegacia de Trânsito e disse que estava em baixa velocidade, mais ou menos 30 quilômetros por hora e que a motorista do carro branco é que estava correndo. Vendo que o carro não ia parar no cruzamento, ele freou bruscamente e tentou jogar o caminhão ‘pra’ esquerda e acabou então batendo o peito no volante do caminhão. Você viu também o pessoal reclamando de falta de sinalização ali na região, né, do Residencial Rio Verde. Vamos agora ao vivo pra lá pra Avenida Rita Caetano. O repórter John William está lá. A gente viu na reportagem agora, da Mariana Pinheiro, John, as pessoas reclamando da sinalização, excesso de velocidade, aí no local. O que foi que você encontrou? Pelo que estou vendo, aí atrás de você não tem nenhuma faixa pintada no asfalto.

Repórter: Tem não, Lilian. Boa tarde ‘pra’ você. Boa tarde a todos. Nós estamos nas avenidas Rita Caetano cruzamento com Eli Forte, onde aconteceu o acidente. E como vocês podem ver, não tem sinalização na pista. E o que vocês estão vendo aí que parece uma fatia de pizza, né?! Com o perdão da redundância, era ‘pra’ ser uma rotatória redonda, mas não é. É uma espécie de fatia de pizza. A pessoa vem com o carro, ‘tá’ fazendo o contorno como vocês estão vendo a van, o outro carro preto, mas é pra ser uma rotatória aqui. Só que sem sinalização. Difícil saber de quem é a preferência, né Lilian?! Geralmente, você tem um sinal de pare ‘pra’ saber se você tem que parar ‘pro’ outro passar, não é isso?!

Apresentadora: Exatamente, o que a gente vê aí é que não tem nada, nem placa. Pelo menos ali naquele cruzamento, né?!

Repórter: A única placa que tem fica ali, ó. A gente ‘tá’ vendo, claro, a parte de trás da placa. Tem uma placa indicando velocidade e também uma indicando que é a rotatória. Mas não tem sinal de pare. Eu tô com um motorista aqui, qual é o seu nome?

Motorista I: Meu nome é James.

Repórter: Como é que faz quando chega aqui? De quem é a preferência?

Motorista I: Aqui não tem a preferência. Primeiro não tem a sinalização. Aqui ‘cê’ tem que esperar a paciência de alguém que para ou então você passar, por exemplo, devagar, porque se você ‘vinher’ veloz, o outro também vem e pode colidir. Igual ontem morreu

uma criança aqui, que é meu ‘vizim’. O rapaz lá é vizinho meu. Tem um depósito de material de construção aqui. Um acidente aqui que, não sabia se a caçamba ia parar, e ficou indeciso. Terminou no acidente.

Repórter: É uma tragédia. A gente até vai ver algumas imagens agora, Lilian. Uma imagem de câmera de circuito de vigilância de uma casa que mostra o carro, né, onde estava esse garoto de 7 anos vindo. Ele chega de uma vez, o veículo, e já encontra, já bate com o caminhão que estava descendo a pista a que cruza então com a Eli Forte. Nós vamos conversar agora com a comunidade que ‘tá’ aqui e os moradores, são vizinhos então o problema, né?! Tem muito acidente aqui mesmo?

Morador III: Vários dias aqui tem acidente. É constante aqui. Aqui ficou muito confuso, né, por ser uma fatia de pizza, o que seria uma rotatória. Todo mundo acha que tem a preferência. Não tem a sinalização correta e aí a gente espera que, na verdade, bom senso e boa vontade do outro, o que às vezes não acontece. É quando vem o acidente aí. E às vezes até com acidente fatal aí... com uma criança de 8 anos aí.

Repórter: Como aconteceu ontem, né?! O senhor também acha que tem que ter uma sinalização mais reforçada aqui?

Morador IV: Eu acredito que sim. Não basta que a prefeitura, que o poder público, entregue a obra. É preciso disciplinar, de fato, colocando além da...da marca de pare, que é um comando ‘pra’ o motorista parar e dar a preferência, colocar obstáculos tipo a lombada ‘pra’ limitar a velocidade de quem ‘tá’ passando aqui. Porque são duas avenidas em que o motorista vem em alta velocidade. E uma rotatória confusa. Ninguém sabe o que é isso, na verdade.

Repórter: É... é muito confusa. Eu tenho aqui até uma resposta da SMT, ô Lilian. A Secretaria Municipal de Trânsito mandou ‘pra’ cá uma equipe mais cedo. Até vou perguntar aqui a comunidade. Viu a equipe? Teve alguém da SMT aqui mesmo mais cedo?

Moradora V: Mais cedo? Não. Hoje não teve ninguém aqui não. Eu confundi. Mas gente, pelo amor de Deus, gente, autoridades, pelo amor de Deus, coloquem uma sinalização. Tem pessoas perdendo vida aqui, gente.

Repórter: Não pode continuar assim, né?! A SMT disse que mandou sim uma equipe aqui, Lilian, para verificar a situação e o que eles perceberam é que realmente a rotatória ‘tá’ de uma maneira que tem que ser reforçada a sinalização. Eles devem fazer isso. A gente até ‘tá’ vendo aí ao vivo o ônibus passando.

Apresentadora: Pois é. E enquanto você ‘tava’ conversando com o pessoal e o cinegrafista ‘tava’ mostrando o cruzamento, e a imagem parada no cruzamento, a gente viu o tempo inteiro que os carros não sabem realmente, os motoristas não sabem realmente quem tem que parar. Não tem uma placa, uma faixa, um nada. Isso não pode nem ser considerado uma rotatória, né, como você disse também no começo da sua participação, né John. A gente vê que todo mundo passa direto. A lá, ó, mais esse carro passou direto. O outro carro branco que ‘tá’ vindo ali, se vier mais um aqui abaixo do vídeo passa direto. Ninguém sabe quem para e quem segue ‘num’ lugar como esse. A SMT, desculpe John ter te interrompido, não deu pelo menos uma previsão de quando vai sinalizar esse cruzamento aí?

Repórter: Eles não deram uma previsão, uma data sobre isso. Só disseram que tem que ser feita aqui uma outra rotatória, em um outro ponto da avenida e fazendo com isso a redução da velocidade desses motoristas que descem ou que cruzam e que vem pela

Avenida Eli Forte e que também tem que ter um reforço na segurança. Eles vão avaliar isso, mas não deram uma data, um prazo de quando isso será feito.

Apresentadora: ‘Vamo’ continuar de olho, porque o que não dá é ‘pra’ mais um... mais alguém perder a vida como aconteceu com esse garotinho aí ontem, de 7 anos. Obrigada, viu John?! ‘Tá’ perigoso...perigosa essa situação ali no Residencial Rio Verde.

Apresentadora: E por falar em perigo, mais um CMEI foi arrombado esta noite aqui na capital. Quando os pais de alunos chegaram, quando os funcionários chegaram no CMEI Cantinho do Sabor, no setor Novo Planalto aqui em Goiânia, foram surpreendidos. E essa foi a sétima vez que unidades escolares...sétima vez que a gente noticia aqui no Jornal Anhanguera desde o dia 1º de outubro. ‘Vamo’ ver no mapa. [mapa e VT aparecem na tela de plasma com off] **Voz Off:** Na segunda-feira o CMEI Bairro Feliz foi arrombado pela segunda vez em uma semana. No mesmo dia, o CMEI Ana Barbosa da Costa, que fica no setor Santo André em Aparecida, também foi assaltado. No dia 14, o Colégio Estadual Olavo Bilac, no setor Aeroviário em Goiânia foi atacado por vândalos. E no dia das crianças, o alvo dos bandidos foi o CMEI Beija-flor II, no bairro São Carlos, também em Goiânia. Foram duas vezes na mesma semana. A Escola Municipal Cora Coralina, no bairro Florença em Aparecida, foi invadida por ladrões no dia 10 de outubro. E também no dia 10 teve furto no CMEI Jardim Social, em Goiânia. A aula foi suspensa porque assaltantes tiveram no local pela segunda vez somente nesse mês. [encerra o mapa e VT com off]

Apresentadora: Pois é, a gente sempre escuta isso, né?! Nunca é a primeira vez. O repórter Guilherme Mendes esteve hoje lá no CMEI arrombado no setor Novo Planalto. Vamos ver a reportagem.

Repórter: O dia hoje foi de aula normal. Os professores não quiseram repassar aos alunos o que aconteceu na madrugada. Aqui no CMEI ninguém quis gravar entrevista. Nós também não tivemos autorização para entrar e mostrar os estragos causados pelos arrombadores. Alguns funcionários contaram ‘pra’ gente que os assaltantes entraram justamente aqui por esse buraco no alambrado, que fica aqui bem em frente ao centro educacional. E lá do lado de dentro eles subiram no telhado, arrancaram algumas telhas e então invadido a cozinha. Essa foi a terceira vez só este ano que o CMEI foi alvo dos assaltantes. [entra conteúdo colaborativo] Estes vídeos mostram os buracos feitos pelos bandidos. Eles foram direto na dispensa da cozinha. Levaram vários alimentos. Depois abriram as duas geladeiras e roubaram carne e frango, comida que seria servida durante o mês para as crianças. Uma outra invasão aconteceu há menos de 20 dias. Os criminosos arrombaram os armários dos funcionários e levaram vários objetos.

Vizinho do CMEI I: Não tem segurança. É por isso. Porque se tivesse segurança no CMEI ou no Colégio... igual...no Colégio tem, né?! Mas mesmo assim ele ‘pula’ aqui.

Apresentadora: Vamos mais uma vez à resposta da Secretaria de Educação de Goiânia que vai repor a comida imediatamente e que já enviou equipe para consertar o que os ladrões estragaram. A Guarda Municipal prometeu reforçar o patrulhamento no CMEI Cantinho do Saber. A prefeitura de Goiânia disse que tem um projeto ‘pra’ instalar câmeras nas unidades escolares, mas não sabe quando isso vai ser feito.

[entra vinheta especial para homenagens ao aniversário de Goiânia]

Apresentadora: Momento de homenagens e muita gente tem feito homenagens à Goiânia, que completa 83 anos na semana que vem. [entra VT com imagens e off da Lilian] **Voz Off:** A Ângela Márcia e o Artur adoram passear no Jardim Botânico. A Geovana gosta de brincar no Oscar Niemeyer e comemorou o aniversário lá também. O

lugar preferido do Cauã é o Parque Mutirama. É também no Parque Mutirama que a Nilva volta a ser criança junto com os filhos e netos. O Warley e a Sara adoram levar o Max ‘pra’ passear no Parque Vaca Brava. [encerra VT]

Apresentadora: Mande sua foto também no seu lugar preferido aqui em Goiânia pelo e-mail QVT ou WhatsApp. E ó: a TV Anhanguera vai promover um festival de food truck para comemorar o aniversário de Goiânia. Vai ser no próximo domingo e também na segunda, no estacionamento aqui da TV, no setor Serrinha. O evento vai contar com os chefs goianos e o melhor da gastronomia de rua. E vão ter shows também, hein?! Então domingo, das 4 da tarde às 10 da noite. E na segunda, das 11 horas da manhã até às 10 da noite. ‘Tá’ todo mundo convidado.

Apresentadora: E agora a boa notícia. A conta de luz vai ficar 9 e meio por cento mais barata aqui em Goiás, acredita?! Mas os consumidores estão meio desconfiados dessa notícia.

Repórter: O Lianderson é publicitário. Fazendo o cálculo a gente descobre que a média de gastos da conta de luz estava só aumentando. Em 2015 ele chegou a pagar 46 centavos por KWH. Em abril desse ano, a média já estava em 1 real e 16 centavos. Só mesmo a redução do valor cobrado pela energia em Goiás para ele voltar a pagar menos.

Consumidor I: Mas a gente não pode relaxar não. Tem que tentar manter a mesma e gastar o mínimo possível ‘pra’ sobrar no final das contas do mês.

Repórter: A redução na conta de luz anunciada pela CELG é de quase 9% para as residências e de quase 11% para as indústrias. Os consumidores até se surpreenderam com a notícia e estão com um pé atrás.

Consumidora II: Eu ‘num’ sei não. Só depois que acontecer...que eu acredito.

Repórter: O consumidor vê essa redução com uma certa desconfiança porque acompanhou no ano passado uma série de aumentos. O reajuste acumulado chegou a 51% de acordo com a própria CELG. Mas para a Companhia, hoje, o cenário é diferente e que nos cálculos da empresa é possível oferecer essa redução na conta.

Representante da CELG: A população fez o dever de casa. Ela racionalizou o uso da energia elétrica, além da crise que nós estamos passando. Isso tudo reduziu o consumo de energia elétrica no país.

Consumidor III: Olha, ‘pra’ mim, se vier mesmo essa redução, significa muito.

Apresentadora: Tomara que venha, né?!

Apresentadora: E você vai ver a seguir. A Polícia descobre esquema que liberava presos com decisões judiciais e atestados médicos falsos. Logo depois do intervalo.

Apresentadora: O Jornal Anhanguera fala agora do esquema irregular de liberação de presos através de documentos falsos. Renata Costa.

Repórter: Com 134 mandados judiciais a serem cumpridos, a Polícia dividiu o trabalho entre delegacias. Para a de Repressão ao Crime Organizado foram levados o material apreendido e os documentos da operação. Na DEIC, durante toda manhã, chegaram os suspeitos de integrar o esquema criminoso de liberação de presos, entre eles funcionários públicos, advogados e detentos do Complexo Prisional. Foram cumpridos 63 mandados de prisão preventiva e temporária, 8 de condução coercitiva e foram também 63 mandados de busca e apreensão. O grupo liberava os presos falsificando os atestados médicos e decisões judiciais. E todos lucravam com o esquema. Desde o agente que recebia esse detento até o carcereiro, que era aquele que abonava as faltas dos que estavam no regime

semi-aberto e eram beneficiados. E, de acordo com a Polícia, nessa liberação irregular, havia até quem recebesse em troca favores sexuais. Representantes da OAB e do Sindicato de Agentes Penitenciários do Estado acompanharam a operação. Todos os presos fizeram exame de corpo de delito e foram encaminhados para a carceragem da Casa de Prisão Provisória.

Apresentadora: E a Polícia Civil confirmou agora pouco que são 52 presos. Entre eles advogados, servidores públicos, parentes de presos e foragidos.

Repórter: Em coletiva à imprensa, a Secretaria de Segurança Pública informou que 26 presos altamente perigosos foram beneficiados com esse esquema como traficantes e grandes assaltantes de banco. Eles teriam pago de 50 a 150 mil reais pelos documentos falsos que proporcionaram progressão de regime e, por fim, a transferência para o regime semiaberto, de onde fugiram. A operação investigou um período de um ano dentro do Complexo Prisional e os advogados foram apontados como peça-chave para o esquema.

Representante da Polícia Civil: Esses advogados, alvo da operação, eles faziam basicamente o intercâmbio entre esses presos e esses servidores corruptos.

Apresentadora: E olha, aconteceu agora a pouco a festinha do Dia das Crianças da Escola Municipal Cora Coralina, no bairro Florença em Aparecida. A Escola foi roubada na semana passada, dias antes da festa de Dia das Crianças. O caso foi mostrado aqui no Jornal Anhanguera e muita gente se mobilizou e ajudou com doações. E as crianças tiveram o sonho realizado.

Repórter: Nada mal nesse ‘calorão’ que refrescar ‘num’ futebol de sabão, hein?! ‘Pra’ suar um pouquinho, tem pula-pula, tobogã e uma turma de animadores voluntários.

Aluna da escola I: Hoje é um dia muito especial.

Aluna da escola II: ‘Tô’ gostando muito da festinha.

Repórter: Por quê?

Aluna da escola II: Por causa que ‘tá’ muito legal.

Repórter: Um final surpreendente ‘pra’ uma história que teve um capítulo triste. Um arrombamento na véspera da festa programada ‘pro’ dia das crianças. Tudo registrado pelas câmeras. Levou os brinquedos, TVs e um pouco da alegria dos estudantes. Antes do furto, a escola tinha conseguido arrecadar 250 brinquedos. Mas aqui tem 680 alunos. Quer dizer, ia ser preciso fazer um sorteio ‘pra’ distribuir. Mas aí vieram as doações, a solidariedade que encheu a biblioteca de brinquedos. E o resultado hoje, nessa festa, cada criança vai sair com um presente na mão. Não faltou nem bolo gigante, de 2 metros, 30 quilos. Com a multiplicação dos brinquedos, teve um número 6 vezes maior do número de bicicletas. Para concorrer, eles ainda ajudaram o meio ambiente. Cada 10 latinhas ou garrafas pet dava direito a um cupom.

Representante da Escola: O material que ia ser ‘pro’ lixo, né, foi vendido e trocado, né. O dinheiro da venda foi trocado por bicicleta, tablet, skate, que é o sorteio dos meninos hoje.

Aluno da escola III: Meu pai me ajudou e eu ganhei um tablete.

Repórter: O que você vai fazer com esse tablet?

Aluno da escola III: Jogar.

Aluna da escola I: É agradecer por ter ajudado a gente a realizar o nosso sonho.

Alunos [juntos]: Muito obrigado.

Apresentadora: Que bom, né?!

Apresentadora: E o Jornal Anhanguera termina, mas antes eu já te adianto uma excelente notícia. A família que nós mostramos na edição de hoje, morando ‘numa’ garagem, já tem muita gente querendo ajudar. Nossa redação parou tudo para atender os telefonemas de quem se sensibilizou com a história dessa mãe e 5 filhos menores de idade, que já podem contar que vão ter uma vida um pouco melhor. A gente volta nesse assunto então amanhã.

Apresentadora: Fique agora com o Globo Esporte. Uma excelente tarde ‘pra’ você e até amanhã.

DATA DA EDIÇÃO: 18 de outubro de 2017

TEMPO DA EDIÇÃO: 44’11’’

Apresentador: Alô meu povo. Daqui a pouco eu estou chegando com o JA 1 que te mostra mais um mutirão de atendimento de saúde aqui na capital. Adriano Reges.

Repórter: Mercado Aberto, na Avenida Paranaíba, Centro de Goiânia. Vejam só quantas pessoas estão aproveitando aqui o dia para aproveitar a saúde. São feitos até 7 tipos de exames. Tudo de graça. Alguns deles em até 30 segundinhos. Os detalhes no Jornal Anhanguera 1ª edição.

Apresentador: E eu continuo batendo na tecla da falta de água. A cada dia que passa a situação piora em vários bairros da Região Metropolitana, que estão sem abastecimento. Onde você mora ‘tá’ do mesmo jeito? Então mande sua mensagem: QVT, e-mail ou WhatsApp: 9 8564-8564. Eu quero ler ao vivo a sua denúncia. Eu vou cobrar da Saneago, hein?! Tem também a segunda reportagem da série “Câncer – A batalha pela vida”, que vai te mostrar tratamentos complementares que podem ajudar na cura dessa doença. Histórias de pessoas que superaram o câncer, mas ainda trazem as marcas na memória.

Ex-paciente: “É a coisa mais desesperadora que pode acontecer na vida de alguém”.

Apresentador: E a luta do Marcelo, o ex-pedreiro que perdeu um olho por causa do câncer e não consegue mais sustentar a família. Vamos ajudar?

Esposa do ex-pedreiro: O mais necessário que eu peço mesmo é o alimento dele mesmo. A única coisa que ele se alimenta é esse leite.

Apresentador: Isso e muito mais ao meio dia. Eu faço questão da sua companhia. (ESCALADA)

Apresentador: Eu vou ler aqui agora participações muito bacanas de pessoas que ‘tão’ acompanhando a nossa série “Câncer – A batalha pela vida”. A Tainara Lisboa disse que o avô dela descobriu o câncer por causa de uma queda também, assim como o personagem da nossa reportagem. Ele fez o tratamento pelo SUS e olha só: conseguiu a vaga ‘pro’ tratamento através da TV Anhanguera, que fez uma reportagem com ele no Cais na época e ainda a família nem sabia que ele tinha a doença. A Marli, de 66 anos, ela venceu o câncer a 4. Foi muito difícil. Ela fez tratamento aqui em Goiânia, mas mora em Itumbiara. A Jacinta Pereira: o que mais me ajudou ‘pra’ recuperação foi a fé em Deus e a vontade de viver, além do apoio da minha família e dos meus amigos. Mas não é fácil enfrentar essa batalha. E a Eunice ligou ‘pra’ comentar... ligou no 3250-1325, pode ligar

também...Ela disse que perdeu uma irmã no começo do mês com a doença e reclama do descaso da Rede Pública com os pacientes. Os pacientes não recebem a devida atenção. E eu quero contar a sua história também. Mande sua mensagem. Participe aqui do JA 1 pelo QVT, pelo e-mail ou pelo nosso WhatsApp que é o 62 9 8564-8564.

Apresentador: Você vai conhecer agora a história de um homem que passou a vida construindo: construiu uma família e construiu muitas casas, muitas lojas, construiu muitos prédios. É o Marcelo. Ele sempre trabalhou como pedreiro, mas agora não pode mais exercer o ofício porque luta contra um câncer. Ele até já perdeu um olho nessa batalha contra a doença. E a família está sofrendo bastante.

Repórter: Esse é o Marcelo antes de descobrir o câncer. Agora ele ‘tá’ assim: totalmente debilitado. O câncer que começou no olho esquerdo atinge também o pescoço. Na cabeça do pedreiro as marcas da última cirurgia feita a 9 dias. Desde que descobriu a doença, o Marcelo precisou parar de trabalhar. Ele já passou por 4 cirurgias, faz quimioterapia uma vez por semana e, para conseguir suportar a dor, ele precisa tomar morfina de 4 em 4 horas, além desse outro medicamento aqui, olha só, que ajuda a aliviar a dor. O Marcelo só se alimenta por sonda e o alimento que está nessa lata custa 70 reais. Por mês, ele consome uma média de 15 latas. A despesa com os remédios e com o alimento especial passam dos 2 mil reais por mês. Mas a única renda da família é o auxílio-doença do pedreiro, de apenas um salário mínimo.

Esposa do ex-pedreiro: O mais necessário que eu peço mesmo é o alimento dele mesmo. A única coisa que ele se alimenta é esse leite.

Repórter: Além disso, o aluguel da casa de 500 reais ‘tá’ atrasado há um ano.

Esposa do ex-pedreiro: É muito difícil falar. É muito difícil seus filhos pedir ‘pra’ você e você não ter como dar. O Dia das Crianças passou em branco. Mesmo assim os meninos se arriscam.

Filha I: Roupas e uma casinha de boneca.

Repórter: Você mais gosta de brincar de quê?

Filho II: De carrinho.

Repórter: Mas o presente que eles querem mesmo é a saúde do pai.

Filho II: Eu queria que ele melhorasse.

Apresentador: Quero agradecer a Paula, que me contou a história do Marcelo nas redes sociais, e pedir a sua ajuda. Você que é telespectador do JA 1 e sempre atende os nossos chamados de solidariedade. Anote o nosso telefone: 3250-1325. O Marcelo precisa muito da nossa ajuda.

Apresentador: ‘Tô’ de volta e o JA 1 desembarca ao vivo no Cais de Campinas, onde ‘baixou’ polícia hoje de manhã. Teve tumulto por causa de falhas no atendimento. Honório Jacemeto, boa tarde ‘pra’ você.

Repórter: ‘Pra’ você também. A Polícia Militar já foi embora dessa unidade, o Cais Campinas, mas ela foi chamada pelos pacientes que estavam incomodados com tanta demora para conseguir atendimento. Eu conversei com a direção aqui do Cais Campinas e ela me explicou o seguinte: quarta-feira, hoje, sábado e domingo são os dias que tem menos clínicos gerais atendendo nessa unidade. O normal seriam 5. Hoje só tem 2. Acontece que um desses dois, ele foi lá naquele anexo que o Luciano Lima vai mostrar, onde fica o setor de reanimação ‘pra’ atender uma paciente que ‘tava’ passando mal e precisava fazer uma cirurgia. E aí só ficou um clínico geral atendendo. Ou seja, se o

normal, né, se o ideal ‘pra’ que pelo menos o atendimento seja um pouco mais rápido são 5 clínicos gerais, imagine então um só ‘pra’ atender todas essas pessoas. Eles ‘tavam’ me contando que teve gente que chegou aqui 8 da manhã e não conseguiu atendimento até agora. Tem pediatra. Tem quatro pediatras, tanto que eles estavam me falando que os pediatras, pelo menos o atendimento ‘pras’ crianças tem sido um pouquinho mais rápido. Agora clínico geral, ‘tá’ difícil viu Matheus.

Apresentador: ‘Brigado’ pelas suas informações, Honório. Agora já que a Secretaria tem essas informações, esses dados de que na quarta-feira e no sábado fica mais complicado o atendimento, basta reforçar a equipe, né?! Boa tarde ‘pra’ você.

Apresentador: ‘Vamo’ voltar ao vivo lá no Cais Nova Era. A Rosane Mendes acompanha o sofrimento de muitos pacientes que buscam atendimento, mas esbarram na superlotação da unidade. Como é que ‘tá’ aí agora, Rosane?

Repórter: Lotado, Matheus. Olha aqui. Vou até pedir ‘pro’ Eduardo mostrar. Tem gente do lado de fora, porque como aqui ‘tá’ cheio, ‘tá’ muito quente, não tem lugar ‘pras’ pessoas sentarem, o pessoal ‘tá’ aguardando lá fora. Inclusive, tem aqui, olha, que ‘tá’ até de cabeça baixa. Boa tarde. Desculpe incomodar a senhora, mas como é que a senhora está se sentindo?

Paciente I: ‘Tô’ ruim. ‘Tô’ boa não.

Repórter: Veio ‘pra’ procurar atendimento e até agora...já conseguiu passar pelo menos pela triagem?

Paciente I: Passei pela triagem.

Repórter: E o que que eles falaram ‘pra’ senhora?

Paciente I: Mandou aguardar.

Repórter: Tem quanto tempo que a senhora está aguardando?

Paciente I: Já tem um tempão já. Eu ‘tô’ passando mal.

Repórter: Pois é. A pessoa fica aqui, ó. Ela não consegue nem levantar, ‘tá’ aqui deitada. Tem uma senhora, vem cá, vou mostrar ‘pra’ vocês que ela saiu 6 horas da manhã de casa ‘pra’ pegar o resultado de um exame do marido dela, que ‘tá’ aqui agachado, ‘tá’ sentindo mal e ela só precisava mostrar esse exame ‘pro’ médico... ‘pro’ médico ver o quê que vai fazer com o marido dela. E aí, como é que a senhora fica diante dessa situação? A senhora fica preocupada, né? Meio dia, a senhora ainda não almoçou...

Irmã de paciente II: É meu irmão e eu não posso comer nada porque ele só come comida batida no liquidificador e só pode comer comida natural e aqui eu acabei de falar com aquela enfermeira que ‘tá’ lá. Ela falou que eu fosse num restaurante, mandasse bater a comida e dar a ele...no liquidificador. Eu passei a semana todinha vindo nessa ‘crínica’ aqui ‘pa’ pegar esse resultado, paguei 190 reais particular ‘pra’ sair com 7 dias...

Repórter: Agora tem que esperar o médico?

Irmã de paciente II: É. Gastei o dinheiro tudo que eu tinha ‘pra’ vir com ele aí, que ele não pode andar e agora já apresentou uma dor na perna, vim aqui ontem, tirei um raio x, que ‘tá’ com um caroço na perna que a gente não sabe se é a doença que ‘tá’ descendo. Aí ‘tô’ aqui esperando um médico. Já pedi eles várias vezes ‘pra’ botar ele na frente, porque ele não pode tomar suco, nada de caixinha, essas coisas, né. O problema é esse, porque eu receio a situação, porque eu fiz esse aqui particular. Se demorou desse jeito, imagine...[ela é interrompida pela repórter]

Repórter: Obrigada pela participação. Matheus, eu falei com o pessoal aqui, os funcionários, eles disseram o seguinte: que essa superlotação está sendo provocada aí porque muitas pessoas estão vindo de Goiânia, principalmente do Parque Amazônia e Jardim América, por conta do Cais do Jardim América que fechou para reforma, ‘pra’ buscar atendimento. Mesmo assim, né Matheus?! Se sabia que ia lotar, tinha que se preparar ‘pra’ receber essas pessoas, né?!

Apresentador: É tapa aqui, descobre ali, Rosane. Falta médico ‘num’ cais, deixa o outro superlotado.

Apresentador: Você acabou de ver aí uma iniciativa bacana, que pode melhorar a saúde de muita gente. Vou te mostrar mais um exemplo da ineficiência do poder público. Rosane Mendes, cais lotado. Em que unidade ‘cê’ ‘tá’?

Repórter: Oi Matheus. Boa tarde ‘pra’ você e ‘pra’ quem acompanha o Jornal Anhanguera. Eu ‘tô’ no Cais Jardim Nova Era, aqui em Aparecida de Goiânia. Olha a quantidade de pessoas que aguarda para serem atendidos. Muita gente chegou aqui por volta das 7 horas da manhã, até agora não conseguiu atendimento. Se a gente for olhar aqui, ó, a escala ‘tá’ dizendo que tem 3 clínicos e 2 pediatras de plantão. Só porque o pessoal aqui ‘tá’ reclamando que já tem um tempão que eles estão aqui e não conseguem atendimento. Inclusive, aqui a Lorraine, que ligou ‘pra’ gente. Lorraine falou o trabalho, chegou aqui cedo ‘pra’ conseguir atendimento e até agora você só passou pela triagem?

Paciente I: Só passei pela triagem que eles ‘num’ ‘vê’ nada sobre a gente. Eu estou passando mal. Eu estou com fraqueza, dor no corpo, e eles não atendem a gente. É uma falta de respeito, um descaso com a sociedade. No entanto, que eu tomei a iniciativa de ligar e, se precisar, eu ligo de novo, porque a gente precisa da televisão ‘pra’ ajudar a gente porque eles não resolvem nada. Eles ‘trata’ a gente como se fosse cachorro. ‘Num’ faz nada pela gente.

Repórter: Obrigada pela participação. Inclusive, agora pouco mais de meio dia, provavelmente, deve ‘tá’ acontecendo a troca de turno e aí os médicos pararam de chamar, olha só. Tem uma idosa aqui. Não consegue nem ficar de pé. [paciente II interrompe a repórter]

Paciente II: Eu tenho osteoporose, eu tenho problema de coluna muito sério...e eu, se eu sair aqui, eu caio. Já saio cambaleando.

Repórter: Chegou cedo, as duas, ‘pra’ procurar atendimento?

Paciente III: Tem 3 dias que eu não como nada. ‘Tô’ com a boca ferida, o olho infeccionado. Meu ‘minino’ fica mandando eu ‘vim’, mas eu fico pior quando eu venho aqui, sabe?!

Repórter: E aí, nenhum médico apareceu aqui ‘pra’ falar com a senhora?

Paciente III: Não. ‘Tô’ com a boca toda ferida. Não ‘dô’ conta de ‘tá’ comendo nada.

Repórter: E a senhora? ‘Tô’ vendo que a senhora ‘tá’ até com o olhar cansado.

Paciente II: ‘Tô’. Eu ‘tô’ cansada e eu ‘num’...eu ‘tô’ muito cansada com as pernas doendo demais...E eles aí enrolando, enrolando. Não ‘tá’ nem aí ‘pra’ ‘nois’.

Apresentador: Rosane, qual a idade delas?

Repórter: Que idade a senhora tem?

Paciente II: Tenho 77.

Repórter: 77 anos, Matheus. Veja bem, ó. Que falta de respeito, né?! Inclusive, as pessoas ‘tão’ dizendo que passam pela sala de triagem, aí a enfermeira ela ‘tá’ só aferindo a pressão e libera a pessoa. Então assim: que tipo de classificação é essa, né?! Tem mais pessoas aqui, olha. Tem mãe com criança aguardando ‘pra’ receber atendimento. Tem um tempão que o médico não chama? Boa tarde.

Acompanhante de paciente: É, tem um tempão. Eu cheguei aqui acho que não era nem 10 horas. Atendeu uma criança que ‘tava’ junto com ela e ela até agora.

Repórter: O quê que tem o seu neném?

Acompanhante de paciente: Febre, dor de ouvido, garganta. ‘Tá’ comendo nada. Só suco.

Repórter: Ok. Obrigada pela participação. ‘Tá’ vendo? Não tem jeito. Olha. E aí, olha, vai só chegando mais gente. Esse idoso acabou de chegar ‘numa’ cadeira de roda. Atendimento a gente não sabe quando ele vai ter, viu Matheus?!

Apresentador: Rosane, uma situação complicada. Agora, meio dia e 8 minutos. Eu quero deixar aberto o espaço ‘pra’ Secretaria de Saúde se manifestar sobre essa situação, porque você meu telespectador repare o quanto esse cais ‘tá’ lotado. Essa senhora que deu entrevista ‘pra’ Rosane agora, 77 anos, está há várias horas ali passando mal e não consegue atendimento. Você pode ver ainda que a escala dos trabalhadores está divulgada ali: 3 médicos. Mas, prefeitura, será que 3 médicos dão conta de tantas pessoas assim? Não é o caso de rever, de ampliar a equipe aí do Nova Era? Rosane, qualquer novidade, por favor me acione aqui no estúdio que a gente volta ao vivo aí de Aparecida.

Apresentador: Agora meio dia e 1 minuto. Eu abro essa edição mostrando uma iniciativa da Sociedade Civil que ‘tá’ melhorando a vida de quem precisa de atendimento médico aqui na capital. Vamos ao vivo lá para o Centro da Capital, onde está a minha amiga Mariana Boldrin acompanhando mais uma edição de um mutirão que oferece vários exames gratuitos ‘pras’ pessoas, né Mari?! Boa tarde.

Repórter: Boa tarde, Matheus. Boa tarde ‘pra’ você aí de casa. Pois é. A gente fala ao vivo aqui do Mercado Aberto da Paranaíba. Muita gente que ‘tá’ passando por aqui, Matheus, já ‘tá’ aproveitando esses serviços gratuitos oferecidos por esse mutirão. O quê que vocês estão fazendo aqui? É o IMC? E aí, como é que ‘tá’? Já viu o peso aí?

Paciente I: É, mas eu acho que ‘tá’ errado.

Repórter: Não ‘tá’ concordando com o peso não?

Paciente: Não.

Repórter: Mas o importante é verificar como ‘tá’ a saúde, se ‘tá’ tudo em dia, como é que ‘tá’ o Índice de Massa Corporal que é tão importante, né?!

Paciente I: Isso. Com certeza. Tem que olhar.

Repórter: Você sabia quanto que era o seu?

Paciente I: Não. Vou olhar agora.

Repórter: Fica a surpresa aí. Tomara que dê tudo certo. E Matheus, são vários exames oferecidos por aqui. Olha só. Como é que é o nome da senhora? Veio aferir a pressão, né?!

Paciente II: É. O meu nome é Maria de Fátima Flório da Silva.

Repórter: ‘Tava’ passando por aqui e aproveitou?

Paciente II: Sim.

Repórter: A pressão está em dia?

Paciente II: ‘Tá’ não. ‘Tá’ alta.

Repórter: Tem que tomar cuidado, né dona Maria?

Paciente II: Tem que tomar muito cuidado senão morre.

Repórter: Mas é bom ficar de olho, estar sempre aferindo a pressão, ‘pra’ ver se ‘tá’ em dia. E olha, Matheus, quantas pessoas passando por aqui. Já vem aqui, já vê como ‘tá’ a pressão. E esse ano tem uma novidade aqui no mutirão, que é o teste do glaucoma. Um minutinho que a pessoa coloca os olhos aqui nessa máquina, olha, são capazes em um minutinho de salvar a visão de alguém. E é novidade nesse ano no mutirão, né?! ‘Tô’ aqui com o Zander Campos, que é da Fundação Banco de Olhos. É primeira vez que ‘tão’ oferecendo esse exame do glaucoma?

Representante da Fundação Banco de Olhos: É. Aqui na Paranaíba sim. Nós estamos com dois aparelhos, né?! Você faz a medição em 30 segundos, cada olho. Então com um minuto você tem o resultado, se você tem ou não glaucoma. É um equipamento de alta tecnologia, de última geração, dá o resultado instantaneamente.

Repórter: Zander, me fala uma coisa. Qual a importância desse mutirão? A gente vê que tem muita gente passando aqui pelo centro e muita gente não sabe como é que ‘tá’ a pressão, como é que ‘tá’ o IMC. Qual é a importância desse tipo de atendimento oferecido aí de graça ‘pra’ população, hoje, até às 3 horas da tarde?

Representante da Fundação Banco de Olhos: Até às 16. Estamos aqui até às 16h. A importância é a seguinte. A pessoa pode com essa carteirinha da saúde, não precisa nem carteira de identidade. E aqui ele faz 7 exames. Porque a importância ‘pra’ pessoa é que ela faz o checkup na hora. Ela já sai o resultado automaticamente. Em vez de você fazer o exame e esperar muito tempo, aqui você já pega o resultado instantâneo. Então a pessoa fica sabendo realmente se a glicose dela ‘tá’ boa, se a pressão ‘tá’ bem, se ela tem glaucoma, se ela é daltônica ou não. Nós temos o exame de daltonismo em 30 segundos. Então a pessoa faz os 7 exames aqui imediatamente, não paga nada e fica sabendo da sua saúde. É uma contribuição do Lions Clube. Dentro do nosso sistema, nós servimos ‘pra’ ajudar a comunidade.

Repórter: ‘Brigada’ Zander pela sua participação. E olha, os atendimentos por aqui continuam, viu Matheus?! Do começo do mês até agora, 100 mil atendimentos realizados e atendimentos que vão continuar até o fim do mês de outubro, viu?!

Apresentador: Combinado, Mariana. Hoje até às 4 da tarde, na Feira Aberta da Paranaíba. Uma boa tarde ‘pra’ você.

Apresentador: E antes de ir embora, uma boa notícia ‘pra’ você que está acompanhando aqui no JA1 a história do Kaká. O menininho que conseguiu arrecadar 280 mil reais pra fazer uma cirurgia nos Estados Unidos e assim passar a andar. Hoje veio mais uma conquista. A família mandou um vídeo ‘pra’ gente. Roda aí.

[entra conteúdo colaborativo] **Kaká:** Olá pessoal. Eu ‘tô’ aqui no consulado americano e eu acabei de ter uma notícia muito, muito, muito boa e eu ‘tô’ muito feliz. Eles aprovaram o meu pedido ‘pra’ gente poder viajar. Eu tô muito feliz pessoal. Eu ‘tô’ muito feliz. A gente vai poder viajar. Muito obrigada, viu, a todos que me ajudaram na campanha. Beijo.
[encerra conteúdo colaborativo]

Apresentador: Visto aprovado ‘pra’ viagem.

Apresentador: A contaminação de pessoas com ‘tipos’ 2 da dengue, quase 10 anos depois que esse tipo da doença desapareceu aqui do estado, fez a Secretaria Estadual de Saúde antecipar o lançamento do programa Goiás contra a dengue. A esperança é diminuir a contaminação em conjunto com o Corpo de Bombeiros, que deve fazer os casos da doença cair.

Repórter: As cidades de Goiânia e Aparecida são as que mais tem casos de dengue no estado. Este ano foram registrados mais de 34 mil casos da doença em Goiás. E a volta do tipo 2 preocupa. 185 pessoas tiveram dengue tipo 2 só este ano.

Representante da Secretaria Estadual de Saúde: É um tipo de vírus que não circula no estado de Goiás há quase 10 anos e essa retomada dele com força no estado chama atenção porque um novo tipo de vírus circula no estado de Goiás, favorecendo uma possível epidemia. O que tem causado o aumento de casos grave e também de óbito.

Repórter: Do ano passado ‘pra’ cá caiu em 50% o número de pessoas com dengue em Goiás. As ações de prevenção ajudaram. Mais de 17 milhões de imóveis foram visitados pelos agentes de endemias. A participação da população é muito importante.

Representante do Corpo de Bombeiros: Quanto do Corpo de Bombeiros é atuar em todas as partes. Desde o planejamento até a execução das visitas domiciliares. E esse trabalho tem que partir do morador.

Representante da Secretaria Estadual de Saúde: O trabalho com o Corpo de Bombeiros e o morador sabendo que todo mês vai ter a presença de um agente lá, ele fica de certa forma muito mais...é...vivo.

Repórter: Nas últimas semanas, a prefeitura de Goiânia tem feito a limpeza e o mapeamento das áreas com maiores índices de infestações pelo mosquito da dengue. Todo cuidado é necessário dentro de casa.

Moradora: Tem que por areia no fundo, furar os pratinhos ‘pra’ poder ‘num’ dar dengue, né, ‘dá’ o foco.

Apresentador: É, já já vem a chuva. Vai ter ovinho de Aedes Aegypti explodindo aí na região toda.

Apresentador: Hoje na segunda reportagem vamos mostrar que os tratamentos complementares podem ajudar na cura dessa doença tão terrível. Você vai conhecer histórias de pessoas que superaram o câncer com otimismo e hoje ajudam outros pacientes.

Repórter: A notícia mais difícil da vida de Ana Paula veio em 2014.

Ex-paciente com câncer I: Eu descobri que eu tinha o câncer. É como se o chão se abrisse. É como se...e você não conseguisse...você... ‘num’ tem uma explicação. O chão abre e você cai ‘num’ buraco. Você não sabe onde é que você vai parar. É a coisa mais desesperadora que pode acontecer na vida de alguém.

Repórter: Faz 10 anos, mas ainda está fresquinho na memória da Deliane.

Ex-paciente com câncer II: Não preciso nem fechar o olho. Tem gente que ‘pra’ lembrar precisa, né?! Eu lembro cada detalhe, até da consulta. ‘Num’ apaga.

Repórter: Naquele ano aconteceu algo inexplicável. Intuição, talvez, que a levou a fazer o terceiro exame preventivo, sem nenhuma indicação de que tivesse risco.

Ex-paciente com câncer II: A médica ‘tava’ guardando o aparelhinho. Ela achou algo. Voltou com o aparelho e falou ‘pra’ mim: achei um nódulo aqui.

Repórter: No caso do Pedro Antônio, a notícia veio depois de uma queda.

Mãe de ex-paciente com câncer III: Fez um raio X e no raio X foi constatado uma massa no abdômen. Diagnosticou como câncer. Era um... na época eles disseram que era um carcinoma de supra renal no abdômen e tinha que fazer uma cirurgia.

Repórter: Isso foi 26 anos atrás. E se não fosse aquele tombo...

Mãe de ex-paciente com câncer III: Se a gente fosse descobrir essa doença com mais tempo, talvez a gente não conseguiria ter o sucesso que nós tivemos.

Repórter: O Pedro Antônio fez todo o acompanhamento pelo Sistema Único de Saúde, mas nem todo mundo tem a mesma sorte que ele teve: de um diagnóstico precoce, que aumenta em 90% a chance de vida, dependendo do tipo de câncer. Na maioria das vezes, o paciente do SUS enfrenta fila e espera por cada exame. Na prática, o diagnóstico parece ser um privilégio de quem pode pagar por ele.

Paciente com câncer IV: É urgência isso aqui...ressonância. De repente... ‘pra’ quem operar com urgência, né?! E eu ‘tô’ passando muito mal já com a dor. No momento não tem como fazer porque é 800 reais esse exame.

Médico: As mulheres que são vistas pelo Sistema Único de Saúde têm o dobro de chances de terem tumores mais avançados. Infelizmente acontece. As mulheres da saúde privada, aproximadamente, 15 a 16% terão lesões avançadas.

Repórter: Nem tudo está sob o controle do paciente. Mas o sucesso no tratamento depende de como cada um enfrenta a batalha. O Pedro Antônio ainda era um bebê.

Paciente V: Hoje eu sei como é, quanto difícil foi. Só que assim, eu não sofri. Eu não tive esse sofrimento.

Repórter: Só que mesmo ‘pra’ quem sabe dos riscos, existem algumas chavezinhas que podem ajudar muito. A Deliane ativou uma delas: o bom humor.

Ex-paciente com câncer II: Eu perdia as minhas unhas o tempo todo, né?! Que ‘num’ tinha unha por baixo ‘pra’ segurar. Então colocava aqui assim, colava. Aí um dia eu ‘tava’ trabalhando, olhei assim no chão e falei: para todo mundo. Aí todo mundo...falei: Essa unha que ‘tá’ no chão me pertence. Aí todo mundo riu. Eu falei: quer saber ‘duma’ coisa? Gente, ‘pra’ quê isso, né?! O mais importante é viver. E eu tô aqui. Tirei aquilo ali e aí abandonei tudo. Abandonei peruca, abandonei aplique e falei: vou ser eu, porque eu ‘tô’ tão bem. Eu ‘tô’ tão feliz comigo mesma.

Médico: Essa mulher tendo otimismo, ela terá um enfrentamento muito maior. Ela terá sua imunidade mais bem estabelecida. Ela terá um enfrentamento e uma possibilidade de passar pelo tratamento de maneira muito mais adequada. Obviamente, com tudo isso, favorecendo a chance de uma sobrevida melhor e de uma possibilidade maior de cura.

Repórter: É bom lembrar que as chances têm aumentado. No fim da década de 80, 57% das mulheres continuavam vivas 5 anos depois do câncer de mama. Esse número subiu para 72,1% na década seguinte. E além do otimismo, as terapias complementares e a mudança na alimentação tem sido armas poderosas. Ana Paula, que é professora de educação física, imaginava que já tinha uma vida saudável. Mas foi preciso mudar.

Ex-paciente com câncer I: Cortei completamente o açúcar durante todo tratamento e eu comecei a beber 4 litros de água por dia.

Repórter: Foi com a doença que ela encontrou o equilíbrio.

Ex-paciente com câncer I: Terapia... ‘pra’ entender essa Ana Paula lá dentro de mim. Sempre no final ela fazia energização, fazia um reiki e isso me deixava, assim, muito bem. Não que eu esquece que tivesse a doença, mas que eu entendesse que a doença foi só um sinal.

Repórter: A vida, depois de uma experiência tão forte, pode sim ser melhor do que antes.

Mãe de ex-paciente com câncer III: Se eu não tivesse passado por tudo, talvez eu não sei a pessoa que eu sou. Talvez não, eu tenho certeza. Não seria porque só quem convive e passa por isso...porque você sofre não só pelo seu. Você sofre pelo seu, sofre pelos demais. Se isso foi um aprendizado, eu aprendi.

Repórter: Deliane descobriu no trabalho voluntário um objetivo de vida. Ela ajuda outras mulheres a enfrentar o câncer.

Ex-paciente com câncer II: Sempre pergunto ‘pra’ elas: é melhor perder o cabelo, perder um pedaço do seio ou perder a vida?

Repórter: E o que aconteceu com Ana Paula depois de 50 sessões de radioterapia...

Ex-paciente com câncer I: Meu último dia da minha terapia, rádio, foi no dia do meu casamento. Foi muito legal. Eu cheguei lá e falei assim: ai gente, eu vim fazer porque eu vou casar mais tarde. Último dia. Foi muito legal.

Apresentador: São histórias de vida que nos emocionam, né?! Eu acho que só não pode perder é a esperança. Mas queria ressaltar aqui uma informação que o médico trouxe. As mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde têm o dobro de chance de terem tumores avançados. Isso é uma prova que, mesmo com o avanço da medicina, o poder público, a ineficiência do nosso Sistema Público, ainda mata. ‘Cê’ viu aí que a dona Maria da Conceição precisa fazer uma ressonância. Pois bem. A Secretaria de Saúde disse que antes ela precisa de uma ultrassonografia. Aí, acredite se quiser, o que a dona Maria vai ter que fazer: ela vai ter que procurar o médico que prestou atendimento a ela. Lá atrás. E, segundo a Secretaria, informar ao médico que ela precisa desse exame, dessa ultrassonografia, ‘pra’ só depois fazer a ressonância. A Central de Regulação disse que vai apurar os motivos da paciente não ter sido informada sobre isso e tomar as devidas providências. Na reportagem de amanhã, as nossas equipes te mostram como a alimentação saudável e os exercícios físicos ajudam a enfrentar um câncer.

Apresentador: O assunto agora é a falta de água. E nós vamos ao vivo ‘pro’ setor Novo Horizonte, onde está minha amiga Terciane Fernandes, porque lá, meu amigo, está faltando água há vários dias. Moradores, comerciantes já não aguentam mais tanto prejuízo, não é Terciane. Boa tarde.

Repórter: Boa tarde ‘pra’ você, Matheus. Boa tarde ‘pra’ todo mundo que ‘tá’ assistindo a gente. Quem não ‘tá’ tendo uma boa tarde, com certeza, são os moradores e comerciantes aqui do Novo Horizonte. Nós estamos aqui na Avenida Cesar Lattes, a principal avenida do setor Novo Horizonte. E eu ‘tô’ entrando agora, Matheus, dentro de um açougue, ‘pra’ conversar com os funcionários aqui e saber deles como eles estão se virando para manter a higiene do açougue. Como é que é isso?

Comerciante do Novo Horizonte: Uai, aqui tem 3 dias que a gente ‘tava’ sem água. Nós tivemos que comprar água mineral ‘pra’ lavar o açougue, ‘pra’ manter o açougue conforme a Vigilância Sanitária determina que tenha que ser limpo todo os dias, lavado duas vezes por dia. E sem contar que a nossa conta de água dobrou de preço. Não temos água e temos que pagar o dobro pela água que não temos...que a Saneago não está fornecendo.

Apresentador: Quanto que ela ‘tá’ pagando, Terciane?

Repórter: Uai, eu vi a conta dela aqui, Matheus, mais de 700 reais. Não é isso?

Comerciante do Novo Horizonte: Isso. 712 reais veio esse mês com toda essa falta d’água.

Repórter: O quê que a senhora acha disso tudo?

Comerciante do Novo Horizonte: Eu acho um absurdo. Eu acho um absurdo, um descaso com a população, um descaso com o comerciante, porque se a Vigilância Sanitária chegar aqui no nosso açougue e encontrar ele sujo, eles nos ‘multa’, leva a nossa mercadoria e o governador...sei lá que toma conta da Saneago, não ‘tá’ nem aí ‘pra’ gente.

Apresentador: Terciane.

Repórter: Denisete, obrigada pelo seu depoimento. Diga Matheus.

Apresentador: Eu vou aproveitar essa fala da comerciante ‘pra’ apresentar a nossa entrevistada de hoje, a superintendente do Procon Goiás, Darlene Araújo. Boa tarde ‘pra’ senhora.

Superintendente do Procon Goiás: Boa tarde, Matheus. Boa tarde a todos.

Apresentador: A gente ‘tá’ vendo aí a revolta do comerciante que ‘tá’ tendo prejuízos graves por causa dessa falta de água. Já já nós vamos ouvir mais moradores do Novo Horizonte. Mas qual a orientação ‘pra’ um comerciante como esse que ‘tá’ ali sofrendo com a falta de água por causa de um problema da Saneago?

Superintendente do Procon Goiás: O Código de Defesa do Consumidor ele estabelece também como relação de consumo essa contratação...esses serviços prestados pelas concessionárias de serviço público, que prevê no artigo 22, que tem que ser um serviço com eficiência e sem interrupção. É, nós verificamos aí que com a inauguração do João Leite, 48%, e eu vi essa demanda diminuindo dentro do Procon, foi resolvido. Agora nós temos apenas situações técnicas e ainda aqueles que dependem agora do Meia Ponte, devido à baixa vazão estão com esse problema.

Apresentador: Darlene, mas é possível que o cidadão registre é... essa reclamação ali no Procon?

Superintendente do Procon Goiás: Sim. O quê que o Procon fez? Uma vez que são várias regiões, são número muito grande de consumidores que estão sendo prejudicados. Ao invés ‘dagente’ registrar individualmente cada um, nós fizemos uma constatação nesses bairros, instauramos um procedimento, notificamos a Saneago a prestar informações para então ser julgado conforme o caso previsto de aplicação de multa ou não, que tem um prazo de defesa. No geral, tomamos essa providência. Agora, estamos atendendo individualmente, de setembro até agora nós tivemos quase 80 registros, de situações adversas, que não seja falta de água. E os comerciantes que têm o prejuízo, a lei é muito clara. Eles têm que fazer primeiro que fazer o registro na Saneago, no Servido de Atendimento, registrar a sua demanda, anotar o protocolo e essa parte de prejuízo, de indenização, o que ele gastou, tem gastado, ‘pra’ aquisição de água tem que ser pleiteado aí no Poder Judiciário.

Apresentador: O primeiro passo então é documentar.

Superintendente do Procon Goiás: Documentar, registrar na Saneago, estabelecer esse diálogo com a Saneago, ter um processo administrativo com a Saneago. Não resolvendo, aí sim, buscar o poder judiciário para indenização.

Apresentador: Superintendente, vou pedir ‘pra’ gente colocar aqui no telão...a Terciane vai continuar ao vivo com a gente ali no Novo Horizonte e no outro telão aqui eu quero que você observe a reclamação do Belígio Soares. Aqui no setor Rio Formoso em Goiânia, está sem água há 72 horas. Portanto, há 3 dias. Terciane, morador no prejuízo aí é o que não falta, né?!

Repórter: Com certeza, Matheus. E cada história, a gente tem aqui. Olha só. Tem um pessoal aqui...o ‘seu’ Gilson da farmácia passou por uma situação muito complicada agora esses dias. Inusitada, na verdade, né ‘seu’ Gilson. O quê que foi que aconteceu na sua farmácia agora esses dias sem água?

Comerciante do Novo Horizonte II: Bem, sem água você não tem como fazer assepsia. Quando chega um paciente, uma pessoa ‘pra’ orientar, uma injeção...mas eu tive um caso com esse moço aqui.

Repórter: Aqui ó, Matheus. Chega aqui.

Comerciante do Novo Horizonte II: Matheus teve um acidente, chegou sangrando o nariz e chegou com um ferimento.

Repórter: Esse ferimento que o Mateus tem aqui nas costas, gente, foi uma queda de bicicleta que o Mateus teve. Mateus, vira aí ‘pra’ gente, por favor. Por quê que você foi à farmácia fazer a limpeza desse ferimento?

Morador do Novo Horizonte I: ‘Pra’ ‘estampar’. ‘Pra’ não ficar sujando a camisa aqui.

Repórter: Na sua casa tinha água ‘pra’ você lavar?

Morador do Novo Horizonte I: Não. Não tinha.

Repórter: Aí você teve que ir à Farmácia do ‘seu’ Gilson ‘pra’ fazer a limpeza. Gente, olha que absurdo que ‘tá’ acontecendo. Não é nem um machucado grave, mas o Mateus não tinha água ‘pra’ lavar as mãos em casa. Ele teve que ir à farmácia do ‘seu’ Gilson ‘pra’ fazer a limpeza ‘dum’ machucado.

Comerciante do Novo Horizonte II: E mais. Aqui na nossa região, além dele que mora com uma senhora idosa de 85 anos, eu tive lá, não tem água nem ‘pra’ tomar o banho. Agora, as escolas, as creches, o hospital nosso aqui sem água. Quer dizer, água é vida. Água...agora, eu fico impressionado, nós estamos aguardando chegar aqui a água dessa nova...do tratamento novo que o governador tanto falou, né, do Mauro Borges. Nós ‘tamo’ aguardando essa água e também a sensibilidade do presidente da Saneago. A água sobe, a energia sobe e enquanto isso [repórter interrompe ele]

Repórter: ‘Tá’ sofrendo. E o senhor falou aí em relação à escola. Por favor, queria falar com a senhora, que trabalha ‘numa’ escola pública aqui no setor Novo Horizonte. Como é que ‘tá’ a situação lá? ‘Tá’ liberando os alunos mais cedo?

Funcionária de escola: ‘Tá’ liberando porque ‘num’ tem água nem ‘pra’ beber e nem pode usar o banheiro, né?!

Repórter: E qual que é a escola?

Funcionária de escola: É a Escola Professor Percival, aqui mesmo no Novo Horizonte.

Repórter: Olha gente, vocês lembram da história? Não sei se você vai lembrar disso, Matheus, é...não sei se você vai lembrar ‘mais’ eles falam que escolas, hospitais, tem direito a caminhão-pipa ‘pra’ não faltar água. Não ‘tá’ chegando caminhão-pipa lá, né?!

Funcionária de escola: Nunca foi. Nunca apareceu caminhão-pipa lá.

Repórter: E com esse calorão...

Funcionária de escola: As crianças toda hora elas querem beber água.

Repórter: Olha só gente. Temos mais exemplos aqui. Vem cá o senhor. ‘Tá’ achando que o problema é só aqui no Garave...aqui no Novo Horizonte? ‘Né’ não! Morador aqui, ó, do Garavelo B que ‘tá’ sem água faz tempo.

Morador de setor vizinho: Todo ano é essa coisa e esse ano ‘tá’ pior. ‘Tamo’ sem água. ‘Tamo’ na sequidão, viu?! E sem energia também.

Repórter: Nossa. Problemão, hein?! Sem água e sem energia. Sem água é pior. Olha só, gente. A Saneago falou ‘pra’ gente que aqui o setor Novo Horizonte é abastecido pelo Reservatório Atlântico e que esse reservatório está passando por recuperação hoje. Isso não serve de desculpa porque o problema desses moradores aqui ‘tá’ desde domingo. Desde domingo sem uma gota de água nas torneiras. Eles disseram que aqui os problemas anteriores ‘é’ por conta da baixa vazão do Rio Meia Ponte. E que a partir da madrugada do dia 19, o fornecimento vai voltar Par-ci-al-men-te. Resolve ‘pra’ vocês?

Comerciante do Novo Horizonte II: Resolve de forma alguma. Nós [ele é interrompido pela repórter]

Repórter: Todo mundo revoltado aqui, ó Matheus. Não resolve o problema.

Apresentador: Terciane, o que me chama atenção são as coincidências. Lá no Goiânia II é um reparo no fim de semana, no Novo Horizonte é uma manutenção hoje. Só coincidências. Saneago não ‘tá’ jogando limpo com a população. Não ‘tá’ admitindo e orientando as pessoas sobre como resolver esse problema. ‘Brigado’ pelas suas informações, Terciane. Dra. Darlene, pergunta da Fernanda e também ‘dum’ outro telespectador nosso, do Eliandro Lopes. Situações parecidas. Olha a do Eliandro. No mês passado, a conta de água veio 152 reais e agora esse mês 887, sendo que faltou água por vários dias. Que decisão eu posso tomar para ser feito o recálculo da conta dele.

Superintendente do Procon Goiás: Tem um regulamento da Saneago, e aí também é um direito do consumidor previsto no CDC que, com a interrupção do serviço de água, tem direito de descontar esse período e fazer o abatimento na fatura. Esse caso dela, que é questionamento do valor da conta, o Procon está atendendo individualmente o consumidor, canal de comunicação muito bom com a Saneago, ‘pra’ gente verificar o que aconteceu, se tem erro. Mas inicialmente, faça o registro na Saneago, faça a contestação de seu valor cobrado. Se foi algum erro, se eles não corrigindo, aí sim o Procon vai fazer essa intermediação e olhar, porque não é razoável um valor de 100 reais, pouco mais de 100, passar ‘pra’ 800 reais. Então é um direito dela. Pode ir no Procon que a gente vai, não sendo atendida na Saneago, nós vamos fazer a intermediação sim ‘pra’ todos.

Apresentador: O Romário do Jardim Olímpico manda um alô ‘pra’ Saneago e faz uma pergunta ‘pra’ senhora. Existe um meio de entrar na Justiça contra a Saneago pela falta de água? As pessoas falam que em vez de sair água, sai ar e que isso acaba sendo registrado ali no hidrômetro.

Superintendente do Procon Goiás: A medição, ela tem que ser de acordo com o consumo. Se não foi consumido, não tem o que pagar. Agora, eu quero deixar assim muito claro ‘pro’ consumidor que nós estamos ‘num’ período diferente. Nós ouvimos até de uma pessoa que falou agora: estiagem muito longa. É, embora tenha inaugurado um sistema, nós tivemos problema com outro por conta do tempo. É novo. Pode acontecer que, na defesa da própria Saneago, por conta de força maior, que é um instrumento jurídico, é...não tenha...seja uma justificativa legal da Saneago. Mas, são hipóteses. É

novo para o Procon também. Nós instauramos o processo, estamos avaliando e vamos pedir as informações para então ver o destino com relação à multa do Procon e mesmo as indenizações dos consumidores, tendo em vista que tem esse propósito jurídico da força maior.

Apresentador: Um problema climático, né?

Superintendente do Procon Goiás: Tudo analisado...a gente tem o maior respeito com o consumidor. Eu vejo que a Saneago ‘tá’ sendo muito demandada, mas eu creio que a informação já ameniza muito ‘pra’ o consumidor. Então nós estamos ‘num’ momento diferenciado mesmo e acredito que todos nós gestores estamos com essa preocupação.

Apresentador: Darlene Araújo, Superintendente do Procon Goiás, muito obrigada pela entrevista. E fica a dica ‘pra’ gente economizar água, né?! Boa tarde.

Superintendente do Procon Goiás: Nós agradecemos a oportunidade e a gente ‘tá’ sempre aqui quando necessitar.

Apresentador: A minha ajuda ‘pra’ chamar o intervalo hoje vem do interior. Fala aí Delan!

Telespectador: Eu sou de Maiporá. O Jornal Anhanguera dá um tempo e volta já.

Apresentador: Vamos lá no Globo Esporte para saber os destaques do programa de hoje, sob o comando da Thaís Freitas, que nos conta o que vai ser notícia hoje no Globo Esporte. Boa tarde, Thaís.

Apresentadora do Globo Esporte: Oi Matheus, boa tarde. Olha, a série B ‘tá’ tão equilibrada que do décimo sétimo colocado, que é o Luverence, ao décimo colocado, que é o Goiás, são 3 pontos de diferença. São 8 times ali no bolo lutando para não entrar na zona de rebaixamento. E ontem o Goiás completou, diante do Juventude, a quarta rodada seguida de invencibilidade sob o comando de Hélio dos Anjos e, ó: pegou o elevador ‘pra’ pular da décima quarta colocação ‘pra’ décima. O goleiro do Juventude até segurou o pênalti do Júnior Viçosa, mas o Lailon, que entrou no segundo tempo, fez esse gol da vitória esmeraldina ontem no Serra Dourada. E já no Vila Nova, o sonho do acesso está mais vivo do que nunca. Ontem, o time mesmo desfalcado de seus principais jogadores, foi a Criciúma e bateu os donos da casa. O gol foi aos 13 minutos, do Alípio, o cara dos gols decisivos do Vila e o Tigrão agora está no páreo de novo, a 2 pontos do Paraná, equipe que abre o G4, viu Matheus?! Daqui a pouquinho a gente volta no Globo Esporte com a história de uma corredora que vai correr a Meia Maratona de Goiânia e ela emagreceu 66 quilos, Matheus, só na corrida. Você não pode perder.

Apresentador: E eu vou pegar essa receita ‘pra’ queimar uns quilinhos a mais, viu Thaís. Boa tarde ‘pra’ você.

Apresentador: Meio dia e 14 minutos. ‘Vamo’ falar de trânsito. Quem pegou a GO 020 hoje, logo depois do anel viário, ali com a BR 153, deve ter estranhado o trânsito lento, né?! ‘Vamo’ ver nas imagens. Os motoristas precisaram de uma dose de paciência porque o trânsito quase parou ali em frente ao Centro Cultural Oscar Niemeyer. Essa lentidão foi porque a Secretaria Estadual da Fazenda estava fazendo uma blitz. Os motoristas estavam sendo parados ‘pra’ verificação de documentos, ‘pra’ saber se o IPVA estava em dia. ‘Vamo’ ‘vê’ imagem ao vivo então da GO 020 ‘pra’ saber se a situação melhorou. Bem mais tranquila. Trânsito fluindo com tranquilidade.

Apresentador: Por que eu falei “amedronta”? Porque ninguém sabe quando vai ter água em casa. Tem morador que já colocou o despertador ali, ó, de madrugada, ‘pra’ ir ali

checar, abrir as torneiras, e vê se sai pelo menos uma gota ‘pra’ encher um balde e ter como usar água no dia seguinte. E hoje, quarta-feira, foi mais um dia de muita reclamação. Nós fomos ‘pra’ região norte de Goiânia, onde teoricamente a população não deveria mais sofrer com a falta de água, já que o governo prometeu uma solução com o sistema que capta água do Ribeirão João Leite. Será que lá ‘tá’ bom ou ruim, hein?! ‘Vamo’ ver na reportagem.

Repórter: O caminhão-pipa chega ao setor Goiânia II trazendo 10 mil litros d’água. 350 reais do bolso do Wellington para manter a família e a construção da casa dele.

Morador do Goiânia II I: Não se trata de água potável. A gente ‘tá’ comprando ‘pra’ tomar banho e ‘pra’ beber água mineral de galão, certo?! E essa água é mesmo ‘pra’ lavar as coisas e continuar a reforma.

Repórter: A vizinha, Eliane, também está sem água desde segunda-feira. Aí ela passa o dia ligando na Saneago e muitas vezes nem tem resposta.

Moradora do Goiânia II II: Eu ligo na Saneago e eles dizem que lá não tem nada registrado desde segunda-feira.

Repórter: Essas aqui são as panelas usadas no almoço. A louça ‘tá’ toda suja. Dá ‘pra’ perceber que não vai dar ‘pra’ usar enquanto a água não voltar ‘pra’ lavar essa louça toda. Agora essas outras panelas aqui, a Mariana reservou ‘pra’ guardar água. Quando ela percebeu que ia começar a faltar, olha, ela foi na vizinha que ainda tinha uma reserva e conseguiu juntar essa água aqui nas panelas que vai servir ‘pra’ fazer comida, né, nesses próximos dias. Agora, essas outras, esses outros baldes aqui vão servir ‘pro’ pessoal tomar banho. Só que são 5 pessoas aqui na sua casa, tem esse tanto de baldes aqui ‘pro’ banho. Vai dar até quando essa água, essa reserva?

Moradora do Goiânia II III: No máximo, até hoje. No máximo. Tem duas crianças ‘pequena’. E essas aqui são ‘pra’ fazer comida, né?!

Repórter: Com 3 dias de torneiras secas, restou à dona Francisca juntar os galões e andar muito atrás de alguém que possa ceder um pouquinho de água.

Morador do Goiânia II IV: Os vizinhos. Eles que ‘tá’ colaborando com a gente, dando água ‘pra’ gente ‘pra’ poder levar ‘pra’ casa ‘pra’ beber, ‘conzinhar’, aí voltar com esse peso todinho no carrinho outra vez ‘pra’ casa.

Apresentador: Que sofrimento em dona Francisca. Eu tenho uma resposta da Saneago ‘pra’ senhora. A empresa diz que os moradores do setor Goiânia II ficaram sem água porque no fim de semana foi preciso fazer reparos na rede que tinha sido quebrada por uma empresa de telefonia. Conta ‘pra’ gente quando a água voltar aí e a senhora ter que parar que carregar esse carrinho, porque essa é uma situação que tira a dignidade do cidadão que paga sua conta em dia. E o nosso telespectador sabe que aqui no JA 1 sempre tem espaço ‘pra’ mostrar o problema que ele ‘tá’ enfrentando. ‘Vamo’ ver o vídeo do Paulo Henrique, lá do Jardim Europa. [entra conteúdo colaborativo] Telespectador: Cadê a água? Pinga de vez em quando, mas quem que ‘veve’ com pingo d’água? Eu ‘pus’ roupa ‘pra’ bater aqui, ó. A máquina nem ‘num’ funcionou. Abri tudo que tinha direito. Não tem água não. [encerra conteúdo colaborativo] **Apresentador:** Não dá ‘pra’ viver, né gente?! E olha, ‘tô’ aqui com mais de 100 mensagens enviadas pelos nossos telespectadores relatando esse problema de falta de água. Olha aqui, ó. A mensagem do Geraldo, do Jardim Luz, em Aparecida. Há 3 meses com falta de água praticamente todos os dias. Hoje completou 3 dias consecutivos em uma conta nas torneiras. Vou almoçar no restaurante porque não tem mais panela limpa. Socorro, Saneago. A Vilma, do

Residencial Granville, três dias sem água. A Louislene, do Vista Bela, em Goiânia. Desde cedo está sem água no setor dela. Vanessa do Jardim Rosa do Sul, em Aparecida, Marli do Parque Rio das Pedras, em Aparecida, a Camila Caixeta, da Vila Mariana, e o Marcos Wirlei, do Parque Ateneu também 'tá' na seca. 'Vamo' 'vê' aqui o que ele mandou 'pra' gente. [entra conteúdo colaborativo] Telespectador: Sem água. Parque Ateneu. Complicado. 'Num' calor desse, com duas crianças e sem água. [encerra conteúdo colaborativo]

Apresentador: Pois é. Aqui no estúdio, hoje, eu recebo a superintendente do Procon Goiás, Darlene Araújo. Já já ela vai responder a sua pergunta, que já não aguenta mais essa situação. 'Vamo' ver agora a mensagem da Roseli, que mora lá na Vila Alzira, em Aparecida. [entra conteúdo colaborativo] Telespectadora: Olha como 'tá' a minha pia cheia de vasilhas sujas e não tem água. Não 'tá' cabendo mais as vasilhas na pia e a água que eu guardei como reserva também já 'tá' acabando. [encerra conteúdo colaborativo]

Apresentador: Pois é. Já já nós teremos essa entrevista com a superintendente do Procon Goiás, que vai tirar a sua dúvida. Você pode entrar com uma ação conta a Saneago? Você pode reclamar dessa falta de água? 'Tá' se sentindo prejudicado demais com esse problema? Ela vai responder 'pra' gente daqui a pouco.

EVOLUÇÃO DO QUADRO “MEUS DIREITOS”

QUADRO MEUS DIREITOS	
Data	Tema
04 de outubro de 2014	Juiz eleitoral responde às dúvidas da população para as eleições
2 de maio de 2015	Especialista tira dúvidas sobre a requisição do seguro DPVAT
16 de maio de 2015	JA 1ª Edição Entenda como é feito o cálculo para benefícios e aposentadoria do INSS
30 de maio de 2015	Advogada tira as dúvidas de telespectadores sobre FGTS, em Goiânia
06 de junho de 2015	Especialista esclarece dúvidas sobre PEC das Domésticas
20 de junho de 2015	Especialista em relações de consumo tira dúvidas sobre planos de saúde
04 de julho de 2015	Especialista discute prós e contras da redução da maioridade penal
11 de julho de 2015	Consumidores tiram dúvidas sobre direitos do consumidor no JA1
25 de julho de 2015	Especialista fala sobre direito à pensão e auxílio doença
26 de setembro de 2015	Advogada tira dúvidas sobre o pagamento do FGTS de empregadas domésticas
03 de outubro de 2015	Gerente do INSS tira dúvidas sobre atendimentos durante a greve dos peritos
10 de outubro de 2015	Especialista tira dúvidas de telespectadores sobre seguro DPVAT
17 de outubro de 2015	Advogado trabalhista tira dúvidas sobre medida provisória que permite redução de jornada
31 de outubro de 2015	Trabalhadores esclarecem dúvidas sobre o 13º salário com especialista, em Goiânia
07 de novembro de 2015	Advogado responde a perguntas sobre as novas regras para aposentadoria
21 de novembro de 2015	Gerente da Anatel em Goiás tira dúvidas sobre bloqueio de internet
28 de novembro de 2015	Auditor da Receita Federal tira dúvidas sobre o pagamento de impostos das domésticas
26 de dezembro de 2015	Especialista tira dúvidas sobre troca de presentes no fim de ano, em Goiás
16 de janeiro de 2016	Assessora geral do Procon-GO tira dúvidas de pais sobre compra de materiais escolares
23 de janeiro de 2016	Especialista tira dúvidas sobre atendimento do INSS, em Goiás
06 de fevereiro de 2016	Advogada tira dúvidas sobre direitos de passageiros que têm mala extraviada
20 de fevereiro de 2016	Confira dicas de especialista sobre direitos do trabalhador, em Goiás

05 de março 2016	Especialista dá dicas e responde perguntas sobre planos de saúde, em Goiânia
12 de março de 2016	Especialista fala sobre ampliação da licença paternidade
19 de março de 2016	Advogada fala sobre novas regras da pensão alimentícia, em Goiânia
26 de março de 2016	Especialista tira dúvidas sobre atestado médico, em Goiás
02 de abril de 2016	Especialista esclarece dúvidas sobre compra de imóveis
09 de abril de 2016	Economista tira dúvidas sobre empréstimo consignado usando FGTS
16 de abril de 2016	Especialista tira dúvidas sobre Imposto de Renda, em Goiânia
23 de abril de 2016	Especialista esclarece dúvidas sobre previdência social
30 de abril de 2016	Advogado tira dúvidas sobre direitos de domésticas após regulamentação de lei
07 de maio de 2016	Juíza tira dúvidas sobre os processos de adoção
14 de maio de 2016	Diretora do Instituto de Direito Previdenciário tira dúvidas dos telespectadores
21 de maio de 2016	Especialista tira dúvidas sobre pensão alimentícia durante o Ação Global
28 de maio de 2016	Especialista em direito trabalhista responde a perguntas de telespectadores
04 de junho de 2016	Presidente da Amma tira dúvida de telespectadores sobre excesso de barulho em Goiânia
11 de junho de 2016	Especialista dá dicas de como comprar imóvel sem ter problemas no futuro
18 de junho de 2016	Defensor público tira dúvidas dos telespectadores sobre serviço em Goiânia
25 de junho de 2016	Especialista esclarece dúvidas sobre o PIS
02 de julho de 2016	Representante do governo tira dúvidas sobre meia passagem no Eixo, em Goiânia
09 de julho de 2016	Advogado tira dúvidas sobre auxílio-doença e auxílio-acidente
16 de julho de 2016	Gerente do Procon fala sobre atuação do órgão na defesa do consumidor
23 de julho de 2016	Gerente executivo do INSS tira dúvidas sobre aposentadoria, no JA 1ª Edição
30 de julho de 2016	Seguro Dpvat pode ser sacado por qualquer cidadão acidentado por veículo automotivo
06 de agosto de 2016	Especialista fala sobre as regras na cobrança de pensão
13 de agosto de 2016	Especialista tira dúvidas sobre guarda compartilhada
27 de agosto de 2016	Procon-GO tira dúvidas sobre cobrança de taxas feitas por escolas, em Goiás
03 de setembro de 2016	Especialista em Direito Previdenciário tira dúvidas sobre revisão do INSS
1º de outubro de 2016	Procurador eleitoral explica o que é permitido e o que não é durante as eleições

08 de outubro de 2016	Juiz fala sobre os direitos de trabalhadores que são demitidos
22 de outubro de 2016	Juíza da Vara de Família esclarece dúvidas sobre pensão alimentícia
29 de outubro de 2016	Advogado tira dúvidas de telespectadores sobre aumento no preço de multas
05 de novembro de 2016	Advogado fala sobre direitos de moradores em condomínios
12 de novembro de 2016	Especialista fala sobre os direitos de quem sofre um acidente de carro
19 de novembro de 2016	Especialista fala sobre os direitos e deveres do trabalhador
26 de novembro de 2016	Direitos de quem negocia impostos atrasados, em Goiânia
10 de dezembro de 2016	Benefício assistencial do INSS é o tema do quadro 'Meus Direitos'
24 de dezembro de 2016	Superintendente do Procon-GO esclarece dúvidas sobre os direitos dos consumidores
31 de dezembro de 2016	Especialista tira dúvidas sobre mudanças na cobrança por produtos e serviços
07 de janeiro de 2017	Advogado esclarece dúvidas sobre acidentes de trabalho
14 de janeiro de 2017	Especialista tira dúvidas dos telespectadores sobre regras de aluguel em Goiás
21 de janeiro de 2017	Especialista fala quais são os direitos de quem paga planos de saúde
28 de janeiro de 2017	Aumento do IPTU em Goiânia
04 de janeiro de 2017	Especialista tira dúvidas dos telespectadores sobre aposentadoria
11 de fevereiro de 2017	Saque do FGTS
18 de fevereiro de 2017	Especialista tira dúvidas sobre atuação dos planos de saúde, em Goiânia
25 de fevereiro de 2017	Advogado dá dicas de como evitar problemas com aluguel, em Goiânia
04 de março de 2017	Superintendente do Trabalho e Emprego tira dúvidas sobre direitos trabalhistas, em Goiás
18 de março de 2017	Especialista fala sobre planos de saúde, em Goiânia
25 de março de 2017	Telespectadores tiram dúvidas sobre concursos públicos
01º de abril de 2017	Cartão de crédito passará a ter novas regras de pagamento
08 de abril de 2017	Especialista tira dúvidas sobre os direitos e deveres em relação ao casamento
15 de abril de 2017	Especialista tira dúvidas sobre a declaração do Imposto de Renda
29 de abril de 2017	Especialista tira dúvidas sobre direitos e deveres de quem compra aparelhos eletrônicos

06 de maio de 2017	Especialista tira dúvidas sobre o fim do sinal analógico
13 de maio de 2017	Superintendente da Caixa responde a perguntas de goianos sobre o saque do FGTS inativo
20 de maio de 2017	Especialista tira dúvidas sobre reajuste em plano de saúde
27 de maio de 2017	Especialista tira dúvidas sobre desligamento do sinal analógico em Goiás
03 de junho de 2017	Especialista esclarece dúvidas sobre o IPVA
10 de junho de 2017	Gerente Regional da Caixa tira dúvidas dos telespectadores sobre o saque do FGTS
17 de junho de 2017	Superintendente do Procon explica o que se fazer quando recebe cobrança indevida
24 de junho de 2017	Especialista fala sobre quem tem direito a sacar o abono do PIS/Pasep
01° de julho de 2017	Presidente do Ibedec comenta medida que autoriza preço diferente por venda no crédito
08 de julho de 2017	Goianos aproveitam sábado para fazer saque e tirar dúvidas sobre o FGTS inativo
15 de julho de 2017	Gerente do Procon responde perguntas sobre os direitos dos clientes de agências de turismo
22 de julho de 2017	Especialista fala sobre melhor forma de usar o cartão de crédito, em Goiânia
29 de julho de 2017	Superintendente da Caixa tira dúvidas sobre o saque do FGTS inativo
05 de agosto de 2017	Telespectadores tiram dúvidas sobre A revisão do auxílio-doença do INSS, em Goiás
12 de agosto de 2017	Advogada esclarece dúvidas sobre divórcio
19 de agosto de 2017	Advogado alerta sobre cuidados na hora de comprar imóveis
26 de agosto de 2017	Juiz tira dúvidas sobre os direitos das mulheres
23 de setembro de 2017	Gerente de fiscalização do Detran tira dúvidas sobre aplicação de multas em Goiás
30 de setembro de 2017	Gerente do Procon-GO tira dúvidas sobre o que fazer quando falta energia, em Goiás
07 de outubro de 2017	Especialista tira dúvidas sobre direitos do consumidor
14 de outubro de 2017	Especialista fala sobre como as vítimas de acidente podem ser indenizadas
28 de outubro de 2017	Defensor público tira dúvidas sobre a cobrança de material escolar de uso coletivo
04 de novembro de 2017	Especialista tira dúvidas sobre suspensão da CNH
11 de novembro de 2017	Procurador do Ministério do Trabalho tira dúvidas sobre novas regras trabalhista
18 de novembro de 2017	Especialista dá orientações para quem deseja renegociar dívidas
25 de novembro de 2017	Mudanças em certidões de nascimento, casamento e óbito

02 de dezembro de 2017	Especialista tira dúvidas dos telespectadores sobre reforma previdenciária
09 de dezembro de 2017	Telespectadores tiram dúvidas sobre problemas com empresas de telefonia, em Goiânia
16 de dezembro de 2017	Especialista explica quais são os direitos de quem sofre prejuízos po causa de alagamentos
23 de dezembro de 2017	Saiba quais são os direitos dos consumidores sobre as compras
30 de dezembro de 2017	novas regras para planos de saúde em 2018